

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ANA PAULA IERVOLINO

**A participação de teuto-brasileiros na FEB (1944-1945):
memória e identidade**

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**A participação de teuto-brasileiros na FEB (1944-1945):
memória e identidade**

Ana Paula Iervolino

Bolsista FAPESP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Monaco Janotti

São Paulo

2011

Exemplar Original

TERMO DE APROVAÇÃO

Presidente da Banca:

Prof.^a Dra. Maria de Lourdes Monaco Janotti

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de diferentes formas, contribuíram para a realização dessa pesquisa. Em especial, à minha orientadora Maria de Lourdes Monaco Janotti, que se tornou ao longo dos anos também uma valiosa amiga, a Dilu.

As professoras Márcia Mansor D'Aléssio e Maria Helena Rolim Capelato apontaram importantes sugestões e caminhos para o desenvolvimento da pesquisa durante o Exame de Qualificação. O professor Paulo Pinheiro Machado foi o incentivador na elaboração do projeto.

Apoio fundamental para o desenvolvimento da dissertação representou a bolsa concedida pela FAPESP, possibilitando dedicação exclusiva à pesquisa e realização de pesquisa de campo.

Os integrantes do Núcleo de Estudos de História e Historiografia do Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia (LabTeo) do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) proporcionaram ricos debates teóricos e o conforto da amizade.

Outros amigos se fizeram presentes, estando próximos ou distantes. Isabella, Jorge, Jeanine, Maíra, Leila, Lilian, Rafael, Cris, Rodrigo, Giovanny, Leco, Fabiana, Carol, Uiran, Bernardo. Não seria possível listar todos.

A Giuliano, meu apreço e reconhecimento por muita coisa, nos últimos oito anos.

Agradeço a meus pais Teresa e Paulo e a meus irmãos Gabriela e Lucas, por toda a compreensão, carinho e ajuda, que nem sempre foi fácil. É preciso lembrar ainda a torcida de sempre das avós Laide e Luigina, dos tios Mário Eduardo, Tata e Mário e das primas Mariana, Alessandra, Rafaela, Mariah, Julia, Luisa e Lara.

Não poderia deixar de expressar gratidão especial a todos que, gentilmente, se dispuseram a compartilhar lembranças de suas experiências, tristes e felizes. Também a veteranos da FEB e familiares que forneceram outras fontes: diários, cartas e objetos da época da guerra.

RESUMO

Com o posicionamento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as comunidades que eram relacionadas a países do Eixo sofriam perseguições por parte das autoridades, além de ataques realizados pela imprensa e parte da população. Nas comunidades alemãs circulavam valores pangermanistas, incentivando a manutenção de costumes e do idioma alemão, e eram comuns sentimentos de pertença à Alemanha entre seus habitantes. Ao lado dos demais expedicionários, jovens destes locais foram convocados para a composição da FEB. A dissertação – baseada principalmente em depoimentos orais e escritos – estuda questões identitárias envolvidas na participação destes expedicionários.

Palavras-chave: FEB; Força Expedicionária Brasileira; teuto-brasileiros; identidade nacional; Segunda Guerra Mundial

ABSTRACT

ABSTRACT

When Brazil participated in the Second World War, the Brazilian immigrant communities that were related to the Axis Power suffered persecutions by governmental authorities as well as attacks made by the press and part of the population. In the German communities there were ideals based on Pan-Germanism including the use of German language and customs; feelings of belonging to Germany were common among its inhabitants. Beside other members of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), people from these communities were also drafted. The research, based on different sources – especially oral and written testimonies – focuses on identity questions about these combatants.

Keywords: FEB; Brazilian Expeditionary Force; German Brazilians; national identity, Second World War.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
1 O BRASIL NO MUNDO CONFLITUADO: OS COMBATENTES	11
1.1 A FEB na produção historiográfica.....	11
1.1.1 Quadro a quadro: as operações da FEB.....	22
1.2 Perfil dos expedicionários	28
1.2.1 Teuto-brasileiros na FEB: estimativa quantitativa.....	35
2 NA MIRA DA “LURDINHA”: GUERRA, VIOLÊNCIA, MEMÓRIA.....	43
2.1 A construção das lembranças	45
2.1.1 Treinamentos, patrulhas e combates.....	56
2.1.2 Medo e tensão	63
3 COMUNIDADES ALEMÃS: COSTUMES E IDENTIDADES.....	74
3.1 Prelúdio da guerra: nação e nacionalismo em pauta	74
3.2 Teuto-brasileiros: o dilema da dupla identidade antes da FEB	83
3.2.1 “Alemães pintando o caneco”: o nazismo para os ex-combatentes.....	88
3.2.2 Repressão e ressentimentos.....	95
3.3 Imagens de si para os outros: A <i>quinta-coluna</i>	110
4 DESCENDENTES DE ALEMÃES NA FEB: “NÓS” E “OS OUTROS”	118
4.1 Democracia e liberdade <i>versus</i> ditadura.....	118
4.2 Na FEB contra os “tedescos”	129
4.2.1 A interação com os demais expedicionários	138
4.2.2 Imagens dos inimigos	145
4.2.3 “Nós” e “os outros”	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
FONTES DOCUMENTAIS.....	177
ANEXO I – QUADRO DE EX-COMBATENTES DA FEB ENTREVISTADOS	179

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em primeiro de setembro de 1939, lia-se num telegrama enviado ao governo brasileiro por sua Legação em Varsóvia: *O território polonês acaba de ser invadido por tropas alemãs.*¹ Diante da imediata reação belicosa da França e Grã-Bretanha contra o país agressor, deflagrando oficialmente a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um decreto-lei do governo aprovou as regras de neutralidade brasileira.² Mais tarde, apesar de conflitos de interesses que envolveram nacional e internacionalmente o posicionamento na guerra, o governo brasileiro não apenas se alinhou aos Estados Unidos, Grã Bretanha, União Soviética e seus aliados contra os países liderados pela Alemanha, Itália e Japão, mas participou efetivamente do confronto com forças militares. A Força Expedicionária Brasileira (FEB), formada por cerca de 25 mil homens, foi incorporada entre 1944 e 1945 a unidades norte-americanas que enfrentaram tropas compostas principalmente de soldados alemães que ocupavam a parte Norte da Itália. Considerando que entre os indivíduos incorporados à FEB, de todas as regiões do Brasil, havia jovens provenientes de comunidades alemãs dos estados do Sul,³ a presente dissertação estuda aspectos relacionados à participação desses expedicionários em particular e, mais especificamente, a questões identitárias que os envolveram.

Getúlio Vargas estava no poder desde 1930, quando liderou um golpe de Estado por não aceitar o resultado das eleições presidenciais para a sucessão de Washington Luis, que deram a vitória a Júlio Prestes, ficando ele próprio em segundo lugar. O evento que ficou conhecido como Revolução de 30 foi resultado da efervescência político-social da década anterior: vários levantes militares evidenciavam descontentamentos em relação ao domínio das oligarquias estaduais, ao controle do voto e às fraudes eleitorais. Após um período de aparente legalidade do regime liderado por Vargas, foi instaurado, em 1937, o Estado Novo, ditadura que centralizou ainda mais poderes nas mãos do presidente e de seus auxiliares diretos, perdurando até 1945.⁴

Desde os anos que precederam a guerra, enquanto se configuravam os dois grandes blocos que se enfrentariam, forças divergentes pressionavam o governo brasileiro para que se aproximasse de um e de outro lado. De acordo com Edgard Carone (1977), internamente –

¹ Apud BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 1944, p. 53.

² Decreto-Lei N. 1.561, de 2 de setembro de 1939, assinado pelo Presidente da República. Apud BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 1944, p. 69.

³ Ao longo do texto são mencionados às vezes simplesmente como teuto-brasileiros da FEB ou expedicionários – ou combatentes – descendentes de alemães.

⁴ Cf. Carone (1977).

enquanto os interventores em geral continuavam a governar os estados segundo tradições coronelísticas – o governo central e os ministros brasileiros inseriam-se nas discussões internacionais. As preferências preponderantes do Estado Novo quanto à política interna e externa evidenciaram-se com a indicação para os ministérios de nomes simpatizantes dos regimes ditatoriais europeus, principalmente do nazismo. Pertenciam a esse bloco o Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, o Chefe do Estado-Maior do Exército Góis Monteiro, o Chefe de Polícia Filinto Müller, e Souza Dantas (do Banco do Brasil): *todos eles favoráveis à aproximação com a Alemanha, à compra de armamentos na Alemanha, às vitórias militares alemãs, e estão certos de que as democracias estão falidas* (CARONE, 1977, p. 266-267). O contraponto era Oswaldo Aranha, nomeado para o Ministério das Relações Exteriores em 1938. O ministro defendia os ideais democráticos e o alinhamento aos Estados Unidos e mantinha estreitas relações com Cordell Hull e Sumner Welles, do Departamento de Estado daquele país.

Evidentemente a vontade das autoridades de um país periférico não foi suficiente para determinar o seu posicionamento num confronto que paulatinamente envolveria quase todos os Estados do globo. A fatídica invasão da Polônia pela Alemanha evidenciou objetivos incompatíveis das potências capitalistas que, para Ernest Mandel (1989) e outros autores marxistas, estiveram intrinsecamente ligados às raízes da Segunda Guerra Mundial: cada um dos principais Estados capitalistas que seriam envolvidos – a Alemanha, os Estados Unidos, o Japão, a Grã Bretanha e, em segundo plano, a França, a Itália – visavam a subordinação de outros países a suas prioridades de acumulação de capital.

Durante a década de 30 já ocorriam agressões, consideradas por Eric Hobsbawm (2007, p. 44) *marcos miliários na estrada para a guerra*.⁵ Deve-se lembrar que o culto da guerra, na doutrina fascista, representava elemento fundamental.⁶ A Itália fascista, ainda que não fortemente militarizada, atacou a Abissínia a partir de 1935 e a Albânia, em 1939, meses

⁵ Não houve qualquer reação séria da Liga das Nações, instituição supranacional criada pelos países vencedores da Primeira Grande Guerra (1914-1918). As atenções das grandes potências liberais no período entreguerras voltavam-se, entre outras questões, à implantação de medidas para enfraquecer a União Soviética.

⁶ Robert Paxton (2007, p. 27-28) comenta que apelos da doutrina fascista, que se utilizavam amplamente de imagens vinculadas ao Império Romano, estimulavam *emoções agressivas que, até então, a Europa só havia testemunhado em situações de guerra ou de revolução social*; no mesmo sentido, destaca Rémond (2002, p. 105) a *exaltação da aventura, [que] predispõe os espíritos a desejar a guerra, que o próprio fascismo prepara, empreendendo um esforço militar considerável*. Tratando especificamente do nazismo, Hannah Arendt (2000, p. 361) destaca a relevância da guerra para a doutrina que se define como um *movimento*, com objetivos expansionistas. Nesse mesmo sentido, explica Rémond (2002, p. 105) que para o fascismo a guerra *é uma necessidade doutrinária, passional, sentimental e, por fim, de política interna*, acrescentando: *[...] Não se pode impunemente mobilizar as paixões dos homens sem lhes propor, ao cabo de alguns anos, um objetivo que lhes coroe o esforço. As conquistas, as anexações, as vitórias constituem a justificação indispensável das coações impostas e dos esforços exigidos* (RÉMOND, 2002, p. 105).

antes da eclosão da guerra. Desde a ascensão do nazismo, em 1933, o governo de Adolf Hitler equipava o país com um numeroso e potente exército, desobedecendo a uma série de restrições impostas pelos tratados firmados após 1918. Manifestações da política expansionista começaram em 1935, com a anexação da região do Sarre, perdida nos mesmos acordos. Em 1936, a Renânia foi remilitarizada e, em 1938, o restante da Áustria foi anexado. No mesmo ano, após o desmembramento da Tchecoslováquia consentido pela Grã-Bretanha, França e Itália, a Alemanha tomou a Boêmia e a Morávia e, contrariando o que havia sido acordado, pouco depois transformou a Eslováquia em Estado satélite. A Alemanha também interveio na Guerra Civil Espanhola (1936-1939),⁷ ocasião em que foram testadas armas da força aérea alemã, a *Luftwaffe*.⁸

No Oriente, o Japão governado pelo imperador Hirohito praticava ações imperialistas desde o início dos anos 30. Com eficiente organização militar desde o início do século XX e com recursos naturais escassos para sua população crescente, em 1931 conquistou a Manchúria, que tinha solos férteis para o plantio de alimentos, além de carvão e minérios. A guerra sino-japonesa teve início em 1937, resultando num massacre de centenas de milhares de pessoas até 1945, enquanto a China vivia sob a guerra civil entre o governo de Chang-Kai-Chek e os adeptos do Partido Comunista liderado por Mao Tsé-tung. A União Soviética também sofreu ataques de contingentes japoneses a partir de 1938, derrotados pelo Exército Vermelho no ano seguinte.⁹

A aproximação entre o regime italiano e o alemão consolidou-se aos poucos nos anos iniciais da década de 30, por conta de suas semelhanças, seus objetivos imperialistas e por terem tido acordos recusados pelas potências liberais. Fortemente industrializados, os dois países, bem como o Japão, tinham ainda em comum descontentamento com a relação de forças estabelecida entre as potências mundiais desde o final da Primeira Guerra. A aliança ficou conhecida como *Eixo*; como lembra René Rémond (2002, p. 113), remetendo inicialmente à linha vertical imaginária ligando Roma e Berlim. O Pacto Anti-Comintern, assinado em 1936, integrou o Japão aos outros dois países.

⁷ Embate entre o governo eleito – apoiado por liberais, anarquistas, socialistas e comunistas que se somaram a dezenas de milhares de civis voluntários vindos de países dos cinco continentes – e militares visando um golpe de Estado – apoiados por grupos anticomunistas, alta burguesia, partidos tradicionais, além de governos como o alemão e o italiano. Vitoriosas, as forças golpistas instauraram um regime autoritário liderado pelo General Francisco Franco, que duraria mais de três décadas (RÉMOND, 2002, p. 114-116).

⁸ Cf. Rémond (2002) O painel *Guernica*, pintado por Pablo Picasso, retrata os horrores vividos pela população civil, vítima de ataques aéreos que atingiram a pequena cidade que forneceu o título da obra.

⁹ Cf. Hobsbawm (2007, p. 44-45).

A disputa também vinha sendo travada entre as grandes potências fora da esfera militar, por meio de esforços que visavam trazer outros para suas áreas de influência política e econômica. O governo do Brasil e dos demais países da América Latina lidavam com pressões feitas principalmente por dois países com potentes complexos industriais: os Estados Unidos e a Alemanha, que – segundo Gerson Moura (1991, p. 26-27) – durante os anos 30 haviam conquistado a primazia exercida no continente durante as décadas anteriores pela Grã-Bretanha. Durante a década de 30, as relações comerciais do Brasil com os EUA e com a Alemanha tenderam a crescer.¹⁰

A eleição do governo de Franklin Roosevelt, em 1933, marcou a substituição da política de intervencionismo militar exercida no continente latino-americano das décadas anteriores por outras formas de pressão visando hegemonia política e econômica. Enfatiza Ricardo Seitenfus (2003, p. 7) que, mesmo sendo mantida *a disposição do Departamento de Estado de construir um pan-americanismo formal e constrangedor*, a nova posição tornou Franklin Roosevelt *o político norte-americano mais popular na América Latina*. A colaboração mútua em torno da unidade pan-americana, em pauta nas conferências entre representantes de países do continente, foi enaltecida por autoridades dos EUA. Ao mesmo tempo, o grande fluxo de trocas comerciais estabelecido com os países latino-americanos e os empréstimos a eles concedidos para a produção de bens primários garantiram à grande potência matérias-primas e mercado externo que consumisse seus produtos industrializados. Essas medidas assumiram grande importância nas economias dos países periféricos, essencialmente agrícolas, drasticamente afetadas pelas crises e dependentes da potência norte-americana.¹¹

A Alemanha, pelo contrário teve sua economia devastada pela Primeira Grande Guerra (1914-1918) e seus desdobramentos, passando por sucessivas e severas crises políticas e econômicas durante a República de Weimar, até que retomou sua projeção internacional com a rápida recuperação econômica propiciada durante o regime nazista, sob a liderança de Adolf Hitler. Grandes avanços foram feitos na conquista de seus objetivos na América Latina, principalmente de ordem comercial: ainda que com divisas bem menores do que as de outros países que atuavam no sistema de livre mercado, suas trocas com os países do continente tenderam a crescer. Além disso, na cooperação militar, que já ocorria desde o início do século,

¹⁰ René Gertz destaca elementos que demonstram a aproximação entre Brasil e Alemanha também na política: [...] Vargas colaborava nas “campanhas para auxílio de inverno” promovidas pelo governo alemão, enviando carregamentos de café. A polícia brasileira colaborou com a GESTAPO (Olga, a mulher do dirigente comunista brasileiro Prestes, que tinha cidadania alemã, foi deportada para a Alemanha; foi acertado um acordo para o treinamento de policiais brasileiros na Alemanha) (GERTZ, 1987, p. 63).

¹¹ Cf. Moura (1991, p. 28-30).

foram somadas à vinda de missões alemãs para o treinamento de exércitos latino-americanos importações de armamentos de guerra do país europeu.¹²

Como demonstra Antonio Pedro Tota (2000), medidas visando maior influência sobre os países periféricos não partiram somente dos governos, mas também do empresariado. Nos Estados Unidos, para enfrentar a concorrência de produtos alemães, grandes empresários visavam a identificação do público consumidor latino-americano com princípios do americanismo durante os anos 30. Durante a guerra, em 1940, ações de empresários e do governo fundem-se com a criação de uma agência governamental para tratar especificamente de “bombardeios” ideológicos, sob o comando do empresário Nelson Rockefeller, denominada *Office of the coordinator of inter-american affairs* (OCIAA).¹³ Ao mesmo tempo, circulavam no Brasil jornais cinematográficos produzidos na Alemanha que, embora não tão numerosos, apresentavam virtudes militares e morais do país. Os exércitos alemães eram retratados imbatíveis em seu avanço na Europa do Leste, tendo seus êxitos atribuídos à disciplina das tropas e à organização nazista do Estado germânico.

O Estado Novo brasileiro foi a princípio visto com insatisfação pelas autoridades norte-americanas e com bons olhos pelas alemãs. Com o aumento das tensões entre os países europeus e o confronto que se anunciava, os EUA empreenderam mais esforços para aproximar-se do Brasil.¹⁴ Ao mesmo tempo, os generais brasileiros Góes Monteiro e Eurico Dutra tentaram uma aproximação ao Exército alemão. Em 1939, Góes Monteiro foi convidado para assistir a manobras militares alemãs na Silésia e oficiais da Força Aérea Brasileira viajaram à Alemanha. O filho de Vargas foi estudar na Universidade de Berlim durante seis meses e, além disso, foram comprados materiais bélicos da fábrica alemã Krupp – resume Carone (1977, p. 275): *Todos esses fatos demonstram que o governo cede à pressão americana e, ao mesmo tempo, aproxima-se o mais possível da Alemanha.*

Antagonismos internos polarizavam-se e se manifestavam. Um famoso discurso proclamado por Vargas a bordo do encouraçado Minas Gerais, em 11 de junho de 1940,

¹² Cf. Moura (1991, p. 26-27).

¹³ Para promover uma identidade americana, promovia a circulação de informações positivas sobre os EUA nos países latino-americanos, e vice-versa. A publicação mais difundida no Brasil, denominada *Em Guarda*, criava um imaginário de união em torno da defesa da integridade do continente, ilustrada com fotografias de grandes armas de guerra ou outras imagens que exaltavam o poderio das tropas Aliadas. A revista *Seleções: Do Reader's Digest* não fazia parte do projeto de Rockefeller, mas também atuou na difusão do americanismo no Brasil desde 1942, esperando conquistar o brasileiro urbano médio. Cinejornais e filmes também foram produzidos, com a atuação de artistas como Carmen Miranda e Walt Disney, que inclusive criou o personagem Zé Carioca para receber o Pato Donald no Brasil, simbolizando a estreita amizade entre os dois países no filme *Alô, amigos!* (TOTA, 2000).

¹⁴ Concretizados, por exemplo, no convite feito a Oswaldo Aranha em janeiro de 1939 para uma visita a Washington, que resultou em acordos comerciais, e na visita de militares norte-americanos ao Brasil em maio, retribuída pela ida de Góes Monteiro ao país norte-americano (CARONE, 1975).

encarado por Carone (1977, p. 277) como *violento e sibilinamente pró-Eixo*, desencadeou manifestações de grupos liberais e também do governo norte-americano. Visando causar temor em torno da existência de espões a serviço da Alemanha, Washington enviou advertências ao governo Vargas quanto ao perigo da subversão por parte de imigrantes de alemães, italianos e japoneses infiltrados a favor de um plano imperialista dos países do Eixo na América Latina.

Na Europa, conforme cronologia apresentada por Paulo Fagundes Vizentini (2004), o Exército alemão vinha obtendo avanços ininterruptos em sua estratégia de *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago). Ataques foram dirigidos à Dinamarca e à Noruega em abril de 1940; em seguida, foi a vez de Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos. A França, atacada e rapidamente rendida em junho de 1940, foi dividida administrativamente: uma zona foi ocupada pela Alemanha e a parte menor, chamada República de Vichy, permaneceu liderada pelo governo francês, representado pelo até então Vice-Primeiro-Ministro Marechal Henri Philippe Pétain, em colaboração com o regime nazista.

Logo depois, a Grã-Bretanha passou a sofrer ataques aéreos, respondidos com bombardeios lançados sobre cidades alemãs. Em 1941, a Grécia e a Iugoslávia foram atacadas pela Alemanha e pela Itália, que entrou no conflito a partir de junho do ano anterior. O Japão dirigia agressões a outros países do Pacífico. Em junho de 1941, começaram os ataques alemães contra a União Soviética que obtiveram grandes avanços, desobedecendo a um pacto de não-agressão firmado anos antes entre os dois países.¹⁵ A URSS tornou-se então aliada do bloco de países contra o Eixo, enquanto os Estados Unidos mantinham posição oficial de neutralidade, mas já colaboravam com a Grã Bretanha, aguardando o melhor momento para participar do conflito.¹⁶

Os avanços do Eixo na guerra empolgavam parte das autoridades do Estado Novo, enquanto os opositores de Vargas se identificavam cada vez mais com o bloco do governo favorável à aproximação com os Estados Unidos. Economicamente, contudo, o Brasil já estava envolvido na guerra. Com o bloqueio britânico¹⁷ e a conseqüente redução de relações

¹⁵ Em agosto de 1939, após sucessivas tentativas de consolidar alianças com governos liberais contra o imperialismo alemão, a URSS firmou com a Alemanha um acordo secreto de não-agressão, o Pacto Molotov-Ribbentrop, que remete aos nomes dos ministros das relações exteriores dos dois países. O documento previa relações comerciais, além da divisão da Polônia – cujo governo até então mantinha com a Alemanha relações de cooperação – e concessões relativas a territórios de outros países para ambos os lados. Conforme o acordo firmado, a URSS ocupou o território oriental polonês em meados de setembro de 1939 e em seguida transformou alguns outros Estados vizinhos em territórios anexados ou países satélites.

¹⁶ Cf. Vizentini (2004).

¹⁷ Forças britânicas retiveram navios brasileiros que carregavam armamentos adquiridos da Alemanha, em outubro de 1940 e janeiro do ano seguinte, provocando novas tensões entre os dois blocos do governo.

comerciais com a Alemanha, as matérias-primas brasileiras exportadas passaram a ser destinadas aos países do bloco anti-Eixo. Aumentava a dependência brasileira em relação aos Estados Unidos e o governo norte-americano pressionava cada vez mais para a celebração de acordos na América Latina que permitissem a instalação de bases militares de seu Exército em áreas consideradas estratégicas para a defesa nacional.¹⁸

Ao mesmo tempo, negociações que visavam a cooperação brasileira com os países Aliados contemplaram os interesses de projetos de modernização do governo Vargas: destaca-se o financiamento norte-americano para a construção de uma indústria siderúrgica em Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Apesar das resistências de grupos de autoridades brasileiras que eram contrárias à aproximação dos EUA, em julho de 1941 o Brasil comprometeu-se a construir bases aéreas e navais e a autorizar o seu uso por exércitos de outros países do continente, bem como a organizar os esforços de defesa do litoral do país (CARONE, 1977, p. 277-282).

Quando a base militar norte-americana em Pearl Harbor foi atacada por forças japonesas em dezembro de 1941, os EUA entraram na guerra com amplo apoio da opinião pública nacional. Estavam assim formados os dois grandes blocos que se enfrentaram na Segunda Guerra: Grã Bretanha, União Soviética, Estados Unidos e seus aliados contra a Alemanha, a Itália e o Japão. Em uma reunião entre representantes de países americanos realizada no Rio de Janeiro no mês seguinte, o Brasil declarou solidariedade ao governo norte-americano e o rompimento de relações com os países do Eixo ocorreu no fim do mesmo mês, cedendo a pressões feitas por seu mais importante parceiro econômico e com o apoio de parte das autoridades e da população brasileira.¹⁹

A partir de então, dezenas de navios brasileiros foram torpedeados e afundados por submarinos alemães e italianos, ocasionando mais de mil mortes até o fim da guerra.²⁰ A população organizou uma série de manifestações públicas contra os países do Eixo, incentivadas pela grande imprensa. Em 22 de agosto de 1942, o governo brasileiro declarou estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália. As primeiras discussões entre autoridades do Estado Novo sobre a possibilidade de enviar tropas militares brasileiras à guerra começaram nos meses seguintes, atendendo a diversos interesses. Justificada pela reparação do ultraje sofrido, a decisão poderia representar para o governo o apaziguamento de movimentos de oposição e o estabelecimento de condições favoráveis em negociações do pós-

¹⁸ Abrangiam áreas do Caribe, o Alaska, a Terranova, o Nordeste do Brasil e as ilhas Galápagos (MOURA, 1991, p. 30-32).

¹⁹ Cf. Carone (1977, p. 282-283).

²⁰ Cf. Ferraz (2005, p. 39-44).

guerra com os Aliados. A iniciativa contou com o apoio do Exército, que seria equipado com modernos armamentos norte-americanos. Ainda que parte dos líderes dos países Aliados não desejasse a participação de forças brasileiras que necessitavam ser treinadas e equipadas, em reunião entre Vargas e Roosevelt, realizada em janeiro de 1943, ficou acertado o envio de tropas brasileiras a uma frente que seria definida posteriormente.

Passadas mais de seis décadas desde o retorno dos expedicionários da FEB ao Brasil, a partir de meados de 1945, muitos textos foram produzidos sobre a participação militar brasileira na guerra, principalmente por ex-combatentes. O primeiro capítulo da dissertação começa com discussões a respeito dessa vasta produção bibliográfica. Situando o assunto tratado, são expostas informações sobre a cronologia de operações das tropas brasileiras e a caracterização do contingente, extraídas de bibliografia especializada. A partir disso e da análise de documentação oficial do Exército, é proposta uma estimativa sobre o número de expedicionários descendentes de alemães e provenientes de comunidades teutas do Sul do Brasil que integravam a FEB.

O segundo capítulo propõe reflexões sobre a violência vivenciada na FEB e a memória dos expedicionários. Foram analisados para tanto depoimentos de ex-combatentes;²¹ 19 entrevistas,²² alguns livros de memórias e um diário disponibilizado por um dos entrevistados. A análise demonstra que a violência intrínseca às experiências de guerra assumiu especial significação nas memórias dos ex-combatentes da FEB, embora nem sempre se sintam à vontade para tratar de eventos traumáticos vivenciados. Problematizou-se a reconstrução de episódios da FEB considerando grupos sociais dos quais participam os rememoradores. Além disso, foi sugerida a interferência das memórias da guerra reconstruídas a partir do presente na formação e manutenção de sentimentos de pertencimento que entremeiam os depoimentos quando falam dos assuntos abordados na dissertação. Tratou-se, portanto, de estabelecer vínculos entre memória e identidade.

Considerando-se, de antemão, que sentimentos identitários manifestados na FEB relacionam-se não apenas a situações vivenciadas nas tropas brasileiras, mas também a sentimentos formados anteriormente no Brasil, o assunto é abordado no terceiro capítulo. Os expedicionários teuto-brasileiros vivenciaram situações privilegiadas para a formação de

²¹ Quando se menciona ‘ex-combatentes’, refere-se aos veteranos da FEB, ou seja, homens que participaram na Itália de atividades de retaguarda ou de linha de frente. Desconsidera-se, assim, a denominação oficial, pois como explica César Campiani Maximiano (2004b, p. 17) [...] *graças a uma chicana jurídica empreendida no início dos anos 60, todos os membros do Exército no período bélico, mesmo aqueles que permaneceram no Brasil durante a guerra, são “ex-combatentes”*.

²² Dividem-se em 15 entrevistas gravadas durante o curso de mestrado – cuja realização foi possível graças ao financiamento recebido pela FAPESP – e quatro entrevistas realizadas anteriormente.

sentimentos de pertença desde a sua infância e juventude nas comunidades teutas (localidades de colonização predominantemente alemã), onde circulavam valores pan-germanistas e nazistas que valorizavam ideais e costumes tidos como alemães e estimulavam a criação e manutenção de laços de pertencimento relacionados à Alemanha. Em todo o mundo ocidental, radicalizavam-se discursos nacionalistas, inclusive no Brasil, onde foram fortalecidos princípios de nação em torno da construção da idéia de brasilidade. Com o posicionamento do país na guerra, imigrantes alemães e seus descendentes – entre outros grupos relacionados na época aos países que se tornaram inimigos – passaram a ser reprimidos e perseguidos pelas autoridades, pela grande imprensa e pela população.

Para aferir sentimentos identitários em relação ao Brasil e à Alemanha no período anterior à participação na FEB, depoimentos de ex-combatentes descendentes de alemães foram analisados. Tratando de possível impacto das experiências da guerra e sentimentos daí decorrentes em lembranças anteriores, foram estudadas também transcrições de entrevistas realizadas com outras pessoas que habitavam comunidades alemãs no período. Procurou-se aferir, em depoimentos de ex-combatentes sem ascendência alemã, sentimentos possivelmente mantidos na época em relação aos habitantes de comunidades teutas. Para isso, foram apresentados dois livros redigidos na época por autoridades policiais que difundiam a existência de traidores e espões entre os descendentes de alemães, teor da propaganda oficial em relação a essa população no período. Partiu-se, portanto, da concepção de identidade assim resumida por Michel Pollak:

[...] o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros [...] (POLLAK, 1992, p. 204).

No último capítulo são estudados sentimentos identitários mantidos entre os expedicionários enquanto estiveram incorporados na FEB. Em jornais difundidos pelo comando do corpo expedicionário, são identificados ideais enaltecidos visando a coesão do contingente brasileiro, bem como características “indesejáveis” atribuídas aos inimigos alemães. Considerando-se, além disso, que situações típicas das condições em ação de guerra são propícias para a criação de laços identitários, procura-se apontar percepções de expedicionários descendentes de alemães sobre a situação de lutar ao lado do Brasil contra tropas do país de seus antepassados, dando destaque a eventuais mudanças quanto a sentimentos relacionados aos dois países.

Além disso, sentimentos sobre diferentes grupos com os quais conviviam: italianos, norte-americanos, alemães, demais expedicionários da FEB – oficiais e subalternos, da linha de frente e da retaguarda, de unidades diferentes, negros e brancos, etc. As mesmas questões são verificadas em relatos de outros expedicionários, visando distinguir sentimentos particulares dos descendentes de alemães e, ao mesmo tempo, aferir sentimentos dos demais em relação a esse grupo específico. Outra questão, aliás, consiste justamente em compreender se havia na FEB uma identidade de grupo partilhada pelos descendentes de alemães.

A investigação dedica especial atenção, portanto, a maneiras pelas quais expedicionários da FEB provenientes de comunidades alemãs se concebiam e pelas quais eram vistos enquanto interagiam com diferentes grupos, problematizando, entre outras questões, a recepção de valores nacionalistas e outros ideais difundidos. Trata-se de perceber quem eram os identificados como “nós” e quem eram os “outros” em três momentos distintos: antes, durante e depois das atividades da FEB.

1 O BRASIL NO MUNDO CONFLITUADO: OS COMBATENTES

Entre meados de 1944 e de 1945, na Itália, o soldado da Força Expedicionária Brasileira (FEB) Walter Carlos Hertel, nascido na cidade catarinense de Jaraguá do Sul, marcada pela colonização alemã, registrava suas experiências cotidianas dos meses finais da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com o passar do tempo, o primeiro caderno terminou e precisou de um segundo. Nas mais de duzentas páginas que abrigam suas anotações, descreveu muitos momentos de descontração. As “tochas”, passeios feitos a cidades italianas próximas dos acampamentos onde esteve, às vezes com amigos, às vezes na companhia de uma ou outra “signorina”. Momentos com os colegas “castigando” o vinho ou a *grappa*, ganhando e perdendo liras em jogos de poker ou 21, cantando e comentando sobre o que ficou conhecido como “peixes”, boas novas das operações da guerra que passavam de boca em boca. Mas também contou sobre muitas situações em que “teve que cortar um doze”: dificuldades como condições climáticas adversas, esforço físico intenso, fadiga e, principalmente nos períodos em que atuou em linha de frente, grande perigo e tensão.

Como o autor do diário, outros descendentes de alemães provenientes de comunidades teutas do Sul do Brasil haviam sido incorporados na FEB. Nos capítulos seguintes, são expostos resultados de esforços para aferir questões identitárias relacionadas à sua participação. Situando o tema tratado, são apresentadas a seguir considerações sobre a produção bibliográfica a respeito de temas correlatos, breve cronologia de operações da FEB, informações gerais sobre o contingente e resultados de esforços para a obtenção do número estimado de quantos eram os expedicionários teuto-brasileiros.

1.1 A FEB NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Desde o fim da Segunda Guerra, muito foi escrito no Brasil a respeito da participação militar no confronto. Estado, Exército, grupos políticos, veículos de imprensa, pesquisadores, produtos destinados ao mercado consumidor, ex-combatentes e outros interlocutores exploraram temáticas da FEB, inseridas em disputas ideológicas travadas na interação de idéias e versões difundidas no Brasil até os dias atuais. Não há como não notar, contudo, a limitada contribuição de historiadores oriundos das universidades diante do total do material bibliográfico: representa apenas 8% do total de 179 livros mapeados sobre o tema, a maioria escrita por ex-combatentes da FEB (Gráfico 1).

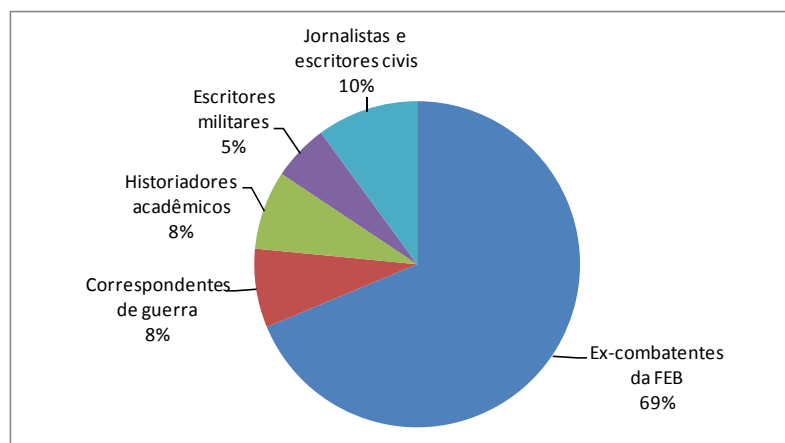


GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS 179 LIVROS SOBRE A FEB MAPEADOS SEGUNDO CLASSIFICAÇÃO DE SEUS AUTORES OU ORGANIZADORES

Outros historiadores já constataram que apenas recentemente a produção nas universidades a respeito da FEB tornou-se expressiva. Um artigo de Luis Felipe da Silva Neves, publicado em 1995, apontava apenas um livro oriundo de pesquisa acadêmica. Anos depois, Francisco Alves Ferraz, comentava em sua tese de doutorado em História Social, defendida em 2002, na Universidade de São Paulo (USP), ter encontrado nesse estado e no Rio de Janeiro cinco teses ou dissertações sobre o assunto. Atualmente existem ao menos dezenove trabalhos desta natureza, quase todos desenvolvidos nas últimas duas décadas, período em que também aumentou visivelmente a publicação de livros de historiadores acadêmicos sobre o tema (Gráfico 2).

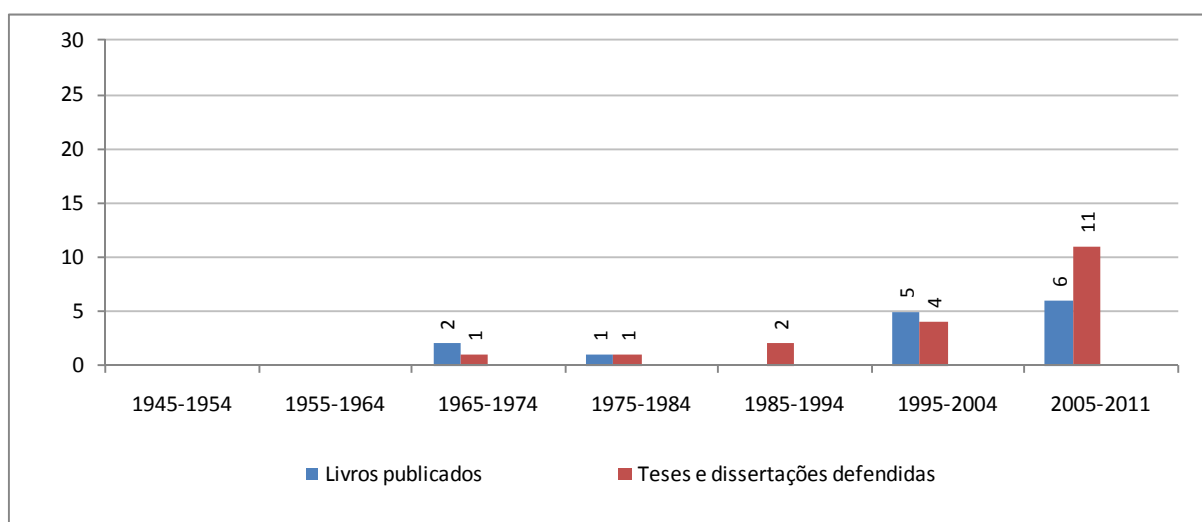


GRÁFICO 2 –PRODUÇÃO DE HISTORIADORES ACADÊMICOS MAPEADA: LIVROS POR DATA DE PUBLICAÇÃO E TESES E DISSERTAÇÕES POR DATA DE DEFESA²³

²³ Para uma noção do número atual de teses e dissertações existentes, informações do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC) que reúne resumos de trabalhos defendidos a partir de 1987 foram cruzadas a currículos de pesquisadores cadastrados no sistema Lattes. Além do número de trabalhos de História mencionados, foram mapeadas teses e

A compreensão do limitado interesse pelo assunto nas universidades durante décadas envolve complexos motivos e afasta-se dos propósitos desta dissertação, restrita a breves comentários. Como aponta Vavy Pacheco Borges (2005, p. 173), muitos historiadores dedicaram-se a partir da década de 60 ao estudo de movimentos sociais, classes subalternas, conflitos entre capital e trabalho e temas correlatos, o que explica da seguinte forma: *se até os anos 60 as relações entre os historiadores e as camadas dominantes eram evidentes, tal tendência se reverteu nas décadas seguintes*. Conforme sugerem estudos de Celso Castro, Vitor Izecksohn e Hendrik Kraay, a escassa produção sobre a FEB coincide com o que ocorreu em relação a assuntos relacionados às forças armadas em geral durante quase todo o século XX:

A história militar acadêmica tem tido uma trajetória difícil no Brasil. A expansão das universidades e o fortalecimento da história como profissão (a partir da segunda metade do século XX) coincidiram com a intensificação do envolvimento militar na política e, acima de tudo, com o regime militar de 1964-85, que desencorajou a pesquisa acadêmica sobre as Forças Armadas. (CASTRO, IZECKSONH e KRAAY, 2004, p. 13).

A partir disso, com a implantação da ditadura militar no Brasil – nas palavras de Castro, Izecksohn e Kraay (2004, p. 19) – *A agenda implícita para uns, explícita para outros, era a busca das origens históricas de 1964*.²⁴ Deve-se considerar ainda que uma imagem associada à FEB após o golpe de 1964 pode ter também contribuído para o desinteresse dos acadêmicos: como aponta Francisco César Ferraz (2005), várias autoridades da ditadura militar haviam sido integrantes das tropas brasileiras na Itália – inclusive o primeiro presidente do regime, Humberto de Alencar Castelo Branco. Em outra obra, o autor pontua algumas outras hipóteses:

[...] a) certas resistências provenientes de leituras apressadas da historiografia francesa dos *Annales* e do marxismo (pois seus “pais fundadores” nunca desprezaram o potencial historiográfico das guerras); b) confusão, comum na comunidade das Ciências Humanas, entre compreender o estatuto histórico das guerras e aceitá-las/desejá-las; c) a dificuldade de

dissertações de outras áreas do conhecimento: Ciência Política (1), Sociologia (1), Ciências Sociais (2), Teoria e História da Literatura (1), Operações Militares (1) e Enfermagem (4), todas defendidas a partir de 1995. Banco de Teses e Dissertações. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>. Acesso em: 31/01/2011. Consulta feita digitando-se a expressão “Força Expedicionária Brasileira” no campo “assunto”. Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30/01/2011. Consulta feita digitando-se a expressão “Força Expedicionária Brasileira” no campo “assunto”.

²⁴ Nota-se o objetivo de compreender o envolvimento de militares na política em estudos sobre o tenentismo desenvolvidos por Edgard Carone (1975) e a essas preocupações também se alinha a *História Militar do Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, representante de vozes dissonantes dos discursos dominantes nos quadros do Exército. Preocupações do período são especialmente explícitas em depoimento de José Murilo de Carvalho, na introdução de seu livro. Cf. Carvalho (2005, p. 7).

muitos historiadores profissionais em aceitar as pesquisas realizadas por historiadores militares de carreira. Ainda há, no Brasil, uma grande ignorância sobre questões específicas a essa área de conhecimento e, sobretudo, um preconceito arraigado na comunidade de historiadores, de origens predominantemente políticas (FERRAZ, 2002, p. 3).

Fazem-se relevantes considerações de estudiosos que explicam que o texto escrito representa não apenas o pensamento de seus autores como também espelha concepções, valores e opiniões dos grupos sociais com os quais mantém relações de pertencimento. Conforme Leandro Konder:

[...] na medida em que pertencemos, em geral, cada um de nós, a uma cultura particular, a uma determinada história, a uma classe social, a ideologia assume inevitavelmente uma função mediadora nas nossas representações da realidade e constitui uma espécie de pré-compreensão (KONDER, 2002, p. 166).²⁵

No mesmo sentido, ao tratar do campo do conhecimento histórico, o filósofo Claude Lefort (1979, p. 15) no prefácio de seu conhecido livro *As formas da História* explica que as questões abordadas surgem sob *o efeito de um deciframento do sentido*, construído por processos dialéticos a partir das relações sociais. Sendo assim, fazem sentido as considerações de Castro, Izecksohn e Kraay (2004, p. 23) que atribuem a valorização de temáticas militares a partir dos anos 90 nas universidades a *uma confluência frutífera de democratização²⁶ e maior influência da história social, da antropologia e mesmo das perspectivas pós-modernas sobre os estudos militares*. As novas perspectivas, que passaram a tratar principalmente o cotidiano dos soldados e experiências por eles vivenciadas, são agrupadas por estes e outros autores numa *Nova História Militar*, denominação utilizada nos Estados Unidos há várias décadas em oposição a descrições de batalhas e combates, sob o ponto de vista estratégico e militar propriamente dito.²⁷

Embora a denominação seja bastante elástica, agrupando trabalhos que partem de concepções teórico-metodológicas distintas, é verdade que se verificam a partir de então investigações que, tratando de assuntos militares, propuseram problemáticas relevantes para o conhecimento histórico tal como concebido pelas diversas correntes oriundas da Escola dos

²⁵ Prossegue o autor enfatizando que Paul Ricoer – apoiando-se em Karl Mannheim – *se declara convencido de que as ciências humanas não podem ser inteiramente separadas da ideologia* (KONDER, 2002, p. 166). Idéias do físico Thomas Kuhn (1979) aplicadas à Sociologia do Conhecimento Científico, do mesmo modo, problematizam as escolhas feitas pelos pesquisadores dos meios acadêmicos, concebendo a comunidade científica como grupo social, cujas posições, crenças e valores dominantes influenciam na seleção dos objetos de estudo e na própria “validade” das descobertas.

²⁶ Com o fim da ditadura, aos poucos foram reduzidos estigmas que eram relacionados às pesquisas militares, ao mesmo tempo em que se tornava possível a consulta a fontes até então inacessíveis V. CASTRO, IZECKSOHN, KRAAY, 2004, p. 23).

²⁷ Cf. CASTRO, IZECKSOHN, KRAAY, 2004, p. 27.

Annales, movimento intelectual francês surgido a partir da publicação periódica fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre²⁸ que exerceu ampla influência na historiografia brasileira acadêmica a partir da segunda metade do século XX. É inevitável a identificação da influência da proposta da história “vista de baixo” presente no consagrado trabalho de E. P. Thompson (2004) em preocupações expressas por José Murilo de Carvalho:

[...] Da Guerra interessa-me, sobretudo, sua dimensão social – o voluntariado, o recrutamento, a vida no front, a relação com o inimigo, a volta para casa – e cultural – o patriotismo, a identidade nacional, o uso dos símbolos nacionais. A FEB interessa-me em parte por eu ter tido um pracinha na família. Seu diário e os depoimentos de outros pracinhas e oficiais subalternos revelam o mundo do front às vezes muito distante daquele que é mostrado nos relatos de comandantes (2005, p. 9).

Quanto à FEB, o aumento do volume de estudos coincide também com a chegada de parentes dos expedicionários às universidades: vários dos expositores do mencionado *Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira* – realizado em 2009, no Rio de Janeiro, identificaram-se como sobrinhos, filhos ou, principalmente, netos de ex-combatentes, motivados a estudar o tema ora por histórias contadas por seus avôs, ora pela recusa deles em falar de experiências da guerra. Uma pergunta era repetida nas conversas dos corredores: *você é neto(a) de quem?*

Nas abordagens das dissertações, teses e livros sobre a FEB refletem-se as mesmas tendências dos estudos de temas militares em geral. César Campiani Maximiano (1995; 2004a; 2004b; 2010) aborda experiências, motivações e sentimentos dos expedicionários; Clarice Helena Santiago Lira (2008) trata dos mesmos assuntos, focada sobre piauienses que integraram a FEB; Marcos Antonio Tavares da Costa (2006; 2009) aborda situações vivenciadas por expedicionários anteriormente à incorporação à FEB e discorre sobre a história da memória dos veteranos, tema também abordado por Virginia Mercês Guimarães Carvalho (2009). Resultados do contato dos combatentes brasileiros com contingentes norte-

²⁸ Como resume a obra de José Carlos Reis (2004), os fundadores dos Annales, opunham-se à concepção de história baseada na narrativa linear que glorificava Estados nacionais e grandes feitos de personalidades notáveis. Salienta Pierre Vilar (1985) que o objeto das investigações passava a abranger todos os aspectos da ação humana: tratava-se de uma concepção de *história total*, que ia além de “grandes” acontecimentos e instituições políticas até então privilegiados pelos historiadores ditos *positivistas*. No lugar de uma história-narrativa, pressupunha-se o tempo cíclico, composto de diversas durações que interagem dialeticamente e propunham-se estudos em torno de uma história-problema. De acordo com essas idéias, as pesquisas históricas passavam a depender de conhecimentos de outros campos do conhecimento e a serem baseadas não apenas em documentos oficiais, mas em qualquer vestígio deixado pelas sociedades humanas. François Laplantine pontua algumas tendências daí decorrentes: [...] *Trata-se de ir do público para o privado, do Estado para o parentesco, dos "grandes homens" para os atores anônimos, e dos grandes eventos para a vida cotidiana. Sob a influência da escola dos Annales, a história contemporânea, pelo menos na França, tornou-se uma história antropológica, isto é, uma história das mentalidades e sensibilidades, uma história da cotidianidade material.* (LAPLANTINE, 2007, p. 155).

americanos são problematizados por Luis Felipe da Silva Neves (1992; 1995) e o mesmo assunto é estudado por Alfredo Oscar Salun (1996; 2004), que aborda a interação também com soldados alemães. Experiências vivenciadas pelos correspondentes na FEB são investigadas por Leonardo Guedes Henn (2000), além do papel da imprensa na guerra.²⁹

A situação enfrentada por ex-combatentes após o retorno ao Brasil é objeto de estudo de Francisco César Alves Ferraz (2002; 2004; 2005), bem como de Sirlei de Fátima Nass (2005), voltado para a realidade do Paraná. Luciana Ibarra dos Santos (2006) estuda questões relacionadas ao cotidiano e sentimentos dos soldados, analisando propagandas destinadas à FEB, difundidas pelo Estado brasileiro e por tropas inimigas para atingir a moral dos contingentes brasileiros. Depoimentos orais de veteranos da FEB foram utilizados como fontes em quase todos esses trabalhos – muitas vezes, ao lado de documentos escritos – ou tornaram-se o próprio objeto, naqueles autores que estudam a história da memória.³⁰

Esses trabalhos somaram-se a obras produzidas desde o fim da guerra fora das universidades. Pesquisa de mapeamento de livros sobre a FEB verificou que foram publicados ao longo do tempo – em número limitado, mas ininterruptamente – livros de correspondentes de guerra, de escritores militares, de jornalistas e de escritores civis. Em grande volume, ao mesmo tempo, surgiram livros escritos por ex-combatentes oficiais e subalternos. O número de livros de autores não acadêmicos mapeados, distribuídos por década de publicação, é apresentada pelo Gráfico 3.

²⁹ O mesmo tipo de preocupação é notado em trabalhos defendidos fora de programas de pós-graduação em História. Na área de Enfermagem, tratam de situações particulares de enfermeiras na FEB Maristela Freitas Silva (1995), Margarida Maria Rocha Bernardes (2003) e Alexandre Barbosa de Oliveira (2007; 2010), que aborda também situações vivenciadas por elas após o confronto, durante o processo de inclusão no Serviço Militar. Na Sociologia, Sebastião André Alves de Lima Filho (2000) problematiza a formação de sentimentos patrióticos entre os expedicionários na FEB. Em menor volume, foram feitas investigações que estudam representações posteriormente produzidas sobre a FEB. Na área de História, monumentos de guerra construídos na Itália em homenagem às forças brasileiras são estudados por Carmen Lucia Rigoni (2003). Cassio dos Santos Tomaim (2008), por sua vez, reflete sobre relações entre as memórias da FEB e o cinema documentário brasileiro. Nas Ciências Sociais, Amanda Pinheiro Mancuso (2003; 2007) analisa narrativas produzidas nas forças armadas. O conteúdo e forma dos textos de Rubem Braga, que atuou como correspondente de guerra é estudado por Ricardo Luís Meirelles dos Santos (2001), da área de Teoria e História da Literatura. São também bastante abordados os motivos que levaram à decisão pela formação na FEB, que sob o prisma da Ciência Política é estudado por Vagner Camilo Alves (2002) e, na História Social, por Tullo Vigevani (1990).

³⁰ Em outras pesquisas, documentos diversos que também expressam pontos de vista de expedicionários são estudados: relatos de ex-combatentes, por Luciano Bastos Meron Neves (2009); diários de guerra, por Carmem Lucia Rigoni (2009; 2010); canções criadas pelos combatentes, por Maria Elisa Pereira (2009).

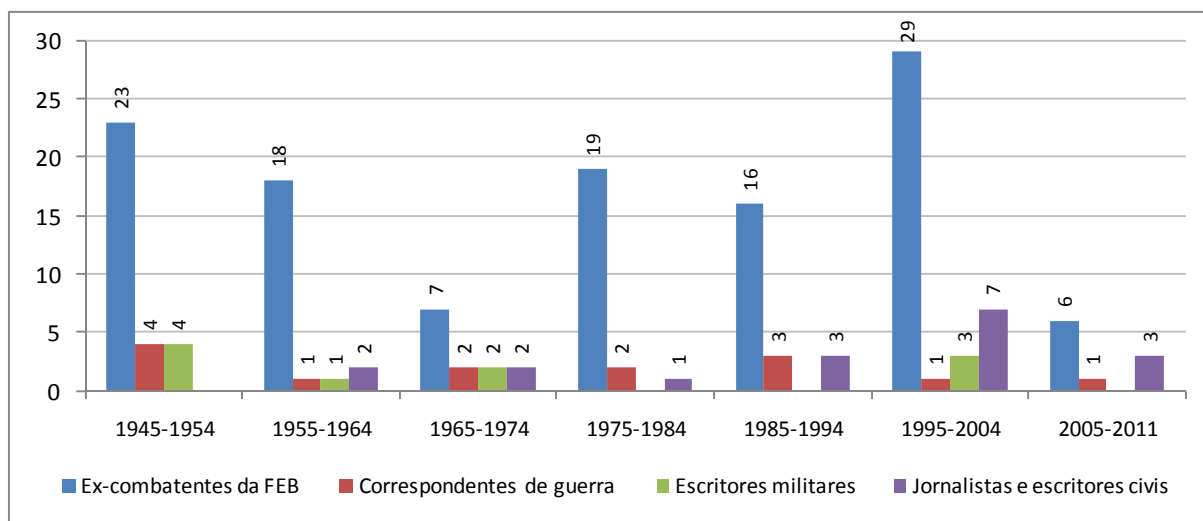


GRÁFICO 3 – PRODUÇÃO DE AUTORES NÃO ACADÊMICOS MAPEADA: LIVROS POR DATA DE PUBLICAÇÃO³¹

Os livros de ex-combatentes, grosso modo, dividem-se segundo três tipos de abordagem predominantes. No primeiro grupo estão aqueles abordam aspectos relevantes sob o ponto de vista do comando, ora porque boa parte dos autores desse conjunto de textos pertenceu ao oficialato das tropas brasileiras, ora porque a crença predominante entre seus autores – mesmo subalternos – valorizava tais questões. Alinham-se, dessa forma, ao que é concebido, conforme Castro, Izecksohn e Kraay (2004), como história militar brasileira “tradicional”.³² Em geral, descrevem eventos em ordem cronológica com diferentes níveis de detalhamento, dedicando especial atenção a movimentações de tropas brasileiras e aos combates dos quais participaram e podendo fornecer dados minuciosos como datas e horários de operações, nomes de oficiais envolvidos, armamentos empregados, aspectos geográficos e climáticos das frentes. Muitas dessas obras reproduzem trechos de documentação da época encarados como expressão da *verdade*. Com maior ou menor intensidade, impressões particulares sobre experiências vivenciadas entremeiam os acontecimentos narrados.

Tratando da campanha da FEB como um todo, tornou-se bastante conhecido um livro assinado pelo Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes: *A FEB pelo seu comandante*, publicado pela primeira vez em 1947, pelo Instituto Progresso Editorial, reeditado em 1960 pelo Estabelecimento Gal. Cordeiro de Farias, e novamente em 2005 pela Bibliex. Uma das

³¹ Cinco livros de ex-combatentes que não tiveram suas datas de publicação identificadas foram desconsiderados na elaboração do gráfico.

³² De acordo com os autores, desde a época de sua consolidação institucional, no fim do século XIX, o Exército apoiava autores militares – e, eventualmente, civis – que produziam narrativas que consistiam em *histórias de campanhas, freqüentemente bem-documentadas, ainda que muitas vezes abordadas de forma estreita*. Consolidado como história militar brasileira, o gênero atingiu seu apogeu em meados do século seguinte. (CASTRO, IZECKSONH e KRAAY, 2004, p. 14-15).

mais minuciosas pesquisas feitas por autores que pertenceram às tropas brasileiras é disponibilizada pelo Tenente-Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, capitão da FEB, no livro *O Brasil na II Grande Guerra*, publicado em 1960, pela Biblioteca do Exército Editora. De forma mais resumida, concentram-se nos mesmos acontecimentos outros livros como *Trinta anos depois da volta* (1977) e *Cinquenta anos depois da volta* (1995), do General Octavio Costa, tenente da FEB. Abordagens semelhantes foram feitas sobre a trajetória ou atividades de subunidades específicas às quais pertenceram os autores ex-combatentes.³³

Esses autores militares e ex-combatentes da FEB em geral não discordam uns dos outros³⁴ e as poucas polêmicas existentes tratam basicamente de contestar dados fornecidos pelas versões predominantes sobre eventos específicos ou a atuação de subunidades. Na memória dos comandantes, não existem limites claros entre marcos cronológicos das operações da FEB e marcos de suas experiências. Pode-se fazer analogia com o que constata Michel Pollak (1992, p. 203) sobre a memória de pessoas que exercem importantes cargos na vida pública: freqüentemente, *as datas públicas quase que se tornam datas privadas* e os acontecimentos políticos assumem maior significação do que a vida privada.

O tom especialmente explícito na citada obra do comandante da FEB encontra-se também em outros livros: vinculada a um *dever patriótico, principalmente de ordem moral e política nas gerações brasileiras da atualidade e do futuro* (MASCARENHAS DE MORAES, 1947, p. 9), tem suas motivações resumidas como *nobres intuítos de propagar pelo Brasil afora os feitos gloriosos de nosso Exército na Campanha da Itália* (p. 14). Os livros eventualmente exageram quando descrevem a contribuição da FEB para a vitória dos

³³ Na época em que era capitão, Thomaz Castello Branco, que foi Oficial de Comunicações da FEB, publicou *As transmissões do Regimento Sampaio* (1946). O Capitão Antorildo Francisco da Silveira, 1º Tenente de Infantaria, escreveu *O 6º RI expedicionário* (1947). O General Delmiro Pereira de Andrade, *O 11º RI na Segunda Guerra Mundial* (1950), tratando da unidade que comandou. O Coronel Fernando Lavaquiel Biosca, na FEB Tenente-Coronel da Intendência, escreveu *A intendência no teatro de operações na Itália* (1950). O Tenente-Coronel Médico Carlos Paiva Gonçalves escreveu *Seleção médica do pessoal da FEB* (1951). O Marechal José Machado Lopes, coronel do 9º Batalhão de Engenharia da FEB, é autor de *A engenharia na FEB* (1959) e *O 9º Batalhão de Engenharia de Combate no caminho da Itália* (1981). Tendo atuado como capitão nesse mesmo batalhão, o General Raul da Cruz Lima Junior escreveu *Quebra-canela: engenharia brasileira na Campanha da Itália* (1982). A Artilharia da FEB foi abordada na obra *A artilharia divisionária da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária na Campanha da Itália* (1962), de Heitor Borges Fontes, que nessa arma atuou como major. *Montese marco glorioso de uma trajetória* (1985) trata de um combate em que esteve envolvido o autor, Coronel Adhemar Rivermar de Almeida, capitão de infantaria na FEB. O General Walter de Menezes Paes abordou em *Lenda Azul* (1991) a atuação do III Batalhão do Regimento Sampaio, unidade que comandava no posto de capitão. O Major Antônio André, na FEB 3º Sargento da Companhia de Transmissões, publicou a *Resenha o Brasil na Segunda Guerra Mundial: Roteiro da FEB e as comunicações da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária* (2007).

³⁴ Exceção é encontrada no livro *A verdade sobre a FEB* do Marechal Floriano de Lima Brayner (1968), coronel da FEB.

Aliados³⁵ e freqüentemente enaltecem posturas de oficiais ou destacam o desempenho dos praças. Sobre essa produção, Luis Felipe da Silva Neves (1995, p. 298) avaliava: *A quase totalidade do material publicado sobre a FEB consiste em relatos feitos por ex-combatentes, via de regra carregados de ufanismo e desprovidos de elementos críticos*. No mesmo sentido, César Campiani Maximiano (2004b, p. 17), destaca sobre os textos:

[...] falta de problematização e colocação de questões que possam tornar o assunto mais complexo e palpitante, fazendo com que um eventual interessado descubra que a leitura sobre o tema não passa de uma maçante repetição de episódios gloriosos e apologia a feitos heróicos (2004b, p. 17).

O segundo grupo de obras consiste nas biografias de grandes personalidades da FEB, em geral oficiais. Não existem em grande número e quase todas foram redigidas por ex-combatentes que permaneceram nos quadros do Exército ou outros militares. Centram-se no culto a grandes feitos e grandes homens.³⁶ Vários dos livros desses dois grupos que atingiram maior possibilidade de circulação foram publicados pela editora vinculada às forças armadas, atual Bibliex, que desde quando foi criada difundia versões que convergiam para os interesses do Exército.³⁷ Integravam, desse modo, esforços institucionais das forças armadas para a exaltação de grandes feitos da única campanha essencialmente militar do Brasil no século XX.³⁸

O último conjunto refere-se à produção que representa a maior parte dos livros já publicados sobre a FEB: obras de ex-combatentes – muitos deles subalternos que retornaram à vida civil após a guerra – caracterizadas por relatos de experiências individuais vivenciadas. Pelo fato de muitos deles terem sido publicados em edições dos próprios autores, em pequenas tiragens e em todo o país, são dificilmente acessíveis e mesmo mapeáveis. Verificou-se que a publicação de obras mapeadas dessa natureza aumentava nas últimas décadas; segundo César Campiani Maximiano, contudo, foram publicadas principalmente nos anos 50 e 60. A maior parte apresenta impressões registradas e consiste em relatos feitos *a posteriori*, mas existem também diários escritos na época da guerra publicados.

³⁵ Isso já se fazia presente em um pequeno livro recebido pelos pracinhas no final da guerra, organizado pela Secretaria Especial do Comando e impresso em 1945 pela Seção de Divulgação e Conhecimentos Gerais do Teatro de Operações do Mediterrâneo (MTOUSA), norte-americana. Definido como *resumo histórico*, destaca o papel da FEB reproduzindo elogios feitos por oficiais norte-americanos como o General Crittemberger, comandante do IV Corpo do 5º Exército Americano: *Os feitos da Força Expedicionária Brasileira [...] terao um lugar proeminente quando for escrita a história desta guerra* (p. 46-47).

³⁶ Cf. Mattos (1983); Araripe (1969).

³⁷ Com a criação de sua editora, em 1937, o Exército *assumiu diretamente a missão de publicar os autores de seu interesse* (CASTRO, IZECKSONH e KRAAY, 2004, p. 15).

³⁸ Cf. MAXIMIANO, 2004a, p. 356.

Não raramente, esses livros questionam aspectos das versões mais difundidas pelos oficiais da FEB. O Coronel Olívio Gondim de Uzêda (1952, p. 9), major da FEB transferido para reserva a pedido, depois do retorno da FEB ao Brasil, aponta como motivação a *idéia de fazer ressaltar da confusão existente os feitos do Batalhão que Deus me deu a honra de comandar*. De modo análogo, *A verdade sobre Guanela*, de Alfredo Bertoldo Klas (2002), conta seu próprio ponto de vista sobre o episódio. A tese de doutorado em História Econômica do ex-combatente Francisco Pinto Cabral, defendida na USP em 1982, e publicada em 1987, consiste em uma narrativa linear de eventos relacionados às operações para a tomada de Monte Castello, baseada em documentação da época e em suas memórias, a qual contesta versões consideradas “distorcidas”. Deve-se mencionar ainda a coletânea *Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB* (1949), organizada por Demócrito Cavalcanti Arruda, tenente da FEB, e a obra de Leonércio Soares (1996), *Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*.

Em muitas das obras desse conjunto, contudo, as grandes operações da FEB cedem espaço a situações cotidianas e sentimentos. Representam múltiplos pontos de vista, na medida em que seus autores compõem um grupo bastante heterogêneo. Nos livros de memórias, as lembranças confundem-se com pesquisas feitas posteriormente. Muitos deles reproduzem trechos dos mais consagrados livros de oficiais para dar credibilidade a situações relatadas. Mas isso não deve conduzir à falsa impressão de que consistem em mera repetição de versões dominantes, pois com os assuntos tratados em vários momentos problematizam questões que eram desconhecidas ou foram silenciadas pelos autores oficiais dos livros mais conhecidos. São, dessa forma, fontes fundamentais não apenas para o aferimento de questões identitárias dos expedicionários, mas também para a compreensão de diversos aspectos – inclusive militares – das operações da FEB na Itália e das disputas pela memória.

Fora dos meios militares e de ex-combatentes, o tom de celebração à FEB foi especialmente contestado pelo jornalista William Waack (1985). Na obra *Duas faces da glória*, ele demonstra que a versão registrada em documentação norte-americana e alemã [...] *contrastava fortemente com a grandiloquência que se encontra em muitas narrativas sobre a FEB* (1985, p. 12-13). Os expedicionários são retratados como homens indisciplinados, mal preparados, sem cuidados de higiene e ineficientes em combates cuja relevância é questionada. Ao limitar a crítica histórica apenas à fundamentação em documentos escritos³⁹ e

³⁹ O próprio autor explicita essa concepção: [...] *Procuro apenas realizar trabalho jornalístico, o qual implica a crítica histórica, ou seja, fundada em documentos, das versões até agora dadas como boas e verdadeiras [...]* (WAACK, 1985, p. 12)

chegando a considerar que *Vários deles falam por si e dispensam maiores comentários [...]* (1985, p. 13), acabou, contudo, reproduzindo os discursos que analisou e incorrendo, portanto, no mesmo erro dos autores que critica. Essa obra – assim como o filme *Rádio Auriverde* (1991), produzido por Silvio Back – teve repercussões entre textos posteriormente publicados. Por exemplo, o ex-combatente Nilson Vasco Gondin (2000), que foi sargento da FEB, repudia as duas obras em seu livro de memórias:

[...] não entendemos como puderam dois brasileiros, lançarem-se contra os pracinhas, tão duramente expostos a uma luta para a qual não estavam preparados, mas que, honrando as tradições e compromissos assumidos pela Nação Brasileira, lutaram lado a lado, par a par, com as grandes unidades do exército aliado.

O “cineasta”, com seu filme “Rádio AuriVerde – A FEB na Itália”, um filme que não diz nada, não leva a nada, com um enredo medíocre, um verdadeiro deboche, um escárnio e uma crueldade para com aqueles que deram suas vidas e sangue pela Liberdade dos Povos.

O segundo, jornalista e repórter por certo mal informado, quarenta anos após, cometer o disparate de afirmar que o soldado era “indolente, pouco asseado e os oficiais incompetentes”, em seu livro “As duas Faces da Glória”. [...] (2000, p. 72).⁴⁰

Luis Felipe da Silva Neves (1995, p. 296) considera que Waack *agiu mais como jornalista sensacionalista do que como historiador prudente*. Entre os livros de correspondentes de guerra – que consistem principalmente na reprodução de crônicas escritas durante a guerra sobre situações cotidianas observadas, com constantes elogios à atuação da FEB –⁴¹ inseriu-se particularmente nessas discussões a terceira edição da obra de Joel Silveira e Thassilo Mitke *A luta dos pracinhas* (1993), que recebeu o subtítulo *A FEB 50 anos depois: uma visão crítica*. Ao conteúdo original, foram acrescentados dois textos que claramente respondem ao filme de Back e à obra de Waack. Um deles é o artigo do General Plínio Pitaluga, cujo conteúdo é sintetizado no título: *A FEB não foi ganhar a guerra sozinha. E nem*

⁴⁰ Prossegue o ex-combatente: [...] *Francamente, só conhecemos um meio de ser diligente numa frente de batalha, que é contabilizar a campanha e vitórias obtidas. E esse saldo nos foi literalmente positivo. Quanto ao pouco asseado, perguntamos: nas condições em que vivíamos, “morando” em buracos nos Apeninos, a uma temperatura de mais de vinte graus negativos, por quase três meses, a toda hora nos jogando no chão para nos defender das granadas, muitas vezes em poças de lama, como poderíamos nos manter limpos e asseados? [...] Nossos oficiais incompetentes? Não são estes os atestados passados pelas autoridades e comandantes do 4º Corpo e 5º Exército americano, ao conceder-nos o título de: **Membros honorários do 4º Corpo de Exército**. [grifos do autor] (GONDIN, 2000, p. 72).*

⁴¹ Se a compreensão desses discursos deve levar em conta a atuação de órgãos responsáveis na época pela censura e controle da informação que não permitiriam a publicação de opiniões que prejudicassem a imagem das tropas brasileiras, conclui Leonardo Guedes Henn (2000) que mesmo após a guerra poucas críticas foram emitidas por esses autores: *De forma geral, os correspondentes de guerra brasileiros junto à FEB não deixaram de inserir-se no rol de literatura de exaltação cívica. Apesar de muitos destes terem se notabilizado no jornalismo brasileiro pela veia acentuadamente reflexiva e crítica, casos de Braga, Silveira e Squeff, em relação à atuação brasileira na guerra, as suas análises praticamente não diferiram daquelas efetuadas pelos ex-combatentes* (HENN, 2000, p. 178).

podia. O outro é do historiador norte-americano Frank D. McCann (1993, p. 274-275), que destaca que Waack não teve *o cuidado de primeiro ler a bibliografia existente*, o que lhe *permitiria distinguir o que era novo e lhe daria a capacidade de colocar o novo numa perspectiva adequada*, acrescentando: *O autor também ficou satisfeito por ter encontrado alguns documentos interessantes, e não questionou sua totalidade*.

Como destacava um livro publicado em 1995 – *A nossa Segunda Guerra*, do jornalista Ricardo Bonalume Neto – as abordagens até aquele momento concentravam-se sobretudo em torno de uma única questão: *falar mal ou bem da FEB*. Enquanto a preocupação continuou a integrar parte das obras posteriores, paralelamente – como já comentado – avolumaram-se estudos e publicações com outras propostas. A própria Bibliex, em consequência de uma recente mudança na política editorial,⁴² passou a publicar abordagens diversificadas sobre assuntos militares: a respeito da FEB, destaca-se a coleção *História Oral do Exército na Segunda Guerra*, em oito tomos, coordenada pelo General Aricildes Motta (2001), que apresenta depoimentos de ex-combatentes sobre múltiplos assuntos.

1.1.1 Quadro a quadro: as operações da FEB

Feitas as devidas ressalvas sobre obras escritas por militares ex-combatentes da FEB, é inegável sua contribuição para a obtenção de dados oficiais sobre a campanha na Itália. Por exemplo, o livro *O Brasil na II Grande Guerra* (1960), do Tenente-Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, capitão da FEB, é descrito por Luis Felipe da Silva Neves (1995, p. 296) como *um extenso manual sobre o Brasil na guerra e considerado básico para qualquer estudo sobre o corpo expedicionário ao fornecer a mais completa relação de dados numéricos acerca da FEB*.

A atuação das tropas brasileiras, sob o ponto de vista do comando das operações, foi resumida e dividida em fases principais pelo Coronel Humberto Castello Branco,⁴³ em um texto de 1946, reproduzido na antologia *A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial*, organizada pelo Major Raul Mattos A. Simões, aspirante a oficial da FEB. A primeira fase, que se inicia em setembro de 1944, consiste em combates nas proximidades do Rio Arno. A segunda, entre novembro e fevereiro de 1945, concentrou-se na margem oeste do Rio Reno italiano, perto da região de Porreta Terme, sendo marcada por tentativas frustradas para a

⁴² Cf. CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004.

⁴³ Tornar-se-ia posteriormente o primeiro presidente da ditadura militar brasileira instaurada a partir do golpe de 1964.

conquista de Monte Castello, posição tomada a seguir, no período conhecido como ofensiva da primavera. Por fim, na última fase, iniciada em abril, as tropas avançaram na direção noroeste, conquistando e ocupando diversas localidades.⁴⁴

Durante o tempo em que a FEB esteve na Itália – pouco mais de um ano – e os cerca de oito meses em que suas tropas estiveram em combate, os expedicionários participaram de diferentes atividades, de acordo com as unidades e subunidades às quais eram adidos e seus postos ou graduações. Como já mencionado, à 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE – pertencia a maior parte do contingente, aproximadamente 15 mil homens. O restante pertencia ao Depósito de Pessoal – composto por cerca de dez mil homens e responsável pelo fornecimento de homens para a substituição de baixas – e a órgãos de comando e de apoio. A organização da 1ª DIE é resumida no Quadro 1:

UNIDADES	SUBUNIDADES	EFETIVOS
Tropa Especial (total de efetivos: 1.073)	Quartel General	150
	Companhia do Quartel General	110
	Pelotão de Polícia Militar	62
	Companhia de Intendência	175
	Companhia de Comunicações	218
	Companhia de Manutenção	133
	Banda	54
	Destacamento de Saúde	15
	Esquadrão de Reconhecimento ⁴⁵	156
Infantaria Divisionária (total de efetivos: 9.796)	Comando	28
	Companhia de Comando	11
	Destacamento de Saúde	135
	Companhia de Serviço	114
	Companhia de Canhão Anti-Carro	165
	Companhia de Obuses	118
	1º Regimento de Infantaria (1º RI)	3.256
	6º Regimento de Infantaria (6º RI)	3.256
	11º Regimento de Infantaria (11º RI)	3.256
Artilharia Divisionária (total de efetivos: 2.219)	Comando	12
	Bateria de Comando	104
	Destacamento de Saúde	57
	1º Grupo de Obuses (1º GO)	509
	2º Grupo de Obuses (2º GO)	509
	3º Grupo de Obuses (3º GO)	509
	4º Grupo de Obuses (4º GO)	519

QUADRO 1 – ORGANIZAÇÃO DA 1ª DIE (CONTINUA)

FONTE: CASTELLO BRANCO (1960, p. 126)

⁴⁴ Cf. Castello Branco, 1946, p. 105. Apud Simões, 1967, p. 69-70.

⁴⁵ O Esquadrão de Reconhecimento consistia na cavalaria da FEB, vinculada à Tropa Especial.

9º Batalhão de Engenharia (total de efetivos: 655)	Comando	3
	Companhia de Comando e Serviço	112
	Destacamento de Saúde	12
	1ª Companhia de Engenharia	176
	2ª Companhia de Engenharia	176
	3ª Companhia de Engenharia	176
Batalhão de Saúde (total de efetivos: 511)	Comando	90
	Companhia de Triagem	112
	1ª Companhia de Evacuação	103
	2ª Companhia de Evacuação	103
	3ª Companhia de Evacuação	103

QUADRO 1 – ORGANIZAÇÃO DA 1ª DIE (CONTINUAÇÃO)

FONTE: CASTELLO BRANCO (1960, p. 126)

Essas unidades subdividiam-se. Na artilharia, a maior parte dos homens do 1º, do 2º e do 3º Grupo de Obuses (GO), distribuíam-se em três Baterias de Obuses, de cem homens cada, além de órgãos de comando e serviços. O 4º GO era composto das mesmas subunidades, compostas por número semelhante de homens.⁴⁶ Na infantaria, cada regimento era composto por órgãos de comando e apoio⁴⁷ e três batalhões de infantaria, cada um com 871 homens. Os batalhões, por sua vez, subdividiam-se em companhias: três companhias de fuzileiros com 193 homens cada e uma companhia de petrechos pesados (CPP) de 166 homens.⁴⁸ As companhias também eram formadas por unidades menores: três pelotões de fuzileiros e um pelotão de petrechos leves (metralhadoras e morteiros de menor calibre), formados por cerca de 40 a 45 homens, cada um subdividido em três grupos de combate (GC).⁴⁹

Os postos e graduações dos expedicionários, dos menores para os maiores, eram: soldados, cabos, sargentos, aspirantes a oficial, tenentes, capitães, majores, tenentes-coronel, coronéis e generais. Conforme César Campiani Maximiano, cabos e soldados integravam os

⁴⁶ Tais denominações, criadas durante a campanha, são utilizadas na cronologia abaixo para identificar as operações dessas unidades, a título de simplificação. Deve-se destacar que o 1º, o 2º e o 3º Grupo de Obuses, eram armados com canhões de calibre 105 mm, chamavam-se inicialmente 1º Batalhão e 2º Batalhão do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados (I/1º ROAuR e II/1º ROAuR, abreviados também I/1º ROAR e II/1º RoAR) e 1º Batalhão do 1º Batalhão e 2º Batalhão do 2º Regimento de Obuses Auto-Rebocados (I/2º ROAuR ou I/2º ROAR). O 4º Grupo de Obuses, munido de canhões de calibre 155 mm, chamava-se inicialmente 1º Batalhão do 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (I/RAPC). Cf. Castello Branco (1960, p. 126).

⁴⁷ Comando, Companhia de Comando, Destacamento de Saúde, Companhia de Serviço, Companhia de Canhões Anti-Carro e Companhia de Obuses (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 126).

⁴⁸ Cf. Castello Branco (1960, p. 126). De acordo com o jornalista Ricardo Bonalume Neto (1995, p. 135), a numeração seqüencial das companhias de fuzileiros era feita da seguinte forma: o 1º Batalhão de cada regimento de infantaria tinha a 1ª, a 2ª e a 3ª companhias; ao 2º Batalhão de cada regimento pertenciam a 4ª, a 5ª e a 6ª Cia.; e o terceiro Batalhão, a 7ª, a 8ª e a 9ª Cia. A numeração da companhia de petrechos pesados, por sua vez, acompanhava a do batalhão correspondente: cada regimento tinha, assim, uma CPP.1, uma CPP.2 e uma CPP.3.

⁴⁹ Cf. Bonalume Neto (1995, p. 135) e Maximiano (2004a, p. 347).

grupos de combate, comandados por um 3º Sargento. O 2º Sargento era Auxiliar de Pelotão, unidade comandada por um Aspirante a Oficial, um 2º Tenente ou um 1º Tenente, que poderia, ao invés disso, assumir funções de Subcomandante de Companhia, subordinado ao Capitão responsável pelo Comando da unidade. O Regimento tinha um Subcomandante – Tenente-Coronel – e um Comandante – Coronel. A Brigada de Infantaria e a de Artilharia tinham à frente um General de Brigada e a Divisão era comandada pelo General de Divisão.

Quase todo o contingente foi transportado do Rio de Janeiro para Nápoles nos navios norte-americanos ‘General Meighs’ e ‘General Mann’,⁵⁰ organizado em cinco grupos de cerca de cinco mil pessoas, chamados de ‘escalões’ no jargão militar. O primeiro escalão embarcou em 2 de julho de 1944. Em 22 de setembro, embarcaram o segundo e o terceiro. O quarto e o quinto, por fim, foram embarcados, respectivamente, em 23 de novembro daquele mesmo ano e em 8 de fevereiro de 1945. As viagens duraram entre doze e dezessete dias.⁵¹

Conforme cronologia extraída das obras do Marechal Manuel Thomaz Castello Branco (1960) e do General João Baptista Mascarenhas de Moraes (1947), o primeiro escalão, comandado pelo General Zenóbio da Costa, desembarcou em meados de julho de 1944 e seguiu para a localidade napolitana de Agnaro, onde permaneceu até o fim do mês. Era composto principalmente pelo 6º Regimento de Infantaria (6º RI), somado a algumas unidades do 11º RI (Cia. de Obuses, 4ª Cia. do 2º Batalhão e um pelotão da 2ª Companhia de Petrechos Pesados), ao 1º Batalhão do 1º Grupo de Obuses, ao 2º Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento, à Cia. de Manutenção, ao Pelotão de Polícia e a tropas do 9º Batalhão de Engenharia, da Cia. de Transmissões e do 1º Batalhão de Saúde.

De lá, foi por terra para a cidade de Tarquínia, onde foi incorporado ao V Exército Americano, e, em 20 de agosto, chegou a Vada, onde foram intensificadas as atividades de treinamento. Os efetivos da Engenharia foram os primeiros a entrar em ação, colocados a serviço de forças norte-americanas. Mais tarde, o período de instrução de grande parte do Destacamento FEB (designação recebida pelo primeiro escalão na Itália) foi interrompido quando o comandante do V Exército – General Mark Clark – ordenou suas primeiras missões, que consistiam em combates na região ao Norte de Pisa. Essas operações, que começaram em meados de setembro, resultaram, em poucos dias, na conquista de Massarosa, Monte Comunale, Il Monte, Bozzano, Quiesa e Camaioire; no dia 26, foi tomado o Monte Prano.

⁵⁰ Salvo pouco mais de cem pessoas, transportadas à Itália por via aérea.

⁵¹ Cf. Boletins do Exército especiais n. 18-HH, 18-II, 18-LL, 18-PP e 18-SS, de 1944 e 1945. Apud Castello Branco (1960, p. 167-169).

Unidades da FEB seguiram então para o Vale do Rio Serchio, onde fizeram sucessivos avanços. Conquistaram, sob tempo chuvoso, os povoados de Chivizano e Bolognana e as localidades de Coreglia Antelminelli e Fornaci; em seguida, tomaram Galliciano, Fabricche e Cardoso e conquistaram a cidade de Barga e a localidade de Galliciano. Também Sommocolonia foi ocupada, assim como as regiões de Transilico e Verni; foram capturados o Monte Faeto e a localidade de Calomini; foram conquistadas Lama di Sopra, Pradoscello, Pian de los Ríos, Collo e San Quirico. O mês de outubro terminou com contra-ataques de forças inimigas, que recuperaram posições como Pian de los Ríos: era o primeiro revés sofrido pelo contingente brasileiro, que começou a ser deslocado para o Vale do Reno.

No início do mês seguinte, em setembro, os batalhões do 6º Regimento de Infantaria dividiram-se: o II/6º RI foi para a região de Porretta Terme, ocupando a Torre di Nerone entre os dias três e quatro e, seguindo para o leste, no dia 14 conquistou a cota 670; o III/6º RI foi deslocado para a área de Marano, entrando em combate na linha de Affrico – Volpara; o I/6º RI, somado a um Pelotão de Reconhecimento, foi para a região de Borgo Cappane, conquistando Boscaccio, Il Sasso e Monte Cavalloro, no dia 16. Deslocada temporariamente do 1º Batalhão, a 3ª Cia. uniu-se a um batalhão de tanques norte-americano integrado à FEB. No dia 18, as ações da 1ª DIE foram redefinidas, passando para a região entre a estrada 64 e o Rio Marano. Dois ataques feitos a Monte Castello nos dias 24 e 25 pela Task Force americana, unidade à qual estava integrado o III/6º RI, foram frustrados.

Desde seis de outubro, o segundo e o terceiro escalões já estavam também em território italiano. O segundo, sob o comando do General Cordeiro de Farias, era composto basicamente pelo 1º RI, o I/2º ROAR (designado mais tarde 2º Grupo de Obuses), unidades restantes do Esquadrão de Reconhecimento e tropas do 9º Batalhão de Engenharia, da Cia. de Transmissões e do 1º Batalhão de Saúde. A maioria dos homens do terceiro escalão, comandado pelo General Falconière, pertencia ao 11º RI, I/2º ROAR (designado mais tarde 3º Grupo de Obuses), I/1º RAPC (mais tarde, 4º Grupo de Obuses), além de tropas do 9º Batalhão de Engenharia, da Cia. de Transmissões e do 1º Batalhão de Saúde.

De Nápoles, o segundo e o terceiro escalões seguiram em embarcações com capacidade para 200 homens para o porto de Livorno, sendo então transportados em caminhões para Pisa. Quase sem treinamentos, entraram em ação, com o início das substituições de efetivos do 6º RI por tropas do 1º RI. O Regimento Sampaio foi enviado a partir de vinte de novembro para Riola, com exceção do 1º Batalhão, designado para Silla, onde chegou poucos dias depois.

Em 26 de novembro, as ações da FEB passaram a abranger a região de Monte Castello. Pouco depois, tropas inimigas contra-atacaram e recuperaram Monte Belvedere, posição que estava sob domínio norte-americano e seria retomada somente em fevereiro de 1945 pela 10ª Divisão de Montanha Americana, assim como Gorgolesco. No dia 29 daquele mês e em doze de dezembro, outros ataques foram feitos a Monte Castello, cuja conquista, em 21 de fevereiro de 1945, resultou da ação do 1º RI. Em seguida, o II/1º RI conquistou La Serra – Cota 958 e Bella Vista. No início de março, o III/6º RI e o II/11º RI atuaram no vale do rio Marano; logo depois os dois regimentos conquistaram Castelnuovo. Nessa época o contingente da FEB estava completo: o quarto escalão, formado basicamente de parte do Depósito de Pessoal, havia desembarcado em Nápoles no dia sete de dezembro e o quinto e último escalão, composto por homens do Centro de Reacomodamento de Pessoal (CRP), chegou em 22 de fevereiro. Ambos foram concentrados no acampamento de Stafoli.

Em abril, tiveram início as operações da Ofensiva da Primavera. O 11º RI conquistou Montese, que envolveu um combate com grande número de baixas para os brasileiros, e Serretto; em seguida, apossou-se de territórios a leste do Rio Panaro. O 1º RI ocupou a linha Pirondelli – Cá del Sarto – Verucchia. Enquanto outras unidades ocuparam Vignola, arredores do Rio Secchia, de Ergastolo, de Formigine, de Castellarano e de Sassuolo, o 6º RI capturou Zocca e depois atingiu o corte do Rio Enza. O 1º RI passou a ocupar a região entre Montestino e Dalmazio e o 1º Esquadrão de Reconhecimento chegou à zona entre os rios Enza e Parma. Essa unidade, com o II/11º RI e parte do 6º RI, conquistou Collecchio e, em seguida, Placência foi ocupada pelo 1º RI e Castelvetro, pelo II/11º RI.

No fim do mês, a 1ª DIE rendeu a 148ª Divisão Infantaria Alemã em Fornovo, fazendo 14.779 prisioneiros. Em 28 de abril, grupos de *partigiani* prenderam Benito Mussolini e o executaram, ao lado de sua amante Clara Petacci. Com o fim das hostilidades na Europa, os expedicionários brasileiros estiveram envolvidos em atividades de ocupação militar, que se estenderam até o fim de junho. Começaram no mês seguinte os embarques dos contingentes rumo ao Brasil, divididos novamente em cinco escalões, tendo o último aportado no Rio de Janeiro em três de outubro de 1945. De acordo com Mascarenhas de Moraes (1960, p. 404), 457 expedicionários foram mortos durante a campanha; quase todos subalternos, com exceção de 13 oficiais.⁵² Castello Branco (1960, p. 502-504), menciona 443 mortos e 1.159 feridos em combate.

⁵² De acordo com o comandante da FEB, entre eles houve 14 corpos não identificados e dois soldados extraviados, dados como mortos.

1.2 PERFIL DOS EXPEDICIONÁRIOS

Quando o governo liderado por Getúlio Vargas decidiu pela participação militar na Segunda Guerra, o Brasil – ao contrário de outros países, equipados com grandes exércitos e potentes indústrias de guerra – contava com número restrito de efetivos nas forças militares, munidas de armas ultrapassadas. Desde os anos anteriores, vinham sendo feitos esforços para a ampliação e modernização do Exército. Vinculada a diversos interesses políticos, a própria decisão pelo envio de tropas brasileiras à guerra, que seriam treinadas e equipadas pelo Exército Norte-Americano, inseriu-se nesses esforços. Depois do bloqueio britânico de navios que vinham da Alemanha com carregamentos de armamentos comprados pelo Brasil, gerando grandes embates entre as forças divergentes do governo, o país tornou-se totalmente dependente dos Estados Unidos para o fornecimento de equipamentos militares.

Medidas de caráter estritamente militar foram implantadas pelo governo brasileiro imediatamente após a declaração de estado de guerra contra a Alemanha e a Itália, feita em 31 de agosto de 1942.⁵³ Em uma publicação do Ministério das Relações Exteriores (1944) que reúne documentos oficiais da época, observa-se que em 16 de setembro de 1942, um decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas ordenava a mobilização geral, definindo, no Art. 2º: *Os reservistas das Forças Armadas aguardarão, para se apresentarem às suas corporações, ordem de chamada expedida pela autoridade competente.*⁵⁴ Em junho do ano seguinte – de acordo com cronologia apresentada por Joaquim Xavier da Silveira (2001, p. 299, 302), que na FEB foi soldado – foi aberto o voluntariado. Em grande volume, principalmente indivíduos recrutados apresentaram-se e foram incorporados às forças armadas, ocasionando aumento de efetivos que é constatado por diferentes autores.⁵⁵

As primeiras ações para a formação da 1ª Divisão de Infantaria Divisionária – 1ª DIE, única das três divisões brasileiras inicialmente previstas a ser efetivamente constituída –⁵⁶

⁵³ Decreto n. 10.358. Apud Brasil. Ministério das Relações Exteriores, V. 2 (1944, p. 193-194).

⁵⁴ Decreto n. 10.451. Apud Brasil. Ministério das Relações, V. 2 (1944, p. 194-195).

⁵⁵ O Tenente-Coronel Castello Branco (1960, p. 77-82), referindo-se à mobilização durante a guerra, destaca que – contrastando com os Estados Unidos, que contavam com 130.000 homens mobilizados – o Exército Brasileiro tinha 60 mil homens, número que até a constituição da FEB seria triplicado, graças a esforços nacionais viabilizados com o auxílio de empréstimos concedidos pelos EUA. Entre os historiadores, César Campiani Maximiano (2004a, p. 346) menciona: *O Exército Brasileiro tinha apenas 72.566 homens no início de 1943. Esse número subiria para 144 mil no ano seguinte.* Afirma Alcemar Ferreira Junior, baseado em dados fornecidos por relatório de Eurico Gaspar Dutra: *Em 1939 o efetivo total do Exército era de 60.000 homens; em 1942 atingiu 95.000 e em dezembro de 1943 já totalizava 165.000 soldados.* DUTRA, Eurico G. Relatório do Ministro da Guerra de 1943, p. 20-30. Apud Ferreira Junior (2005, p. 5).

⁵⁶ As primeiras discussões entre autoridades brasileiras e aliadas, a partir do início de 1943, planejavam o envio de um Corpo Expedicionário composto por três divisões de infantaria compostas, no total, por 60 mil homens Cf. Ferraz (2005, p. 43-44).

começaram na segunda metade de 1943. O Ministro de Guerra General Eurico Gaspar Dutra enviou, em 9 de agosto, um convite ao General João Batista Mascarenhas de Moraes para o comando da divisão, que teve resposta afirmativa, e, no mesmo dia assinou uma portaria (Portaria Ministerial n. 47-44)⁵⁷ definindo unidades já existentes no Exército Brasileiro para a mobilização de parte das unidades da 1ª DIE. Pouco depois foi formalizada também a criação de unidades não divisionárias da FEB.⁵⁸

O General Mascarenhas e Moraes acumularia as funções de comando da 1ª DIE e da FEB como um todo. Logo abaixo viriam os generais Euclides Zenóbio da Costa e Osvaldo Cordeiro de Farias, respectivamente, Comandante da Infantaria e Comandante da Artilharia da Divisão de Infantaria. Haveria ainda o cargo de Inspetor Geral, assumido pelo General Olympio Falconière da Cunha, designado em julho de 1944 (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 131). Ao final das atividades de mobilização, que se estenderam até o início de 1944,⁵⁹ a Força Expedicionária Brasileira seria composta de pouco mais de 25 mil homens: cerca de 15 mil na 1ª DIE e cerca de 10 mil no Depósito de Pessoal, responsável pela substituição de baixas sofridas em ação de guerra. O restante do contingente pertenceria a órgãos de comando e de serviços de apoio (Banco do Brasil, Correio, correspondentes de guerra, etc.).

A partir de março de 1944, o contingente partiria das diversas cidades que sediavam suas unidades mobilizadoras para se concentrar no Rio de Janeiro, onde receberia treinamentos, embora só posteriormente fosse ter contato com praticamente todo o armamento a ser utilizado.⁶⁰ Paralelamente, ocorria a preparação para deixar o Brasil. De obras de autores militares e pesquisadores acadêmicos podem ser extraídos alguns aspectos que caracterizavam o contingente.

Apesar dos apelos patrióticos que visaram incentivar a apresentação voluntária para a FEB, desde o início foi definido que as unidades expedicionárias seriam compostas principalmente de civis convocados da reserva. Entre os homens que integraram o oficialato, o percentual de oriundos da reserva (R/1 e R/2)⁶¹ era quase nulo nos postos mais altos, mas aumentava gradativamente nos postos subalternos (Quadro 2).⁶²

⁵⁷ Apud Castello Branco (1960, p. 135) e Mascarenhas de Moraes (1947, p. 21-23).

⁵⁸ Cf. Castello Branco (1960).

⁵⁹ Como relata o então comandante da 1ª DIE, ao final do ano anterior *a organização da FEB permanecia em fase embrionária* (MASCARENHAS DE MORAES, 1947, p. 27).

⁶⁰ Cf. Ferraz (2005, p. 49).

⁶¹ Notas do comandante da FEB explicam no que consistia a Reserva de 1ª Classe (R/1) e a Reserva de 2ª Classe (R/2): *OBSERVAÇÕES A) – Os Oficiais R/1 são oficiais da Reserva Remunerada de 1ª Classe. Eram antigos Sargentos que, pelos serviços prestados ainda no Brasil, foram promovidos a Tenentes e, em face da legislação específica, transferidos para a Reserva Remunerada, ao mesmo tempo em que eram convocados para o Serviço Ativo. Na realidade, não chegaram a sair das fileiras do Exército. B) – Os Oficiais R/2 são*

Postos		Total	Da ativa	R/1	R/2
Oficiais superiores	Generais	4	100 %	---	---
	Coronéis	12	100 %	---	---
	Tenentes-Coronéis	32	86,99 %	---	3,01 %
	Majores	102	94,44 %	---	5,56 %
Oficiais intermediários	Capitães	299	95,83 %	0,32 %	3,85 %
Oficiais subalternos	Tenentes	463	50,16 %	13,98 %	35,86 %
	Aspirantes a Oficial	45	30,62 %	---	69,38 %

QUADRO 2 – OFICIAIS DA FEB: PERCENTUAIS DE MILITARES DA ATIVA E RESERVISTAS
 FONTE: Mascarenhas de Moraes (1960, p. 400).

Entre os subalternos – sargentos, cabos e soldados, que segundo dados fornecidos por Mascarenhas de Moraes (1960, p. 401), perfaziam cerca de 94% do contingente – quase todos haviam sido convocados da vida civil. Com isso, de acordo com Francisco César Ferraz (2005, p. 49), eram cerca de mil os voluntários incorporados na FEB – entre militares e civis, subalternos ou superiores – ou cerca de 4,00% do total do contingente.⁶³ Quanto à idade, afirma César Campiani Maximiano (2010, p. 20): *Quando partiram para a Itália, os veteranos da Força Expedicionária Brasileira estavam, em sua maioria, na primeira metade da casa dos vinte anos de idade.*

Os expedicionários tinham origem de todas as regiões do Brasil. Nota-se no Quadro 2, que se refere aos 23.702 praças, que a maior parte vinha de estados da Região Sudeste (64,02%), ficando a Região Sul em segundo lugar (18,36%). Menos de um quinto dos praças, portanto, era proveniente de estados do Nordeste, Norte ou Centro-Oeste (Quadro 3).

oficiais da Reserva de 2ª Classe, via-de-regra egressos dos Centros de Preparação dos Oficiais da Reserva [CPOR]. Há, no entanto, 108 oficiais da FEB que ingressaram no oficialato da Reserva, por força da profissão que abraçaram (médicos, dentistas, farmacêuticos, etc.) e em face dos bons resultados apresentados nos estágios a que se submeteram (1960, p. 400).

⁶² Essas informações são confirmadas por comentários de Castello Branco (1960, p. 132-133), que menciona dificuldades enfrentadas na FEB resultantes da falta de efetivos experientes no comando das subunidades.

⁶³ Considerando-se o total de 25.334, conforme é mencionado por autores como Mascarenhas de Moraes (1947, p. 41), Francisco César Ferraz (2002, p. 4) e César Campiani Maximiano (2010). Há uma pequena divergência em relação aos dados fornecidos por Castello Branco (1960, p. 127), que considera o total de 25.445 de efetivos.

UF	Total de praças da FEB	
	Número absoluto	%
Alagoas	148	0,634
Amazonas	91	0,390
Bahia	686	2,943
Ceará	377	1,617
Distrito Federal	6.094	25,720
Espírito Santo	345	1,480
Goiás	111	0,476
Maranhão	134	0,574
Mato Grosso	679	2,913
Minas Gerais	2.294	12,223
Pará	281	1,205
Paraíba	349	1,497
Paraná	1.542	6,615
Pernambuco	651	2,793
Piauí	67	0,287
Rio de Janeiro	1.942	8,331
Rio Grande do Norte	341	1,463
Rio Grande do Sul	1.880	7,641
Santa Catarina	956	4,101
São Paulo	3.889	16,264
Sergipe	192	0,823

QUADRO 3 – PRAÇAS DA FEB POR ESTADO DE ORIGEM

FONTE: Mascarenhas de Moraes (1960, p. 401).

Ao caracterizar o contingente, descreve sucintamente Francisco César Ferraz (2005, p. 48-49): [...] *o retrato mais fiel do Brasil: jovens trabalhadores rurais e urbanos, provenientes das classes populares, entremeados com alguns membros da classe média e poucos membros da elite. Sua escolaridade média era baixa [...].* No mesmo sentido, Castello Branco descreve a presença de *centenas de analfabetos* (apesar dos pré-requisitos mínimos de escolaridade) e de *homens oriundos, na sua maioria, de regiões agrícolas, subdesenvolvidas*.⁶⁴ Além disso, alguns dos expedicionários possuíam doenças ou condições físicas incompatíveis com as atividades envolvidas em ação de guerra. Essas e outras características do contingente resultaram do modo como ocorreram as atividades de mobilização e da realidade da população brasileira, sujeita a todas as dificuldades típicas de um país de economia essencialmente agrícola e com grande desigualdade social. Comentou Castello Branco:

[...] os contingentes a mobilizar estavam, em grande parte, entregues às misérias e às pobrezaas do campo, vivendo ao sabor dos seus próprios impulsos, desconhecendo os mais elementares recursos da vida moderna, tornando-se a sua adaptação para a guerra mais difícil, demorada e onerosa. Faltavam-lhes tanto os conhecimentos gerais e técnicos, como os sentimentos de disciplina que só uma existência sistemática consegue plasmar.

⁶⁴ Cf. Castello Branco (1960, p. 136, 141).

O ensino tanto era pobre e incompleto, como incidia, apenas, sobre determinadas camadas da sociedade urbana, ficando o rurícola quase inteiramente abandonado a sua sorte (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 554).

As inspeções físicas e psicológicas deveriam classificar os homens em quatro grupos: *Apto para o serviço do Exército, categoria especial (E); Apto para o serviço do Exército, categoria normal (N); Incapaz temporariamente para o serviço no Exército; e Incapaz definitivamente para o serviço do Exército.* Apenas oficiais da categoria E poderiam ser incorporados à FEB; quanto aos praças, os classificados na categoria N poderiam ser aproveitados para funções específicas (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 138).

Conforme Francisco César Ferraz (2004, p. 81), os requisitos para a categoria E exigiam cinco anos de escolaridade, ao menos 26 dentes naturais e estatura e peso mínimos de 1,60 m e 60 kg. De acordo com Maximiano (2004a, p. 345), exigia-se: [...] *Mínimo de 1,60m de altura para oficiais e 1,55m para praças; Peso compatível; Visão sem correção; Equilíbrio emocional e mental; Idade mental de 10 anos.* Acrescenta o autor (p. 346) que o principal item de exclusão foi “*dentadura insuficiente*”, problema anteriormente apontado na obra de Castello Branco:

A questão dentária preocupou bastante nessa ocasião. Não sendo o povo brasileiro bem orientado na conveniência da procura periódica do dentista, bem como das vantagens do rigoroso asseio dentário, ocorreu que grande número de inspecionados apresentou-se com a superfície mastigatória incompleta e estragada (1960, p. 139).

Destaca Ferraz outros problemas de saúde identificados nas inspeções:

[...] Desnutrição, doenças crônicas, parasitárias, patologias circulatórias, pulmonares e dermatológicas caracterizavam expressiva parcela da população examinada, inclusive praças e oficiais do Exército regular, aprovados nos exames físicos ordinários para ingresso na profissão militar mas com enfermidades incompatíveis para seu uso em combate, tais como daltonismo, pés chatos, doenças respiratórias e circulatórias e até mesmo icterícia, epilepsia e hanseníase, além de psicoses variadas (2005, p. 46-47).

Em decorrência desses problemas, enfatiza Maximiano:

[...] A tarefa de achar homens aptos foi realmente hercúlea, espelhando tristemente a situação sanitária do Brasil de então. Para citar um exemplo, de um contingente do estado do Pará, apenas 150 entre 800 foram considerados aptos para servir na FEB [...] (2004a, p. 346).⁶⁵

Frente à classificação de altos percentuais de examinados como incapazes, foram flexibilizados os requisitos médicos e intelectuais para a classificação dos homens

⁶⁵ Cf. MIRANDA, 2002, p. 69. Apud Maximiano (2004a, p. 346).

considerados aptos, unificando-se as categorias E e N. Outros fatores contribuíram para que fossem incorporados homens doentes ou incapazes. De acordo com Castello Branco (1960, p. 137), entre os inspecionados havia aqueles que temiam *o estigma depressivo da incapacidade* e possivelmente omitiam problemas de saúde. Situação diferente, embora com resultados semelhantes, foi verificada por Francisco César Ferraz:

Para agravar a situação, um expressivo número de convocados foi considerado “apto” sem sê-lo, pois havia uma concepção de que os convocados poderiam simular incapacidade física ou mental para escapar da seleção. A consequência foi enviar para a Itália algumas centenas de homens incapacitados para os esforços de uma guerra (2005, p. 47).

De acordo com Castello Branco (1960, p. 139), deixaram ainda mais a desejar do que as inspeções físicas os exames psicológicos: deveriam distinguir indivíduos que possuíam *um espírito fraco* daqueles em *perfeito equilíbrio emocional*, portadores de *um espírito forte e uma formação moral sólida a impeli-los à frente*, mas [...] *passaram centenas de homens, inclusive oficiais, que não estavam em perfeitas condições para suportar as imensas responsabilidades que lhes caberiam na batalha*.

Por fim, destaca o autor que houve dificuldades provenientes da pulverização, e a incorporação de doentes ou incapazes foi decorrente também de dificuldades oriundas das atividades de mobilização, que – contrariando a decisão inicial de incorporar indivíduos de regiões específicas –⁶⁶ ocorreram em todas as regiões do país. Foram criadas Juntas Especiais de Saúde espalhadas pelo país que, por necessitar de especialistas de diversas áreas, incorporaram médicos militares e médicos civis não remunerados e, assim mesmo, em alguns casos não tinham pessoal suficiente.

Enquanto isso, entre os representantes de classes mais abastadas, foram vários os convocados que conseguiram ser isentados, por diferentes meios. Estudos de Ferreira Junior (2006, p. 6-7) apontam que entre as normas que isentavam indivíduos de condições determinadas, foram mantidas basicamente aquelas que privilegiavam as classes médias e altas. Constatou também o autor que houve convocados licenciados do Exército ou transferidos para unidades não expedicionárias, de acordo com pedidos realizados por grandes empresas ou autoridades políticas.

Segundo Francisco César Ferraz (2004, p. 368), a liberação de homens de classes favorecidas já era tradição no Brasil: mesmo com a instituição do serviço militar obrigatório,

⁶⁶ Esperava-se inicialmente ter contingentes provenientes das seguintes regiões militares: 1ª (estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo), 2ª (estado de São Paulo), 4ª (praticamente todo o estado de Minas Gerais) e 9ª (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Cf. Castello Branco (1960, p. 137).

a partir de 1916, eram raros os seus representantes nos quadros do Exército, que pagava baixos soldos e, com isso, [...] *somente atraía os mais pobres e menos instruídos, que viam nos quartéis a garantia mínima de emprego, alimentação e abrigo*. Além disso, em parte devido às conhecidas condições enfrentadas pelos praças nos quartéis, o serviço militar era visto como castigo imposto pelo Estado. Conseqüentemente, na ocasião da mobilização da FEB:

[...] iniciou-se uma movimentação entre alguns selecionados para conseguir dispensa do Corpo Expedicionário. Expedientes como o “pistolão” foram freqüentes e beneficiaram principalmente os selecionados das classes media e alta. Estes conseguiram dispensa ou transferência para guarnições de defesa local. Mais chocante foi que tais expedientes também eram usados por militares regulares, que escapavam de ir à guerra, embora fossem remunerados para essa finalidade (FERRAZ, 2005, p. 48).

Em outra obra, destaca o mesmo autor:

[...] se em tempos de paz as classes mais altas e escolarizadas da sociedade já usavam todos os expedientes à mão para eximir-se do recrutamento, na formação das tropas expedicionárias esses recursos foram usados à exaustão. Padrinhos poderosos conseguiam a dispensa de seus protegidos, ou pelo menos o remanejamento deles para unidades não-expedicionárias (FERRAZ, 2004, p. 368-369).

O mesmo constatou César Campiani Maximiano:

[...] ingente quantidade de soldados humildes, vindos de uma imensidão de municípios e comarcas do sertão. Muitos veteranos relatam como aqueles convocados de melhor condição social que tinham algum apadrinhamento escaparam à incorporação pelos mais diversos meios (2004a, p. 348-349).

Tal situação havia sido denunciada anteriormente por alguns textos escritos por veteranos da FEB como a coletânea *Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB*, organizada por Demócrito Cavalcanti Arruda (1949), poucos anos depois do fim da guerra. Em um dos artigos, esse autor – capitão da reserva que atuou como comandante de Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria – relata que os exames de saúde foram forjados através de relações de apadrinhamento e, como conseqüência, em geral, só os mais desamparados integraram a FEB:

Sabemos que a centralização burocrática não impediu os casos de suborno, numerosos por sinal, nesses exames de seleção, a ponto de chegar ao absurdo de só terem permanecido nas fileiras os desprotegidos, os humildes e os abnegados, evadindo-se para os cursos de última hora do CPOR, os filhos da chamada classe média, ou de volta à vida civil, através de arranjas incapacidades ou por motivos os mais inconsistentes. [...] Entre os Oficiais da Reserva, conhecemos os casos daqueles que, filhos de políticos, conseguiam interessar o governo do Estado para serem contratados

em qualquer função pública e, nessa qualidade, requisitados e posteriormente desconvidados; ou, este outro, de um filho de interventor num Estado do Nordeste, conseguindo a desconvidação por ter se bacharelado e ir assumir a direção das empresas de jornais do pai, conhecido doutrinador do “Estado-Forte” brasileiro...

Quanto aos Oficiais da Ativa, corre entre nós a lenda, ainda não averiguada, da existência de um dilema nascido no próprio Ministério da Guerra: “escolha, ou a FEB ou as fronteiras” (1949a, p. 42-43).

1.2.1 Teuto-brasileiros na FEB: estimativa quantitativa

Um outro companheiro febiano descreveu os brasileiros como: luso-tupinambás-batavo-negro-espano-teuto-sino-nipo-bororo-franco-xavante-brasileiros, que julgamos de admirável precisão. (CABRAL, 1982, p. 29-30).⁶⁷

Eventuais menções sobre expedicionários com sobrenomes alemães em livros e estudos sobre a FEB escritos por ex-combatentes e pesquisadores militares ou civis, acadêmicos ou não, sugerem que existiam em número considerável. Contudo, para a obtenção de dados mais precisos sobre a quantificação de expedicionários descendentes de alemães e/ou provenientes de localidades de colonização teuta, essa produção bibliográfica apresenta pouca contribuição.

Foi encontrada apenas uma pesquisa dedicada especificamente a aspectos relacionados a expedicionários descendentes de alemães: um livro do historiador Dennison de Oliveira (2008), publicado com o título *Os soldados alemães de Vargas*. A obra narra a trajetória de quatro expedicionários que integraram a FEB, sendo a escolha explicada da seguinte maneira:

[...] optamos por tão somente reconstituir algumas poucas biografias do conjunto desses indivíduos, escolhendo justamente aquelas que são consideradas mais significativas. Além de serem tidas como extremamente representativas das mais importantes experiências vividas pelos teuto-brasileiros que lutaram nas forças armadas brasileiras na Segunda Guerra Mundial, essas biografias são também aquelas das quais informações mais abundantes e, portanto, podem legar descrições mais exatas e objetivas (OLIVEIRA, 2008, p. 61).

Apesar de o texto não consistir em descrições de combates e decisões do comando, notam-se características que o aproximam das abordagens de oficiais militares: o objetivo de fornecer *descrições mais exatas e objetivas*, escolhendo personalidades *significativas* – ou

⁶⁷ O autor foi sargento da FEB e desenvolveu uma tese de doutorado em História Econômica sobre o tema, tratado sob o ponto de vista militar e entremeado por suas memórias, como outros livros de outros ex-combatentes. Refere-se à obra de “Mário Fernandes, Xavantes na Itália”. De modo análogo, o contingente é descrito por Silveira (2001, p. 135) como um *mosaico racial*.

seja, dignas de menção – posição tão criticada pelas propostas da Nova História. Em outra passagem, o culto a feitos heróicos é evidenciado:

A tarefa de nomear os atos de heroísmo – e os heróis por eles responsáveis no decorrer da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália – é extensa e, provavelmente, jamais será completada. Ainda mais desafiante seria a tarefa de se hierarquizar, por ordem de importância, o grau de heroísmo de cada um dos membros da FEB que mais se destacaram por feitos e iniciativas de caráter extraordinário. [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 60-61).

Ao tentar quantificar os expedicionários provenientes de comunidades alemãs, Dennison de Oliveira não considera uma hipótese enfatizada por César Campiani Maximiano sobre uma possível preferência do comando da FEB no recrutamento de homens brancos, provenientes de regiões de colonização européia:

Os homens dos Estados do Sul apresentavam melhor condição de saúde, mas sua relevante quantidade na FEB poderia indicar uma preferência por conscritos das áreas de predominância da colonização européia, visando intencionalmente que o contingente enviado ao exterior tivesse uma prevalência de indivíduos caucasianos. É uma possibilidade que os responsáveis pela concretização da expedição intencionavam dar vazão à um Brasil de face branca no além-mar. Uma matéria da revista *Parade* a respeito do preparo militar brasileiro, editada em 1942, publicou uma série de fotografias de soldados e marinheiros em situações de treinamento – todos, rigorosamente, apresentam feições caucasianas, levando a pensar se houve seleção dos elementos que apareceram nas fotografias (2004b, pp. 68-69).

Pressupõe Dennison de Oliveira (2008, p. 57) que *A FEB parece ter recrutado de forma indistinta brasileiros, ítalo-brasileiros, nipo-brasileiros e teuto-brasileiros [...]*. O autor arrisca o seguinte “palpite” para uma noção quantitativa de expedicionários provenientes de comunidades alemãs radicadas no Brasil:

Se as maiores e mais significativas comunidades de origem germânica compuseram os efetivos de praças da FEB na mesma proporção com que compunham a população de seus Estados – do que não se tem, é claro, absoluta certeza – então se pode afirmar que foram enviados para a Itália 368 praças teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, 213 de Santa Catarina e 106 do Paraná. Devemos somar a esse montante de 687 indivíduos os efetivos estimados dos outros estados onde existiam comunidades alemãs significativas (São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), mas das quais não dispomos de números precisos. Contudo, levando-se em conta que o Rio Grande do Sul abrigavam 80% do total das populações de origem germânica, então se pode estimar que a contribuição de todos os outros estados citados – incluindo o Paraná – significaria o acréscimo de 145 praças. Ou seja, teriam existido 726 indivíduos, entre soldados, cabos e sargentos de origem teuto-brasileira na FEB. [...] se esse palpite merece algum crédito, então os teuto-brasileiros compuseram pelo menos 3% do efetivo de praças da FEB (OLIVEIRA, 2008, p. 60).

Utilizando o mesmo percentual, Dennison de Oliveira (2008, p. 60) estima que havia ao menos 48 oficiais oriundos de comunidades alemãs. De acordo com seus cálculos, haveria 774 expedicionários de comunidades alemãs, entre praças e oficiais. Durante uma consulta ao Arquivo Histórico do Exército (AHEx), sediado no Rio de Janeiro, não foram encontrados, no acervo da FEB, documentos ou listagens que apresentassem as cidades de origem de cada um dos expedicionários, o que viabilizaria informações mais precisas. A fonte utilizada por Mascarenhas de Moraes para calcular o percentual de praças provenientes de cada estado talvez tenha essa informação, mas infelizmente não está identificada no livro do comandante da FEB.

Dadas essas limitações, a visita ao AHEx resultou na seleção de um conjunto de documentos que fornecem dados sobre um grupo de expedicionários pertencentes a uma unidade específica, encarado como uma amostragem para sugerir o percentual aproximado de combatentes provenientes de comunidades alemãs da Região Sul do Brasil incluídos na FEB. Para a viabilização da análise, contou-se com valiosa colaboração do Professor Francisco César Ferraz, que na ocasião realizava coleta de dados com seus alunos da Universidade Estadual de Londrina, e gentilmente cedeu as fotografias dessas fontes selecionadas. A documentação apresenta informações sobre 703 expedicionários que eram adidos a uma mesma unidade no fim da guerra, quando foram desligados das forças armadas, como ocorreu com grande parte do contingente.

A unidade pertencia ao Centro de Reacompanhamento de Pessoal da FEB (CRP), que teve sua organização autorizada no Brasil em 23 de agosto de 1944, e na Itália fornecia efetivos para a substituição de baixas nas diferentes tropas em ação, enquanto recebia indivíduos que obtinham alta dos hospitais militares, após terem sido tratados de doenças ou ferimentos. De acordo com informações obtidas no AHEx, o CRP foi extinto ainda na Europa, ao final das hostilidades. Por isso, sua documentação foi mantida nesse arquivo, enquanto documentos de mesma natureza foram enviados para unidades do Exército, que continuaram existindo no Brasil, distribuídas em diversos estados e municípios.

Os documentos consistem em 642 cópias de certificados de reservista e 61 documentos de isenção definitiva do Exército. Exemplos dessa documentação são mostrados na Figura 1.

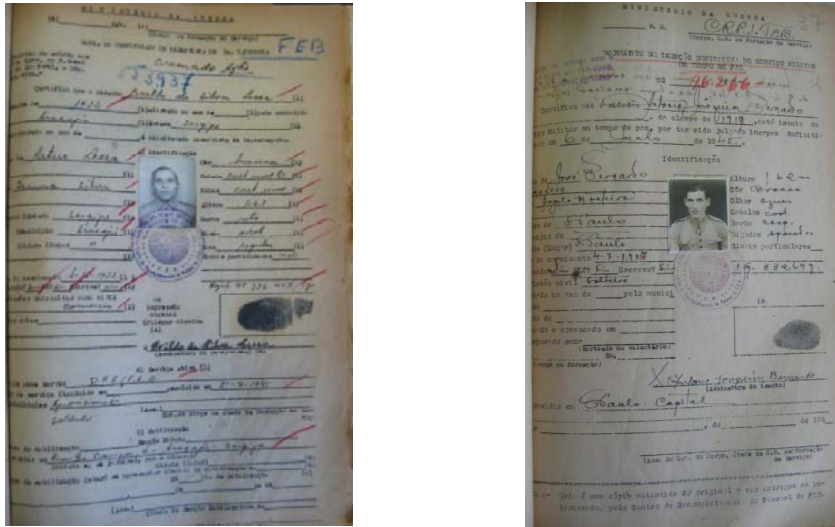


FIGURA 1 – EXEMPLOS DE DOCUMENTAÇÃO DO CRP ESTUDADA: CÓPIA DE CERTIFICADO DE RESERVISTA E DOCUMENTO DE ISENÇÃO DEFINITIVA DO EXÉRCITO

Os dois tipos de documentos possuem campos comuns: nome do indivíduo, classe (que no jargão militar corresponde ao ano de nascimento), nome dos pais, cidade, município e estado de nascimento, data de nascimento, “vacinado?”, “lê?”, “escreve?”, cor, altura, fotografia, impressão digital, assinatura do reservista ou do isento, descrição dos cabelos, dos olhos e de sinais particulares, ano, cidade e estado de alistamento, endereço onde vai residir e assinatura de oficiais. O Certificado de Reservista, além disso, tem campos para profissões exercidas na vida civil, unidade em que serviu, descrição de nariz, rosto e boca, data de inclusão e de exclusão do serviço militar, especialidade e, eventualmente, graduação. O Documento de Isenção Definitiva tem, além dos campos comuns, espaços dedicados ao preenchimento da forma de incorporação (sorteado ou voluntário) e descrição de barba e bigodes. Quase sempre os documentos de cada um dos ex-combatentes são acompanhados de uma página denominada Relação Modelo E (Figura 2).

FIGURA 2 – EXEMPLO DE DOCUMENTAÇÃO DO CRP ESTUDADA: RELAÇÃO MODELO E

A Relação Modelo E, repetindo vários dos campos dos documentos que a antecede, tem locais destinados a: nome, filiação, data de nascimento, onde nasceu, onde reside, profissão, estado civil, cor, altura, olhos, cabelos, barba, bigodes, rosto, nariz, boca, alfabetizado (sim/não), data de inclusão, data de exclusão e comportamento. A tabulação das informações da documentação tornou-se exaustiva não apenas pela quantidade de páginas, cerca de 1.400: deparou-se com dados preenchidos sem qualquer padronização, com rasuras freqüentes; além disso, muitas vezes, dados incompletos, abreviados ou ilegíveis. O preenchimento foi feito ora à mão, ora à máquina; termos e critérios distintos foram empregados em documentos diferentes para os mesmos aspectos; os campos nem sempre foram respeitados, de modo que há informações distribuídas aleatoriamente nas margens ou em espaços destinados a outros dados que, conseqüentemente, deixaram de ser fornecidos ou foram dispostos em outro local. Anotações eventualmente afirmam ter o registro sido feito com base em declarações dos próprios expedicionários sem qualquer verificação, o que talvez se aplique também a parte dos outros formulários, sem esse tipo de menção, o que pode ocasionar outras distorções dos dados.

Os 703 indivíduos do CRP sobre os quais se referem os documentos de isenção definitiva do Exército e certificados de reservistas representam um percentual pequeno da FEB – 2,77% dos 25.334 homens. A maior parte desses expedicionários pertenceu a unidades diversas da 1ª DIE ou do Depósito de Pessoal antes de sua incorporação ao CRP. Antes de verificar quantos deles tinham sobrenomes alemães e viviam em locais de colonização teuta, a confiabilidade da amostragem foi testada confrontando-se resultados obtidos com a tabulação de dados com informações relativas ao contingente como um todo, já apresentadas.

O grupo é constituído, sobretudo, por jovens que tinham na FEB vinte e poucos anos, nascidos entre 1919 e 1923, padrão observado em relação aos demais expedicionários.⁶⁸ Quanto à graduação na hierarquia militar, foram identificados alguns sargentos, vários cabos e número bem maior de soldados (80,27 %).⁶⁹

Sobre a origem desses expedicionários, constatou-se efetivos provenientes de diversos estados do Brasil. Cerca de quatro quintos habitavam as regiões Sul ou Sudeste e as proporções por estado de origem também quase não destoam daquelas relativas ao total de praças da FEB.⁷⁰ Profissões declaradas na documentação do CRP apontam a predominância de expedicionários de classes humildes, como agricultores ou lavradores e comerciários, além de motoristas, mecânicos, carpinteiros, pedreiros, alfaiates, barbeiros, jornaleiros e ajudantes de uma série de profissionais, contrastando com uma minoria formada de profissionais, como funcionários públicos, advogados, estudantes e mesmo um fazendeiro. Vários documentos de isenção definitiva do Exército sugerem a presença de doentes ou incapazes incorporados apesar das inspeções de saúde, explicitando: *não há relação de causa e efeito entre o estado atual [ou a doença] e as condições de serviço em ação de guerra*, menção freqüentemente acompanhada do comentário: *sem direito a amparo do Estado*.⁷¹

Menos de um terço dos documentos analisados informam como os indivíduos foram incorporados no Exército (voluntariado ou sorteio). Os identificados como voluntários foram integrados entre 1938 e 1945, portanto, desde antes mesmo do início da guerra. A forma de incorporação registrada – como é explicitado em alguns dos documentos – às vezes se refere à apresentação para o serviço militar e às vezes à apresentação para a FEB. Isso provavelmente ajuda a entender por que a proporção de voluntários verificada (6,54 %), ainda que bem menor do que a de identificados como convocados ou sorteados (27,73 %), é relativamente maior do que a que corresponde ao total do contingente (4 %), apresentada no item anterior.

Os documentos que apresentam a data da incorporação no Exército sugerem que quase todos eram civis quando o Brasil extinguiu relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão, em janeiro de 1942. Muitos foram incorporados somente a partir

⁶⁸ Em número bem menor, há indivíduos mais velhos – nascidos entre 1908 e 1917 – e mais novos – de classes entre 1924 e 1927.

⁶⁹ O comentário refere-se a 588 dos ex-combatentes, pois a documentação de 115 indivíduos não tinha essa informação explicitada.

⁷⁰ A diferença para quase todos os estados não ultrapassa 0,50 percentuais. Entre as exceções, as maiores diferenças em relação ao total de praças da FEB foram constatadas nos valores relativos ao Distrito Federal (17,78% dos expedicionários do CRP contra 25,72% do total de praças da FEB) e Rio Grande do Sul (9,82% dos expedicionários do CRP contra 7,64% do total de praças da FEB).

⁷¹ Deve-se considerar, contudo, que os registros nem sempre podem ter sido precisos nesse sentido. Alguns praças que tiveram doenças ou ferimentos enfrentaram dificuldades para provar posteriormente a relação com as atividades de guerra e ter direito às pensões.

de agosto daquele ano e parte expressiva – cerca de um terço – especificamente durante a mobilização para a FEB, a partir de agosto do ano seguinte. Com base na documentação, é possível ainda estimar o tempo total de permanência dos expedicionários nas forças armadas: segundo dados dos documentos do CRP analisados, variou de cerca de um a quatro anos, possivelmente somados a um período de serviço militar anteriormente prestado (1ª praça), geralmente de um ou dois anos.

Assim, apesar das implicações expostas, os dados sobre os 703 expedicionários aproximam-se do que é dito por outros pesquisadores sobre o contingente da FEB. Na identificação do percentual de expedicionários particularmente envolvidos no tema desta dissertação – descendentes de alemães habitantes de cidades de colonização teuta – foi levado em conta: as cidades de nascimento, as cidades onde residem e o nome dos indivíduos, informações que são fornecidas pela quase a totalidade dos documentos, com exceção de dois.

Inicialmente, uma pesquisa distinguiu entre os municípios do Sul nos quais habitavam, aqueles em que havia comunidades teutas, envolvendo banco de dados do IBGE, sites de prefeituras e estudos de pesquisadores da colonização alemã. Em seguida, de 68 expedicionários que nasceram e viviam nesses municípios, foram identificados os sobrenomes alemães. Obteve-se, dessa forma, uma listagem de vinte indivíduos, que também haviam nascido em locais de colonização alemã, e representam 2,84% do grupo de 703 expedicionários analisado.⁷²

O percentual verificado na amostragem praticamente coincide com o que é sugerido pelo ‘palpite’ de Dennison de Oliveira para a FEB como um todo, que estima o percentual de 2,90% do contingente. Desconsidera o autor quaisquer preferências adotadas durante as etapas de mobilização do contingente. Além disso, ele parte de dados que quantificam os teuto-brasileiros dos diversos estados sem mencionar, por exemplo, possíveis distorções se fossem consideradas as faixas etárias da população: índices relativos aos habitantes de comunidades teutas poderiam ser maiores ou menores se considerados apenas os homens com idade compatível com os recrutamentos da época.

O percentual obtido por meio da amostragem com a documentação do CRP é também problemático, pois a aplicação com segurança ao total do contingente da FEB exigiria cálculos estatísticos que se afastam das propostas desta dissertação, além de maiores conhecimentos específicos sobre a unidade da FEB a que pertenciam, para considerar

⁷² Viviam nos seguintes municípios: Cachoeira, Curitiba e Rio Negro, no Paraná; Brusque, Joinville, Blumenau, Gaspar e Joinville, em Santa Catarina; Carazinho, Passo Fundo, Sobradinho, Santa Rosa e São Vicente do Sul, no Rio Grande do Sul.

possíveis distorções. De qualquer modo, a surpreendente coincidência dos dois percentuais obtidos com metodologias totalmente distintas aponta ao menos uma sugestão um pouco mais segura sobre o número de indivíduos oriundos de comunidades alemãs na FEB: cerca de 700 expedicionários.

2 NA MIRA DA “LURDINHA”: GUERRA, VIOLÊNCIA, MEMÓRIA

Em San Rossore, fiquei sabendo umas particularidades sobre a guerra e dos costumes atuais. Fiquei sabendo que um soldado tinha uma namorada chamada Lourdes. Era a sua Lourdinha. Lourdinha era costureira e matraqueava na máquina o dia inteiro. Quando o soldado ouviu a metralhadora alemã, lembrou-se logo da namorada. Disse: - Igual à Lourdinha. Outros diziam que “lurdinha” vinda de “lurda”, que significa “pesada”. Pode até ser. [...] (Alcides Conejeiro Peres)⁷³

Batalhas travadas com armas de alto poder de destruição combinadas a ações de extermínio, tortura e escravização massivas marcaram os anos que compreenderam a Segunda Guerra Mundial, disputada entre o bloco liderado pela Alemanha, Japão e Itália e os países aliados à Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética. Paulatinamente, quase todos os Estados do globo haviam sido envolvidos e áreas da Europa, África e Ásia tinham se transformado em imensos teatros de operações, em que a violência figurou com proporções até então inimagináveis. Mais de 50 milhões de vidas humanas foram descartadas, principalmente civis, sem mencionar o incalculável número de pessoas com ferimentos ou seqüelas decorrentes da guerra.

Terminadas as hostilidades, contingentes militares dos diversos exércitos deixavam as paisagens devastadas onde durante longos períodos seus cotidianos foram entremeados pela violência. Povos de territórios ocupados viam cessar as brutalidades a que vinham sendo submetidos por forças militares, como ocorreu nos locais invadidos por tropas japonesas e em tantas zonas anexadas pelo Império Alemão. Prisioneiros do regime nazista eram libertados dos campos de concentração onde haviam sido submetidos a condições subumanas – que incluíam fome, trabalhos forçados até total exaustão e a sujeição a experimentos médicos – e de extermínio, prisões onde milhões de pessoas haviam sido assassinadas. Populações cujas cidades tinham se tornado ruínas, sob os fogos cruzados das artilharias e das infantarias ou atacadas por bombardeios aéreos, enfrentavam a miséria, doenças e todo tipo de perda.

Quando os primeiros contingentes brasileiros desembarcaram na Itália, em meados de 1944, os exércitos dos países aliados contra a Alemanha, Itália e Japão avançavam em todas

⁷³ Cf. Peres (s/d, p. 160).

as frentes. No leste do continente, o Exército Vermelho da URSS, desde as batalhas em Stalingrado iniciadas em novembro 1942 conquistava territórios ocupados por tropas alemãs, sob as dificuldades do frio rigoroso do inverno. Na guerra do Pacífico, o Japão recebia, desde 1943, ataques feitos pelos Estados Unidos. Forças anglo-americanas haviam recentemente partido da Itália e desembarcado na Normandia, sendo vitoriosas em violenta batalha. Com os avanços de tropas anglo-americanas a oeste e soviéticas a leste, forças aliadas chegaram a Berlim em dois de maio de 1945, desencadeando a rendição da Alemanha e o fim da guerra na Europa. Na guerra do Pacífico, os Estados Unidos – muito mais bem providos de recursos do que o Japão – haviam travado combates aéreos e navais e fornecido armas a países rivais de seu inimigo. A vitória já estava definida quando foram lançadas, em seis e nove de agosto de 1945, as duas bombas nucleares, desencadeando a rendição imediata e incondicional do governo japonês.

As unidades brasileiras não foram envolvidas em operações estratégicas. Em julho de 1943, tropas franco-britânicas que haviam derrotado contingentes nazistas no Norte da África, prosseguiram os planos para atacar a Alemanha pelo oeste, desembarcando inicialmente na Sicília.⁷⁴ Imediatamente, grupos políticos que até então eram fiéis ao fascismo deliberaram a extinção do regime e a prisão de Benito Mussolini, nomeando o Marechal Pietro Badoglio para líder do novo governo. Foi denunciada a aliança com a Alemanha e proclamado o armistício. Destituído, o *Duce* fugiu para a parte Norte da península, onde fundou com o apoio de grupos fascistas italianos e tropas alemãs, a República de Saló.

O território italiano foi dividido, assim, em duas partes: a monárquica, ao sul, e a fascista, com apoio de tropas nazistas, ao norte. Surgiu em decorrência uma guerra civil em que resistentes antifascistas, os *partigiani*, lutavam contra o governo de Saló.⁷⁵ Ao mesmo tempo, as operações táticas dos Aliados no norte da península foram assumidas por unidades que incorporaram tropas de diversos outros países. O VIII Exército Britânico ficou responsável pelos arredores de Florença, Arezzo e Bibbiena. Na região de Pisa, Lucca e Pistóia concentraram-se as missões do V Exército Norte-Americano,⁷⁶ ao qual foi integrada a divisão de infantaria brasileira.

⁷⁴ O desembarque aliado na Sicília ocorreu em julho de 1943, depois de ter sido adiado durante meses porque Churchill, democratas norte americanos e outras autoridades consideravam mais conveniente a permanência em fronts secundários enquanto sucedia o mútuo desgaste da URSS e da Alemanha (VIZENTINI, 2004).

⁷⁵ Cf. VIZENTINI, 2004, p. 90-92.

⁷⁶ Conforme informações fornecidas pelo General Carlos de Meira Mattos – capitão de infantaria da FEB e prefaciador do livro do ex-combatente Joaquim Xavier da Silveira (2001, p. 10).

Mas o pressuposto de que a guerra estava no final quando os brasileiros desembarcaram na Europa e de que não foram envolvidos em operações estratégicas dos Aliados não deve conduzir à falsa impressão de que não tenham sido sujeitos a dificuldades similares às enfrentadas por soldados em outras frentes no decorrer do grande confronto. Neste erro incorreram algumas interpretações sobre a participação brasileira, como o livro do jornalista William Waack, ao reproduzir pontos de vista registrados em documentação do Exército Americano e Alemão, sem devida crítica histórica.

Pelo contrário, pesquisadores como Francisco César Ferraz, César Campiani Maximiano ou o norte-americano Frank McCann demonstraram que os soldados brasileiros estiveram envolvidos em situações de extremo risco e perigo. Enfrentavam tropas formadas principalmente de soldados alemães que ocupavam posições altas nos Apeninos, o que os deixava em situação desfavorável: o inimigo contava com certa proteção e campo de visão privilegiado. Soldados brasileiros e de outros países envolvidos nas mesmas operações eram alvos das potentes armas alemãs, entre elas, a metralhadora que os expedicionários da FEB apelidaram de *Lurdinha* (a metralhadora *Maschinengewehr 42* ou MG 42, de calibre 7,92mm). É clara nesse sentido avaliação de um historiador renomado por seus estudos de história militar, assim traduzida pelo jornalista João Bonalume Neto:

O historiador John Keegan disse que a campanha na Itália foi mais custosa para a infantaria do que a guerra na França. O terreno favorecia muito mais a defesa, com uma “riqueza de obstáculos” como rios, lagos, colinas isoladas, montanhas e desfiladeiros (BONALUME NETO, 1995, p. 187).

A vulnerabilidade dos brasileiros na maior parte dos combates pode ser ilustrada com uma crônica escrita em janeiro de 1945 por Rubem Braga, correspondente de guerra que acompanhou as atividades da FEB:

[...] o ataque – subir na lama, e em muitos casos sem proteção nenhuma – é duro. Uma metralhadora bem instalada ali vale por uma dúzia. O transporte do material tem de ser feito, em numerosos casos, em lombo de muar – e, ao longo da frente, é inevitável que alguns dos caminhos que somos obrigados a utilizar estejam expostos não somente ao fogo como à vista do inimigo (BRAGA, 1964, p. 161).

2.1 A CONSTRUÇÃO DAS REMEMORAÇÕES

Para o estudo de questões identitárias relacionadas à participação de teuto-brasileiros da FEB – estimados em cerca de 700 homens – ao longo da pesquisa de mestrado foram realizadas 15 entrevistas com ex-combatentes. Dos depoentes, 11 são descendentes de

alemães. Dentre eles, oito viviam em comunidades alemãs na infância e juventude.⁷⁷ Habitavam localidades com a mesma característica dois depoentes que não são descendentes de alemães. A maior parte dos entrevistados vivia em Santa Catarina, embora tenham sido consultados também ex-combatentes do Rio Grande do Sul e Paraná. Como o restante do contingente da FEB, não pertenciam a famílias abastadas. Alguns moravam em áreas rurais e outros em áreas urbanas. Uns eram católicos, outros, protestantes. Na Força Expedicionária Brasileira, exerceram diferentes funções, em unidades ou graduações distintas, embora fossem todos subalternos. No retorno ao Brasil, a maioria retornou às atividades civis, tendo exercido profissões diferentes. Outros seguiram carreira militar.⁷⁸

A diversidade da amostragem, portanto, contemplou diversos aspectos, dando atenção a recomendações de Paul Thompson.⁷⁹ Em determinado sentido, todavia, foi bastante homogênea: ao contrário do que se pretendia, não foi possível consultar ex-combatentes sem vínculos com seccionais da Associação Nacional de Veteranos da FEB (ANVFEB).⁸⁰ Para a compreensão de implicações possivelmente daí decorrentes, fazem-se úteis teorias formuladas pelo consagrado sociólogo Maurice Halbwachs⁸¹ nos anos que antecederam a Segunda Guerra, assim resumidas por Janotti e Souza:

O famoso sociólogo desenvolve uma teoria psicossocial, pela qual o ato de lembrar não significa reviver o passado ou recuperá-lo, mas sim reconstruí-lo, repensá-lo com imagens e idéias do presente. A impossibilidade de se recuperar o passado "tal como foi" liga-se diretamente à ação transformadora do tempo que modifica as pessoas em sua percepção da realidade, em sua escala de valores e em seu juízo moral; é o presente, resultado das mudanças trazidas pelos anos, que emprestará ao passado um significado próprio. A rememoração do passado, porém, obedece a parâmetros que não são determinados só pelo indivíduo, mas resulta da sua integração em um grupo social que compartilha suas experiências e cuja existência permanente é condição básica para que a memória se efetive. Assim, embora seja o indivíduo o memorizador, as lembranças individuais só se sustentam no interior de um grupo, cuja função não se resume a um preenchimento de lacunas ou à correção de possíveis enganos da recordação solitária. É indispensável que haja entre o grupo e o memorialista uma identidade que ultrapasse os vínculos puramente afetivos e atinja um teor ideológico. Havendo essa identidade, a rememoração do passado se opera a partir de

⁷⁷ A essas entrevistas foram somadas quatro realizadas anteriormente, com veteranos da FEB com as mesmas características.

⁷⁸ Quadro apresentado no Anexo 1.

⁷⁹ Vinculando o papel do historiador – como Pierre Vilar (1985) e os intelectuais marxistas em geral – a esforços pela consciência dos mais oprimidos nas tensões entre as classes e, portanto, ao objetivo de mudança e ruptura, enfatiza o autor: *A pior espécie de história oral é aquela que começa e termina com a empregada doméstica* (THOMPSON, 2002, p. 174).

⁸⁰ Esperava-se através do contato com os primeiros depoentes, indicados por seccionais da ANVFEB, obter indicações de outros ex-combatentes desvinculados da associação, o que não ocorreu.

⁸¹ Cf. Halbwachs (1965; 2006).

dados e de noções comuns aos membros do grupo, fazendo com que o passado daquele que rememora seja, na realidade, o de muitos (JANOTTI e SOUZA, 1997).⁸²

A associação de veteranos da FEB e suas seccionais surgiram ao longo das décadas, enquanto muitos ex-combatentes enfrentavam uma série de dificuldades na reinserção profissional e social, diluídos na população – da qual, se considerados números fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),⁸³ representavam 0,05 % em 1950. Muitos dos entrevistados relataram terem se sentido desamparados até 1988, quando passaram a receber pensões do Exército, reformados no posto de 2º Tenente. Além do descaso dos sucessivos governos, o desconhecimento da população sobre os eventos dos quais participaram desencadeou uma série de ressentimentos. Explica Ferraz:

À medida que os anos passaram, as homenagens e glórias foram sendo esquecidas, o entusiasmo popular decresceu, e muitas pessoas começaram a mostrar desinteresse pelas “histórias da guerra”. Quando havia curiosidade sobre a vida cotidiana no front, esta revelava mais a desconfiança sobre a “vida boa” em que supostamente os combatentes viviam do que os momentos mais tensos ou dolorosos. O resultado de meses sob regime de alimentação reforçada e balanceada que lhes fora fornecida pelos americanos não lhes passou despercebido. Essa aparência saudável e disposta suscitou comentários malévolos. “Voltaram até mais gordos! Devem ter é ficado na sombra e água fresca!”, começavam a dizer alguns populares, fazendo seus os preceitos tácitos do antigo exército de Caxias, no qual a rigidez do soldado deveria ser medida pelas condições mais abjetas e precárias de sobrevivência em combate. Paulatinamente, em alguns círculos, começaram a surgir as ironias, as maledicências, os boatos de que eles não foram heróis coisa alguma, que foram fazer turismo bem remunerado na Itália, que os que estavam enterrados em Pistóia morreram por desastres de jipe, que os contatos que tiveram com o “inimigo” foram aqueles travados com as italianas miseráveis que se prostituíam pelas latinhas de comida americana, etc. Para piorar as coisas, os anúncios grandiloqüentes das autoridades de que os “heróis” da pátria receberiam inúmeras vantagens e benefícios – que não passavam de bravatas –⁸⁴ aumentou mais ainda a desconfiança de que esses indivíduos já estavam querendo demais (2002, p. 161-162).

Se ressentimentos oriundos dessa situação possivelmente são partilhados também por ex-combatentes sem vínculos com a associação de veteranos, os que dela se aproximaram

⁸² Estão de acordo os pressupostos de Henry Rousso, inseridos em discussões fortalecidas a partir da década de 70 do século XX que procuravam caminhos para a interpretação de fontes memorialísticas: [...] *A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva” [...] (ROUSSO, 2005, p. 94-95).*

⁸³ Série CD-90 – População (recenseada, residente e presente). Disponível em: <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD90&t=populacao-recenseada-residente-e-presente>. Acesso em: 10/11/2010. Fonte mencionada pelo documento: IBGE, Censo Demográfico 1972/2010. Até 1960, dados extraídos de: Estatísticas do século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

⁸⁴ Pensões foram concedidas aos ex-combatentes da FEB somente com a Constituição de 1988.

estabeleceram meios de sociabilidade privilegiados para falar das experiências da FEB na guerra. Enquanto a população em geral tratava os ex-combatentes com desdém ou desconfiança, essas instituições promoviam celebrações e condecorações em homenagem à FEB e aos grandes combates dos quais participou. A memória mais ou menos coesa mantida nesses locais, valoriza, assim, os mesmos aspectos destacados nos mais renomados livros dos oficiais da Força Expedicionária Brasileira.

Com essa mesma preocupação, muitos dos depoentes entrevistados explicitaram no princípio das entrevistas não considerar que, a partir do relato de suas experiências, poderiam oferecer alguma contribuição para o estudo da história da FEB, freqüentemente recomendando a leitura de livros escritos pelo Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes (1947) ou pelo Tenente-Coronel Manoel Thomaz Castello Branco (1960). Essa posição foi evidenciada com a intervenção de um veterano da FEB durante um debate acadêmico do *1º Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira*, realizado no Rio de Janeiro em 2009, reunindo ex-combatentes e pesquisadores militares e civis, vinculados ou não a universidades e outras instituições de pesquisa. Os temas abordados – cotidiano dos soldados, identidades, representações, memórias – nada tinham a ver com o que ele concebia como a história da FEB.

Verifica-se, nessa situação, uma das implicações ao estudar fontes memorialísticas nas investigações históricas, destacada por Janotti:

[...] a memória é um elemento constitutivo do discurso, mas não o único, na medida que seu conteúdo é fortemente marcado pelo presenteísmo e pela contemporaneidade. Ela se revela dominante nas histórias de vida e nos relatos biográficos mas não, necessariamente, nos depoimentos sobre temas circunscritos (1996, p. 57).

Sendo assim, para a interpretação das fontes memorialísticas, fizeram-se relevantes alguns apontamentos de Michel Pollak (1992), cujas teorias explicam que a memória é constituída por acontecimentos, personagens e *lugares de memória*.⁸⁵ De acordo com o sociólogo, aspectos dos três critérios rememorados por um indivíduo não necessariamente correspondem àquilo que vivenciou, pois podem ter sido incorporados na memória a partir da significação que adquirem em grupos com os quais esse indivíduo se identifica. Nesses casos, ocorre o que o autor denomina como *transferência* da memória.

⁸⁵ [...] lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. [...] (POLLAK, 1992, p. 202).

Na memória de ex-combatentes da FEB, talvez seja o que se verifique em torno do episódio em que foram descobertas na Itália sepulturas feitas por alemães para três brasileiros, homenageados como heróis. O acontecimento é referenciado com frequência por entrevistados e em livros de memórias, inclusive por quem não estava presente na ocasião. Em seu livro de memórias, Manoel Antonio Linhares, do II/11º RI, dedicou uma página inteira ao acontecimento e o mesmo fez Nilson Vasco Gondin (2000), do I/6º RI. José Alves da Silva (2001, p. 160), do III/11º RI conta sobre dois casos: *Conforme aconteceu após a queda de Monte Castello, quando encontramos as sepulturas dos ‘Três heróis do Brasil’, também na periferia de Montese, deparamos com três sepulturas com homenagem dos alemães aos ‘Drei Brazilianischen Helden’ (três heróis brasileiros).*

Logicamente, por outro lado, nem todos os aspectos semelhantes relatados por depoentes diferentes devem ser interpretados como *transferências*. Com o confronto com outras fontes, sabe-se que determinadas situações foram, de fato, sujeitas a condições muito semelhantes. É o caso das viagens de navio para a Europa. Da seguinte forma Joaquim Xavier da Silveira, que pertenceu a um pelotão de transmissões do 1º RI, transportado com o segundo escalão, descreve a viagem à Itália no livro *A FEB por um soldado*, editado pela Bibliex:

A primeira prova a que se submeteram os soldados, após o período de treinamento, foi sem dúvida a viagem para a Itália, em navio-transporte. A disciplina imposta era muito dura, a rotina tremendamente monótona e a ameaça de torpedeamento do navio era constante. Os porões de alojamento superlotados; no convés, o exíguo espaço só era disponível por algumas horas já que a maior parte do tempo, por questão de segurança, a tropa ficava trancada nos seus alojamentos. Todos esses fatores e a angústia da incerteza criavam pressões que concorriam para o aparecimento de quadros psicóticos, desequilíbrio nervoso, crises histéricas e outras neuroses. [...] (SILVEIRA, 2001, p. 135-136).

Bastante similar foi o modo com que o já falecido entrevistado descendente de alemães Ferdinando Piske, sargento do 6º RI, que seguiu com o primeiro escalão para a Itália, relatou suas experiências da viagem:

[...] quando o bendito sol chegava a um tanto do horizonte, vinha o cara do navio falando “*Darken ship! Darken ship!*” – Escurecer navio! – aí todo mundo tinha que descer para os compartimentos lá embaixo. [...] Você não queira saber o sufoco que a gente passou! Tinha que dormir completamente vestido, uniformizado. E, para o mal de nossos pecados, nos deram um salva-vidas, e a gente não podia tirar. Agora, você também não podia deitar em cima, porque eles eram em quatro gomos, dois aqui, e dois aqui atrás. Eles nos advertiram: “Se furar um gomo destes, não tem outro salva-vidas para você pegar”, então a gente tinha que ir dormir, mas não me pergunte como nós conseguíamos! Eu não sei explicar! [...] Cada compartimento comportava quatrocentos e cinquenta homens. Quando nós chegamos lá, estava até fresquinho lá dentro, tinha ventilação central. Mas depois de duas

noites lá, meu Deus, são quatrocentos e cinquenta homens gerando calor! Só debaixo de onde ficava o ventilador, vinha uma calha assim, aí vinha o vento para nós... Mas daí todo mundo queria ficar ali, e não dava. E, quando embarcamos, o soldado falava em castelhano, nos levou até lá embaixo, até o fundo do navio. Aí nós perguntamos para ele assim: “E como é que é isso aqui?”, e ele disse: “Não tem problema nenhum! Porque se o alemão mandar um torpedo aqui, vai estourar mais ou menos nessa altura” [...]. Aí eu perguntei: “Sim, e o que acontece?”, e ele disse: “Tem dois companheiros meus armados dormindo ali em cima da escada. Tem um alçapão. Se esse compartimento for atingido, eles fecham o alçapão”. O soldado perguntou: “Sim, mas eles deixam a gente sair primeiro?”, aí ele começou a rir, imagina... “Enche esse compartimento, mas o navio continua flutuando” – Porque são compartimentos estanques. [...] E aí no terceiro dia, no navio, ficou assim... Meu Deus! 70% estavam vomitando! Já pensou? Cinco mil e duzentos homens lá dentro! Eles espalharam milhares de baldes pelo convés. [...] ⁸⁶

Percepções registradas em livros de memórias ou entrevistas foram confrontadas com registros feitos no calor dos acontecimentos no diário do expedicionário Walter Carlos Hertel, cujas impressões sobre a viagem podem ser assim resumidas:

1º de julho de 1944.

[...] O calor nos compartimentos era insuportável, embora estando todos ventiladores funcionando. (p. 3)

2 de julho de 1944

[...] Via-se muita gente pálida, efeito do jogo do navio. [...] (p. 4)

3 de Julho de 1944

Já não-se via mais terra quando subi aos convez, acompanha[va]m-nos apenas os destróier[es] [...]. Senti-me bastante atordoado neste dia mas não cheguei a enjoar. O dia era lindo e o mar em azul profundo. À tarde houve um alarme geral, todos subiram aos convés nos respectivos postos de abandono do navio. O alarme foi de treinamento. [...] (p. 4-5)

4 de Julho de 1944

As horas passaram vagorosamente e muita gente enjoou, também neste dia me senti meio tonto. Um sargento foi recolhido ao Hospital de bordo, crise de nervos (p. 5). ⁸⁷

Veteranos da FEB que pertenceram ao segundo e ao terceiro escalões, transportados por mar de Nápoles a Livorno, em geral possuem ainda desagradáveis lembranças desse percurso feito em barcas que acomodaram algumas centenas de homens em mar agitado.

⁸⁶ Ferdinando Piske, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1923, em Timbó-SC. Depoimento concedido em 09 de abril de 2005, em Jaraguá do Sul-SC.

⁸⁷ Algumas evidências sugerem que as primeiras anotações do diário foram registradas posteriormente, na Itália: *Rio de Janeiro, 29 de junho de 1944. Vila Militar. [...] Os praças jogaram, nos últimos dias, o dinheiro fora, pois foi ordenado que podia-se levar somente 100,00 mesmo assim levei 800,00 Cr\$ que me foi trocado mais tarde em liras na Itália. [...] (p. 1) [grifos nossos]. A partir do início de agosto, há evidências de contemporaneidade entre os eventos narrados e o registro das anotações: no dia 4, por exemplo, o expedicionário ao mencionar o local onde está, escreve *não sei o nome ainda* (p. 21), informação complementada nas anotações dos dias seguintes. Quanto aos registros do trajeto à Itália, que ocorreu nesse meio tempo, a riqueza de detalhes e de datas sugere que tenham sido feitos dia após dia, imediatamente após os eventos tratados. De qualquer modo, nota-se que as impressões recentes de Walter Carlos Hertel muito se aproximam de relatos feitos décadas depois por outros depoentes.*

Conta um veterano da FEB que foi sargento do 1º RI, Alcides Conejeiro Peres, em seu livro de memórias:

[...] A segunda etapa era Livorno. Seguimos [de Nápoles] em lanchas rasas, desconfortáveis, oscilantes. Foram trinta e seis horas de navegação em mar revolto, tempestades, tromba d'água. A própria tripulação enjoava. [...] (PERES, s/d, p. 154-155)

E Adolfo José Klock, ex-combatente descendente de alemães que foi soldado do 11º RI e depois do 9º Batalhão de Engenharia:

[...] quando nós chegamos na Itália, desembarcamos de um navio grande e embarcamos em barca de invasão. Todo mundo tava curado já do enjôo do mar. E embarcamos naquelas barcas de guerra, barca de invasão, pra ir de Nápoles até Pisa. Fica lá perto de Roma. Aí, mas aquele naviozinho ia só *Ram... Ram... Ram...* ah, não demorou, todo mundo vomitando de novo! Nossa senhora!⁸⁸

Nos depoimentos orais, implicações da memória foram verificadas desde o momento da identificação das unidades da FEB a que eram adidos os entrevistados, resumidas pelo artigo de Jean-Jacques Becker sobre o *arquivo provocado* – termo criado por Jacques Ozouf – ou *autoprovocado* (no caso das memórias deliberadamente registradas pelos depoentes):

[...] pode resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas deliberadamente para “coincidir” com o que é pensado muitos anos mais tarde, lembranças transformadas simplesmente para justificar posições e atitudes posteriores (BECKER, 2005, p. 28).

Alguns dos depoentes pertencentes ao 11º RI, por exemplo, declaram ter viajado à Itália com o segundo escalão quando foram do terceiro.⁸⁹ Em outros casos, os expedicionários não sabiam o escalão ou a data de embarque, mas essas informações são sugeridas pelas unidades a que pertenceram ou atividades das quais participaram. Um dos depoentes relatou ter participado de operações em Monte Castello, mas a unidade que declarou fazer parte não foi empregada nesses combates, o que tornou complicado distinguir se foi adido de outra unidade por um período ou se forneceu informações equivocadas (quanto à unidade ou

⁸⁸ Adolfo José Klock, veterano da FEB, nascido em 1921, em Blumenau-SC. Depoimento concedido em 11 de março de 2009.

⁸⁹ A declaração faz sentido já que os dois partiram do Rio de Janeiro na mesma data em navios distintos, sendo provavelmente considerados como um só escalão de mais de dez mil homens. Se a hipótese procede, a data do acontecimento *vivenciado* adquiriu na memória maior significação do que a versão oficial. A título de padronização, contudo, foram considerados os cinco escalões descritos nos livros dos oficiais da FEB e de pesquisadores do tema.

mesmo quanto ao combate, já que adquiriu grande significação simbólica entre as operações da FEB).

O confronto com outras fontes e a análise do conjunto de experiências relatadas permitiu identificar, completar e corrigir alguns dados fundamentais para demonstrar a diversidade da amostra e compreender o que é relatado nos depoimentos. As fontes memorialísticas, dessa forma, envolveram procedimentos metodológicos que se aplicam também a fontes de outras naturezas:

Os testes básicos de fidedignidade [...] – busca de consistência interna, conferência cruzada de detalhes de outras fontes, confronto da evidência com um contexto mais amplo -, são exatamente os mesmos que para outras fontes. Todas elas são falíveis e sujeitas a viés, e cada uma delas possui força variável em situações diferentes. [...] (THOMPSON, 2002, p. 175-176).

A proposta ao analisar fontes memorialísticas foi, assim, a mesma adotada por César Campiani Maximiano em sua tese de doutorado em História Social, defendida na Universidade de São Paulo, em 2005:

Pretende-se seguir a idéia de Hynes no que diz respeito à parcela do passado cujo resgate é possível: tanto em entrevistas como em obras de memória, as informações transmitidas constituem o vestígio residual da totalidade da experiência vivida, escolhida para ser lembrada e, após lembrada, repassada a um interlocutor que não participou da experiência em questão. Portanto será utilizada a noção de “passado recuperável” sugerida por Hynes (MAXIMIANO, 2005, p. 44).

Tal concepção opõe-se diametralmente à convicção de que os relatos de veteranos da FEB consistam em retratos de acontecimentos e experiências exatamente tal como ocorreram, pretensão explicitada principalmente nas obras publicadas pela Bibliex. Pode-se citar como exemplo a apresentação feita pela editora à obra *Lenda Azul* (PAES, 1991):

Os efeitos heróicos dos integrantes do III Batalhão do Regimento Sampaio na Campanha da Itália são reconstituídos nesta obra, em que o autor, por ter participado como Oficial de Operações desse Batalhão, retrata com fidelidade, riqueza de informações e detalhes o dia a dia vivenciado nos Apeninos.

Deve-se ressaltar que o pressuposto de que todas as memórias são *ideológica e culturalmente mediadas*⁹⁰ não deve conduzir à imagem de um quadro homogêneo em relação aos depoimentos de ex-combatentes da FEB. O problema entre o individual e o coletivo na reconstrução a partir da memória é ressaltado por Alessandro Portelli, que leva em conta a constituição de memórias dominantes no interior dos Estados e dos grupos sociais:

⁹⁰ Cf. Portelli (2005, p. 106).

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é *social* e pode ser *compartilhada* (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que *langue se opõe a parole*, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. Ela só se torna memória *coletiva* quando é abstraída e separada da individual: no mito e no folclore [...], na delegação [...], nas instituições [...]. Quando compreendemos que “memória coletiva” nada tem a ver com memórias de indivíduos, não mais podemos descrevê-la como expressão direta e espontânea de dor, luto, escândalo, mas como uma formalização igualmente legítima e significativa, mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições (PORTELLI, 2005, p. 127).

Se a exaltação de grandes feitos da FEB está fortemente presente na memória cultuada pelas associações e os ex-combatentes em geral, verifica-se que se manifesta de modo desigual nos diversos livros escritos por ex-combatentes. Fragmentos de textos de oficiais, de jornais e de outros documentos, exaustivamente reproduzidos por uns, ficam em segundo plano nos relatos de outros, em que prevalecem lembranças que não se repetem em outros depoimentos. Quando vencidos os receios de vários dos depoentes em falar de suas experiências pessoais, sobressaem-se em seus depoimentos situações de horror e violência.

O choque ao observar imagens de destruição das cidades italianas resultante da violência da guerra é comumente descrito pelos entrevistados. Relata Lot Eugênio Coser, ex-combatente da FEB descendente de alemães que foi cabo do 6º RI: [...] *desembarcamos em Nápoles, um porto completamente destruído estava, não, era só esqueletos de navios afundados, e coisa de porto. Já era um lugar para mais ou menos preparar como é que nós íamos, onde que nós estávamos metidos*. De modo análogo, descreve Alcides Conejeiro Peres:

[...] Na baía [de Nápoles], viam-se muitas carcaças de navios submersos, partes visíveis enferrujadas, crateras de explosões e prédios danificados. O aspecto geral era aterrador. Cais destruído, formigueiro humano em azáfama constante. [...] Fomos conduzidos para antigo quartel de tropas fascistas na periferia da cidade. Pudemos avaliar então o que a cidade tinha sofrido. Enorme avenida que percorremos exibia a opulência e magnitude, agora em ruínas. [...] (PERES, s/d, p. 153)

A mesma experiência é também relatada no diário de Walter Carlos Hertel:

Dia 17 de Julho de 1944

[...] chegamos ao Porto de Nápoles. [...] Chegando mais perto dos caes, vimos o efeito dos bombardeios, navios afundados que sómente aparecia os mastros ou a proa, todos edifícios perto dos caes estão destruídos e onde a gente olha, ruínas e mais ruínas. O céu estava cheio de balões de barragem de todos tamanhos. [...] (p. 9)

Entre os ex-combatentes da FEB são constantes menções da situação enfrentada pela população italiana em decorrência da guerra, observada desde a chegada até o fim da guerra. Relatou Ferdinando Piske: [...] *Nós chegamos lá, o navio ancorou, foi preso no porto. Então, de repente, alguém jogou uma xepa de cigarro lá embaixo. Tinha uns vinte italianos, eles voaram em cima da xepa de cigarro [...]*⁹¹. O veterano Arnaldo Müller, descendente de alemães que integrou o Depósito de Pessoal e viajou com o quinto escalão, expôs o seguinte sobre as primeiras impressões da Itália:

A italianada lá em baixo, lá em baixo, o navio era muito alto... Estava assim lá de italianinhos, mulheres, homens, crianças, pedindo pelo amor de Deus uma comidinha... Então a gente jogava o que a gente tinha ainda, eles pulavam em cima que nem galinha pegando milho... Eu falei “Meu Deus, que miséria!”. [...]

A miséria enfrentada pelos italianos é também destacada pelo veterano da FEB descendente de alemães Alfredo Gaertner, sargento do 11º RI, que chegou à Itália no terceiro escalão:

[...] A situação da população italiana estava horrível. Não tinham nada, nada. E essa questão de fumar, isso é um vício difícil de deixar. E nós já tava lá há uma semana lá na guerra e aquela população lá na frente, pedindo, os meninos, as moças, os rapazes, homens, pedindo um cigarro. [...] Em todas as cidades não tinha nada. Nada, nada, nada, nada mesmo! Não tinha alimentação, [...] não tinha nada.⁹³

João Carturano, soldado que também pertenceu ao 11º RI, comentou sobre o fim da guerra: [...] *E depois da guerra, então nós tinha dó daquelas crianças, que não tinha comida pra elas comer e vinham pedir comida pra nós.*⁹⁴ A prostituição decorrente da miséria sofrida na Itália é também apontada por alguns dos depoimentos, como o livro de memórias do veterano da FEB Nilson Vasco Gondin, sargento do 6º RI:

[...] conheci uma mocinha dos seus 19 a 20 anos, que me convidou para fazer um *programa*. Tudo bem, vamos, onde? Lá em casa, disse ela. OK, vamos. Lá chegando, entramos numa peça ao rés do chão, porão, onde se encontrava toda a família. Avós, pais, irmãos, irmãs, filhos, enfim toda a família. A um sinal da mocinha, todos foram saindo, rindo, fazendo gracejos, etc. [...] (GONDIN, 2000, p. 79).

⁹¹ Ferdinando Piske, depoimento citado.

⁹² Arnaldo Müller, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1919, em Gaspar-SC. Depoimento concedido em 11 de março de 2009, em Blumenau-SC.

⁹³ Alfredo Gaertner, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1923, em São Bento-SC. Depoimento concedido em 12 de novembro de 2010, em Jaraguá do Sul-SC.

⁹⁴ João Carturano, veterano da FEB, nascido em 1916, em Brusque-SC. Depoimento concedido em 12 de março de 2009, em Blumenau-SC.

Relatos da miséria e prostituição entremeiam também as anotações feitas por Walter Carlos Hertel na Itália:

17 de Julho de 1944 [Nápoles]

[...] Notamos na nossa caminhada a grande miséria do povo que está abatido moral e fisicamente. Vi como os italianos brigaram por um cigarro, pontas de cigarro que nós jogávamos fora eles avançavam em 4 ou 5 para ajuntá-las. por cigarros consegue-se tudo. [...] (p. 10-11)

E sobre um passeio que fez a Nápoles, durante o período em que o 6º RI esteve acampado em Agnaro, em 20 de julho, comentou:

[...] O povo em geral vive em grande miséria, razão que a prostituição é o meio de vida de muitas famílias, as crianças levam os soldados até onde tem uma bela senhorita como dizem, e fiquei bastante admirado quando um destes garotos me levou a uma casa de família, com muitas crianças, onde a tal Srta. praticava o ganha pão na mesma sala numa larga cama que era oculta só mesmo por cortinas leves que impediam a assistência direta das crianças. Pelo ato sexual cobram 2 a 3.000 liras. A prostituição começa desde as meninas de 12 a 13 anos, quasi todas estão doentes. [...] (p. 12)

Meses depois, a situação era identificada noutra cidade:

Stazzema. Sábado, 30 de Setembro de 1944.

[...] O povo aqui [refere-se a um passeio à cidade de Camaiore] é faminto, na hora do rancho sai até briga entre mulheres, homens e crianças por restos de comida. Vergonha este pessoal não conhece e os praças não são orgulhosos e cambeiam com mulheres até casadas o corpo por um pouco de comida. [...]

A perseguição feita pelos italianos *partigiani* às mulheres consideradas colaboracionistas dos alemães, em cidades conquistadas pelos Aliados foi relatada no livro de memórias de Nilson Vasco Gondin:

Em Camaiore, assistimos cenas degradantes. A população revoltada pegava as mulheres colaboracionistas, raspava suas cabeças e, cobertas de andrajos, faziam-na desfilar pela cidade sob o achaque e zombarias do povo. Às vezes, tínhamos que intervir para evitar massacres. (GONDIN, 2000, p. 109)

O temor quanto à ação dos *partigiani* é relatado no diário de Walter Carlos Hertel, nos registros feitos em Stazzema, em 30 de setembro de 1944, que discorrem sobre uma italiana com quem lá falou em alemão: *A coitada está bem aborrecida com os partigianos que pretendiam rapar o cabelo ruivo lindo dela por ela ter servido forçada aos alemães de intérprete.* [...] (p. 63). Coincidência ou não, os dois depoentes integraram o 6º RI e referem-se à segunda metade de setembro, em localidades bastante próximas: pode-se indagar se a ação dos *partigiani* foi mais marcante naquela situação, não vivenciada por expedicionários de outras unidades.

Há, por outro lado, aspectos relacionados à população italiana que não são tratados no diário de Walter Hertel ou nos depoimentos de outros ex-combatentes que pertenceram ao primeiro escalão, mas são enfatizados em entrevistas de outros veteranos da FEB, talvez por terem ocorrido mais intensamente em regiões em que permaneceram tropas chegadas noutros escalões. João Carturano relata, a respeito dos maus tratos recebidos pelos italianos por parte dos soldados alemães: [...] *os italianos, que estavam sofrendo muito com os alemães. Os alemães derrubavam as casas, derrubavam a ponte e quebravam as árvores, tiravam as criações deles, matavam. E judiavam, né? [...]*⁹⁵. Detalhou o livro de memórias de José Alves da Silva (2001, p. 247) sobre uma forma de violência praticada pelos alemães às mulheres italianas: [...] *Muitas moças traziam uma atadura amarrada à perna, um pouco acima do tornozelo. [...] as pernas amarradas cobriam a cruz, gamada impressa à fogo, nas moças que ficaram com jovens soldados alemães [...]*. O assunto é abordado também por Arnaldo Müller:

[...] os alemães [...] faziam das moças o que eles bem entendiam... Deram uma ordem em todas as cidades da Itália, [exigindo que] a porta da frente deveria permanecer aberta para eles, especialmente [para] fazer o que bem entendiam com as coitadas das mulheres. Então houve muito sofrimento. Eles ainda davam assim um carimbo embaixo do joelho, mesma coisa quando fazem um carimbo nos cavalos aqui, para reconhecer. Aqui eles faziam com as moças. A gente sabia direitinho o que tinham feito com tal moça, todas eram de vestidinho curto [...] Foi uma coisa muito triste.⁹⁶

2.1.1 Treinamentos, patrulhas e combates

Sobre os treinamentos na Itália, o diário de Walter Carlos Hertel revela anotações com queixas de dores no corpo e comentários de severas queimaduras de sol nas costas que sofreu, acidentes ocorridos com outros expedicionários, e ocasiões em que conseguiu escapar de atividades de instrução, o que sugere que não considerava serem experiências das mais agradáveis. Embora discordem quanto à maior ou menor dureza dos treinamentos no Brasil, depoimentos de ex-combatentes de diversas unidades relatam que a instrução tornou-se mais pesada na Itália. Nilson Vasco Gondin (2000, p. 78-79) descreve em seu livro treinamentos rigorosos no acampamento próximo a Nápoles e Ferdinando Piske, também do primeiro escalão de embarque, afirmou:

[...] Nós treinamos pouco no Rio de Janeiro, mas o treinamento mais intenso foi lá na Itália, quando nós fomos treinados por oficiais e sargentos

⁹⁵ João Carturano, depoimento citado.

⁹⁶ Arnaldo Müller, depoimento citado (2009).

americanos, vindos diretamente do *front*. Eles já estavam há vários anos em guerra, conheciam, e nós fomos treinados por eles. [...] ⁹⁷

No mesmo sentido, relatou B. A. S., que chegou à Itália com o segundo escalão: [...] *Participei de todos os treinamentos – porque lá fizemos treinamento muito puxado. Antes de ir para o front. Muito puxado. [...]* ⁹⁸. Relatou Ervino Riffel, do terceiro escalão:

[...] Nós tivemos um treinamento muito forte no Rio de Janeiro. [...] Até nós tínhamos treinamento de tiro real, que a artilharia atirava por cima de nós, e as metralhadoras, e nós tínhamos que rastejar por baixo para não pegar tiro. [...] Era treinamento, era tudo, era educação física, treinamento, e aprendendo a manejar as armas, nós tínhamos armas americanas aqui, algumas, para treinamento. Lá depois [na Itália] nós recebemos os armamentos para a guerra, tudo completo. ⁹⁹

Para Adolfo José Klock, marcaram mais os treinamentos da Itália, pois contou que no Brasil trabalhava na cozinha: [...] *aqui pouco valeu, depois quando chegamos lá o americano é que deu instrução. Ô!* ¹⁰⁰ O ex-combatente A. C. P., do quinto escalão, também destaca: [...] *no porto de Pisa, então tivemos a instrução lá. A rede farpada, tinha que passar por baixo da rede e a metralhadora atirando por cima. A gente não podia levantar a cabeça, porque senão era atingido. [...]* ¹⁰¹ E Manuil Goethel Piegas:

[...] Stafoli era um local onde estava feito um acampamento de pessoal como reserva para a qualquer momento serem chamados para ir para o *front*. Nesse local, era um local de treinamento também. Treinamento bem rígido, porque era para ali que iriam os futuros substitutos para combater no *front*. [...] ¹⁰²

Fridolino Kretzer detalhou os treinamentos que recebeu no Brasil, antes de embarcar com o quarto escalão, e na Itália:

[...] O treinamento era em Blumenau. E muito exigente, com muita instrução. Muito mesmo, hoje em dia quase não fazem nada. Para nós era desde de manhã à noite. Treinamento e preparo físico, como é que vai correr lá na guerra se não se tem preparo físico? Era passar por, como é que se diz, obeliscos, não, mas uma coisa parecida, atravessar lugares de perigo, cair de barranco, aquelas coisas. Nós fazíamos mesmo o treinamento para a guerra. [...] Ali [na Vila Militar] começamos novamente as instruções. A pular

⁹⁷ Ferdinando Piske, depoimento citado.

⁹⁸ B. A. S., veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1923 em Cachoeira do Sul-RS. Depoimento concedido em 22 de abril de 2009, em Novo Hamburgo-RS. Não pôde assinar a carta de autorização por ter sido hospitalizado dias após a entrevista.

⁹⁹ Ervino Riffel, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1919, em Brusque-SC. Depoimento concedido em 08 de abril de 2005, em Brusque-SC.

¹⁰⁰ Adolfo José Klock, depoimento citado.

¹⁰¹ A. C. A. P., veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1920, em Pelotas-RS. Depoimento concedido em 23 de abril de 2009, em São Lourenço do Sul-RS. Nome do depoente omitido pela impossibilidade de entrar em contato após a entrevista.

¹⁰² Manuil Goethel Piegas, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1922, em Uruguaiana-RS. Depoimento concedido em 22 de abril de 2009, em Porto Alegre.

obeliscos, várias coisas assim. Redes, nós subíamos em enormes redes, tudo frouxo, difícil para passar. [...] E eu fiz as quatro semanas de instrução forçada [na Itália] com os monitores americanos, fiz tudo... Eles quase matavam a gente!¹⁰³

E também Arnaldo Muller, do quinto escalão:

[...] Ah, o treinamento aqui no Brasil era assim, era que nem... é, um treinamento você sabe como é, né?! É uma luta, assim, toda a vida é como é ainda. Às vezes é no mato, às vezes é fazer tiros, às vezes é a educação física, e também... [...] isso era que nem agora também aí. Só que lá na Itália era mais brabo. Lá sempre nós tínhamos que fazer esse treinamento embaixo de bala real. Aqui não tinha isso ainda. Eles fazem o combate aqui, mas é tudo sob balinhas [...] Ali [Em Stafoli] era fogo, né?! Era uma instrução dia e noite, era um cacete. Barbaridade! Era um trabalho tão grande, que parecia que “meu deus, acho que querem acabar com a gente aqui”. Mas era uma realidade. Eles tinham que nos preparar para ir para o *front*. [...] ¹⁰⁴

Referindo-se a suas rotinas na Itália, os ex-combatentes relatam diferentes situações de dificuldades. O frio enfrentado no rigoroso inverno dos Apeninos, bastante destacado pela maioria dos ex-combatentes, geralmente não foi mencionado pelos entrevistados que integraram o quinto escalão, que chegou à Itália já em fevereiro. Aponta Joaquim Xavier da Silveira (2001, p. 113) que *lama, chuva, neve e frio* foram *desafios diários a que se submeteu o combatente brasileiro*. Conta Nilson Vasco Gondin (2000, p. 113): [...] *A temperatura começou a descer e alcançamos a graduação de 20 graus negativos. Vivíamos em tocas nas contra encosta dos morros. Enchíamos as tocas de palha e papel, para que elas se tornassem mais habitáveis e confortáveis [...]*. Outra passagem destaca que a temperatura era de [...] *22 graus negativos, que nos obrigava a uma movimentação intensa dos membros inferiores, sob pena de termos nossos pés congelados, advindo a gangrena e a necessidade da amputação [...]* (GONDIN, 2000, p. 65).

Relata José Alves da Silva (2001, p. 80-81) que num combate de inverno em Monte Castello esteve [...] *Dentro daquele buraco cheio de lama e água gelada, sem poder movimentar as pernas [...]*. O entrevistado Sebastião Ribeiro Duarte lembra o mesmo: [...] *Aí fomos pro front. Ficamos no gelo. Quase morremos lá. Aí fomos para Monte Castelo... Aí lá foi meio... congelou a mão [...]* Relato semelhante apresenta Alcides Conejeiro Peres sobre a mesma época:

[...] Parados, molhados, congelávamos. Três ceroulas de lã e três camisas de malha. Em cima disso, mais três calças de lã, grossas, e três gandolas do mesmo tecido. Ainda: uma jaqueta de campanha e capote de lã. Na cabeça

¹⁰³ Fridolino Kretzer, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1922, em Indaial-SC. Depoimento concedido em 09 de abril de 2005, em Jaraguá do Sul-SC.

¹⁰⁴ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

um gorro de lã encimado por dois capacetes, um de fibra e um de aço [...] (PERES, s/d, p. 167).

As vestimentas descritas por Manoel Linhares enfatizam o frio enfrentado:

[...] Nós não tínhamos mais o que vestir para nos aquecer melhor. A galocha sem o bozequim, estava cheia de feno, palha de trigo para conservar os pés quentes, a fim de evitar pé-de-trincheira, para não congelar ou ter de amputá-los. Além de toda roupa de lã usada, vestíamos ainda um grosso, comprido e pesado casaco sobretudo, que parecia mais ser um *carpet* cor de caramelo, diziam ser inglês. O meu, por exemplo, além de tudo mais, tinha ainda duas manchas de sangue seco. Também vestíamos um bom cachecol de lã em volta do pescoço, casquete de lã, onde só apareciam os olhos e a ponta do nariz, capacete de fibra por baixo e de aço por cima e depois para completar, uma larga e confortável capa branca que ia do capacete de aço aos pés, onde dentro da neve nada se via, pois tudo era branco (LINHARES, 2004, p. 71).

Walter Hertel, que estava em Monte Cavalloro no início do inverno, registrou em seu diário suas impressões sobre o frio:

Monte Cavalloro. 19 de Novembro de 1944.

[...] Todo mundo dormiu nas posições e fez bastante frio. [...]

Monte Cavalloro. 4ª Feira, 30 de Novembro de 1944.

[...] Está um tempo miserável, vento, frio e chuva, tenho pena do pessoal que dorme no tempo, no molhado, tendo somente 2 mantas, capote e pano de barraca, todos os homens dormem nas trincheiras, dormindo 2 horas e vigiando 2 assim consecutivamente desde que chegamos aqui em Monte Cavalloro.

Nas linhas de frente, são lembradas pelos ex-combatentes situações de perigo e tensão constantes. B. A. S., que foi sargento transferido do Centro de Recompimento de Pessoal (CRP) para o 11º RI em janeiro de 1945, relatou que comandou patrulhas perigosas. Além disso, por pouco não foi morto por uma bomba quando estava a certa distância da linha de frente, depois de ter sido quase atingido por uma granada que o deixou atordoado:

[...] A casamata era um buraco cavado num barranco para disfarçar, para não denunciar as posições da gente, e eu dormia lá e embaixo, a uns 800 metros ou mais, tinha uma linha de mais de 30 canhões que atiravam a noite inteira. Tiro de inquietação, como era chamado. E eu, a primeira noite, quase amanheci enterrado, porque caía terra com os estrondos dos canhões. Aí, no dia seguinte, a uns 60 metros tinha uma árvore, uma arvorezinha que parecia um guarda-chuva: “Capitão, eu vou dormir debaixo daquela árvore”. “Beeeno...” [...] Primeira noite, deitei, sentei no saco de dormir [...] rezei, olhei as linhas de canhão lá *Bam! Bam! Bam!* [...] Dormi feito um anjo! Segunda noite: dormi feito um anjo! Terceira noite: deitei, fiz a mesma coisa. Deitei de costas, não deu certo, do lado direito não deu certo, esquerdo, de barriga para baixo não deu certo, enrolei meu saco e fui para o buraco. [No] dia seguinte, [...] eu levantei a cortina, aquele sol do dia. [...] olhei lá para a minha árvore, um monte de terra, um monte de soldado cavando lá. Aí eu fui indo para lá. Aí um soldado disse: “Capitão, não é

aquele sargento?” [...]. Botaram uma bomba de uma tonelada em cima da minha árvore. Depois eu fui lá, olhei o buraco, vi um monte de terra. Me arrepiei. E correu a notícia de que houve um acidente comigo, tal e coisa.¹⁰⁵

Ervino Riffel, soldado que atirava com bazuca pertencente a um pelotão de petrecho do 11º RI, conta o perigo do trajeto ao front em Monte Castello:

[...] nós tínhamos que ir de noite. Até os caminhões apagavam as luzes e só ia com aquele farolzinho, mais um pedaço, depois nos mandaram desembarcar e ir a pé, um atrás do outro, numa distância de três metros. Porque aí os canhões dos inimigos já atiravam por cima de nós, e era tiro de metralhadora... [...] Só que os americanos fizeram uma neblina artificial para os alemães não verem o nosso movimento. [...] Tinha uma ponte lá, a Ponte Porreta-Terme. Aquela ponte foi bombardeada dia e noite, e nós tínhamos que passar... Às vezes caía granada dentro do jipe... E aquela neblina... [...]¹⁰⁶

Ferdinando Piske conta que, quando sargento e comandante de pelotão do 6º RI, quase foi atingido por uma rajada de metralhadoras de norte-americanos, que pensaram que ele e o soldado que o acompanhava fossem alemães:

[...] Tinha uma senha. Toda a noite trocava essa senha, e a gente tinha que dizer. Mas esquecemos! Daí o soldado disse: “Sargento, diz a maldita senha!”. Eu disse: “Bom, você sabe qual é?”. Ele disse: “Não sei não”. Eu disse: “Então...” – E me deu um estalo. Aí eu gritei “*Brazilians!*” Aí o cara lá disse: “*Ok, Brazilians. Come on!*” Aí nós fomos lá, de mãos levantadas. Aí ele botou um facho de luz na nossa cara, e disse “*Ok, Brazilians, I am sorry*”. Aí nós juntamos nossos fuzis e fomos. [...]¹⁰⁷

José Alves da Silva relata suas primeiras experiências na linha de frente de Monte Castello: [...] *Durante o dia 1º permanecíamos quietos, sem mostrar a cabeça para não atrair os bombardeios, porque os tedescos passavam os dias de binóculos nas mãos, procurando descobrir as nossas posições. [...]* (SILVA, 2001, p. 80-81). Nilson Vasco Gondin relata o poder de destruição do armamento dos inimigos:

A metralhadora do alemão, que nós chamávamos de ‘lurdinha’, dava de 1.000 a 1.200 tiros por minuto, enquanto as nossas davam, no máximo, 450 tiros. [...] Uma rajada de lurdinha cortava o soldado pelo meio [...]”
A verdade é que não podíamos facilitar e confiar em nada. encontravam-se armadilhas nas coisas mais insignificantes. Eram os *bob-trap* – armadilhas para tolos –, encontrados em diversos objetos: em armas, espelhos, canetas, retratos tortos pendurados na parede etc. [...] Até em cadáver de nossos companheiros eles punham bombas [...].
Poços de água envenenada era uma constante. Como tomávamos muita água,

¹⁰⁵ B. A. S., depoimento citado. Relatou o depoente que por causa do episódio sua noiva no Brasil recebeu a notícias que tinha morrido. Quando regressou ao Brasil, ela tinha casado com o carteiro que entregava suas cartas enviadas da Itália até então.

¹⁰⁶ Ervino Riffel, depoimento citado.

¹⁰⁷ Ferdinando Piske, depoimento citado.

levávamos um produto para esterilizá-la e um antídoto para o veneno. (GONDIN, 2000, p. 112)

Relatou Sebastião Ribeiro Duarte:

[...] O primeiro combate que eu entrei no *front* nós fomos render outra Cia. E no [inaudível] tinha um pé de castanha, bem ramalhudo. Ah! Ali pelas nove estouraram bomba em cima de nós. Morteiro... Pegou granada em cima do pé de castanha, em cima, cortou tudo. “Puxa merda, o primeiro combate e eu já fui pro pau!” E tinha um paulistinha, que era meu colega, que era pequeninho, magrinho. Eu digo agora “Já viemos e já vamos pro pau!” [risos]. Mas dessa escapamos. [...] ¹⁰⁸

Arnoldo Müller, soldado da 8ª Cia. do Depósito de Pessoal, tratando de experiências do acampamento de Stafoli, conta que homens empenhados em atividades de retaguarda estavam sujeitos ao medo e o perigo:

[...] Então nós ficamos mais ou menos um mês, a gente cuidava daqui e dali, até de noite a gente tinha que dar guarda... numa escuridão! [...] De repente, eu estive de guarda, umas duas horas da madrugada, eu vi um bicho pular, assim, de branco... “Meu Deus, será que é um alemão?” Mande ele parar umas duas, três vezes, não parou, toquei-lhe a bala! Mas aí desapareceu, no outro dia fui lá ver, era um grande, um coelhão branco. De noite parecia uma pessoa... Mas, dá um medo de noite, né?! Depois, naquele lugar, naquela época, puxa, merda! Normalmente a gente era surpreendido por um inimigo, que por toda a parte estava. [...] os americanos fizeram manobras bem perto daquele depósito, aí um destes americanos soltou um tiro de bazuca [...] Não sei como é que foi, aquilo foi bater lá naquele depósito, naquele de munição. Estourou, e começou a pegar fogo, ah, mas foi uma coisa feia, viu?! Se nós tivéssemos ficado, não sobrava nada. [...] ¹⁰⁹

A explosão do depósito de munição ocorreu quando o depoente havia recentemente deixado o local. Em entrevista posterior, complementou:

[...] a gente estava almoçando, de repente chegou um estilhaço daqueles perto de mim, assim! Era uns três km de distância daquele depósito de munição, e o estilhaço veio até perto da gente, aí eu vi a força que tem um estilhaço. Por isso muitos companheiros nossos ficaram pendurados nos pinheiros, né... Pisavam em cima de uma mina, e aquilo estourava e se ali tinha mato perto, pedaço ficava pendurado nos paus, nos pinheiros... ¹¹⁰

Mas são as patrulhas as missões consideradas por vários ex-combatentes como as situações mais perigosas da FEB, inclusive por aqueles que não participaram de nenhuma. É o caso de Lot Eugênio Coser:

¹⁰⁸ Sebastião Ribeiro Duarte, veterano da FEB, nascido em 1921, em Bom Retiro-SC. Depoimento concedido em 11 de março de 2009, em Blumenau-SC.

¹⁰⁹ Arnoldo Müller, depoimento citado. 2005. O episódio foi novamente lembrado pelo depoente em entrevista realizada em 2009.

¹¹⁰ Arnoldo Müller, depoimento citado. 2009.

Olha, na FEB eu acho que o era mais difícil para o soldado é a patrulha, né, compreende? Porque o patrulheiro tem que sair de noite, em geral de noite, em terreno desconhecido, enfrentar terreno minado... Não sabe onde vai encontrar o inimigo. Então aí é a parte mais difícil. Mas eu, felizmente, nunca dei patrulha, porque eu era Chefe de Metralhadora. Chefe de Peça de Metralhadora. Quem dá patrulha é só fuzileiro.¹¹¹

E também de Manuil Goethel Piegas:

[...] A patrulha é uma das piores missões que tem para quem vai fazer. Porque vai entrar em campo desconhecido, não sabe o que tem na frente, não sabe quem é que está do lado e também muitas vezes não sabe quem está na retaguarda, compreende?¹¹²

A natureza dessas missões é assim descrita por Joaquim Xavier da Silveira:

[...] cruzavam a “terra de ninguém” em cumprimento de vários tipos de missão: captura de prisioneiros, reconhecimento de posições, golpes de mão em posições inimigas, para neutralizá-las, impedindo que causassem danos à linha brasileira [...] (SILVEIRA, 2001, p. 139)

Consistindo em operações feitas por pequenos grupos, esse ex-combatente considera que [...] *Foi nessa época das patrulhas da neve que se escreveram brilhantes páginas de heroísmo individual do soldado brasileiro [...]* (SILVEIRA, 2001, p. 139). Além de constante apreensão no posto de observação, A. C. P., que foi soldado da linha de frente, relatou sobre uma patrulha frustrada de que participou:

[...] Mais ou menos à meia-noite, ou madrugada, assim, aí fomos fazer patrulha. E quando chegamos lá na casa onde estavam os alemães lá, eles observaram, ouviram, sentiram que tinha movimento, aí eles começaram a soltar granada, morteiro, e a artilharia, e aí eles vigiaram... Aí eles observaram tinha movimento. Aí nós tivemos que se retirar, porque nós íamos para prender eles dentro de casa, mas quer dizer que não deu a ocasião, porque eles talvez observassem antes que nós chegássemos perto da casa. E aí, quer dizer que quando nós observamos que eles iam nos prender, aí nós fugimos para trás. [...] ¹¹³

Ferdinando Piske foi comandante de patrulhas:

[...] Muitas vezes a gente saía de noite, de madrugada, tremendo pela base [...] Uma vez eu estava comandando a patrulha, outra vez o pelotão todo. Os alemães aprontaram uma armadilha para nós. Nós passamos por um caminho, eles nos deixaram passar, então na volta a gente já vinha tranquilo,

¹¹¹ Lot Eugênio Coser, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1924, em Quaraí-RS. Depoimento concedido em 20 de abril de 2009, em Gaspar-SC.

¹¹² Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

¹¹³ A. C. A. P., depoimento citado.

e daqui a pouco a gente topava com eles. Aí tinha que brigar. Mas, felizmente, nessas patrulhas, nunca houve problemas. [...]¹¹⁴

Mas noutra ocasião não teve a mesma sorte, perdendo um dos homens de seu pelotão:

[...] Foi fazer uma patrulha, e na volta os alemães começaram a atirar, e ali o terreno era todo minado [...]. Quando o sargento gritou para ele “Vem embora, nós vamos dar cobertura”, eles entraram em posição, mas ele foi atingido por uma rajada de metralhadora nas costas quando estava passando por ali. [...]¹¹⁵

Relata também Ervino Riffel, sobre uma patrulha que antecedeu a tomada de Montese:

[...] durante o inverno mesmo, o inverno brabo, de janeiro até fim de fevereiro, que caía muita neve, aí nós não atacamos, nós ficamos só fazendo patrulhamento. Aí fazia patrulhas. Eles também. Eles faziam patrulhas para cá, para ver onde nós estávamos, descobrir alguma coisa de nós ali, e nossa patrulha ia para lá. Aí nós tínhamos que fazer golpe de mão, era o seguinte: nós descobríamos que lá tem uma casa que está cheia de inimigos, então vinha a ordem do nosso comandante. E nós tínhamos que ir lá e trazer aqueles alemães vivos ou mortos. É... isso era feito geralmente de madrugada, lá pelas duas, três horas da madrugada, quando nós calculávamos que já estavam mais cansados, com sono, que não estavam mais vigiando bem [...] Aí ia um grupo lá, às vezes vinte homens armados... às vezes dava certo, às vezes não, não era sempre que dava certo. [...] Eu participei de um desses golpes de mão, e tinha que ir reforçado com a metralhadora. Naquele dia morreram três soldados nossos e nós não conseguimos. [...] Aí nós pedimos tiros de nossa artilharia, para nós podermos recuar, retrair. [...] Nós voltamos com os nossos mortos... Foi lá em Montese, antes de nós tomarmos a cidade de Montese.¹¹⁶

Tais situações contrastam com os relatos dos livros dos oficiais da FEB, na medida em que se concentram no relato dos combates. Uma crônica escrita por Rubem Braga (1964, p. 202) em 18 de janeiro de 1945 já denunciava a diferença entre os pontos de vista de subalternos e superiores sobre as patrulhas: [...] *E, no dia seguinte o comunicado diz que “a frente estêve calma, limitando-se a atividade de patrulha”. Mas para os homens que fazem êsses passeios a 14 graus abaixo de zero – a noite não é tão calma assim.*

2.1.2 Medo e tensão

As baixas de colegas mortos ou feridos estão entre os momentos lembrados pelos depoentes com grande emoção e tristeza. Muitas ocorreram na tomada de Montese, operação

¹¹⁴ Ferdinando Piske, depoimento citado.

¹¹⁵ Id.

¹¹⁶ Ervino Riffel, depoimento citado.

em que houve o maior número de brasileiros mortos. A. C. A. P., que mais tarde – nos combates em Zocca – seria ferido por um estilhaço de granada, contou o horror vivenciado:

[...] Ali foi uma coisa muito feia. [...] Na serra de Montese tinha uma igreja, com uma torre muito alta. E a gente tinha os alemães lá observando todos os movimentos. [...] E tinha um tanque na frente dirigido pelo americano. Então nós íamos avançando, e quando eles viam que a artilharia alemã ia bater em cima da gente, então ele parava, e nós tínhamos que parar também. Aí nós nos atirávamos no chão, rastejando. Levamos um dia inteiro até chegar na cidade de Montese. [...] eles atiravam muito, a artilharia. Morteiro e bombas. Então ficava aquele poço de terra solta, então eles começavam a minar. [...] A pessoa pisava em cima, aí o poço explodia [...]. Ali ficou muita gente boa. Porque muita gente ali morreu e foi atingido, lá. Até que tinha um mulato, um negro... [...] Um olho tinha saído fora, e [com] o outro ele mal e mal enxergava. E um companheiro nosso também foi atingido por uma granada... Foi atingido e, infelizmente, naquela época ele faleceu. Ali ficamos dois dias, no terceiro fomos substituídos por outra companhia. [...]¹¹⁷

Relata também Lot Eugênio Coser:

[...] Outros fatos que me marcaram foram as mortes dos meus dois soldados. Um estava de sentinela comigo quando morreu. E o outro, eu estava sentado junto com ele e convidei ele para sair daí porque estava caindo granada de morteiro perto, ele não quis sair, e quando eu saí a granada caiu em cima dele, ele morreu. Também isso grava muito a gente. [...] Morreu em 16 de abril, em Montese [...].¹¹⁸

E Manuil Piegas:

[...] Na tomada de Montese eu era o 2º sargento auxiliar de pelotão, quer dizer, a segunda pessoa depois do tenente comandante de pelotão. E o meu tenente comandante de pelotão foi recolhido para a retaguarda. Isto porque caiu uma granada de morteiro nas imediações e com o deslocamento do ar ele ficou, vamos dizer assim, em estado de choque e não pôde continuar. [...] Eu tive muitas perdas no meu pelotão. Eu tive um amigo, meu colega, quando faço contato com ele agora eu digo que meu vizinho de *foxhole*... [...] Ele era meu vizinho. Ele recebeu também... Recebeu um tiro no ombro e teve que se recolher à retaguarda. Aí eu mandei o cabo que era substituto, o cabo do grupo de combate, ele assumiu o comando do grupo. [...] Eu disse “Cabo Bombacha, assumo o comando do grupo” [...] E o Bombacha me disse assim “Ah, Sargento Piegas! É dessa vez que eu não volto mais para casa”. Mas, felizmente, voltou. Mas eu perdi um cabo do meu pelotão. O Cabo Moisés de Oliveira, que levou um tiro. Embora com capacete de aço, penetrou a bala no capacete, ele morreu. Tive um soldado também que perdeu uma perna. A perna não propriamente, o pé, em uma mina. Porque na frente de Montese [tinha] uma várzea, e ali tinha um cemitério. E nas imediações do cemitério e dentro do cemitério estava cheio de mina anti-

¹¹⁷ A. C. A. P., depoimento citado.

¹¹⁸ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

peçoal e anti-carro, compreende? E foi numa dessas que o Almeida perdeu o pé.¹¹⁹

E ainda Ervino Riffel:

[...] Aí avançamos, entramos na cidade de Montese, que foi o meu batalhão que tinha que entrar. Naquele dia morreram 60 soldados brasileiros. O combate foi o dia todo. Era só fogo, e fumaça, não se via quase nada. Aí morreu aquele nosso tenente, não me lembro agora o nome dele... tenente aqui de Santa Catarina, mas de perto do Paraná... Canoinhas. [...] ¹²⁰

Adolfo José Klock, enquanto esteve no 9º Batalhão de Engenharia, atuava na descoberta de minas alemãs para que então outros contingentes brasileiros pudessem avançar. Em uma missão da qual não participou, uma mina explodiu acidentalmente, deixando em sua memória cenas chocantes e inesquecíveis de seus colegas mortos: *Barbaridade! Depois [...] o sargento tirou nós pra tirar as fotografias, e o sargento conhecemos pela pele que estava pendurada na castanheira que tinha ali perto. A pele da cabeça.*¹²¹ Relatou outros momentos traumáticos de uma ocasião em que, porque um capitão que comandava tropas não permitiu que o pelotão de minas fizesse seu trabalho, uma mina explodiu e o depoente acabou participando da retirada de mortos e feridos:

[...] Aí chegamos lá então, todo mundo no campo minado. E aí começamos o trabalho. [...] Aí começamos a abrir passagem... para tirar os feridos. Tinha doze. Um sem perna, outro sem nenhuma perna, outro com a mão arrebentada... e não tinha mais padioleiro, não tinha mais enfermeiro... Aí o que fizemos: pegamos a manta e, em quatro, botamos os feridos lá dentro e carregamos para fora do campo minado, até no lugar onde chegava a ambulância. Trabalhamos a noite inteira. Frio, frio, geada, ô!¹²²

Ferdinando Piske relatou a decisão que teve que enfrentar diante de uma civil italiana muito ferida pelos combates travados entre brasileiros e alemães:

[...] a guerra é um horror. [...] a gente passou por cada coisa... Por exemplo, uma outra cidade que nós tomamos, Zocca, foi destruída durante uma noite pelas duas artilharias: a nossa e a dos alemães. Os alemães não queriam deixar a gente avançar, e nós queríamos avançar e expulsá-los. Então, os dois se pegaram. Em pouco tempo – era uma cidadezinha como o centro de Guarimir – isso ardia de ponta a ponta. [...] A certa altura, ouvimos os gritos de uma mulher “Per amor, me matem! Me matem! Me matem!”. Aí nós chegamos perto, a coitada estava com uma criança toda carbonizada, de uns três anos, deitada em cima dela, ela com a perna quebrada, com uma baita viga de concreto em cima, e também toda queimada. E gritando “Me matem! Me matem! Me matem!”. Aí o soldado que estava comigo puxou

¹¹⁹ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

¹²⁰ Ervino Riffel, depoimento citado.

¹²¹ Adolfo José Klock, depoimento citado.

¹²² Id.

uma pistola e olhou para mim, e eu fiz assim [sinal afirmativo]. Aí eu fui andando, dali a pouco eu virei a esquerda, estava o pelotão lá. Aí nós ouvimos aquele tiro seco, e os gritos cessaram. Mas é uma barbaridade! Pelo menos libertaram a pobre da mulher, já que ela ia morrer mesmo. [...] ¹²³

Pode-se imaginar o medo e tensão decorrente de longos períodos sob circunstâncias como essas. Relatou Manuil Piegas: [...] *No caso, é o seguinte: se alguém te disser que não tinha medo, está mentindo. Medo todo mundo tem. O importante é que o camarada saiba, vamos dizer, dominar esse medo.* [...] ¹²⁴. Lot Eugênio Coser conta sobre o medo dos expedicionários:

[...] Que o soldado brasileiro sentiu medo lá, isso eu vi, não é, eu mesmo tive muito medo. Agora, uns tem... Como é que eu vou explicar, uns resistem melhor ao medo do que outros. Uns tremem, outros não tremem... Eu, graças a Deus, nunca tremi. Tinha medo, mas não tremi. Mas teve um soldado meu que um dia eu perguntei “Seu Miranda, deixa de tremer aí!”, ele disse “estou com frio, cabo”. Está com frio! Ele não estava com frio, estava com medo! ¹²⁵

Ponderou o ex-combatente José Alves da Silveira:

Um soldado em combate é vulnerável não só à ação física do inimigo, mas também aos efeitos psicológicos, que nessa hora se multiplicam, acarretando reações diversas entre os homens. Uns sabem dominar o medo, que é sentimento permanente; esses são os que têm condições de cumprir a missão em combate. Desse grupo, saem os bravos, os corajosos. Os que não sabem dominar suas emoções podem sucumbir e, pior, transmitir aos que o cercam seu sentimento de pânico. [...] O constante estado de tensão em que permanece o soldado em ação provoca o estresse de combate; é comum, nessas situações, encontrarem-se homens que assumem uma atitude de alheamento a tudo que os cerca, é a fadiga ou o estresse. Não sendo caso de covardia, o *estresse* pode ser passageiro, cessando quando um companheiro faz um chamado à realidade, ou então ser permanente, obrigando à evacuação do soldado. [...] Mas não é só no combate que as tensões se acentuam. Quando ocupa um posto de sentinela avançada, em que a solidão passa a ser um sentimento até certo ponto aterrador, o soldado é sobressaltado pelas mais diferentes sensações, que contribuem para modificar seu estado de espírito. O silêncio pesado da noite na frente de combate, quebrado de quando em vez por um tiro ou uma rajada de metralhadora, só serve para aumentar essas sensações. (SILVEIRA, 2001, p. 140).

Conforme o livro do Tenente-Coronel Castello Branco, o comando estava ciente do problema e tomava algumas medidas para elevar o moral das tropas:

A guerra brutaliza o homem, quebra-lhe as resistências, destempera-lhe a fibra, arruína-lhe o moral, esgota-o, desmoraliza-o, leva-o ao desespero, de

¹²³ Ferdinando Piske, depoimento citado.

¹²⁴ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

¹²⁵ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

modo que é preciso mantê-lo são – corpo e mente – através de um jogo de estímulos [...]. (p. 343)

O depoente Alcides Conejeiro Peres conta que depois de ter comandado uma patrulha de seu grupo de combate da 8ª Cia. do 1º RI, sob grande tensão e perigo, foi afastado das atividades de combate porque teve exaustão de guerra. O Pe. Joaquim de Jesus Dourado, capelão da FEB, relata em seu livro de crônicas escritas durante as operações na Itália o que ouviu de um expedicionário internado em um hospital:

- Eu já havia descarregado toda a munição da minha arma quando, à frente de mim, surgiu armado um nazista de rosto medonho. Era um gigante! numa fração de tempo, o instinto me soprou à cabeça uma idéia feliz. Tomei, com as duas mãos, o meu fuzil e com toda a força dos braços atirei-o contra o rosto do tedesco. Êle levantou o fuzil para aparar o golpe, enquanto, não sei em que instante, eu mergulhava como um bicho, enterrando-lhe na boca do estômago, a faca resistente. Êle deu um urro de dor e foi caindo, porque lhe dei uma outra facada, enterrando-a, desta vez, até ao cabo! Caí sobre êle porque o temia e também as balas estavam passando por cima da minha cabeça. O homem, no chão, abriu uns olhos horrendos! As mãos grossas, que me podiam ter estrangulado, apertaram o ventre ao tremor das carnes cortadas. Dei-lhe outros golpes. Tentou erguer-se, mas lhe sangrei o pescoço de uma vez. Êle abriu novamente uns olhos horrendos, como para lançar-me uma grande maldição. Revirou-os duas vezes. Já me fazia mal aquilo, mas era preciso ficar ali mesmo até que o perigo passasse. Granadas de mão explodiam em volta. A cada estampido, o moribundo agitava o corpo e abria os olhos num espasmo. A meus ouvidos, chegava o ronco da sua boca escancarada, por onde saltavam jatos de sangue, que lhe tingiam a barba crescida e suja. Foi a impressão que me ficou! Nunca mais pude dormir. A cada instante, ouço o resfolegar pavoroso do homem, e seus olhos terríveis me encham de medo. É uma assombração! E, por isso, essa gente, aí do hospital, me chama doido. [...] (DOURADO, 1945, p. 109-110)

De acordo com Demócrito Cavalcante Arruda, muitos outros expedicionários brasileiros *sofreram profundamente as conseqüências desse esforço continuado, sendo visíveis, em muitos deles, sintomas de medo, ansiedade e fadiga, além de outras manifestações mais graves* (ARRUDA, 1949, p. 140). Como as memórias desses ex-combatentes, os registros do diário de Walter Carlos Hertel sobre o período em que esteve em linha de frente retratam experiências de grande perigo e tensão, apesar de comentários que sugerem que já estivesse acostumado com a rotina da guerra: *A noite passou relativamente calma com exceção de morteiros; ou Nós não sofremos mais grandes bombardeios, caem somente umas 5 a 10 bombas que não incomodam ninguém*. Eis um registro datado de 21 de setembro de 1944:

[...] Estou esperando aqui no posto de remuniamento com Sgto Pelegrini e Galvão. Os alemães estão martelando Casoli com morteiros e ouve-se continuamente rajadas da célebre metralha alemã. Uma granada caiu a 6

passos na minha frente somente ouvi o ruído e deu tempo de cair no chão quando estourou e ouvi passar estilhaços por cima de mim. Levantei tonto do estrondo e meu coração estava batendo vivamente. Outras granadas caíram a 20 até 50 mtr. do posto e felizmente não feriu ninguém, somente via-se os sinais na parede. [...] (p. 65)

Menciona noutras passagens companheiros mortos ou feridos, o cansaço, longos períodos sem comida, etc. Observam-se outros fragmentos, em ordem cronológica:

Coreglia – 6ª Feira – 27 de Outubro 1944.

Choveu quase o dia todo. [...]

[...] Na hora que levamos a comida para as posições começou um tiroteio, foi visto uma patrulha alemã. [...]

Lisano, 12 de Novembro de 1944. Sexta Feira.

[...] Ao meio dia veio ordem de tomar Monte Cavalario. [...] Cavamos imediatamente abrigos e pouco depois os alemães começaram bombardear-nos com morteiro de grosso calibre. Felizmente ninguém foi ferido embora que as bombas caíam a 2 e 3 mtros dos abrigos. Somente a metralhadora teve que recuar para dentro da Igreja.

Sede Cristo, 4ª Feira, 16 de Novembro de 1944

[...] Ao longo da estrada tem 5 máquinas de fazer fumaça para camuflagem. Nesse front conforme dizem morrem 10 homens na média por dia. Tomamos posição na estrada em fox role.¹²⁶ [...]

Riola, 17 de novembro de 1944 (5ª Feira)

[...] À 1 horas seguimos o restante do pelotão até Lisano onde fomos recebidos com morteiros. Instalamos os postos imediatamente. As casas aqui em Lisano estão na maioria bombardeadas e por parte destruído existem umas 10 casas. [...] quando estávamos uns 100 mtr do PC caiu a primeira granada 20 mtr. perto de nós. Seguimos em frente e fomos perseguidos pelo morteiro do inimigo. Felizmente não fomos atingidos pelas 6 granadas. [...]

Monte Cavallaro, 23/11/44.

[...] Fiz todo possível de ajudar a auxiliar no tratamento dos feridos mas não me foi possível, os gemidos e o cheiro de sangue me fizeram quase desmaiar, duas vezes tive que me deitar, julgo que isto é resultado do sistema nervoso, fraqueza de alimentação, insuficiente, e noites sem descanso.

Monte Cavalloro. Quinta Feira, 24 de Novembro de 1944.

[...] Às 6 horas começou vim bombardeio por parte dos alemães. As granadas 15 em tudo caíram todas bem e vimos novamente que Deus está nos protegendo pois ninguém foi ferido embora que uns ficassem cobertos de terra e derrubou os fardos de palha que pomos por cima dos abrigos para proteção contra bombas. [...]

Monte Cavalloro. Sexta Feira, 25 de Novembro de 1944.

Hoje fomos amolados bem cedo, eram 7 horas quando o alemão começou a

¹²⁶ Denominava-se *fox hole*, cuja tradução literal significa “buraco de raposa”, os buracos onde permaneciam os expedicionários na linha de frente, para se protegerem de ataques inimigos.

bombardear, caíram 6 granadas em volta da casa, tinha chegado neste momento a mula com mantimentos. [...]

Monte Cavalloro. Terça feira, 12 de Dezembro de 1944.

[...] Hoje ao concertar a linha telefônica fui quase atingido por morteiro que caiu a 5 passos ao meu lado. Minha sorte foi que caiu em terreno mole e afundou muito. Meti a cara no chão que só [ilegível]. O deslocamento de ar me jogou um pouco para o lado e fiquei tonto, parecia-me que estava com todos ossos quebrados [...].

O horror entremeia também as lembranças de ex-combatentes que estiveram internados em hospitais. Relata Alcides Conejeiro Peres: [...] *Tantos mortos e feridos!... Os hospitais abarrotados, homens sem braços, sem pernas, membros congelados, amputados. [...] Barbaridades...* (PERES, s/d, p. 187). O entrevistado Edgar Kielwagen, que foi soldado do Depósito de Pessoal, demonstra impressão semelhante sobre o tempo que esteve internado para tratar de uma inflamação por causa dos algodões que colocou nos ouvidos para se proteger do frio: [...] *fiquei vendo os feridos – sem perna, sem braço, mutilados, [feridos] na cabeça e... incrível. [...]*.¹²⁷ Gerd Emil Brunckhorst, que machucou o joelho pouco depois que chegou à Itália, quando fazia trabalhos de retaguarda adido do 9º Batalhão de Engenharia, também passou a maior parte do tempo internado. Do hospital de Civitavecchia, rememora:

[...] Fiquei alguns dias também internado lá naquele hospital. Tinha também... [...] Foi quando eu assisti as últimas horas de vida de um sargento brasileiro que tinha sido ferido por minas e ele tinha sido internado lá às cinco horas da manhã, mas às cinco horas da tarde ele morreu. Foi uma experiência desagradável, né? [...]¹²⁸

Assim, durante a realização da maior parte das entrevistas, verificou-se o mesmo que o do historiador Alessandro Portelli quando colheu depoimentos de outra situação brutal – a execução de 115 civis em uma pequena cidade da Itália por tropas nazistas:

[...] é verdade de fato que a morte, o luto e a perda são experiências indescritíveis, por si mesmas e pelas limitações intrínsecas da linguagem: é improvável que *qualquer* experiência possa ser verdadeiramente expressa; é inquestionável que ninguém pode compartilhar a experiência alheia, dolorosa ou não. Mas não se pode negar o fato de que, em Civitella como em outros lugares, o indizível é dito [...] (PORTELLI, 2005, p. 108).

Foi constatado, todavia, que durante décadas vários dos ex-combatentes da FEB haviam guardado para si suas memórias. Manuil Goethel Piegas explicitou seus sentimentos nesse sentido:

¹²⁷ Edgar Kielwagen, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1921, em Blumenau-SC. Depoimento concedido em 20 de abril de 2009, em Blumenau-SC.

¹²⁸ Gerd Emil Brunckhorst, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1920, no Rio de Janeiro. Depoimento concedido em 30 de janeiro de 2010, em São Paulo.

[...] ninguém gosta de falar de maus momentos. Eu respeito aqueles que gostam de falar, agora eu... Atualmente, ainda falo alguma coisa. Antes, eu não gostava de falar. Ninguém gosta de falar [sobre] quando passa maus momentos [...].¹²⁹

Se durante as primeiras entrevistas, parecia incompreensível a insistência de familiares em permanecer no recinto, aos poucos se notou que parte das experiências que estavam sendo gravadas por uma estranha nunca lhes havia sido contada. O filho de um dos depoentes contou que só soube que o pai havia combatido na FEB quando tinha já quinze anos. Por algum motivo – talvez o avançar da idade, a satisfação por ter suas trajetórias valorizadas ou mesmo a ausência de laços com a entrevistadora – vários ex-combatentes sentiram-se à vontade para tratar de assuntos que haviam sido silenciados entre parentes próximos.

A conversa nesses momentos acabava assumindo o caráter de desabafo, cortado por lágrimas e soluços. Fizeram-se particularmente úteis ensinamentos da psicanálise destacados por Paul Thompson, relativos ao caráter terapêutico assumido pela entrevista, que coloca o historiador a ouvir e estimular assuntos dolorosos que às vezes foram silenciados. Verifica-se a *liberação da memória*:

Lembranças desse tipo são tão ameaçadoras quanto importantes e exigem uma habilidade muito especial de quem escuta. [...] Para a maioria das pessoas, o sofrimento do passado é muito mais suportável, por encontrar-se ao lado de boas lembranças de alegria, afeto e realização, e a lembrança destas e daquelas pode ser uma coisa positiva. Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança. A dimensão terapêutica do trabalho de história de vida tem sido uma descoberta que sempre se repete [...] (THOMPSON, 2002, p. 208).

Por outro lado, em outras entrevistas, o indizível *não é* dito. Alguns depoentes relataram muito pouco de suas experiências, de modo que a transcrição das entrevistas apresenta perguntas mais longas do que as respostas. Se nos casos anteriormente comentados os ex-combatentes discorreram sobre suas experiências livremente,¹³⁰ procurou-se estimular a memória de outros com perguntas como *O que era mais difícil na Itália?* Alfredo Gaertner, sargento que atuou como comandante de pelotão na linha de frente, respondeu: *Ah, o mais difícil? Tudo. Tudo.* Questionado novamente, acrescentou poucas palavras: *Ah... A gente num país estranho, enfrentando adversários estrangeiros, tudo perigoso.*¹³¹ De modo análogo

¹²⁹ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

¹³⁰ Atentou-se na maior parte das entrevistas para recomendações de Gabriele Rosenthal (2005, p. 199) ao elaborar um questionário de respostas amplas, procurando não interromper o que era relatado: [...] *temos que: primeiro, dar a nossos entrevistados/autobiografados espaço suficiente para criarem sua narrativa, sem impor uma gestalt alheia através de nossas perguntas e interferências [...].*

¹³¹ Alfredo Gaertner, depoimento citado.

sucedeu a entrevista de respostas lacônicas de João Carturano, que atuou como mensageiro e telefonista, permanecendo quase todo o tempo na linha de frente, e assim resumiu suas experiências: *A rotina na Itália? Era fome, frio e medo. Fome, frio e medo.*¹³² E também a conversa com Edgar Kielwagen, que enfaticamente afirmou: *Como eu já disse, eu me acostumava a tudo, fácil. É só.*¹³³

Assim também foi a entrevista feita com Walter Hertel. Contrastando com a riqueza de seus registros feitos no diário analisado, respondeu com frases curtas às indagações feitas. Sobre sua experiência na FEB, respondeu simplesmente: *Boa. Boa, pela amizade.* Quanto à viagem para a Itália: *Também boa, dentro do possível. Agora, teve muita gente que passou mal. Enjoava, ficava como morto na cama. Mas, assim, em geral foi boa.*¹³⁴ Os diálogos sucederam-se desse modo durante toda a entrevista: respostas breves e vagas, quando não sinais afirmativos ou negativos. Era de se esperar que entrevistas como a desse depoente e a de Alfredo Gaertner seriam mais breves do que as realizadas na residência dos ex-combatentes, já que foram gravadas durante o 22º Encontro da Associação Nacional de Veteranos da FEB – realizado em novembro de 2010 na cidade catarinense de Jaraguá do Sul. Os depoentes estavam em um espaço de sociabilidade para interagir com outros ex-combatentes e dispunham de pouco tempo para as entrevistas.

Mas, além disso, deve-se lembrar um apontamento feito pelo pensador Walter Benjamin ao observar o comportamento de veteranos da Primeira Grande Guerra (1914-1918): conforme Jeanne Marie Gagnebin (2001, p. 87), *Os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia ser mais assimilado por palavras.* Por isso, nas entrevistas de respostas breves, novamente, fizeram-se úteis ensinamentos de Paul Thompson:

[...] A lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes.
Em suma, o que podemos esperar ganhar pela influência da psicanálise é um ouvido mais perspicaz para as sutilezas da memória e da comunicação, mais do que a chave de um quarto secreto (THOMPSON, 2002, p. 204-205).

Deve-se considerar que alguns dos depoentes podem não ter se sentido à vontade para falar de determinados assuntos com a entrevistadora, como apontado por César Campiani Maximiano:

¹³² João Carturano, depoimento citado.

¹³³ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

¹³⁴ Walter Carlos Hertel, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1922, em Jaraguá do Sul-SC. Depoimento concedido em 12 de novembro de 2010, em Jaraguá do Sul-SC.

[...] há temas que são abordados pelo entrevistador que são tidos por “tabus”: particularidades da guerra que não são consideradas convenientes de se comentar com quem não compartilhou da experiência, como episódios de extrema violência ocorridos em combate [...] (MAXIMIANO, 2005, p. 39).

Notaram-se, de fato, outros temas que foram tratados com dificuldade por parte dos depoentes, podendo ser considerados tabus. Exemplo disso foi o receio de Gerd Emil Brunckhorst ao começar um assunto, perguntando a idade da entrevistadora. Quando ouviu a resposta – 29 anos – ponderou: *Bom... Já perdeu muitas ilusões [...]*, mas hesitou em continuar: *eu nem sei se vou contar essa...*¹³⁵ Em momentos como esse, procurou-se insistir com gentileza e naturalidade para que o assunto fosse tratado, sem violar a vontade do depoente, que acabou relatando a história que tinha começado: tratava-se da experiência de um amigo da FEB com uma menina italiana que se prostituía.

Momentos de lazer e descontração são muito enfatizados no diário de Walter Carlos Hertel, especialmente nas anotações que dizem respeito aos primeiros meses na Itália. Nas entrevistas de ex-combatentes, contudo, são lembrados apenas eventualmente. Por certo, aqueles que chegaram com o primeiro escalão – como o autor do diário – estiveram bem mais tempo longe das linhas de frente no período inicial. Por terem permanecido por maior tempo na Itália, por outro lado, permaneceram também durante período maior enfrentando as durezas do *front*. Se a memória se reconstrói a partir da interação em diferentes grupos sociais, no decorrer dos anos, comentários entre a população brasileira que sugeriam que os expedicionários teriam ido passear na Itália possivelmente contribuíram para que os momentos de lazer tenham deixado de ter sido valorizados pela memória coletiva mantida entre os ex-combatentes.

Mas, além disso, como ressalta César Campiani Maximiano – dirigindo pertinentes comentários a investigações sobre a FEB que não prestaram devida atenção a elementos intrinsecamente relacionados à experiência da participação de qualquer guerra – o trauma naturalmente se sobressai a outras experiências na memória dos veteranos de qualquer confronto:

A violência está na essência das memórias dos homens que participaram de guerras. É qualidade elementar da participação em uma guerra a vivência pautada pelo risco iminente de cessação da existência de forma abrupta e atroz. Inútil tentar compreender essas experiências ignorando como o derramamento de sangue foi fundamental para que as memórias de guerra permanecessem tão vívidas e o grupo de veteranos da FEB se mantivesse tão coeso por tantos anos. Algumas abordagens desviantes procuram entender as experiências de cunho militar a partir de vieses que desconsideram

¹³⁵ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

completamente que a possibilidade de morte em combate está no cerne da função. Para elaborar uma visão mais acurada das experiências dos brasileiros, é necessário trazer o combate de volta para o centro das análises. Tais experiências se pautaram na matança de inimigos e nas mortes de companheiros, em medida muito maior do que quaisquer outros tipos de vivências nos aproximadamente 15 meses nos quais homens do contingente brasileiro estiveram presentes na Itália. O que marcou as experiências de guerra foram as rajadas de metralhadora, estilhaços de granada e ferimentos dilacerantes – e não as ocasiões de encontro com o sexo oposto, registradas de modo muito exagerado em narrativas. [...] (MAXIMIANO, 2010, p. 24-25)

Ao que parece, o período passado na Itália, entremeado por situações de violência enfatizadas ou silenciadas, ainda que tenha representado pouco tempo em relação às trajetórias de vida dos ex-combatentes, assumiu para esses indivíduos em geral – descendentes de alemães ou não – especial significação como *lugar de memória*, de acordo com a concepção de Pierre Nora (1993). E se a memória consiste, conforme Maurice Halbwachs (1965), em construções que partem dos *quadros sociais da memória*, enfatiza Michel Pollak que também consistem em:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).¹³⁶

Assim, a rememoração das experiências vivenciadas na Itália a partir do presente – principalmente nos grupos que cultuam a memória da FEB, como as associações de veteranos – contribui para o fortalecimento ou sustentação de sentimentos identitários que se somam a outros na composição dos indivíduos que pertenceram à FEB, enquanto seres socialmente constituídos. O sentimento é notadamente intenso – ou explicitado de modo especialmente consciente – pelo veterano da FEB Lot Eugênio Coser: *Eu nunca tinha orgulho de nada, graças a Deus, agora tenho orgulho de ter sido febiano*.¹³⁷ O estudo das entrevistas para aferir questões identitárias na época da guerra pressupõe que esse tipo de sentimento seja partilhado – de modo ambíguo – pelos ex-combatentes, de modo que entremeia as impressões emitidas sobre experiências da infância e da época da guerra.

¹³⁶ Conforme Henry Rousso: [...] *Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Mas essa percepção difere segundo nos situemos na escala do indivíduo ou na escala de um grupo social, ou mesmo de toda uma nação. Se o caráter coletivo de toda memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade* (ROUSSO, 2005, p. 94-95).

¹³⁷ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

3 COMUNIDADES ALEMÃS: COSTUMES E IDENTIDADES

No início dos anos 40 do século XX, na cidade catarinense de Jaraguá do Sul, Fridolino Kretzer era empregado de uma fábrica de toalhas e, em Brusque, Ervino Riffel era também industrial. Não muito longe, em Blumenau, Edgar Kielwagen trabalhava com seguros; Arnoldo Müller tinha recentemente conseguido um emprego público do estado, depois de ter sido balconista e pedreiro. Ao Sul, Albino Carlos Peter, em Pelotas-RS, dedicava-se a diariamente à agricultura. Alguns meses depois, aos vinte e poucos anos, seriam convocados para a apresentação ao Exército e integrados à Força Expedicionária Brasileira (FEB). Como eles, centenas de outros descendentes de alemães foram incorporados, entre jovens provenientes de todas as regiões do país, que na Itália combateriam contingentes formados essencialmente de soldados alemães. O estudo de questões identitárias relacionadas à participação de teuto-brasileiros na FEB exige levar em conta laços de pertencimento mantidos nas comunidades alemãs em relação à Alemanha e ao Brasil nos anos anteriores, bem como opiniões mantidas entre a população brasileira em relação aos habitantes de regiões de colonização alemã. Sentimentos de identificação *nacional* são, necessariamente, problematizados.

3.1 PRELÚDIO DA GUERRA: NAÇÃO E NACIONALISMO EM PAUTA

Como a maioria dos homens que compuseram os exércitos de ambos os lados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os expedicionários da FEB fizeram parte de uma geração formada enquanto o nacionalismo assumia importância fundamental nos Estados capitalistas. No período entre 1918 e 1950, Eric Hobsbawm (2004, p. 18) identifica nada menos do que o *apogeu do nacionalismo*, concebendo nacionalismo com palavras de Ernest Gellner: *fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente*. Acrescentam os estudos de Pierre Vilar (1985, p. 187) que entre as duas guerras mundiais o nacionalismo *converte-se [...] numa doutrina – não numa «teoria» – que prega a unidade da nação acima das classes, dos interesses e, eventualmente, das minorias étnicas*.

As origens do nacionalismo moderno remetem às últimas décadas do século XIX, quando o processo de democratização fez com que forças políticas divergentes competissem

pela identificação e lealdade das classes pobres.¹³⁸ Os argumentos nacionalistas evocados baseavam-se em teorias formuladas no decorrer daquele século, enquanto se discutia a legitimidade das fronteiras dos Estados europeus passadas as invasões napoleônicas, que – afastando-se de ideais nacionais exaltados durante a Revolução Francesa (1789) –¹³⁹ passavam a valorizar elementos considerados características “naturais” da nação: cultura, língua, história e raça, que em alguns casos teve papel central. Antigas teorias racistas foram retomadas,¹⁴⁰ sendo complementadas por teses evolucionistas adaptadas às ciências sociais¹⁴¹ que forneceram argumentos que descreviam determinados povos como superiores e, ao mesmo tempo, apontavam grupos inferiores ou indesejáveis.¹⁴²

Conforme Pierre Vilar (1985, p. 165), tais argumentos tornaram-se especialmente convenientes entre 1871 e 1914, época correspondia ao *momento em que, uma vez constituídos e saturados os mercados nacionais, as rivalidades se manifestam de imediato com maior brutalidade na partilha comercial e colonial do mundo*. Enquanto corria uma grande disputa por imperialismo econômico, noções de imperialismo e nacionalismo, a princípio incompatíveis, tornavam-se concomitantemente aplicáveis segundo a idéia de que uma raça seria naturalmente superior a outras.

Nos anos 20 e 30 uma série de fatores contribuiu para que a questão nacional fosse colocada na ordem do dia, a começar pelos tratados firmados depois da Primeira Grande Guerra (1914-1918) para a legitimação de novas fronteiras que dividiriam a Europa. A Rússia

¹³⁸ Cf. Hobsbawm (2004, p. 104-105) e Vilar (1985, p. 161). Germinava o nacionalismo como ideologia de Estado e se é ideologia – conforme destaca o conceito fornecido por Pierre Bordieu (2007, p. 10) – necessariamente serve a *interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo*. Ainda em 1848, Karl Marx e Friedrich Engels (2001, p. 64), no *Manifesto do Partido Comunista*, alertavam o proletariado que sua identificação a ideais nacionais favoreceria as classes dominantes.

¹³⁹ Segundo Hobsbawm (2004, p. 34), os valores nacionais vinculados à Revolução Francesa preocupavam-se *essencialmente com a disposição de adotar a língua francesa junto com outras coisas como as liberdades, as leis e as características comuns do povo*.

¹⁴⁰ De acordo com Hannah Arendt (2000, p. 188), *a ideologia racista, com raízes profundas no século XVIII, emergiu simultaneamente em todos os países ocidentais durante o século XIX*, impulsionada por diversos movimentos migratórios que chegavam aos países europeus.

¹⁴¹ Conforme Eric Hobsbawm (2004, p. 131), [...] *Por um lado, a velha e estabelecida divisão da humanidade em algumas poucas “raças” que se diferenciavam pela cor da pele passou a ser elaborada agora em conjunto de diferenciações “raciais” que separavam pessoas que tinham aproximadamente a mesma pele clara, como “arianos e semitas” ou, entre os “arianos”, os nórdicos, os alpinos e os mediterrâneos. Por outro lado, o evolucionismo darwinista, suplementado pelo que seria depois conhecido como genética, alimentou o racismo com aquilo que parecia ser um conjunto poderoso de razões “científicas” para afastar ou mesmo, como aconteceu de fato, expulsar e assassinar estranhos [...]*.

¹⁴² As teorias racistas, nas palavras Martines Xiberras (1993, p. 15) tentam *excluir uma categoria da população definida como um alvo a eliminar*. Explica Pierre Ansart (2001, p. 24-25) o efeito desse tipo de medida: *para um grupo, a ideologia política, designando claramente os alvos do ódio e do desprezo, pode fornecer aos membros do coletivo um reforço da auto-estima e da segurança interior*. No mesmo sentido, afirma Hobsbawm (2004, p. 122): *não há modo mais eficaz de unir as partes díspares de povos inquietos do que uni-los contra forasteiros*.

socialista, que havia se retirado da guerra desde a Revolução de Outubro de 1917, enfatizou princípios de legitimidade nacional para fortalecer movimentos de libertação emergentes nos países coloniais, contrariando os interesses dos Estados imperialistas. Argumentos nacionalistas burgueses foram evocados pelas potências liberais vencedoras – Grã-Bretanha, França, Itália e seus aliados – para justificar as novas fronteiras desenhadas na Europa e nos Bálcãs, redistribuindo territórios dos antigos impérios multinacionais extintos, estabelecendo reparações de guerra e isolando a Rússia com a criação de Estados anticomunistas em sua fronteira ocidental – Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e Romênia. Nos novos Estados, movimentos liberais locais receberam apoio para que assumissem a liderança dos governos democráticos instaurados.¹⁴³

Como as populações nacionais não ocupavam territórios contíguos, os ideais nacionalistas pela primeira vez utilizados para a definição de fronteiras, na prática, criaram outros países multinacionais, nos quais sentimentos exaltados em oposição ao “outro” legitimaram a perseguição das minorias. Na União Soviética, a partir de meados dos anos 20, o socialismo liderado por Josef Stalin voltou-se para o interior das fronteiras nacionais.¹⁴⁴ Nos países capitalistas em geral, que enfrentaram severas crises econômicas nos anos entreguerras, a idéia de uma economia nacional foi favorecida por políticas protecionistas adotadas não apenas pelos diversos regimes autoritários inspirados no fascismo italiano e no nazismo alemão – marcados pela centralização do poder nas mãos do executivo – mas também pelos governos liberais, contrariando princípios de livre mercado que tanto cultuavam.¹⁴⁵

No fascismo italiano, no nazismo alemão e nas ditaduras neles inspiradas o nacionalismo era tido como componente fundamental. Mas propagandas nacionalistas também foram difundidas amplamente por governos liberais, dependentes cada vez mais da opinião pública para a sustentação de medidas implantadas e dos próprios regimes e ameaçados por forças políticas divergentes. Antigos mitos e tradições ganhavam nova roupagem e novos eram criados, como já havia ocorrido no fim do século XIX.¹⁴⁶

¹⁴³ Cf. Mandel (1989, p. 20).

¹⁴⁴ Como ressalta Montserrat Guibernau (1997, p. 23), essa política contrariava teorias de Karl Marx que descartavam a possibilidade do comunismo limitado a um só país. Opondo-se à posição internacionalista de Leon Trotsky, revolucionário que mantinha firmemente posição internacionalista, Stalin incorporou em suas teorias grandes preocupações com a libertação *nacional* dos países coloniais ou economicamente dependentes das grandes potências

¹⁴⁵ Cf. Hobsbawm (2004, p. 159-161).

¹⁴⁶ De acordo com Hobsbawm (2006, p. 9), a *invenção de tradições* visava promover a coesão grupal e *inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição*, forjando a sensação de uma ligação com o passado.

Grandes avanços tecnológicos foram impulsionados desde a Primeira Grande Guerra e possibilitavam o nascimento da comunicação de massa, conceito que para Raymond Williams (1969, p. 313) liga-se intrinsecamente a sociedades que têm como princípio a manutenção da maioria da população na condição de explorada e como característica fundamental *o propósito de manipular – persuadir grande número de pessoas a agir, sentir, pensar e saber de certa maneira*. As novas formas de comunicação tornavam possível, segundo Hobsbawm (2004, p. 170), *transformar o que, de fato, eram símbolos nacionais em parte da vida de qualquer indivíduo e, a partir daí, romper as divisões entre as esferas privada e local, nas quais a maioria dos cidadãos normalmente vivia, para as esferas pública e nacional*.

O rádio e o cinema foram utilizados pela propaganda estatal, em conjunto com a imprensa e os cartazes impressos. Foram criados órgãos de propaganda e de controle da informação, que incentivavam informações convenientes e censuravam as que eram indesejáveis. Durante a Segunda Guerra, nos Estados beligerantes e naqueles que com eles mantinham relações comerciais, as propagandas seriam ainda mais intensificadas, visando mobilizar a população nos exércitos ou nas indústrias. Com a comunicação massificada, as idéias que favoreciam os governos passaram a ser difundidas também de forma não oficial, por indivíduos e instituições.¹⁴⁷ Grupos definidos como inimigos pelos Estados, independentemente se representavam ou não perigo real aos regimes, passaram a ser repreendidos por polícias políticas e enclausurados em prisões criadas especificamente para os presos políticos, denominados *campos de concentração*.¹⁴⁸

Na Alemanha, as discussões em torno da construção de uma noção de germanidade – ou *Deutschtum* – apoiaram-se fundamentalmente em argumentos racistas que consideravam o povo alemão naturalmente guerreiro e superior a outros povos.¹⁴⁹ O uso do idioma alemão tinha especial significação para a formação de sentimentos de unicidade: idéias defendidas na década de 1860 por Richard Böckh já *argumentavam que a língua era o único indicador*

¹⁴⁷ Ainda na década de 30, Walter Benjamin (2005, p. 171-172) preocupava-se com a função política assumida pela obra de arte quando reproduzida pelo rádio e o cinema: rompiam-se as fronteiras que dividiam a arte e a cultura dos anúncios publicitários ou propagandas estatais. Partindo dessas idéias, anos mais tarde, Theodor Adorno e Max Horkheimer (2000, p. 169-214) cunharam o termo *indústria cultural* para se referir à produção e apropriação de obras de arte pelos meios de comunicação, utilizadas como os outros instrumentos do capitalismo para a dominação das maiorias pelos grupos que detinham o poder político ou econômico. Sobre o assunto Cf. também Clark (2000, p. 7-8).

¹⁴⁸ De acordo com Hannah Arendt (2000), locais denominados campos de concentração, extensamente utilizados pela Alemanha, foram utilizados pela primeira vez pela a Grã-Bretanha para sua política imperialista na África do Sul. Após a entrada dos Estados Unidos na guerra contra o Japão, seus campos de concentração confinariam sobretudo famílias de imigrantes japoneses, consideradas inimigas.

¹⁴⁹ Explica Pierre Vilar (1985, p. 159) que elementos que deificavam a noção de comunidade já se faziam presentes em obras anteriores de autores alemães como Johann Gottfried Herder (1744-1803) e Johann Gottlieb Fichte (1762-1814).

adequado da nacionalidade, um argumento ajustado ao nacionalismo alemão desde que os germânicos estavam amplamente distribuídos na Europa central e oriental (HOBSBAWM, 2004, p. 34).¹⁵⁰

Para a difusão de valores nacionalistas alemães teve grande contribuição a criação da Liga Pangermânica, logo após a unificação daquele Estado, em 1891, reunindo grupos de direita que apoiaram a política expansionista de Guilherme II. De acordo com Isabel Loureiro:

[...] contava entre seus membros numerosos industriais, professores universitários, generais, jornalistas, políticos, e cuja tarefa era difundir entre o povo as idéias de conquista. Acreditava-se que as virtudes de um povo que se considerava superior, dotado dos melhores generais e dos maiores homens de cultura, lhe davam o direito de aumentar seu “espaço vital” por meio de conquistas. Essa ideologia, difundida pelos discursos do imperador e os cursos do historiador nacionalista (e anti-semita) Von Treitschke, penetrou fundo na população. O nacionalismo exaltado, beirando o chauvinismo, aliado a um anti-semitismo difuso (os judeus sendo identificados como grosseiros acumuladores de dinheiro), deitou profundas raízes na sociedade alemã (LOUREIRO, 2005, p. 27).

O nacionalismo alemão radicalizou-se depois da ascensão do nazismo e a perseguição inimigos imaginários, que se tornaram objetivos, foi levada ao extremo: em campos de concentração e extermínio, milhões de judeus foram presos, escravizados, torturados e assassinados, ao lado de grupos formados por ciganos, homossexuais e militantes de esquerda. Explica Hannah Arendt:

A introdução da noção de inimigo objetivo é muito mais decisiva para o funcionamento de regimes totalitários que a definição ideológicas das respectivas categorias. A categoria dos inimigos objetivos sobrevive aos primeiros inimigos do movimento, ideologicamente determinados; e novos inimigos objetivos são encontrados segundo as circunstâncias: os nazistas, prevendo o fim do extermínio de judeus já haviam tomado as providências preliminares necessárias para a liquidação do povo polonês, enquanto Hitler chegou a planejar a dizimação de certas categorias de alemães. [...] O conceito de “oponente objetivo” [...] corresponde à situação de fato reiterada muitas vezes pelos governantes totalitários, isto é, que seu regime não é um governo no sentido tradicional, mas um movimento, cuja marcha constantemente esbarra em novos obstáculos que têm de ser eliminados (ARENDR, 2000, p. 474-475).

Desde o século XIX, propagandas em torno da noção de germanidade transbordavam sobre as fronteiras do Estado Alemão, sendo amplamente difundidos em locais onde sabidamente havia “alemães de sangue”, inclusive nas comunidades teutas radicadas no Brasil, país do continente americano que recebeu o segundo maior número de imigrantes

¹⁵⁰ Cf. também Poliakov (1974, p. 65-69).

alemães – atrás somente dos Estados Unidos.¹⁵¹ Enquanto chegavam os imigrantes ao Brasil, companhias colonizadoras alemãs empenhavam-se na difusão de valores que incentivavam a manutenção de sentimentos de pertença à Alemanha, buscando um mercado consumidor fiel entre os colonos. Periódicos de comunidades teutas do Sul do Brasil, em língua alemã, recebiam auxílio técnico e material da Liga Pangermânica, além de textos redigidos por intelectuais alemães. Escolas particulares recebiam apoio financeiro e professores vindos da Alemanha.¹⁵² Valores pangermânicos eram também trazidos – conscientemente ou não – por uma parte dos imigrantes leigos ou religiosos que chegaram a partir do final do século.¹⁵³

Medidas tomadas na Alemanha, especificamente para a difusão do *Deutshtum* entre os alemães que viviam no exterior, foram intensificadas no século XX, muitas vezes com o apoio da iniciativa privada¹⁵⁴ e, mais ainda, desde a ascensão do nazismo, quando passaram a ser promovidas também aparições de zepelins, transmissões de discursos de Hitler pelo rádio e oferecimento de bolsas de estudo na Alemanha. Exaltava-se o progresso instituído pelo nazismo na Alemanha, cultuava-se seu líder Adolf Hitler e, durante a guerra, admirava-se o desempenho do potente Exército Alemão.¹⁵⁵

Por outro lado, o governo brasileiro, a exemplo de outros países, também empreendia esforços para a construção de ideais de nação, principalmente desde a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930. A questão nacional confundia-se com idéias típicas do período entreguerras: mudança, modernidade e progresso. Aponta Márcia D’Aléssio (2007, p. 164) que os anos entre 1930 e 1945 foram marcados pela centralização e o objetivo de *transformar o país num Estado-nação moderno, a despeito de suas elites, no geral politicamente em descompasso com o modus faciendi burguês*.

As primeiras medidas do governo revogaram a Constituição de 1891 e fecharam órgãos do Poder Legislativo: o Congresso Nacional, as assembleias estaduais e as municipais.

¹⁵¹ A vinda desses imigrantes atendia a interesses do Estado brasileiro, que necessitava ocupar territórios ao Sul, e do Estado alemão, com população excedente. Seu transporte e instalação consistia, ao mesmo tempo, em atividades lucrativas para grandes empresas envolvidas – companhias colonizadoras, bancos e transportadoras.

¹⁵² Cf. Magalhães (1998, p. 103-105). A imprensa local tinha alcance considerável entre os teuto-brasileiros. De acordo com René Gertz, considerando-se só Santa Catarina, [...] *Os três grandes jornais deste estado tinham em conjunto uma tiragem de pouco mais de 10.000 exemplares Admitindo que viviam 250.000 teutos no estado e que conseqüentemente havia 50.000 lares, se teria uma média aproximadamente de um jornal para quatro ou cinco lares [...]* (GERTZ, 1987, p. 73).

¹⁵³ Cf. Magalhães (1998, p. 28-41).

¹⁵⁴ Militantes e intelectuais alemães reuniam-se em entidades como a *Deutsche Kolonialgesellschaft* (Sociedade Alemã Colonial), o *Verein für das Deutschtum im Ausland* – VDA (Liga pela Germanidade no Exterior) e em partidos como o *Nationale Volkspartei* (Partido Popular Nacional Alemão). Em 1909 foi criado um órgão denominado *Zentralstelle für die Forschung des Deutschtum sim Ausland* – ZDA (Central de Pesquisa da Germanidade no Exterior), que subsidiará os programas de pesquisa que apóiam a emigração e o fomento à cultura pangermânica no exterior (MAGALHÃES, 1998, p. 105-107).

¹⁵⁵ Cf. Tota (2000).

O Executivo passou a governar por meio de decretos-lei e teve seus poderes ainda mais ampliados com a deposição dos governos estaduais, no lugar dos quais foram nomeados interventores federais, quase sempre militares.¹⁵⁶ A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) foi criada através do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 e sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo, unificando toda legislação trabalhista então existente no Brasil. Desde o início dos anos 30, foram criados órgãos de controle para intervir na economia, que – dependente de importações para a obtenção de produtos industrializados – foi profundamente atingida pela crise mundial.¹⁵⁷

Se tais iniciativas contemplavam interesses de parte das forças que apoiaram o golpe que levou Vargas ao poder, principalmente o movimento tenentista, enfrentaram forte oposição entre as oligarquias constitucionalistas, pois uma das implicações envolvidas no projeto modernizador era o fim da hegemonia da oligarquia cafeeira, que protagonizava o cenário político e econômico até então.¹⁵⁸ Com o crescente descontentamento de segmentos das elites liberais, concretizado na Revolução Constitucionalista de 1932, as eleições para a Assembléia Constituinte tornaram-se inadiáveis e, em maio de 1933, se elegeram em quase todos os estados os candidatos ligados aos partidos apoiados pelos interventores. Uma nova constituição foi promulgada em julho do ano seguinte, baseada no modelo de Estado liberal, aumentando a ação do Legislativo. Apesar da insatisfação de uma parte dos deputados quanto às ações políticas tomadas até então pelo governo, no mesmo mês a Assembléia elegeu Vargas como presidente, com mandato até as eleições previstas para maio de 1938.¹⁵⁹

Enquanto isso, surgiam e se fortaleciam no Brasil movimentos inspirados em debates internacionais considerados por Thomas Skidmore (1996, p. 41) como *os primeiros movimentos políticos nacionais de aguda orientação ideológica*. De um lado, a Ação Integralista Brasileira (AIB), criada em 1932, considerava a adaptação do fascismo europeu a solução para os problemas políticos e econômicos enfrentados no país. Oscilando entre fases de apoio e de oposição ao governo, condenava o capitalismo e, principalmente, o comunismo,

¹⁵⁶ Cf. Pandolfi (2007, p. 18).

¹⁵⁷ Dentre outras ações, permitiram determinar o valor das mercadorias, celebrar de acordos internacionais para a troca de produtos e mesmo eliminar a produção excedente que pudesse ameaçar o valor de troca, como foi feito com dezenas de milhões de sacas de café. Mesmo amenizados pelas políticas intervencionistas, os graves problemas econômicos estenderam-se durante toda a década (CARONE, 1977, p. 15-16).

¹⁵⁸ O movimento tenentista, organizado desde a década anterior, era formado principalmente por quadros do Exército distantes da alta oficialidade, baseava-se em ideais nacionalistas semi-autoritários e modernizadores e ansiava pelo progresso social e mudanças profundas que exigiam o fim das oligarquias existentes. As oligarquias constitucionalistas, por sua vez, apoiavam-se em ideais liberais e, pautando-se basicamente no descontentamento com as fraudes e corrupção nos processos eleitorais, visavam manter-se como classe dirigente, com o mínimo de mudanças possível (SKIDMORE, 1996, p. 27). Cf. Vianna (2007, p. 67).

¹⁵⁹ Cf. Pandolfi (2007, p. 28).

o socialismo e o liberalismo. O movimento teve expressiva aceitação entre a população,¹⁶⁰ principalmente setores das classes médias.

De outro lado, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), fundada em março de 1935. Reunindo diferentes forças de esquerda e liberais que se opunham à expansão dos ideais nazifascistas – *partidos políticos, sindicatos, diversas organizações femininas, culturais, estudantis, profissionais liberais e militares* – tornou-se a maior organização de massas que o país já teve (VIANNA, 2007, p. 81). Conforme Marcos Maio e Roney Cytrynowicz (2007, p. 41), embora antagônicos, os dois movimentos opunham-se à situação política nacional: [...] *tinham críticas profundas aos preceitos liberais da República Velha e também aos descaminhos da Revolução de 30.*

Frente às grandes mobilizações de trabalhadores, o Congresso não tardou em aprovar a Lei de Segurança Nacional, em abril de 1935, anulando parte da Constituição recém criada. Como já ocorria em outros países, regulamentava-se a censura dos meios de comunicação, a prisão de pessoas que ameaçassem a ordem estabelecida – no caso do Brasil, especialmente líderes de insurreições nas Forças Armadas ou de greves nos serviços públicos – e a repressão a entidades sindicais. A ANL foi desestruturada logo após um levante que visava a tomada de poder organizado em novembro de 1935, sob a liderança do Partido Comunista Brasileiro (PCB), com a prisão de vários de seus principais líderes, inclusive Luís Carlos Prestes.¹⁶¹

Para a centralização do poder, o governo utilizou-se amplamente de imagens relacionadas a grupos identificados como ameaças à nação. O levante de 1935 legitimou a criação de novos organismos repressores, apaziguando reações de opositoristas que temiam os avanços de grupos comunistas. O Tribunal de Segurança Nacional foi criado no ano seguinte e sucessivos decretos que consideravam que o país vivia sob um “estado de guerra” foram aprovados pelo Congresso até meados de 1937, concedendo ao Executivo maior autonomia.

Argumentos nacionalistas em torno do temor aos comunistas justificaram nova prorrogação do estado de guerra em outubro, quando autoridades militares apresentaram um documento forjado que apresentava o plano de um novo golpe comunista, conhecido como Plano Cohen. Contando com o apoio do Exército, da AIB e de outros grupos políticos de diferentes estados do país, o governo fechou novamente o Congresso em novembro de 1937: era o início do Estado Novo. As eleições que não permitiriam a candidatura de Vargas foram

¹⁶⁰ [...] reuniu entre 500 mil e 800 mil aderentes, para uma população do país de 41,5 milhões de habitantes em 1935 (MAIO e CYTRYNOWICZ, 2007, p. 41,47).

¹⁶¹ Cf. Pandolfi (2007, p. 33).

canceladas e foi promulgada uma nova constituição que concedia ao Executivo os poderes de presidir o país até as novas eleições, que somente deveriam ocorrer depois de seis anos.¹⁶²

Vários historiadores consideram que o Estado Novo não consistiu em simples continuidade do projeto que vigorava desde o golpe de 30.¹⁶³ De acordo com Thomas Skidmore, os confrontos políticos assumiram a partir de então novas tonalidades:

[...] Os objetivos de bem-estar social e nacionalismo econômico, muito debatidos no começo daquela década, iriam ser agora perseguidos sob tutela autoritária. O resultado foi um aprofundamento da dicotomia entre questões econômicas e sociais e uma preocupação com o bem-estar social de fundo nacionalista inequivocadamente antidemocrática (SKIDMORE, 1996, p. 52).

Os primeiros meses do regime autoritário foram marcados por medidas para o apaziguamento de forças opositoras. Todos os partidos políticos, inclusive o do governo, foram fechados. Foram removidos dissidentes do Exército e redefinindo nomes para postos de comando e cargos policiais. Lideranças estaduais foram alijadas do poder. As organizações integralistas, que haviam assumido o caráter de sociedades culturais, foram fechadas após a participação de alguns de seus integrantes em dois levantes contra o Palácio Guanabara – em 11 de março e em 11 de maio de 1938 – que ocasionaram também a prisão de militantes.¹⁶⁴ Aos poucos, o Estado Novo contou com o apoio de diferentes grupos. Da Igreja, que mantinha postura anticomunista. Das classes produtoras, que aprovaram a diminuição da ação de movimentos de trabalhadores e dos integralistas. A repressão aos integralistas também deixou satisfeita parte dos comunistas.¹⁶⁵

Visando promover coesão entre a população brasileira, o Estado Novo utilizava-se de simbologias em que o Estado era definido como um corpo, no qual o governo era a cabeça e as classes sociais eram os órgãos: todos deveriam se relacionar harmonicamente, dentro de pressupostos católicos, para o bom funcionamento do todo. Difundia-se a imagem da nação *como uma grande família, da qual o governo, o líder, é o pai, protetor, símbolo dos valores morais* (LENHARO, 1986, p. 46-47)

Além disso, a política de nacionalização em torno de ideais de brasilidade retomava teorias racistas desenvolvidas nas décadas anteriores por intelectuais brasileiros como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Graça Aranha. Na adaptação de argumentos europeus que pressupunham a superioridade da raça branca sobre as demais, a miscigenação era vista como

¹⁶² Cf. Pandolfi (2007, p. 33-34).

¹⁶³ Para Dulce Pandolfi (2007, p. 35), consistiu em *um dos resultados possíveis das lutas e enfrentamentos diversos travados durante a incerta e tumultuada década de 1930*.

¹⁶⁴ Cf. Maio e Cytrynowicz (2007, p. 48).

¹⁶⁵ Cf. Carone (1977, p. 268-271).

a solução ao branqueamento e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento – físico, moral e psicológico – da população. A imigrantes europeus e seus descendentes era atribuído papel importante para o fornecimento de genes brancos.¹⁶⁶

Ao mesmo tempo, o “nacional” era construído em oposição ao “estrangeiro” e a existência de imigrantes alemães e imigrantes que mantinham costumes tidos como “alienígenas” em locais tidos como isolados era vista com desconfiança.¹⁶⁷ Com isso, se esses grupos – entre outros – eram considerados pelo Estado Novo portadores de características desejáveis à formação da raça brasileira eram também vistos como *inimigos étnicos*.¹⁶⁸ Embora as repressões da campanha de nacionalização tenham atingido especialmente comunistas, japoneses e judeus, habitantes de comunidades alemãs foram afetados diretamente pela obrigatoriedade do uso obrigatório da língua portuguesa nas escolas. Resume Stella Bresciani:

[...] No cerne dessa decisão, estava o amplo Projeto de Nacionalização formulado pelo Estado Novo, um projeto autoritário que dava ênfase à unidade nacional com base em um governo central forte e no uso exclusivo da língua portuguesa. Seria a unidade a ser forjada, já que seus propositores partiam da premissa de que se tratava de um país de passado colonial, com dimensões continentais e ocupação territorial dispersa e irregular, população de origem diversa e cujas instituições políticas, após a independência e a implantação da República, não correspondiam às reais condições da sociedade (BRESCIANI, 2006, p. 13).

3.2 TEUTO-BRASILEIROS: O DILEMA DA DUPLA IDENTIDADE ANTES DA FEB

Estudar até que ponto laços identitários relacionados à Alemanha eram mantidos por descendentes de alemães incorporados à Força Expedicionária Brasileira nos anos anteriores exige considerar o alerta de Eric Hobsbawm:

[...] as nações são [...] fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo [...]. Essa visão de baixo, isto é, a nação vista não por governos, porta-vozes ou ativistas de movimentos nacionalistas (ou não-nacionalistas), mas sim pelas pessoas comuns que são o objeto de sua ação e propaganda, é extremamente difícil de ser descoberta [...] (HOBSBAWM, 2004, p. 20).

¹⁶⁶ Conforme constatou na sua dissertação de mestrado Santino Andrade (2000, p. 97), nos jornais que circulavam na época em Santa Catarina, estado que recebeu grande número de imigrantes da Alemanha, grande era a valorização de características a eles atribuídas: não apenas estéticas – pele clara e olhos azuis – mas também morais – *bons trabalhadores e bem disciplinados*.

¹⁶⁷ Cf. Fáveri (2004, p. 40-41).

¹⁶⁸ Cf. Dietrich (2007, p. 56).

Portanto, sem perder de vista que as nações consistem numa construção política, a partir dos Estados e portanto, inserida nas lutas de classes,¹⁶⁹ podem ser concebidas ao mesmo tempo como *comunidades imaginadas*, expressão que intitula um renomado estudo do antropólogo Benedict Anderson (2008), ou como *religiões*, nos termos de Elias Canetti, em *Massa e poder* (2005).

Levando-se em conta que [...] *as ideologias oficiais de Estados e movimentos não são orientações para aquilo que está nas mentes de seus seguidores e cidadãos, mesmo dos mais leais entre eles* [...] (HOBSBAWM, 2004, p. 20), foram analisadas entrevistas de veteranos da FEB visando aferir aspectos que sugerem sentimentos identitários nacionalistas. O primeiro é a utilização ou não do idioma alemão durante a infância e juventude, pelos vínculos já expostos entre a língua e a noção de germanidade.

Entre oito ex-combatentes da FEB descendentes de alemães habitantes de comunidades teutas entrevistados, quase todos relataram que utilizavam cotidianamente o idioma alemão durante a infância e juventude. Contou com naturalidade Arnaldo Müller, católico, nascido em Blumenau, SC:

Minha mãe e meu pai só falavam em alemão antigamente, todo mundo só alemão. Porque... você sabe, né? Descendentes de alemão é que invadiram o Vale do Itajaí, então todo mundo, a maior parte, era de origem... Até tinha a escola alemã, aqui tinha tudo...
[...] Foi até difícil depois falar português primeiramente. (Müller, 2009)

Do modo semelhante, Adolfo Klock, católico, da mesma cidade, respondeu: *Enquanto que nós éramos novos, [conversávamos] em alemão*. Ferdinando Piske, protestante, que vivia em Timbó, SC, conta que se comunicava *Em alemão, só alemão*. [...] *Naquela época, ninguém entendia português, não se falava português lá*. Lembrou também Ervino Riffel, de Brusque: *Nós falávamos só o alemão*. A exceção é Alfredo Gaertner – nascido em São Bento, SC – que relatou nunca ter aprendido a falar alemão. A maioria dos depoimentos, assim, converge com conclusões do historiador René Gertz (1987, p. 69-71) que apontam que na época a língua alemã em geral era utilizada entre os habitantes de regiões onde predominava a colonização teuta.

A homogeneidade, contudo, é apenas aparente. Alguns dos próprios depoentes consultados destacaram diferenças entre a língua falada na Alemanha – o alemão gramatical – e os dialetos oriundos das regiões de onde vieram seus antepassados: muitos dos imigrantes vieram de diferentes regiões da Alemanha antes da unificação ter padronizado o idioma

¹⁶⁹ Cf. Hobsbawm (2004) e Vilar (1985).

oficial da nação. Arnaldo Müller esclarece: [...] *a nossa linguagem era um dialeto diferente, era Plattdeutsch. Era um pouco diferente assim do Hochdeutsch*¹⁷⁰, *Hochdeutsch é diferente, é mais gramática assim... E Plattdeutsch era [de] uma zona da Alemanha [...]*.¹⁷¹ Da mesma forma, conta O. N.,¹⁷² nascido em Pelotas-RS, que a língua das conversas em casa era [*Hoch*]Deutsch sprechen.¹⁷³ Ervino Riffel menciona a reação de habitantes de Blumenau diante do dialeto que aprendeu em Brusque:

Com 16 anos, eu fui trabalhar em Blumenau. Então, lá o alemão era mais forte do que aqui em Brusque. Então eu levava carnes, eu trabalhava no açougue. Aí eu levava carne. Então, as mulheres que pegavam a carne conversavam comigo, e notavam logo que eu não era de Blumenau. Eu falava “patenza”, e então falavam, “tu és um ‘patenza’, tu és de Brusque!”. Chateavam assim. [...] o dialeto tem uma pequena diferença. [...]¹⁷⁴

O depoente A. C. A. P., que vivia numa região de Pelotas que hoje integra o município de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, e expressa nitidamente a manutenção até hoje de sentimentos identitários relacionados à língua de seus antepassados:

Eu sou pomerano.¹⁷⁵ Pomerano quer dizer que é a nacionalidade dos avôs é pomerano. Essa fala nós temos até hoje. O alemão eu aprendi no colégio. O colégio onde eu estudei era em alemão. Você vê, [entre] o alemão e o pomerano têm muita diferença. Quer dizer que o colégio que eu estive aqui no Brasil era em alemão, mas a minha família toda conversava em pomerano. [...] Quer dizer que para nós era [uma] dificuldade falar o alemão. Aprender em alemão. Muitas palavras [eu] não entendia. Naquela época dava o ditado uma vez por semana. Todas as quintas-feiras era um ditado em alemão. Então, o professor dava as palavras e tinha um companheiro meu que sentava do meu lado, assim. E ele entendia. Então eu olhava para o lado dele assim, e aí... [...] Copiava dele.¹⁷⁶

Considerando-se que diferenças na língua e outros aspectos possivelmente contribuíam para que os descendentes de alemães radicados no Brasil se considerassem parte de grupos distintos, é preciso situar ainda a recepção de valores do pangermanismo – ou *Deutschtum* – nas relações entre as classes sociais das comunidades alemãs. Demonstra Gertz (1987) que os camponeses tendiam a manter costumes relacionados a seus antepassados –

¹⁷⁰ *Plattdeutsch* é o dialeto conhecido como *baixo alemão*, falado no Norte da Alemanha. É uma das variações lingüísticas existentes na Alemanha (*Hochdeutsche Sprachen* – em português, *alto alemão*), em oposição à língua oficial (*Hochdeutsche*, identificado por parte dos depoentes como *alemão gramatical*).

¹⁷¹ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

¹⁷² O. N., veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1920, em Pelotas-RS. Depoimento concedido em 23 de abril de 2009, em Pelotas-RS. O nome do depoente foi omitido devido a seu falecimento, sem que pudesse encaminhar a carta de autorização.

¹⁷³ Ver nota XXX

¹⁷⁴ Ervino Riffel, depoimento citado.

¹⁷⁵ A Pomerânia é uma região situada na costa do Mar Báltico que abrange uma parte do Norte da Alemanha e da Polônia.

¹⁷⁶ A. C. A. P., depoimento citado.

inclusive o idioma – mais por inércia do que por uma posição política consciente. Segue um dos argumentos do autor para demonstrar o descomprometimento das camadas menos abastadas em relação à manutenção de costumes tidos como alemães:

[...] assim que em qualquer lugar é construída uma escola do estado, os camponeses mandam para ela seus filhos, pois não estão dispostos a realizar sacrifícios pela “escola alemã, tão logo se apresente outra alternativa (GERTZ, 1987, p. 101).¹⁷⁷

De fato, é o que se constata nas experiências relatadas pela maioria dos 11 veteranos da FEB descendentes de alemães que viviam em comunidades teutas. Católicos ou protestantes, de segunda à quinta geração em relação a seus antepassados imigrantes, habitantes regiões predominante agrícolas ou urbanas, nascidos entre 1919 e 1923, em geral não pertenciam às elites e não freqüentavam seus clubes e instituições. Seis declararam ter estudado ao menos por um período em escola pública: Adolfo José Klock, Alfredo Gaertner, Arnaldo Müller, Edgar Kielwagen, Ervino Riffel e Ferdinando Piske. Dos cinco que contaram ter estudado em escolas particulares, três afirmaram que as aulas eram ministradas exclusiva ou parcialmente em português: José Edgar Eckert, Osmar Neutzling e Walter Carlos Hertel. Fridolino Kretzer, que estudou em *escola alemã*, relatou que aprendeu a falar português como língua materna, concomitantemente ao idioma alemão, como também José Edgard Eckert e Osmar Neutzling.

Os que não aprenderam a falar português na escola ou com a família, contaram ter aprendido na interação com outras pessoas que viviam na região. É o caso de Ervino Riffel: *Ah, a gente foi falando... sei lá, não me lembro mais bem...*¹⁷⁸ E de Edgar Kielwagen:

[...] com os anos, vamos dizer, a partir dos anos 30, entrou lá no Bairro Itoupava Seca, ou entraram sempre mais gente de origem portuguesa. E aí não tinha problema, o meu pai aprendeu logo. Ele até tinha empregados. Tinha um negro, tinha um mulato, os outros dois eram brancos. A minha mãe era de [...] origem alemã. Mas ela aprendia o português também. Por causa dos empregados que construíram a estrada de ferro naquela época, e o pai dela tinha hotel. Então ficou conhecendo de origem portuguesa também. E a gente aprendia no convívio.¹⁷⁹

Também de A. C. A. P.:

¹⁷⁷ Também considerando relações políticas das comunidades, elucida Luiz Felipe Falcão (1998, p. 65) que condições como o apego ao *Deutschtum* e o desconhecimento do português deixavam a população mais dependente das elites locais. Assim o isolamento dos colonos alemães do restante da população brasileira *pode assumir uma feição menos dependente dos acidentes da geografia e das diferenças étnicas, para se revelar igualmente como parte de uma estratégia de controle e dominação.*

¹⁷⁸ Ervino Riffel, depoimento citado.

¹⁷⁹ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

[...] o meu pai trabalhava na agricultura, sempre com empregado. E o empregado era brasileiro. Então ali que nós começamos a nos entender. E o meu pai também tinha casa de negócio. Quer dizer que somente a família dele que falava em pomerano, mas assim no comércio, que era atividade dele, era tudo em brasileiro.¹⁸⁰

Outro descendente de alemães entrevistado que nenhuma relação teve com a FEB – o agricultor Samuel Guesser, nascido em 1917, habitante de Antonio Carlos, SC¹⁸¹ – relatou, como os ex-combatentes A. C. A. P. e Fridolino Kretzer, ter estudado em escola com aulas ministradas exclusivamente em alemão: *Era uma escola em que se pagava um réis por aluno por mês. O Consulado Alemão ajudava também. Daí, só se falava alemão [...].* Contou também ter aprendido a falar português na interação com outras pessoas da região:

Eu ia aprendendo assim... Eu gostava era muito dos pretos! Nós íamos muito ali para Antônio Carlos, lá tinha uma igreja pequenininha, mas pequena mesmo [...] Então a gente aprendia algumas coisas, às vezes vinham pretos por aqui apanhar laranja, porque a laranja se vendia naquela época. Eu fazia outros serviços, e assim a gente ia aprendendo. Meio torto, assim como saía estava bom. [...]¹⁸²

Outros aspectos abordados por alguns entrevistados apontam que valores do *Deutschtum* eram incorporados desigualmente às preocupações das populações de comunidades alemãs. O ex-combatente da FEB Fridolino Kretzer relatou que sua mãe era *cabocla* e José Edgar Eckert, que sua mãe era descendente de italianos. No mesmo sentido, a descendente de alemães por parte de pai Lila Kitty Frey Piegas,¹⁸³ que vivia em Santo Angelo, RS – *Colônia alemã [...]* *De gente trabalhadora [...]* – definiu sua mãe como uma *brasileira nata*. Por outro lado, opiniões do agricultor Samuel Guesser alinham-se a ideais que valorizam a pureza de sangue quando fala sobre os casamentos entre “brasileiros” e “alemães”:

[...] Antigamente, isso era quase uma traição à raça. Se um alemão casasse com uma brasileira, isso era uma baixaza. Hoje a maioria se casa cruzado. [...] Eu não queria casar com brasileira. Também, brasileiros naquela época eram uma gente muito relaxada, então era tudo pobre, pobre... Assim, ao redor das casas era só mata-pasto e erva. E moravam todos em terra boa.

¹⁸⁰ A. C. A. P., depoimento citado.

¹⁸¹ Vivia na localidade de Rachadel, comunidade alemã. Na época, Antonio Carlos pertencia ao município de Biguaçu.

¹⁸² Samuel Guesser, descendente de alemães, nascido em 1917, em Antonio Carlos-SC. Depoimento concedido em 16 de abril de 2005, em Antonio Carlos-SC.

¹⁸³ A depoente é casada com o veterano da FEB Manuil Goethel Piegas.

Para o aprofundamento de reflexões sobre sentimentos possivelmente mantidos entre os habitantes de comunidades alemãs contribuem considerações sobre opiniões expressas sobre o nazismo e repressões sofridas no Brasil.

3.2.1 “Alemães pintando o caneco”: o nazismo para os ex-combatentes

Durante os primeiros anos da Segunda Guerra, a falta de consenso entre as autoridades brasileiras quanto ao posicionamento do Brasil refletia-se nas medidas para o controle da informação implantadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado pelo governo em 1939. Se a censura, de acordo com José Inacio de Melo Souza (2003), baseava-se em regras vagas¹⁸⁴ que deveriam garantir notícias amistosas sobre os países vizinhos, evitar prejuízos à imagem do governo e vetar comentários que privilegiassem um ou outro lado do conflito, constatou o autor que muitas vezes foram feitas vistas grossas a jornais germanófilos.

Resultado disso pôde ser verificado em rápida consulta a exemplares do jornal *Correio Dona Francisca*, de Joinville, cidade catarinense de colonização alemã. O periódico que se chamava *Kolonie Zeitung* antes da proibição da circulação de jornais em alemão é amplamente referenciado como difusor de ideais pangermânicos por pesquisadores de comunidades alemãs.¹⁸⁵ É reproduzido abaixo um fragmento de um texto publicado na edição de 9 de outubro de 1941, sobre as explicações da guerra em curso:

As finalidades da guerra

(〈Transocean〉, Agência alemã)

Quais as finalidades que motivaram a guerra que, depois de 2 anos, continua-se travando? Sim, 2 anos já dura esta guerra, que em 3 de setembro de 1939 a Inglaterra e a França declararam à Alemanha, quando não queriam permitir que fossem reparadas as injustiças do passado nem reestabelecida, na fronteira ocidental alemã, a situação que correspondia á verdade histórica do continente.

É verdade que isso foi apenas um pretexto. De inúmeros documentos e declarações dos nossos inimigos, deduz-se, sem logar a sofismas, que a guerra foi declarada á Alemanha porque está, inflexível, e consciente dos seus direitos, queria ocupar o logar que lhe cabe na Europa. [...].¹⁸⁶

¹⁸⁴ Consistiam basicamente em proibir textos que ameaçavam valores como a *unidade nacional*, os *interesses do país*, a *dignidade do Brasil* ou o *sentimento nacional*. Afirma, contudo, o autor: *o que havia sido liberado ontem poderia ser proibido amanhã e vice-versa, fazendo da informação uma moeda regida por leis sobre as quais nem o informante, o transmissor, e muito menos o receptor, tinham qualquer poder*. (SOUZA, 2003, p. 178-179).

¹⁸⁵ Cf. Gertz (1987).

¹⁸⁶ As finalidades da guerra. *Correio Dona Francisca*. 09 out 1941, p. 3. Jornal consultado no acervo de periódicos da Biblioteca Pública de Florianópolis.

Alguns dos veteranos da FEB descendentes de alemães entrevistados relataram que antes da entrada do Brasil na guerra acompanhavam as conquistas notícias dos avanços da Alemanha, amplamente celebrados nas comunidades onde viviam. Contou Ferdinando Piske:

Todo mundo era eufórico. Timbó [, SC], meu Deus do céu! Em Timbó, naquela época, tinha umas três ou quatro famílias de brasileiros, o resto era tudo alemão. Então todo mundo torcia, inclusive com o meu patrão, a gente escutava, antes de iniciar a transmissão das notícias da rádio de Berlim, vinha o sino do Big Ben, de Londres. Ele batia a cada navio aliado que os alemães tinham afundado durante o dia. Então, os alemães vibravam! Eu sei que uma noite foram setenta e dois! Nós dormíamos pegados na sala de visita, eles vibravam!¹⁸⁷

Fridolino Kretzer contou suas experiências em Indaial, SC:

[...] eu ia sempre num alfaiate escutar à noite, num rádio que ele tinha, quantos navios os alemães afundaram dos americanos e dos ingleses. E fazia [*ruído*]: “quinze navios os alemães botaram no fundo”. Eram as notícias que a gente recebia. Vinham direto de lá, os alemães davam as notícias, a gente recebia aqui. [...] Então a gente sabia assim. Os que eram de população alemã, eram todos a favor do Hitler. [...] eram todos hitleristas. [...]¹⁸⁸

Gerd Emil Brunckhorst, filho de imigrantes alemães, respondeu, quando indagado se sua família torcia para a Alemanha antes da entrada do Brasil na guerra: *Torcia. Torcia. É lógico, né, [tinha] uma simpatia [...]*. Embora não vivesse em região de colonização predominantemente alemã, relatou sobre os descendentes de alemães com quem convivia em São Paulo:

Torciam para a Alemanha, claramente. Porque realmente não viram o que estava acontecendo lá. Não sabiam. Os alemães mesmo também não sabiam. [...] Tinha campo de concentração, mas não sabiam das câmaras de gás, nada disso.¹⁸⁹

Emitindo avaliação posterior que considera a perseguição aos judeus um erro do regime nazista, rememora o sentimento dos alemães – ou descendentes – diante da situação da Alemanha nos anos trinta:

Os ingleses eram menos, mas os franceses humilharam a Alemanha a tal ponto que perdeu as suas colônias – bom, isso até foi bom –, perdeu territórios, ficou ocupada até os anos 30 – parte da Alemanha, a região do... No começo dos anos 30, acho que 33. ficou ocupada a região do Sarre por tropas francesas. E a produção das minas carvoeiras ia pra França. Era humilhante, sabe? [...]¹⁹⁰

¹⁸⁷ Ferdinando Piske, depoimento citado.

¹⁸⁸ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

¹⁸⁹ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

¹⁹⁰ Id.

Os dois agricultores descendentes de alemães da localidade de Rachadel também contaram que tinham simpatia pelo regime nazista. Afirmou Samuel Guessser: [...] *pelo que a gente escutava, era só progresso, só progresso.*¹⁹¹ Com grande empolgação, Bernardino Besen contou sobre as notícias da guerra, que acompanhava pelo rádio:

Ah, você vai me desculpar! Era uma alegria, disseram que Hitler deu uma avanço... Era nossa gente, né?! Torcia pelo Hitler! “O Hitler avançou lá, matou tantos” – opa, isso era um prato cheio para nós, meu pai, principalmente...¹⁹²

Nos fragmentos acima reproduzidos, os depoentes incluem-se em grupos que celebravam os avanços do nazismo na guerra: “famílias alemãs”, “população alemã” ou “nossa gente”. As lembranças assemelham-se às relatadas por Luigina De Beni,¹⁹³ nascida na Itália em 1929. Na cidade de Conegliano – região do Veneto – acompanhava pelo rádio discursos de Benito Mussolini, por quem tinha profunda admiração, e comemorava conquistas feitas pelo país, assinalando-as animadamente num mapa-múndi pendurado atrás da porta de sua casa.

Os depoimentos mencionados evidenciam relações entre guerra, meios de comunicação e identidade nacional. Deve-se destacar, contudo, que a maior parte dos ex-combatentes da FEB descendentes de alemães e habitantes de comunidades alemãs *não* se inclui entre os grupos que, segundo descrevem, simpatizavam com Hitler e torciam pela Alemanha. Walter Carlos Hertel, por exemplo, mostrou-se bastante desconfortável ao tratar do assunto, tendo afirmado não se lembrar qual a opinião das pessoas da cidade na época. Quando sua filha, Ruth Hertel, insistiu na questão, afirmou: *Tinha uns alemães que sim, devem ter torcido pelo Hitler.*¹⁹⁴

Relatou Adolfo José Klock, sobre os anos que antecederam a Segunda Guerra: *Os alemães aqui eram quase tudo a favor do Hitler. E tinha naquele tempo os camisas-verdes. Isso era do Hitler. [...] Faziam congresso aqui... Barbaridade!*¹⁹⁵ Já A. C. A. P., habitante de Pelotas-RS, quando questionado sobre a opinião da comunidade sobre a Alemanha na guerra,

¹⁹¹ Samuel Guessser, depoimento citado.

¹⁹² Bernardino Besen, descendente de alemães, nascido em 1930. Depoimento concedido em 16 de abril de 2005, em Antonio Carlos-SC.

¹⁹³ Luigina De Beni Arrigoni, nascida em 1929, que vivia na cidade de Conegliano, província de Treviso, no Veneto (Norte da Itália). Entrevista realizada pelo Programa de Educação Tutorial de História (PET-História) da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis-SC, em 18 de outubro de 2002.

¹⁹⁴ Walter Carlos Hertel, depoimento citado.

¹⁹⁵ Adolfo José Klock, depoimento citado.

respondeu: *A gente vivia na agricultura. Nem se importava com essa parte [...]*.¹⁹⁶ Ervino Riffel descreve indivíduos da comunidade onde vivia como “esses alemães mesmo”:

Quando começou a guerra, já tinha muitos rádios. Quando começou a guerra, eu estava em Blumenau. E lá eu tinha uma namoradinha, eu ia na casa dela, e o velho era alemão. Ele escutava de noite as notícias da guerra, e quando os alemães afundavam um navio inimigo, ele ria... comemorava. [...] Na Guabiruba, a maioria via o Hitler como um grande líder, achava que ele ia dominar o mundo mesmo. Esses Kormann aí da Guabiruba, esses alemães mesmo... Tinha muitos lá que torciam para a Alemanha ganhar a guerra.¹⁹⁷

Edgar Kielwagen, por sua vez, mencionou que havia [...] *certos alemães que simpatizavam com o regime de Hitler [...]* e, em outro trecho: [...] *Naquela época alguns eram fanáticos, que adoravam Hitler, mas a maioria não [...]*.¹⁹⁸ Quando questionado se a comunidade torcia para a Alemanha, Arnaldo Müller respondeu: *A grande parte... São safados!*¹⁹⁹ Contou ainda sobre os habitantes de Blumenau – [...] *eu sei que eles torciam, barbaridade, faziam uma torcida barulhenta, uma coisa de louco. Quando dava aquelas notícias que eles afundavam os navios, gritavam de alegria* –²⁰⁰ e expôs sua opinião sobre um conhecido que foi à Alemanha para integrar as tropas nazistas, [...] *um metido, um alemãozinho assim, né, metidão [...]*.²⁰¹ Em outro trecho, o depoente afirma sobre os soldados alemães na guerra:

[...] Eles eram ferozes mesmo naquela época, gente muito preparada... As forças alemães eram as melhores do mundo naquela época, até tomaram a Polônia parece que em 24 horas, França em 48 horas... Eles pintaram o caneco, sabe, no princípio. [...]²⁰²

Outros trechos de quase todas essas entrevistas, todavia, apresentam vestígios de admiração possivelmente mantida pelos depoentes ao regime nazista. Afirmou A. C. A. P.: *Quer dizer que... Você sabe, quer dizer que... Descendente sempre puxa um pouco, não é?*²⁰³ Ervino Riffel identificou-se como getulista como o pai e relatou que admirava Plínio Salgado, líder do movimento integralista, sendo que considera que tanto Getúlio Vargas como o integralismo mantinham simpatia pelo nazismo. Edgar Kielwagen, ainda que se excluindo do grupo de “fanáticos” que “adoravam Hitler”, comentou sobre o nazismo:

¹⁹⁶ A. C. A. P., depoimento citado.

¹⁹⁷ Ervino Riffel, depoimento citado.

¹⁹⁸ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

¹⁹⁹ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

²⁰⁰ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

²⁰¹ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

²⁰² Id.

²⁰³ A. C. A. P., depoimento citado.

Bom, eu achava [que] o regime estava bom, porque fez uma limpeza. Tinha muito comunista. E muitos outros partidos, que só criavam confusão, não deixavam Hitler melhorar o país como devia. Mas no fim Hitler conseguiu, assumindo o governo de Hindenburg, que era o chanceler alemão naquela época. [...] Só sei que o negócio funcionava bem lá, até que começou a guerra, e mudou outra vez.²⁰⁴

Nitidamente excluindo-se do grupo de “safados” que torcia pela Alemanha na guerra, expressa Arnaldo Müller sobre os primeiros anos de Hitler no governo:

[...] ele tirou a Alemanha da miséria! Antes que ele tomasse posse na Alemanha, lá doutores, advogados andavam com placas nas costas pedindo pelo amor de Deus um servicinho, o que vinha, né... E depois que ele tomou conta, ah, ele deixou essa Alemanha lá em cima. Nessa parte, foi extraordinário [...].²⁰⁵

Norte-americanos e ingleses são vistos como os que *fizeram a guerra*:

[...] Os americanos, os ingleses, os franceses perseguiam muito os alemães. Tudo o que eles [os alemães] fabricavam era bom, naquela época, tudo era bom, melhor do que os outros, então era aquela inveja. Por isso eles [os ingleses e os americanos] perseguiam, fizeram a guerra. Fizeram, fizeram, até que o negócio estourou. [...]²⁰⁶

Como grande parte dos ex-combatentes entrevistados – descendentes de alemães ou não – Arnaldo Müller atribui a participação do Brasil na guerra aos torpedeamentos de navios brasileiros. Ao contrário dos demais, todavia, atribui parte deles aos norte-americanos. Referindo-se aos torpedeamentos: [...] *eu acho que a maior parte foram os americanos que afundaram e falaram que eram os alemães... Isso era para puxar o Brasil para a guerra, eles queriam isso.*²⁰⁷ Soma-se a isso a simpatia do entrevistado ao integralismo, que associa ao nazismo:

[...] E também tinha antigamente aqueles camisas-verdes. [...] Até, meus irmãos também eram do partido. O chefe era o Plínio Salgado. Era um grande orador [...]. O homem era extraordinário. [...] eu não sei qual era a intenção deles, eles falavam que era para salvar o Brasil, eles tinham um plano extraordinário... [...] tinha muitos desfiles. Eles faziam encontros, faziam marchas de noite, era uma beleza! Assim, era uma vida assim formidável.

É necessário compreender os sentimentos demonstrados em relação ao nazismo e às conquistas da Alemanha do modo como apontam os estudos de René Gertz:

²⁰⁴ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

²⁰⁵ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

²⁰⁶ Id.

²⁰⁷ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

A derrota alemã na I Guerra e o Tratado de Versalhes foram sentidos por alguns teutos no Brasil como humilhação do povo alemão e houve algumas manifestações contrárias à República de Weimar. Entre os “germanistas” existia conseqüentemente um desejo de “reerguimento” do povo alemão; esperava-se por um “movimento de renovação”. De maneira geral o nacional-socialismo foi vivenciado como tal [...] (GERTZ, 1987, p. 95).²⁰⁸

A simpatia pelo regime alemão, com isso, geralmente não tem relação – como destacou Gerd Emil Brunckhorst no trecho citado – com a aprovação de ações da Gestapo ou os massacres feitos nos campos de concentração. Tomou-se o cuidado ainda de diferenciar percepções de ex-combatentes descendentes diante do regime nazista na Alemanha – e seu líder, Adolf Hitler – e as organizações nazistas no Brasil. Demonstrou Gertz (1987) que a atuação de partidários do nazismo no Brasil não era bem vista pelos indivíduos envolvidos particularmente na difusão de ideais do *Deutschtum*, pois os líderes das organizações nazistas tentaram impor sua autoridade nas comunidades, onde as relações de forças já estavam estabelecidas. Considerou também o autor pequeno o número de pessoas filiadas ao Partido Nazista do Brasil nos estados do Sul do Brasil,²⁰⁹ diante do total das que cumpriam com as exigências necessárias à filiação.

Entre os veteranos da FEB de comunidades alemãs, os depoimentos demonstraram pouco – ou nenhum – conhecimento sobre a atuação do partido. Ervino Riffel relatou que não conhecia. Contou Arnaldo Müller,²¹⁰ sem tanta certeza: *Eu acho que não. Pode ser que existia, mas mais secretamente... É, a gente não sabia... Eu não sabia não... Mas com certeza tinha... Tinha... De acordo com Ferdinando Piske: Não, aqui não. Tinha alguns, eu sei que eu vi por aí. Mas era isolado, uma meia dúzia de gatos pingados. Quer dizer, não tinham influência nenhuma.*

Quanto a modos ambíguos verificados nos depoimentos ao abordar os sentimentos em relação ao nazismo, é possível sugerir hipóteses intrinsecamente relacionadas a implicações das fontes orais. Primeira, deve-se considerar que a recepção de valores nacionalistas – como a de quaisquer propagandas políticas – estabelece-se desigualmente entre a população. Posição deliberadamente contra o nazismo, embora muito raramente mantida entre os habitantes de comunidades alemãs,²¹¹ é verificada no depoimento de José Edgar Eckert, que

²⁰⁸ O regime era encarado dessa mesma forma pela população alemã em geral, associado a recuperação da honra da Alemanha humilhada. Cf. Rémond (2002, p. 89, 94-97, 108) e Hobsbawm (2007, p. 44).

²⁰⁹ Da estimativa de 5.000 membros do partido em todo o Brasil, o autor supõe que 400 a 500 eram do Rio Grande do Sul e aproximadamente o mesmo número de Santa Catarina, sendo que havia [...] 25.000 indivíduos nascidos na Alemanha nestes dois estados [...] que, portanto, cumpriam com os requisitos para pertencer ao partido (GERTZ, 1987, p. 87).

²¹⁰ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

²¹¹ Cf. Gertz (1987, p. 91).

descreve a população que torcia pela Alemanha como *gente fanática*. Se Edgar Kielwagen – que emprega expressão semelhante para se referir a quem torcia pela Alemanha na guerra – demonstrou aprovar o regime nazista, afirmou José Edgar Eckert que seu pai [...] *lia muito jornal, sabia do que se tratava. E ele ensinava nós a não gostar disso aí [...]*.²¹²

Nesse sentido, cabe destacar que opiniões mantidas pela maioria dos habitantes de localidades de colonização alemã não foram verificadas em depoimentos de ex-combatentes que viviam fora dessas regiões, com exceção do de Gerd Emil Brunckhorst. Afirmou Lot Eugênio Coser, filho de pai alemão que mal chegou a conhecer:

Ah, a população da fronteira toda era anglófila, francófila, e coisa, toda a população brasileira acho que naquele tempo, a não ser os descendentes de alemão. Quer dizer, eu mesmo era descendente de alemão, mas não fui criado por meu pai, eu torcia para o lado dos franceses e dos ingleses. [...] Olha, o pai que me criou foi um espanhol. Eu comecei a acompanhar a guerra com a Guerra Civil Espanhola, que ele acompanhava muito. [...] meu pai era governista. [...].²¹³

Já Manuil Goethel Piegas relatou que não tinha preocupação com a guerra até o momento de sua convocação:

[...] Os adolescentes naquela época pensavam mais o seguinte: eu, [no] meu caso, vou falar o meu caso, eu estava com 18 anos, precisava arrumar um certificado de reservista pra eu poder trabalhar, porque ninguém empregava ninguém sem o certificado de reservista, porque depois tinha que servir, aí ficava a firma desfalcada de empregados. [...] sobre o nazismo, isso sempre foi coisa... Desculpa, viu... Coisa de intelectual. Tá? [...].²¹⁴

A segunda hipótese é que, se o ex-combatente da FEB Sebastião Ribeiro Duarte emitiu opiniões negativas sobre os “alemães” de sua região somente após se certificar de que a entrevistadora não tinha ascendência alemã, os ex-combatentes descendentes de alemães entrevistados podem ter evitado mencionar posições que explicitariam naturalmente entre outros descendentes de alemães: a torcida pela Alemanha na guerra pode ter sido considerada por alguns como um tabu. Terceiro, considerando-se que a memória é *seletiva* e reconstruída a partir do presente,²¹⁵ opiniões da época podem ter sido suprimidas ou modificadas na ocasião da entrevista, conscientemente ou não pelos depoentes.

Quarto, como afirma Eric Hobsbawm (2004, p. 20), [...] *a identificação nacional e tudo o que se acredita nela implicado pode mudar e deslocar-se no tempo, mesmo em períodos muito curtos [...]*. Situações como a participação na FEB ou, anos antes, o

²¹² José Edgar Eckert, depoimento citado.

²¹³ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

²¹⁴ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

²¹⁵ Cf. Pollak (1992).

posicionamento do Brasil na guerra e as perseguições sofridas a partir de então pelos teuto-brasileiros possivelmente interferiram em seus sentimentos identitários. O ex-combatente O. N., quando indagado quanto a sentimentos da localidade onde vivia sobre o nazismo e Adolf Hitler, respondeu: *Ah, a comunidade não... não... Porque era proibido falar alemão.*²¹⁶ Sobre memórias dessas experiências – que marcam os depoimentos dos descendentes de alemães entrevistados – cabem alguns comentários.

3.2.2 Repressão e ressentimentos

A partir do momento em que o Brasil se posicionou na Segunda Guerra contra a Alemanha, Itália e Japão, em 1942, o Estado Novo – após ter explorado até a exaustão a imagem dos comunistas e também a dos integralistas – definiu um novo-inimigo objetivo: imigrantes dos países aliados ao Eixo e seus descendentes, tidos como simpatizantes ou colaboracionistas do nazismo alemão e do fascismo italiano e, portanto, traidores da nação. De *inimigos étnicos* passavam a ser considerados, assim, *inimigos políticos e ideológicos*, utilizando-se palavras da historiadora Ana Maria Dietrich (2007). Enfatiza Maria Luiza Tucci Carneiro (1997, p. 46) que: *Segundo a polícia, todos os focos de erosão cultural deveriam ser localizados e desativados pois atentavam contra a segurança nacional.* Entre as medidas repressoras mais lembradas pelos ex-combatentes consultados está a proibição de falar o idioma alemão,²¹⁷ conforme a historiadora Anita Moser:

Estereotipados como «inimigos da Pátria», eram denominados de «fascistas» e «nazistas» e, como tais, humilhados, presos, extorquidos monetariamente e castigados, a pretexto de terem, às vezes, pronunciado uma só palavra em língua estrangeira [...] (MOSER, 1998, p. 22).

Sugerindo o grande impacto da medida nas comunidades alemãs, esse aspecto é espontaneamente lembrado pelo ex-combatente descendente de alemães O. N., quando questionado – de forma vaga – como era o cotidiano na época da guerra: *Alemão? Aqui era proibido. Naquele tempo não se falava alemão [...].* O veterano da FEB João Carturano, descendente de italianos, também relata: *[...] Era proibido falar italiano, alemão e japonês. Aí ninguém podia falar.*²¹⁸ Ferdinando Piske emitiu a seguinte opinião sobre a medida:

²¹⁶ O. N., veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1920, em Pelotas-RS. Depoimento concedido em 23 de abril de 2009, em Pelotas-RS. O nome do depoente foi omitido devido a seu falecimento, sem que pudesse encaminhar a carta de autorização.

²¹⁷ Cf. Campos (2006), sobre essas proibições em particular.

²¹⁸ João Carturano, depoimento citado.

[...] Isso foi um grande erro do Getúlio, porque você veja: quem criou escolas em todo esse sul – principalmente, que eu me lembro, aqui na região – foram os alemães, só tinha escolas alemãs. Eles construíram escolas, trouxeram professores da Alemanha para ensinar, e, de repente, ele baixa um decreto de que era proibido falar em alemão, italiano e japonês [...].²¹⁹

Ao contrário desse depoente, o também ex-combatente Arnoldo Müller atribuiu as repressões sofridas não a Getúlio Vargas, mas ao interventor estadual de Santa Catarina: *Aqui, sabe, naquela época, da guerra, naquela vez, aqui no estado o governador era Nereu Ramos. Era um durão... Aqui muita gente andou com saco de areia nas costas em Blumenau, aqui.*²²⁰ A percepção é compreensível, na medida em que, em Santa Catarina, atos repressivos já vinham sendo feitos por autoridades estaduais desde anos antes da implantação das medidas federais nesse sentido.²²¹ Relatou também Ervino Riffel: *[...] Alguns alemães aqui de Brusque tinham que tomar óleo, óleo de rícino. É... eles deram em Florianópolis. Quem era o interventor do estado era o Nereu Ramos. E ele mandou dar óleo para os alemães.*²²² O castigo de tomar óleo é lembrado por outros depoentes, como o ex-combatente O. N. e o descendente de alemães que não pertenceu à FEB Bernardino Besen:

[...] Aqui não aconteceu, ali em Jaraguá dizem que iam umas turmas de perseguidores pegar os alemães, e xaropeavam com óleo diesel, óleo diesel desses de mover caminhão, daí xaropeavam eles, chamavam assim “quintacoluna!”. Aí então, para não morrer, depois que eles saíam dali, botavam o dedo na garganta para vomitar o óleo. Não vi, mas contam...²²³

O ex-combatente da FEB Milton Fonseca, que não é teuto-brasileiro mas vivia na época em Blumenau, também relatou: *[...] a polícia lá dava pra eles óleo de rícino [...].*²²⁴ Como lembram alguns depoentes, as proibições afetavam a vida religiosa. Conforme Samuel Guesser, que não é veterano da FEB: *[...] Foi proibido falar em alemão, rezar em alemão [...].*²²⁵ O ex-combatente Arnoldo Müller relatou um episódio vivenciado durante a missa:

²¹⁹ Ferdinando Piske, depoimento citado.

²²⁰ Arnoldo Müller, depoimento citado. 2005.

²²¹ De acordo com René Gertz (1987), desde a proclamação da república, o poder no estado era disputado entre proprietários do planalto da região de Lages, representados principalmente por integrantes da tradicional família Ramos, e grupos relacionados aos interesses dos industriários do nordeste do estado, região de colonização alemã. Quando Vargas chegou à presidência, em 1930, entregou o cargo de interventor federal à família Ramos, que implantou durante toda a década iniciativas repressoras contra as comunidades alemãs, intensificadas a partir de 1935, quando entrou em vigor uma nova constituição estadual e Nereu Ramos assumiu o cargo.

²²² Ervino Riffel, depoimento citado.

²²³ Bernardino Besen, depoimento citado.

²²⁴ Milton Fonseca, veterano da FEB, nascido em 1919, em Tubarão-SC. Depoimento concedido em 12 de novembro de 2010, em Jaraguá do Sul-SC.

²²⁵ Samuel Guesser, depoimento citado.

[...] o batalhão chegou aqui em Blumenau, aí eles tomaram conhecimento, quer dizer, eles já tinham conhecimento que aqui tinha a Santa Missa em alemão. Aí vieram um dia e bateram num domingo aqui, com a música e tudo. Puxa, né, uma esculhambação! Mas também foram bem punidos. O batalhão também... É, eles tocaram o Hino Nacional dentro da igreja, tudo, dentro, quando nós estávamos na consagração [...].²²⁶

Situação em que um indivíduo foi obrigado a cantar o Hino Nacional foi lembrada por Ferdinando Piske:

[...] por incrível que pareça, eu tive um colega – sargento, no batalhão [...]. E ele pegou lá um alemão e botou lá num quadrado na frente da escola. Pôs o alemão no meio, e fez ele engolir uns dois copos de óleo de rícino. E aí: “Vai cantar agora o Hino Nacional Brasileiro!”. Só que o homem não sabia. Então ele chamou a polícia, levaram o coitado do alemão pra cadeia, não sei o que houve. E ele achava que ele era um herói! Aí a gente juntava em cima dele: “Espera aí, mas não é assim! Não é assim... Claro, é proibido, mas você está transformando isso como se o cara fosse um assassino, tivesse matado vinte ou trinta pessoas! E nem aí caberia um castigo desses! Nós temos um Poder Judiciário!”. E ele achava que era um herói!²²⁷

Em caso de desconfiança por parte das autoridades ou de denúncias neste sentido, um indivíduo podia ser detido na cadeia local por horas ou dias, ou ter que se apresentar diariamente ao delegado, até que fosse averiguada a sua culpabilidade ou não. Em várias regiões brasileiras criaram-se campos de concentração para prisioneiros políticos, obrigados a trabalhos forçados e ao confinamento. Em Santa Catarina, *Entre 27 de janeiro de 1942 e 27 de janeiro de 1943, foram realizadas 1.227 detenções e abertos 27 inquéritos por reincidência do uso do idioma alemão ou italiano* (FÁVERI, 2004, p. 96-97).

De acordo com o que lembra Samuel Guesser, [...] *Quem falasse alemão em público, era preso sem apelação. Podia ser morto, até. Porque sem apelação e sem proteção, nem tem direito a apelar para a justiça [...]*.²²⁸ Relatou Hertha Anni Abicht Basso: [...] *quando foi o rompimento do Brasil, o papai... levaram preso. Botaram numa... [...]* *Numa cela, sabe, incomunicável. Até que se justificaram, aquela coisa toda [...]*.²²⁹ Lila Kitty Frey Piegas também conta que teve parentes que foram presos:

[...] Na minha cidade onde eu nasci os alemães foram muito perseguidos. Meu avô passou quase dois anos sem poder voltar para casa porque ele era alemão. [...] ele estava aqui em Porto Alegre, preso. Ele quase que foi para a

²²⁶ Arnoldo Müller, depoimento citado. 2005.

²²⁷ Ferdinando Piske, depoimento citado.

²²⁸ Samuel Guesser, depoimento citado.

²²⁹ Hertha Anni Abicht Basso, descendente de alemães, nascida em 1924, em Santa Maria-RS. Depoimento concedido em 12 de novembro de 2010, em Jaraguá do Sul-SC. Casada com o ex-combatente da FEB Alcides Basso.

Ilha das Cobras, lá no Rio de Janeiro. Como [era] uma pessoa de idade, doente, não foi. [...] O meu pai foi preso, dormiu uma noite na... preso porque meu avô falou com ele em alemão e ele respondeu em português. Mas alguém ouviu e denunciou [...].²³⁰

Situações semelhantes a essas foram lembradas por veteranos da FEB descendentes de alemães entrevistados. Relatou Ervino Riffel: *Ah, eles... os alemães mesmo que moravam aqui em Brusque, que não eram naturalizados, foram presos... Lá em Florianópolis, na penitenciária de Florianópolis.*²³¹ Alguns contam sobre a prisão de parentes ou conhecidos. José Edgar Eckert lembrou uma situação traumática vivenciada por sua mãe:

Ah a repressão foi o seguinte: eles botaram polícia para perseguir os colonos que falavam alemão. Tinha gente que não falava português, não sabia. Então prendia, botava na cadeia. [...] Minha mãe foi perseguida. Ela era de origem italiana, mas falava alemão também, aprendeu com meu pai. [...] foi presa, chamaram a polícia [...]. E aí nós foi junto com a mãe e ela chamava para trazer a filha. E o delegado olhou para ela assim, com um chicote na mão. [...]²³²

Relatou Edgar Kielwagen: *Meu pai, ele foi encarcerado uma noite. E os irmãos dele, que eram três, todos ferreiros, tinham bastante influência na polícia. E eles foram na polícia, tirar ele. Porque ele não participava de nenhum partido nazista.*²³³ Embora não seja o tom predominante entre os descendentes de alemães quando tratam do assunto, Walter Carlos Hertel, entre risos, afirmou, com naturalidade: *A vida aqui era muito perseguida pelo governo, né... Se falava alemão era preso... Meu pai foi preso, eu fui preso...*²³⁴ Gerd Brunckhorst falou sobre a situação no Rio de Janeiro, distante de comunidades teutas:

[...] Conhecidos nossos foram presos. Era o pessoal da escola alemã: professores, ... Da escola Benjamin Constant, que também foram presos. Tiveram dias no DEOPS. [...] Foram presos porque eram alemães. Bom, eram submetidos e depois foram soltos. [...]²³⁵

A utilização do rádio entre alemães e descendentes era vista sob suspeita pelo Estado, assim como a posse de livros no idioma alemão.²³⁶ Hertha Anni Abicht Basso referiu-se a uma ocasião em que militares foram à sua residência em busca de objetos suspeitos:

[...] Que eu me lembro, que a gente estava lá e, de repente, a gente ouviu um barulho assim, sabe? Eu olho para fora e deu um trauma na gente. Era aquela

²³⁰ Lila Kitty Frey Piegas, descendente de alemães, atualmente casada com o veterano da FEB Manuil Goethel Piegas

²³¹ Ervino Riffel, depoimento citado.

²³² José Edgar Kielwagen, depoimento citado.

²³³ Id.

²³⁴ Walter Carlos Hertel, depoimento citado.

²³⁵ Gerd Brunckhorst, depoimento citado.

²³⁶ Cf. Carneiro (1997, p. 46).

gente tudo de armas em punho e queriam que nós mostrasse tudo o que que nós tinha de comunicação. Tinha um radinho [...], nada mais. Tinha... aquilo que a gente tinha, tipo de um baú. Era antigo, mas eu estava fazendo um enxoval [...]. Até aquilo eles abriram, levaram os retratos de família, sabe? [...] Foi horrível, sabe, a gente ficou com um trauma! Que à noite a gente tinha a impressão que tinha aquele rumor, sabe? [...]²³⁷

Experiência semelhante foi lembrada por Samuel Guesser:

Aqui vieram, eles reviraram a casa toda. Meu pai tinha um rádio, e tinha comprado um dínamo para iluminar a casa, para a energia elétrica. Então nós fomos acusados de ter um transmissor, um rádio transmissor para falar com os submarinos para dizer onde tinha navios andando. [...] em que posto tinha navios. Aí ainda perguntei para um deles, lá:

- O que é que vocês pensam? Colono aqui do mato, como é que ia trabalhar com isso? Quem ia trabalhar com isso? [...]

Eles vinham de quarto em quarto, abriam os armários, e tudo... E no meio da roupa pendurada, botava a mão, espiava para ver se tinha fuzil, ou armamento lá. [...] procuraram por tudo [...] Os livros alemães, isso foi tudo levado.²³⁸

Diante das perseguições, como destacou Marlene de Fáveri, não restavam muitas alternativas às populações de comunidades alemãs além do silenciamento.²³⁹ Ao ser questionado o que um indivíduo que não sabiam falar português fazia na época, Samuel Guesser resumiu: *Tinha que ficar calado*. Contou o descendente de alemães Bernardino Besen sobre uma atitude de seu pai, diante do temor à repressão:

[...] vieram dizendo que era proibido aqui dentro do Brasil falar a língua alemã. Proibido! Então, diziam que vinham fiscais ver se tinha alguma inscrição em alemão. No cemitério, até meu pai foi raspar as escritas do túmulo da minha mãe, então só deixou a data “nasceu, estrela, e cruz, e mil novecentos...” e o resto raspou tudo [...].²⁴⁰

Em outro fragmento:

[...] E o meu pai era muito conservador, naquele tempo se rezava, antes e depois das refeições, como nós sempre rezávamos. “Está perigoso o negócio, de repente nós podemos ir presos! Pode ter um espião nos vendo rezar em alemão” [...] Aí meu pai disse assim “Olha, não tem mais jeito, não dá mais pra nós rezarmos em alemão. Eu não rezo em português”, ele não sabia, também. Daí ele disse pro filho mais velho “Então, tu reza. Reza, porque nós não podemos mais arriscar, podemos ir presos”. [...] Faltava só ainda dizer,

²³⁷ Hertha Anni Abicht Basso, depoimento citado.

²³⁸ Samuel Guesser, depoimento citado.

²³⁹ Ilustra a historiadora: *Duas mulheres iam pela estrada, iam para a roça, ao trabalho da lavoura. Então uma delas viu uma cobra e não pode avisar porque uma não podia dizer nada pra outra, não sabia falar em português! [...] Silenciar: era o verbo para se protegerem de denúncias e problemas com a polícia local [...]* (FÁVERI, 2004, p. 113-114).

²⁴⁰ Bernardino Besen, depoimento citado.

imagina, se eles de repente não vinham no confessionário, escutar se o cara confessava em alemão, de tão perseguidos que nós fomos. [...] ²⁴¹

O depoimento do ex-combatente da FEB Ervino Riffel enfatiza que a intensidade das perseguições dependia de especificidades locais:

Nós falávamos só o alemão. Até que o Brasil declarou guerra contra a Alemanha, foi proibido. Foi proibido falar alemão [...] mas em casas, escondido, se falava... Até depois mandaram policiais para a Guabiruba, para ninguém falar. Mas a polícia logo se deu bem com o pessoal, aí deixava falar, não era assim, muito rigoroso. O pessoal da Guabiruba também não era burro, conseguiu comprar eles logo... ²⁴²

Já Ferdinando Piske relatou sobre uma de suas irmãs que resistia às normas impostas, tendo sido presa diversas vezes por insistir em falar alemão em público:

[...] Eu tinha uma irmã que era revoltada contra isso. Ela trabalhava de costureira num alfaiate. Geralmente, o cidadão mandava ela numa loja *Paite* para comprar ou um tecido, ou linha, alguma coisa, e aí quando ela entrava, as vendedoras já diziam: “Ih, aí vem ela, meu Deus do céu...”. Porque ela entrava e começava a falar alto em alemão, se ouvia do outro lado da rua. E, como tinha gente que não gostava dela, ligava para o delegado, vinha a polícia e levava ela para a cadeia. Aí ela reclamava: “Não, mas eu tenho um irmão que é cabo, lá no Exército! O senhor chama ele aqui”. Daí eles me chamavam, e falavam: “É, mas, cabo” – depois, sargento – “ela está errada, o senhor sabe que é proibido”. “Mas o que o senhor quer que eu faça? Eu não posso fazer nada. Mas solta ela, vou dar uns trancos nela”. Aí eu falava com ela, e ela dizia: “Não, tudo bem. Eu prometo que não vou mais falar”. Dali a uma semana estava ela presa de novo. E aí foi, foi, foi,... Você sabe, chegou num ponto em que o delegado ligou uma vez para o batalhão, eu tinha sido recém promovido a sargento, aí eu fui lá e ele disse: “Olha, Sargento, o senhor sabe o que a Edite está fazendo?”, eu disse: “Não, não tenho idéia. Falou alemão de novo?”. “Não. Pior. Vem cá comigo”. Daí nós fomos lá na área da cela, sabe o que ela estava fazendo? Estava fazendo um comício em alemão para os alemães! Daí ele chamou os policiais todos que estavam lá, e disse “Nunca mais me tragam essa mulher aqui para dentro. [...] Eu não quero mais esta maldita aqui na minha cadeia!”. E aí, quando nós fomos saindo, ela xingou a mãe do delegado. Em português! [...] ²⁴³

Alguns dos fragmentos reproduzidos já mencionaram a atuação de pessoas que denunciavam quem falasse alemão para a polícia. Segundo Anita Moser (1998, p. 22): [...] *A existência de delatores, recrutados, às vezes, entre os da própria etnia, mostra bem a que ponto a violência se transformou em um movimento de todos contra todos, justificados pela política em vigor.* Com essas constatações da historiadora converge especialmente o relato de Samuel Guessier: [...] *Crianças denunciavam. [...] Alemães também. Porque tu sabes, quando*

²⁴¹ Id.

²⁴² Ervino Riffel, depoimento citado.

²⁴³ Ferdinando Piske, depoimento citado.

*se dá ódio entre as famílias, aí cada qual despeja o que é possível.*²⁴⁴ Contou também H. P.: *[...] Tinha aí um, agora já está morto, mas aquele era nojento, ele só vinha assim para espiar para ver se a pessoa falava o alemão [...].*²⁴⁵ Entre os ex-combatentes da FEB entrevistados, destacou Ervino Riffel: *Tinha homens civis encarregados de cuidar, se escutassem alguém falar alemão, tinham que avisar as autoridades: “Os ‘fulanos’ estão falando alemão”. E então vinham prender esses caras [...].*²⁴⁶ Fridolino Kretzer conta sobre diversos delatores da localidade onde vivia, condenando sua postura: *[...] Acho que não devia de acontecer isso! Que língua tem a ver com guerra? Não é?*²⁴⁷

Gerd Emil Brunckhorst relatou sobre as restrições sofridas por sua família quanto à aproximação do litoral:

*[...] Meu pai, por exemplo, que chegou a morar com a minha mãe na represa, ele teve que sair de lá. Ele não podia continuar morando lá por causa da... Eles diziam que tinha um risco de se comunicar com a sabotagem. Ele voltou para São Paulo. Mas assim mesmo, quando ele queria ir para lá, ele ia na polícia, tirava um salvo conduto, e ia toda a semana para lá. [...]*²⁴⁸

Relatou também que os professores identificados como alemães tinham dificuldade para conseguir empregos a partir da entrada do Brasil na guerra. Sobre a nacionalização da educação – que, nas palavras de Marlene de Fáveri (2004, p. 105), *passou a ser um problema de segurança nacional, com controle direto do Ministério do Exército* – relatou Samuel Guesser: *A minha irmã era professora. Ela foi acusada de falar alemão na escola, mas era mentira. A inspetoria esteve logo, aí tiraram ela da escola e mandaram uma professora, deram para uma outra professora.*²⁴⁹ Nenhum dos depoentes mencionou medidas que atingiram principalmente as elites, como o fechamento de clubes e associações tidos como nazistas.

Na medida em que a propaganda estatal tornava-os *outsiders* em relação à população “nacional”, verifica-se uma das situações possíveis apontadas por Elias e Scotson ao problematizar a exclusão social com o estudo de uma pequena cidade inglesa, que recebeu o nome fictício de Winston Parva:

[...] O fato de os membros dos dois grupos diferirem em sua aparência física ou de os membros de um grupo falarem com um sotaque e uma fluência diferentes a língua em que ambos se expressam serve apenas como um sinal

²⁴⁴ Samuel Guesser, depoimento citado.

²⁴⁵ H. P., esposa de A.C.A. P., cujo nome é omitido pelos motivos já citados.

²⁴⁶ Ervino Riffel, depoimento citado.

²⁴⁷ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

²⁴⁸ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

²⁴⁹ Samuel Guesser, depoimento citado.

de reforço, que torna os membros do grupo *estigmatizado* mais fáceis de reconhecer em sua condição [...] (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 23).

Nos termos de Erving Goffman (1988, p. 15), pode-se afirmar que foi construída *uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa*. O ex-combatente Gerd Emil Brunckhorst, consciente de seu estigma, lembra seus sentimentos: [...] *no Rio de Janeiro, eu... Bom, eu não tenho cara de carioca, não é? E sempre guardo um pouquinho do sotaque de alemão, provavelmente, né? E eu era... na rua eu não me sentia seguro no Rio [...]*. Contou sobre a discriminação sofrida na empresa onde era, até então, encarregado da seção marítima:

[...] Em 1942, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha, Japão e Itália, eu fui transferido dessa seção para outra seção por questão da minha descendência alemã. Embora já fosse reservista de segunda categoria do Exército Brasileiro e de nacionalidade brasileira. Voltei e me encarregaram de preencher formulários, uma função que não estava à altura da minha capacidade. [...] [de acordo com a empresa,] a minha condição de descendente de alemão não era conveniente para continuar. Porque eu tinha conhecimento dos embarques e desembarques de navios brasileiros, [...] eles achavam que... eu era considerado um risco. [...] Bom... Não foi declarado, mas era ordem superior [...] Me senti... humilhado. Também fui tratado pelos meus colegas de trabalho discriminatoriamente [...].²⁵⁰

Em localidades marcadas pela imigração alemã, foram criadas rivalidades ou evidenciadas as já existentes entre os descendentes de alemães e os demais habitantes.²⁵¹

Relatou Hertha Anni Abicht Basso sobre sua experiência em Santa Maria, Rio Grande do Sul:

[...] a gente era super perseguido, era a quinta-coluna! [...] Eu sempre me dei muito com os pretinhos, sabe? [...] E a minha grande amiga do peito era também morena. [...] Então naquela época ela se estranhou comigo assim. Eu encontrava com ela e ela me cumprimentava e ela vinha com uma piada de quinta-coluna. E fazia mal pra gente, né...²⁵²

Contou, chateado, o agricultor descendente de alemães Bernardino Besen, nascido em 1930, de como eram chamados os teuto-brasileiros na localidade de Rachadel, na época pertencente ao município catarinense de Biguaçu:²⁵³

[...] veio do alto essa palavra, eles eram chamados de quinta-coluna. Nem sabia o que queria dizer naquele tempo quinta-coluna... Eram os quinta-coluna: “ô, os quinta-coluna! Ô, quinta-coluna”. [...] Barbaridade! [...] para

²⁵⁰ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

²⁵¹ Cf. Fáveri (2004).

²⁵² Hertha Anni Abicht Basso, depoimento citado.

²⁵³ Atualmente, pertence ao município de Antonio Carlos-SC.

provocar mesmo. Não era de brincadeira não [...] isso era não só de bate-boca por aí. No jornal oficial, eles foram chamados de quinta-coluna!²⁵⁴

Experiência semelhante foi contada por ex-combatentes da FEB. Osmar Neutzling: [...] *Era acusado [como] fascista. Porque era de origem alemã, então nós era fascista.* Frisou Albino Carlos Alberto Peter:

[...] Quer dizer que até quando eu servi no Exército, quer ver, tinha muito descendente de alemão. Então amontoava aquele grupinho [de civis], aqui em São Lourenço mesmo. E outros, que eram brasileiros, vinham “Ô! Os alemão aí, ô”. [...] “Os quinta-coluna!”.

O sentimento anti-alemão desencadeou uma série de agressões feitas pela população a propriedades ou estabelecimentos comerciais associados aos “súditos do Eixo”.²⁵⁵ Lila Kitty Frey Piegas²⁵⁶ conta sobre a tensão constante enfrentada pela família:

[...] Chamavam de alemães, botavam a suástica em frente às casas, ... minha mãe era brasileira nata, ela estava sempre lá na frente, não deixando invadir. [...] não teve nenhum problema... Mas nós [estivemos] sempre alerta, não é? [...].

Lembrou o agricultor Samuel Guesser: [...] *Eles entravam naquelas lojas dos alemães, lá em Florianópolis, aquelas que tinham fachadas de vidro, era tudo apedrejado, jogavam tudo para fora...* ²⁵⁷E também o ex-combatente descendente de alemães B. A. S.: [...] *as firmas alemãs foram todas depredadas, e tudo... Isso foi em todo o Brasil, não foi só em Santo Ângelo [RS].*²⁵⁸

Ao tratar da época da infância, os dois agricultores descendentes de alemães da localidade de Rachadel relataram alguma hostilidade em relação a indivíduos que, como os descendentes de alemães, habitavam a região. Nas palavras de Samuel Guesser:

[...] alemães e açorianos, portugueses, nunca se davam. Por aqui, [...] os portugueses, os brasileiros, chamavam os alemães de “Cu-de-pão!”. É, porque gostavam de comer pão. Naquela época em cada casa tinha aquele forno grande, né, se lembra? Para fazer pão, para fazer rosca, aquilo era uma comida boa... Aí os alemães respondiam: “Cu-de-chaleira!”, porque tomavam muito café.²⁵⁹

Relatos de histórias que Samuel Guesser ouviu de seus parentes sobre o tratamento recebido pelos imigrantes alemães recém-chegados sugerem que restrições contra “os

²⁵⁴ Bernardino Besen, depoimento citado.

²⁵⁵ Cf. Fáveri (2004).

²⁵⁶ Casada com o ex-combatente da FEB Manuil Goethel Piegas.

²⁵⁷ Samuel Guesser, depoimento citado.

²⁵⁸ B. A. S., depoimento citado.

²⁵⁹ Samuel Guesser, depoimento citado.

portugueses” ou “os açorianos” da região eram passadas de geração em geração: *Era tudo com reserva. Era apelido, apelido... Muitos gostavam um do outro. Mas o que mais eles queriam era enganar um ao outro.* Aos “portugueses”, refere-se em tom pejorativo: enquanto *o açoriano era quem ia pescar. Pescar, e não trabalhar,* os “alemães” – trabalhadores e desbravadores – *foram indo para o mato, mato adentro.* Afirma, em outro trecho: *Os portugueses, no princípio, eram ruins.*²⁶⁰ Receios contra os “açorianos” são também evidenciados no relato de Bernardino Besen, nascido em 1930, também em Antonio Carlos. Relatou sobre os sentimentos às vésperas de freqüentar a escola pública, onde aprendeu a falar português:

Nós falávamos só alemão. Eu quando entrei na escola não sabia nenhuma palavra em português, mas os meus irmãos acima de mim foram todos na escola alemã por aqui nessa região de Rachadel. Nós morávamos bem na divisa entre Rachadel e, como se diz... Coração de Jesus [...]. Então, da nossa casa para baixo, eram os açorianos, era uma divisa de línguas. E para cá, eram todos de origem alemã. Então eu fui o primeiro a ser jogado no meio dos açorianos, “Vai para a escola!”. Chorei de manhã, muito, não queria ir, com medo. E fui mandado para lá, que era mais perto [...].²⁶¹

Lembranças de Bernardino Besen, ao contrário de impressões mantidas até o fim da vida por seu conterrâneo por Samuel Guesser, sugerem ter convivido bem com os “açorianos”, vencidas as dificuldades iniciais impostas pela língua:

[...] Ali [na escola] aprendi o português. Em pouco tempo, eu era igual os outros. Não sei nem se deu quinze dias, eu já falava tudo, porque não se escutava mais nenhuma palavra em alemão, só o português. Aí logo eu me entrosei, e até eles se admiravam que eu não tinha aquele sotaque, porque eu aprendi o português no meio dos açorianos, e não puxava aquela fala assim, puxada... Aí eu peguei uma língua bem melhor do que estes que vem aqui. [...].²⁶²

Faz-se relevante considerar a situação específica da comunidade onde viviam para compreender a rispidez demonstrada pelos dois entrevistados aos “brasileiros”. Ao contrário dos locais habitados pelos depoentes ex-combatentes descendentes de alemães, Rachadel situa-se em região onde a colonização alemã era minoritária: o litoral catarinense, onde predomina a colonização de imigrantes vindos de Portugal ou, mais especificamente, do Arquipélago dos Açores. Tendo os açorianos sido estabelecidos antes dos imigrantes alemães, remete-se novamente ao estudo de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), que demonstra que

²⁶⁰ Samuel Guesser, depoimento citado.

²⁶¹ Bernardino Besen, depoimento citado.

²⁶² Id.

na cidade analisada instaurou-se clima de hostilidade entre os primeiros trabalhadores que chegaram e trabalhadores vindos posteriormente, instalados em bairros mais recentes:

[...] Em Winston Parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo [...] (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 23).

A situação enfaticamente tratada por Bernardino Besen e por Samuel Guesser não aparece nos relatos da infância dos ex-combatentes da FEB entrevistados. Apesar de se definirem – como pode ser visto em alguns trechos já mencionados – como “alemães” ou “pomeranos”, no caso específico de A. C. A. P., em oposição a outros grupos, não se verifica tom de hostilidade – o que não significa necessariamente que não existiam. Arnaldo Müller assim refere-se à interação com “os tijuicanos” que foram trabalhar em Blumenau: *Os alemães também eram uma gente boa também... Em geral eles se dão logo. Vieram muitos tijuicanos. Tijucas veio inteira aqui para Blumenau, morar aqui, é. Tijucas veio! Então, a gente se dava bem [...].*²⁶³ Sentimentos identitários da infância são especialmente explicitados por Edgar Kielwagen: [...] *eu me considerava alemão. Mais alemão, vamos dizer. Porque a gente falava alemão em casa, na escola nos primeiros anos. Mas isso tudo ficou se entrosando. Eu não tinha ódio, nada disso.*²⁶⁴ Panorama totalmente distinto é descrito por B. A. S., que não foi criado em comunidade alemã, sobre locais onde viveu quando adulto, às vésperas da incorporação na FEB:

[...] Era um clima pesado entre a alemoada, apesar que Santo Ângelo não tinha muito. Tinha mais em Ijuí, depois que eu vim para Ijuí. E eu assisti esse clima pesado em toda a parte que a gente ia, entre os alemães. O brasileiro, ele gostava desse negócio “Ah, essa alemoada!”... E o alemão, ao contrário, dizia “Essa negrada!”... Então era isso, essa rivalidade. Isso a gente sentia em todo lugar que a gente ia. Todo lugar... [...].²⁶⁵

Supondo que os teuto-brasileiros que habitavam comunidades alemãs em geral partilhavam laços de pertencimento à Alemanha – inclusive aqueles que integrariam a FEB – cabem breves considerações de Eric Hobsbawm:

[...] não podemos presumir que, para a maioria das pessoas, a identificação nacional – quando existe – exclui ou é sempre superior ao restante do conjunto de identificações que constituem o ser social. Na verdade, a identificação nacional é sempre combinada com identificações de outro tipo, mesmo quando possa ser sentida como superior às outras [...] (HOBSBAWM, 2004, p. 20).

²⁶³ Arnaldo Müller, depoimento citado.

²⁶⁴ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

²⁶⁵ B. A. S., depoimento citado.

Por exemplo, dois descendentes de alemães entrevistados evidenciaram sentimentos de identificação oriundos da interação de teuto-brasileiros com o restante da população inserida nas lutas de classe. Preconceitos de classe mantidos até a data das entrevistas são explicitados quando Samuel Guesser relatou perseguições sofridas pelos “alemães” durante a guerra:

[...] Se você quer ver coisa ruim, atíça a populaça, é que nem os sem-terra hoje. É parecido. Eles avançam e quebram tudo. Eles entravam naquelas lojas dos alemães, lá em Florianópolis, aquelas que tinham fachadas de vidro, era tudo apedrejado, jogavam tudo para fora... [...] A população, da rua! Que tinha raiva dos alemães! Porque alemães e açorianos, portugueses, nunca se davam. [...] ²⁶⁶

O mesmo se verificou no depoimento do ex-combatente da FEB, B. A. S., que era militar em Santo Angelo-RS, na época do episódio relatado, pouco antes de incorporar a FEB:

[...] depois houve o quebra-quebra de alemão, e esse troço todo, né, com prisões e tudo. Então a gente tinha que se guarnecer no quartel. [...] No dia da declaração de guerra, as firmas que tinham nome de alemão eram todas depredadas pela rafuagem que existe até hoje. Não é? [...] Rafuagem. Gentinha. Gentalha. Até hoje existe. De vez em quando eles acham de depredar um prédio, depredar um ônibus, eles vão e depredam. Principalmente o Movimento Sem Terra. ²⁶⁷

Em outro trecho, enfatiza, novamente B. A. S.: [...] *Principalmente aqueles que tinham pouca escolaridade, esses eram a pior raça para, como se diz, para perseguir a gente. Esses eram os piores.*

Retomando-se o tema dos laços de identificação *nacionais*, é preciso considerar a situação específica dos descendentes de imigrantes que, nos termos de Jeffrey Lesser (2002, p. 20), muitas vezes mantém *identidades hífenizadas*, ou seja, relacionadas – de modo ambíguo – tanto ao Brasil como ao país de origem de seus antepassados, que se somam a outros sentimentos de identificação. Dito isto, deve-se problematizar que hostilidades com o restante da população brasileira e perseguições feitas pela imprensa e pelas autoridades podem na época ter fortalecido, para uns, sentimentos identitários relacionados à Alemanha, para outros, laços em relação ao Brasil. B. A. S., que – como mencionado – não viveu a infância em cidade marcada por colonização alemã, contou o seguinte episódio ocorrido na época anterior à participação na FEB:

[...] eu era 3º sargento, ... [...] e meu chefe era um subtenente preto. Então ele começou a me chamar de alemão: “Ô, alemão! Ô, alemão!”, no sentido de encalhar, não no sentido carinhoso. Aí um dia: “Ô, alemão!” – tirou um monte de dinheiro – “Leva esse dinheiro e entrega para a minha mulher, lá

²⁶⁶ Samuel Guesser, depoimento citado.

²⁶⁷ B. A. S., depoimento citado.

na minha casa”. Eu fui. Aí apareceu lá na casa dele uma mulatinha de 16 anos, uma mulatinha lindinha, e eu, que tinha 19, conversei. Conversamos, e tal e coisa, e eu fui me despedir: “Escuta aqui, qual é a origem de vocês”, “Ah, meu avô é africano, nasceu na África”. [...] Cheguei no quartel, “Ô, alemão!”, eu digo: “Tenente, eu sou mais brasileiro do que o senhor”. “Por quê?” – “Porque o seu avô é nascido na África, e o meu avô é nascido no Brasil, em Campo Bom”. Nunca mais me chamou de alemão. [...] ²⁶⁸

Humilhações sofridas podem ter, também de modo ambíguo, ocasionado impactos no modo através dos quais os depoentes reconstruíram e apresentaram suas memórias, conscientemente ou não. Relatou Bernardino Besen sobre uma situação vivenciada alguns anos depois do fim da Segunda Guerra: [...] *Eu sei que no tempo que eu namorava a minha esposa, ela sabia falar alemão, mas ela dizia que não sabia, tinha vergonha. Vergonha da língua, de tão rebaixada que era. Por causa da guerra, por consequência da guerra.* ²⁶⁹ São elucidativos apontamentos de Pierre Ansart (2001, p. 17) que explicam teorias de Nietzsche o ressentimento e a interiorização do ódio, que pode desencadear [...] *a inferioridade transformada em humildade resignada, a fraqueza disfarçada em amor da justiça, o ódio “recalcado” [...] transformado, eventualmente, em ódio de si mesmo* (p. 17).

O depoimento de Bernardino Besen problematiza outra questão, ao demonstrar uma preocupação sobre a repercussão de sua entrevista:

[...] não vai voltar nada que a gente possa ficar comprometida? Não, né? É porque o meu pai também fez uma vez uma entrevista com uma neta, aí o meu pai falou também sobre a perseguição, eu não vi ele falar, a minha esposa viu [...], daí a minha esposa ficou com medo “Mas será que esse homem não fala demais, não vai se comprometer?”. [...] não vai depois se envolver na justiça, e vão me procurar [...]. ²⁷⁰

Em relação aos depoimentos de ex-combatentes da FEB, à possível preocupação em se resguardar e a sentimentos decorrentes de traumas sofridos durante a guerra, deve-se acrescentar que a participação em tropas brasileiras pode ter desencadeado ou fortalecido sentimentos relacionados ao Brasil, tema tratado no próximo capítulo. Talvez isso em parte explique a quase total ausência de relatos de rivalidades com a população local entre os ex-combatentes descendentes de alemães entrevistados.

De qualquer modo, algumas ou todas essas situações possivelmente contribuíram para a preocupação de parte dos veteranos da FEB entrevistados em enfatizar valores relacionados ao Brasil quando falam do período da infância. Relatando que freqüentou escola particular em alemão, Fridolino Kretzer destacou: *Mas o professor era mais brasileiro do que os brasileiros*

²⁶⁸ B. A. S., depoimento citado.

²⁶⁹ Bernardino Besen, depoimento citado.

²⁷⁰ Id.

de lá. *Hino Nacional todos os dias.*²⁷¹ Ao lembrar da escola estadual em que estudou, onde aprendeu o idioma português, acrescentou Arnaldo Müller: *eu sempre gostei muito do português, e gosto ainda, meu Deus! A minha língua é portuguesa, não tem língua melhor pra mim.* E quando questionado se ainda falava alemão: *Ainda falo. Mas não muito bem não. Eu gosto mais é do português.*²⁷² Em entrevista realizada anos depois, novamente ressaltou:

[...] a gente torcia mais para os portugueses aqui, pros amigos nossos. Eu já aprendi a língua portuguesa, e todo mundo, meus irmãos também, a gente já torcia mais para o povo do Brasil mesmo, que é um povo muito bom, maravilhoso... não tem como o povo brasileiro!²⁷³

Ao lembrarem perseguições e repressões ocorridas depois do posicionamento do Brasil na guerra, ex-combatentes teuto-brasileiros da FEB entrevistados em geral não mais descrevem “os alemães” ou “os de origem alemã” como *fanáticos*, adjetivos utilizados quando se referem à população que torcia pela Alemanha ou simpática ao nazismo, em período imediatamente anterior. Relatou Ferdinando Piske: [...] *Então, os coitados dos alemães – com setenta ou oitenta anos – não podiam mais abrir a boca. Eles não podiam abrir a boca, que eram presos pela polícia.*²⁷⁴ Nos termos de Arnaldo Müller: [...] *Como eles judiaram, né, dos nossos pais. Só porque eram de origem alemã [...].*²⁷⁵ E de Adolfo José Klock: [...] *Como foram judiados os alemão naquele tempo...*²⁷⁶ Nota-se a criação de uma imagem de si – os “alemães”, vitimizados – em oposição à polícia, aos repressores ou ao restante da população que os perseguia ou os discriminava.

A impressão faz-se presente também em relatos de ex-combatentes descendentes de alemães que não viveram durante a infância e adolescência em comunidades alemãs. Relatou Manuil Piegas: [...] *Eu acho que o que houve foi um exagero naquela época. Os alemães que estavam aqui não mereciam aquilo. Uma coisa é o nazismo, outra coisa é o povo alemão.*²⁷⁷ E também B. A. S.: [...] *Prendia o cara e levava para a cadeia. Sem crime nenhum, o crime era a origem alemã. Sem praticarem crimes, sem praticarem coisa nenhuma, eles eram perseguidos por serem alemães ou descendentes.* Em outro trecho:

Olha, foi muito difícil, porque o alemão foi muito espezinado aqui no Brasil. Eu até ficava com pena: às vezes, alemão que não tinha nada com o peixe sofria. Sofria coisas de ataque, de coisa, de prisões. Tiraram o rádio

²⁷¹ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

²⁷² Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

²⁷³ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

²⁷⁴ Ferdinando Piske, depoimento citado.

²⁷⁵ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

²⁷⁶ Adolfo José Klock, depoimento citado.

²⁷⁷ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

das famílias de origem alemã. Olha, origem alemã, poxa! O que que eu tinha com isso se meu tataravô imigrou para o Brasil, em 1826? O que que tinha eu, só porque tenho nome de alemão?²⁷⁸

Outro veterano da FEB, Lot Eugênio Coser, conta que protegia famílias italianas agredidas:

[...] na época da declaração de guerra do Brasil tinha muitas famílias italianas na minha cidade, lá em Uruguaiana, inclusive eu participei de pelotão do 8º que foi proteger essas famílias porque o povo quis atacar elas na declaração de guerra, naqueles afundamentos de navios, naquelas coisas. [...]²⁷⁹

Embora exceções tenham sido encontradas, verifica-se que na medida em que são descritas as perseguições, a maioria dos depoentes ex-combatentes – principalmente os que viveram parte expressiva da infância e juventude em locais de colonização alemã – identifica-se com “os alemães”, ou seja, o grupo discriminado.²⁸⁰ No momento descrito, as pessoas agredidas são em geral consideradas as “boas”, em oposição aos agressores: os “maus”. Em situações como essas, se forem utilizadas palavras de Pierre Ansart:

[...] As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente do mal que me é feito. Portanto, os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade no interior de um grupo [...] (ANSART, 2001, p. 21).

Se, conforme Elias Canetti (2005, p. 168), [...] *nas guerras, as religiões nacionais se aguçam [...]*, compreende-se que a intensificação da identificação de muitos teuto-brasileiros com o país de seus antepassados durante a Segunda Guerra. Mas se deve ter em mente que até o posicionamento do Brasil na guerra e – mais concretamente – a participação efetiva, a torcida pela Alemanha não era contraditória a sentimentos de pertença ao Brasil e alguns dos depoentes, não por acaso, associam o regime brasileiro liderado por Getúlio Vargas ao nazismo. Resume o ex-combatente A. C. A. P.: [...] *Tem gente assim que não achava que o*

²⁷⁸ B. A. S., depoimento citado.

²⁷⁹ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

²⁸⁰ Exceção é encontrada no depoimento de Lot Eugenio Coser, que não demonstrou comoção diante da situação dos “alemães”: [...] *como todos os estrangeiros, que eram inimigos naquele tempo, eles sofreram perseguições, tomaram os rádios, telefones, aquelas coisas a polícia tomou porque eles não podiam ter [...]*. Opiniões de outros ex-combatentes sobre a imagem de habitantes de colonização alemã são expostas a seguir. E também no relato de Ervino Riffel: [...] *tinha alguns que eram teimosos mesmo... Naquele tempo eles tinham armamento também, para caça e tiro, aquelas armas... [...]* *Eles eram muito teimoso, escondiam, ou falavam alemão com os outros.*

*Brasil ia entrar na guerra contra os alemães. Então quer dizer que eles não eram contrários a essa pátria [...].*²⁸¹

A entrada do Brasil na guerra ou a participação militar no confronto, bem como os fortes apelos patrióticos feitos pelo governo e imprensa na época, podem ter tido algum efeito semelhante no que diz respeito aos sentimentos em relação ao Brasil para parte da população brasileira, inclusive descendentes de alemães que habitavam comunidades teutas. Se os teatros de operação situavam-se muito distantes do território nacional e nas tropas foi incorporada parcela pequena da população, para os expedicionários teuto-brasileiros a incorporação à FEB fez com que sentimentos eventualmente mantidos em relação à Alemanha se tornassem contraditórios a sentimentos de identificação ao Brasil.

3.3 IMAGENS DE SI PARA OS OUTROS: A *QUINTA-COLUNA*

Nesta hora suprema e decisiva, todos os brasileiros dignos dêsse nome deverão estar unidos, para que o Brasil triunfe, galharda e honradamente, na guerra tremenda que avassala o mundo, e que ainda não está terminada.

Capitão Antonio de Lara Ribas, Delegado da Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina.²⁸²

Enquanto medidas oficiais eram tomadas para reprimir grupos definidos como inimigos depois do posicionamento do Brasil na guerra – em agosto de 1942 – enfatizava-se na imprensa a suposta existência da *quinta-coluna*, expressão nascida durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)²⁸³ e popularizada nos anos seguintes, principalmente nos países liberais, referindo-se à ações de traição e espionagem. Difundiam-se mitos de um “perigo alemão”, que circulavam desde o século XIX²⁸⁴ e haviam sido retomados pela imprensa norte-americana desde o início da guerra. Imigrantes alemães eram descritos, conforme constatado por Marlene de Fáveri (2004, p. 46), como “*traidores*”, “*alienígenas*”, “*agentes da Gestapo*”, “*espiões*”, “*sabotadores*”, “*perigosos*”, “*nazistas*”, “*quistos étnicos*”, “*quistos raciais*”, etc. Destaca a autora que surgiam entre os intelectuais teorias de que os quistos étnicos seriam partes *ruins* da nação, que deveriam ser tratadas *cirurgicamente*.

²⁸¹ A. C. A. P., depoimento citado.

²⁸² Cf. Ribas (1944b, p. 205).

²⁸³ Quando o golpista General Francisco Franco avançava com quatro colunas militares sobre Madrid, mencionou uma quinta, supostamente formada por simpatizantes do golpe infiltrados na cidade que era invadida. Cf. Fáveri (2004, p. 78-79).

²⁸⁴ Cf. Fáveri (2004, p. 40-41).

Alinha-se a esse discurso o conteúdo de dois livros escritos por autoridades policiais de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul na época da guerra, destinados ao grande público: *A 5ª coluna no Brasil*, de autoria do Chefe de Polícia daquele estado Tenente-Coronel Aurélio da Silva Py (1942), e *O punhal nazista no coração do Brasil*, assinado pela Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina, publicado originalmente em 1943 e, novamente, no ano seguinte.²⁸⁵ As duas obras, amplamente documentadas, “provam” a existência de uma conspiração nazista no Brasil com amplo apoio dos habitantes de comunidades alemãs.

Grande atenção é dedicada nas obras à demonstração da existência, desde o final do século XIX, de planos para a anexação da parte meridional do Brasil à Alemanha, com menções a textos das décadas anteriores produzidos por intelectuais alemães. De acordo com o Tenente-Coronel Py (1942, p. 11), *o que o nacional-socialismo alemão começou a pôr em prática e vem executando em condições tão assombrosas nada mais é do que um plano de longa data elaborado e carinhosamente acariciado pelas gerações alemãs que se sucedem*. Nos termos do Secretário de Segurança Pública da Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina (DOPS-SC) Antonio Carlos Mourão Ratton (1944, p. 5), tratava-se de [...] *velho sonho alemão, denunciando o complexo terrível duma raça que se narcisará na própria ilusão da superioridade [...]*.

Destacam as diferentes autoridades policiais que a partir da ascensão do nazismo na Alemanha propagandas foram difundidas visando reunir simpatizantes do regime, por meio de uma complexa rede de organizações nazistas, que incluem escolas, pastores evangélicos, clubes de tiro, associações e órgãos de imprensa. Assim, *O povo brasileiro [...] foi um campo propício à dolorosa e nefasta infiltração da mais execrável ideologia política assinalada até nossos dias sobre a terra: O nazismo, êsse consórcio odioso do crime e da traição* (RATTON, 1944, p. 19). A imigrantes alemães e habitantes de comunidades teutas – os teuto-brasileiros – é atribuída dupla imagem: alvo dessas medidas propagandísticas e, ao mesmo tempo, difusores de ideais nazistas. Ressalta o Tenente-Coronel Py que a propaganda circulava *notadamente na zona colonial germânica do grande Estado sulino, terreno naturalmente fértil, em que produziu frutos rápidos e fartos* (PY, 1942, p. 55). A manutenção de costumes e do idioma do país de seus antepassados teria favorecido uma propensão “natural” a ideais nazistas:

A língua predominante na colônia continuou sendo a alemã. Os jornais eu apareceram foram editados no mesmo idioma, como nele eram redigidas,

²⁸⁵ Desta obra foi consultada a segunda edição, que data do ano seguinte, visto que foi acrescida de um capítulo intitulado *O que é a quinta coluna?*

ainda, tôdas as publicações oficiais da região [...]. Não deve causar grande espanto, portanto, a facilidade que a GESTAPO encontrou para o cumprimento de sua missão [...] (PY, 1942, p. 55-56).

Tida como “prova” que seus habitantes fossem traidores em potencial, a manutenção de costumes “alemães” nesses locais é em muitos trechos mencionada:

Em via de regra, os alemães e a enorme maioria dos seus descendentes, por influência da propaganda racista, e posteriormente do nazismo, não obstante à nacionalização a que foram submetidos, continuaram, nessas sociedades, a viver a seu modo, incrementando usos e costumes germânicos. De fato, os homens que se derem ao trabalho duma observação ainda que superficial, poderão atestar que nas grandes reuniões sociais, das rodas íntimas, à mesa do “skat”, nas canchas de “bolão”, nos estandes de tiro ao alvo, à hora das cervejadas ou de chopps, sempre imperou, exclusivamente, a língua alemã. No clube e no lar, o uso, pois, do idioma alemão. Nos cafés e nas repartições públicas, um pouco da língua portuguesa, em doses homeopáticas, falseando a realidade, com o intuito de enganar os desavisados (RIBAS, 1944a, p. 52-53).

Relação estreita entre integralismo, germanismo e nazismo é apontada num fragmento de um texto do Comissário de Polícia de Polícia e Chefe da Secção da Ordem Política e Social de Santa Catarina João Kuehne:

Do estudo da documentação apresentada é de concluir: Integralismo e Nazismo são unos. A não ser os protestos isolados de algum integralista, [...] mais nenhuma demonstração contrária à “germanização” de brasileiros existe (KUEHNE, 1944, p. 178).

A falta de atenção dispensada por governos anteriores à integração das comunidades alemãs ao restante da população é severamente criticada. Destaca Ratton:

Essa infiltração se tornou mais fácil ainda em conseqüência da má direção imprimida por alguns governos passados, às correntes imigratórias, permitindo que estrangeiros para aqui viessem e se instalassem nas regiões mais ricas e férteis do país, em aglomerações isoladas, formando quistos raciais perigosos à unidade nacional, como é o caso dos antigos núcleos coloniais alemães, notadamente os do Brasil Meridional e Espírito Santo, nos quais os germânicos e seus descendentes conservaram, com raríssimas exceções, os seus costumes, cultura e língua (RATTON, 1944, p. 5).

No mesmo sentido, afirma o capitão Ribas: [...] *os alemães não precisavam dar satisfação dos seus atos a quem quer que fôsse, ressaltando, é claro, o seu “fuehrer”* [...] (RIBAS, 1944a, p. 20). Aos imigrantes alemães são atribuídas outras características indesejáveis, principalmente no livro publicado em Santa Catarina: [...] *verdade se diga, o Brasil para eles, só entrou em cogitação por ser um país rico e fácil de explorar, até com a sonegação de impostos* (RIBAS, 1944a, p. 20). O apelo a termos do ideário cristão – por exemplo, *A satânica trama alemã* descrita por Ratton (1944, p. 8) ou as *idéias diabólicas*

relacionadas ao nazismo pelo Delegado Antonio de Lara Ribas (1944a, p. 31) – constrói a imagem de uma luta travada entre forças do bem e forças do mal. Não é feita, assim, qualquer distinção entre a manutenção de costumes alemães, a simpatia ao regime nazista alemão e o suposto envolvimento numa conspiração nazista no Brasil. Apelando para a união de todos em torno da nação brasileira, as obras assumem caráter pedagógico.

Confrontando-se livros escritos posteriormente por ex-combatentes com o conteúdo dos dois livros de autoridades policiais publicados na época, foram constatados pontos convergentes. Às vezes, a coincidência é tanta que sugere que em alguns momentos nas narrativas de veterano da FEB resultados de pesquisas a materiais não citados prevalecem sobre as memórias. Segue uma das descrições do tendente-coronel Py sobre uma organização que colaborava com o nazismo:

[...] O Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho foi fundado em 1935 por um grupo de brasileiros de origem alemã que foram à Alemanha para dedicar-se a estudos profissionais. [...]
O Círculo é constituído de 44 membros dos quais 29 são teuto-brasileiros, 13 alemães e 2 teuto-paraguaios (PY, 1942, p. 21).

De acordo com o autor, teses do CTBT diziam aos estudantes o seguinte:

[...] “confiem em si próprios, nas suas próprias fôrças e alterem o curso da roda do tempo, *já que ela não quer seguir para onde nós queremos*”, pois “o povo alemão é autor de feitos admiráveis, muitos homens ilustres dêle surgiram e o *nacional-socialismo chegou mesmo a fornecer aos senhores os apetrechos em matéria de concepção étnica do mundo para tal obra* (PY, 1942, p. 24).

Com grande proximidade, narra o livro de Antonio Batista de Miranda:

A campanha nazista no Brasil estava numa fase intensa. Era a época da filosofia do Pan-Germanismo, coordenada pelo Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho (CTBT). Esse círculo, criado em 1933 por brasileiros de origem alemã que haviam estado naquele país para estudos, era constituído por quarenta e quatro membros, dos quais vinte e nove teuto-brasileiros, treze alemães e três teuto-paraguaios.
Em sua pregação aos estudantes os integralistas falavam que aqueles deveriam confiar em si mesmos, nas suas próprias forças, para alterarem a Roda do Tempo, pois este não queria seguir para onde os teutônicos queriam; que o povo alemão era autor de feitos admiráveis, muitos homens ilustres dele tinham surgido; que o nacional-socialismo fornecera os apetrechos ou matéria para a concepção étnica do mundo... (MIRANDA, 1998, p. 8)

De qualquer forma, outros trechos que dizem respeito a experiências vivenciadas sugerem que havia no ar um clima de suspeita constante sobre a ação de agentes nazistas. O

texto do mesmo ex-combatente, por exemplo, menciona a seguinte percepção sobre o que lhe disse uma cigana, no Rio de Janeiro:

“Tu não vais para a guerra!” Quis rir, achando que ia ser enganado. Lembrei-me das recomendações sobre informações. A cigana poderia ser uma agente nazista, pois eu estava esperando apenas o dia de embarcar. Procurei me acalmar e deixei-a continuar o seu trabalho [...] (MIRANDA, 1998, p. 99).

Resume o livro de Joaquim Xavier da Silveira (2001, p. 32, 124) – que na FEB foi soldado – que a quinta-coluna era formada por *simpatizantes do Eixo* e [...] *agia bastante, ora ostensivamente, ora de forma dissimulada, mas sempre, a favor do que já então se denominava Potências do Eixo (Alemanha, Itália, Japão, este último ainda neutro)* [...]. Os ex-combatentes da FEB que mencionam a situação do Brasil na época em geral pressupõem que havia planos de anexação de seus territórios meridionais, onde havia comunidades teutas, pela Alemanha. Joaquim Xavier da Silveira relatou em seu livro:

[...] No Brasil, os estados do Sul, notadamente Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tinham colônias de imigrantes da primeira e da segunda gerações que passaram a sofrer pressão política emanada de Berlim, na tentativa de criar, através dessa minoria, algo semelhante ao que existia na região dos Sudetos, na Tchecoslováquia – essa circunstância serviu, posteriormente, de pretexto para a anexação deste país à Alemanha [...] (SILVEIRA, 2001, p. 26).

Se esse veterano da FEB enfatiza a pressão feita a habitantes das comunidades teutas do Sul, outros destacam a manutenção de costumes tidos como alemães nesses locais. Na obra de Octavio Costa:

[...] o governo alemão hitlerista estimulava, nos três Estados meridionais brasileiros, o desenvolvimentos de um quisto racial, que pudesse, em futuro próximo, funcionar à maneira dos sudetos da Tchecoslováquia, em favor das ações pangermanistas.

Havia cidades e regiões em que o ensino era feito somente em idioma alemão, e o Reich estimava contar, em território brasileiro, com novecentos mil compatriotas e seus descendentes. (COSTA, 1977, p. 21).

Outros mencionam as mesmas intenções imperialistas da Alemanha mas não a suposta colaboração das comunidades alemãs. De acordo com o Major João Batista Peixoto (1951, p. 85):²⁸⁶ *Na América do Sul, a Alemanha tomaria sob sua proteção a República Argentina, o Chile, o Uruguai, o têrço meridional do Brasil, onde a cultura alemã dominava.* Demócrito Cavalcanti de Arruda (1949, p. 24), oficial da reserva que serviu na FEB como tenente, considerou que entre os motivos da entrada do Brasil na guerra estava [...] *o receio*

²⁸⁶ Apud Simões (1967, p. 39).

gravíssimo de uma vitória alemã custar-nos a mutilação do Sul do país, como vinham exigindo desde meio século os pangermanistas fanáticos [...].

Os simpatizantes do nazismo são frequentemente associados ao integralismo. Relatou Antonio Batista de Miranda, belenense que integrou voluntariamente a FEB, onde permaneceu por breve período, pois a unidade a que pertencia foi dissolvida ainda no Brasil:

Em 1936, o nazismo, através da Ação Intregalista [sic], fazia a divulgação de sua doutrina para a nossa juventude. Grandes oradores, com vocabulário envolvente, as características marciais de suas apresentações, levavam para suas fileiras o que havia de melhor entre os nossos jovens, a fim de que estes vestissem o vistoso uniforme verde da Falange Nazista. No futuro seriam informantes à serviço de Hitler contra o Brasil (MIRANDA, 1998, p. 7).

Sobre os anos posteriores ao posicionamento do Brasil na guerra, afirma:

[...] Os simpatizantes de Hitler diziam que ele seria o verdadeiro conquistador do mundo, que tudo seria diferente. [...] o integralismo já vivia na clandestinidade, já estava à serviço do quinta-colunismo nazista, informando as posições dos navios mercantes para efeito de covardes torpedeamentos (MIRANDA, 1998, p. 11).

Menções à quinta-coluna também aparecem em referências sobre o posicionamento do Brasil na guerra e na organização da Força Expedicionária Brasileira. Afirma Joaquim Xavier da Silveira (2001, p. 32): *Nessa ocasião, o Governo brasileiro possuía simpatizantes do nazismo e da Alemanha, admiração gratuita, reforçada pelo sucesso alcançado no front europeu e pela atuação da quinta-coluna [...].* Para o autor, a criação do símbolo da FEB – a cobra fumando – foi uma resposta a propagandas difundidas pelo quinta-colunismo: *[...] A quinta-coluna, os simpatizantes do Eixo, para ridicularizar a tropa, fizeram circular uma paródia [...] que dizia: “É mais fácil uma cobra fumar, que a FEB embarcar”* (p. 124).

Também a entrevista com ex-combatente descendente de alemães Ferdinando Piske mencionou a ação da quinta-coluna:

Era uma organização que dava informações para o governo alemão, sobre a atuação das forças armadas brasileiras. Inclusive, muitos desses navios foram afundados – isso está comprovado – por informações dadas pela Quinta-coluna: “Olha, esse navio *tal* está partindo hoje do Rio de Janeiro levando *não sei o quê* para o porto de Nova Orleans, ou Nova Iorque, ou Norfolks. [...]”²⁸⁷

Se alguns depoentes consideram os habitantes de comunidades alemãs do Sul essencialmente como alvos de ações propagandísticas – por Demócrito Cavalcanti Arruda (1949, p. 30), são descritos como [...] *pobres e martirizados alemães do Sul do Brasil* –

²⁸⁷ Ferdinando Piske, depoimento citado.

outros os associam diretamente a agentes da quinta-coluna. João Falcão (1999, p. 45), convocado para o Exército na época da guerra que não integrou a FEB, relata que investigações sobre a infiltração nazista no Rio Grande do Sul confirmaram a existência de um perigo real.

Relatos de ex-combatentes sem ascendência alemã entrevistados sugerem sentimentos formados em oposição à “população alemã” do Brasil. Conforme Sebastião Ribeiro Duarte, que vivia em Bom Retiro-SC, imigrantes alemães e seus descendentes queriam que o país se tornasse uma segunda Alemanha. Acrescenta: [...] *Eles queriam fazer nós puxar carroça [...] Alemão é uma raça desgraçada.* O mesmo se verifica na entrevista com João Carturano, descendente de italianos. Tendo vivido em Brusque na época da guerra, cidade catarinense de colonização alemã e italiana, afirmou enfaticamente: [...] *um alemão é fanático, é ruim. É muito ruim. Essa gente loura. Ainda hoje, se nós... Blumenau aqui, Blumenau é fascista [...].* Por outro lado, afirmou: *Os italianos daqui do Brasil eram mais assim da roça, não se envolvia com guerra.*²⁸⁸ O mesmo antagonismo é apontado por José Alves da Silva, que vivia em Jaraguá do Sul, SC, em seu livro de memórias:

Com o advento do fascismo, os descendentes de italianos não davam a menor atenção às arengas de Mussolini, enquanto que os de origem germânica já estavam com a cabeça feita pela intensa propaganda, desviando-se para os lados de Hitler, auxiliados pelo descaso criminoso dos vários governos que deixavam seus filhos sem escolas, não nomeando professores e permitindo que Jaraguá fosse se transformando num feudo nazista (SILVA, 2001, p. 12).

Apesar disso, ao falar das perseguições aos habitantes de Jaraguá do Sul – alemães e italianos – os descreve como [...] *colonos simplórios, a maioria analfabeta que nada entendiam de política, só cuidando de suas pequenas roças e vacas leiteiras* (SILVA, 2001, p. 23). O ex-combatente da FEB Milton Fonseca, que vivia em Blumenau na época, também não aprova os castigos impostos à população de teuto-brasileiros:

Eles estavam em tal lugar, se encontrassem rádios clandestinos nas casas, pegavam e traziam aquele pessoal preso. E aqueles presos não vinham para o quartel, eles iam para o batalhão da polícia militar. A polícia é que dava conta lá e a polícia lá dava pra eles óleo de rícino [...], [o] que nós do Exército não faríamos.²⁸⁹

Explicitadas essas exceções, na maioria dos relatos de ex-combatentes da FEB que não eram descendentes de alemães verificam-se sentimentos em relação a alemães e descendentes que, conforme estudos de Marlene de Fáveri (2004), eram partilhados pela população em

²⁸⁸ João Carturano, depoimento citado.

²⁸⁹ Milton Fonseca, depoimento citado.

geral. Reforça a constatação um fragmento de uma crônica escrita por Rubem Braga (1964, p. 13) – que atuou como correspondente de guerra na FEB – em setembro de 1944, quando o navio em que viajou para a Itália zarpava do Rio de Janeiro: *Adeus, Rio de Janeiro! [...] Uma barca da Cantareira passa perto e alguém me chama a atenção: “Veja, é a Quinta! É a Quinta-Coluna!” [...].* Se parte dos ex-combatentes partilhava tais sentimentos de desconfiança a alemães e descendentes, na FEB interagiria com habitantes das comunidades teutas que, por sua vez, como foi demonstrado, tinham sentimentos ambíguos em relação ao Brasil e à Alemanha. As situações daí decorrentes são tratadas a seguir.

4 DESCENDENTES DE ALEMÃES NA FEB: “NÓS” E “OS OUTROS”

Na interação de centenas de jovens provenientes de comunidades alemãs com outros expedicionários da FEB, novos sentimentos de pertencimento mesclaram-se aos antigos. Para o estudo dessas questões identitárias foram analisados entrevistas e livros de ex-combatentes, além de registros feitos por expedicionários na época da guerra em cartas e diários.²⁹⁰ Procurou-se identificar nessas fontes vestígios de sentimentos de identificação entre grupos e de alteridade em relação a outros indivíduos.

4.1 DEMOCRACIA E LIBERDADE *VERSUS* DITADURA

Em três de janeiro de 1945, na Itália, saía a primeira edição do jornal *Cruzeiro do Sul*,²⁹¹ uma entre outras iniciativas tomadas pelo Serviço Especial da Força Expedicionária Brasileira, vinculado a órgãos de comando, para promover e elevar o moral das tropas.²⁹² Na primeira página, declarações retratam a imagem dos brasileiros ao lado dos Aliados na luta por liberdade e democracia, contra o inimigo universal: A Alemanha. Uma pequena nota registra: *o Cruzeiro do Sul [...] saúda os seus camaradas que, em todas as frentes e em todos os Exércitos Aliados, lutam pela liberdade do povo.*²⁹³

À direita, mensagem do General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB: *A Força Expedicionária Brasileira trouxe para o campo de batalha da Europa mais de três séculos de tradição de amor à liberdade, bravura e tenacidade da nossa raça [...].*²⁹⁴ Acima, cumprimentos do General do V Exército Americano, Mark W. Clark, aos editores do jornal: *[...] olho para frente, para o dia em que as suas manchetes anunciarão a queda do inimigo comum.* À esquerda, palavras do General do 4º Corpo, Willis D. Crittenger: *[...] Depois de meses de preparação e treinamentos, assumisteis agora o vosso lugar como uma potente força combatente [...] ao lado dos exércitos das Nações Unidas, na luta pela paz do mundo e para a democracia [...].*²⁹⁵

O comando da FEB estava ciente de que a formação de laços identitários a partir de crenças em torno de ideais comuns favorecia a coesão e, conseqüentemente, o desempenho

²⁹⁰ Os documentos abrangeram ex-combatentes de diversas origens e locais.

²⁹¹ Os 34 números do jornal foram integralmente reproduzidos em edição fac-similar organizada por Roberto Mascarenhas de Moraes, filho do comandante da FEB e publicada em 2010.

²⁹² Cf. Castello Branco (1960, p. 342-343).

²⁹³ Apud Mascarenhas de Moraes (2010).

²⁹⁴ Id.

²⁹⁵ Id.

das tropas; problema antigo, colocado em pauta pelo militar prussiano Carl von Clausewitz, no início do século XIX.²⁹⁶ A guerra concebida como disputa do bem *versus* o mal, na versão dos Aliados traduzia-se na luta²⁹⁷ da democracia – ou da liberdade – contra o autoritarismo ou totalitarismo.²⁹⁸ Terminada a guerra, esse discurso dos vencedores naturalmente predominaria sobre outros pontos de vista.

No Brasil, a partir da declaração de guerra à Alemanha e à Itália – em agosto de 1942, o Estado Novo – com propaganda oficial e controle da imprensa – difundia amplamente apelos patrióticos, visando uma mobilização econômica e militar²⁹⁹ para os esforços de guerra e coesão frente às tensões políticas que afloravam. Insistia-se nas agressões injustas ao Brasil – país pacífico – cometidas com os torpedeamentos de navios brasileiros que vinham ocorrendo. Estes eram interpretados como parte de planos imperialistas alemães, visando a anexação de parte do território brasileiro ao Reich, e ameaçando assim a soberania nacional.³⁰⁰ Ao mesmo tempo, propagandas difundidas por grupos contrários ao posicionamento do Brasil

²⁹⁶ Conforme os estudos de John Keegan, Clausewitz, no início do século XIX percebia a importância do comprometimento das tropas francesas com os valores da Revolução no bom desempenho dos exércitos napoleônicos sobre a Prússia. Dedicado a desenvolver uma teoria que garantisse a vitória dos exércitos de seu país em combates futuros, o veterano do 34º Regimento de Infantaria da Prússia enfrentava um dilema: *como se poderia ter as formas de guerrear praticadas pelos exércitos da República Francesa e Napoleão sem a política revolucionária? Como se poderia ter uma guerra popular sem um Estado popular?* A solução encontrada, ainda segundo Keegan, era fazer com que os soldados, ao participarem das guerras, se sentissem envolvidos em ações políticas para os interesses dos seus Estados. Influenciado pelas correntes idealistas da época, Clausewitz argumenta na sua obra *Von Krieg*, destinada aos militares, que os objetivos dos soldados deveriam se aproximar do que chama de *guerra verdadeira*. Contrapunha-se à idéia da *guerra real* – aquela que, baseada na natureza, fundamentava-se na covardia, na fuga, nos interesses individuais – e valorizava ideais como “*obediência total, coragem pura, auto-sacrifício, honra*”, que já eram parte da cultura regimental (KEEGAN, 1996, p. 33-34).

²⁹⁷ Trata-se de um desdobramento da antiga formulação de Santo Agostinho sobre as guerras, que classifica entre justas – basicamente as de defesa – e injustas – as de ataque. Uma das fragilidades da teoria consiste na ausência de critérios e de um juiz acima das partes, o que acarreta que ambos os lados podem ter razões consideradas justas. Cf. Bobbio, Norberto (2003, p. 76-79) Assim, nos argumentos alemães ou italianos, os ataques feitos a partir da década de 30 consistiam em uma reparação *justa* à humilhação imposta pelas grandes potências vencedoras da Primeira Grande Guerra (1914-1918).

²⁹⁸ O conceito, mais tarde profundamente estudado por Hannah Arendt, na época era freqüentemente empregado pela grande imprensa, referindo-se aos regimes ditatoriais em geral.

²⁹⁹ Como explica Toby Clark, as guerras, a partir de 1914, não dependiam mais somente de disputas militares, mas também da opinião pública. Para que os países mais envolvidos na guerra conseguissem concentrar suas economias e esforços nacionais para as atividades bélicas, entre 1939 e 1945, foram fundamentais as agências e órgãos criados desde o período do conflito anterior para propaganda estatal ou controle de informação, muitas vezes nomeados nos países democráticos com eufemismos como “*serviços de informação*” ou “*educação pública*”.

³⁰⁰ A participação brasileira na guerra [...] *era legitimada por objetivos superiores e universais da democracia, defesa heróica da soberania nacional ultrajada, respeito às tradições seculares do Exército, etc.*, embora até os primeiros anos da guerra a ditadura do Estado Novo não apresentasse quaisquer restrições ao nazismo e ao fascismo: pelo contrário, muitas das autoridades brasileiras do regime simpatizavam com os regimes autoritários europeus (FERRAZ, 2002, p. 72-73).

ao lado dos Aliados exaltavam as grandes virtudes das tropas nazistas e desencorajavam a participação brasileira no grande confronto.³⁰¹

Mais tarde, principalmente a partir de meados de 1945, a imagem da FEB passou a ser disputada em debates travados entre grupos políticos divergentes. Getúlio Vargas preparava as recepções dos expedicionários como celebrações de sua popularidade, com o apoio do Partido Comunista do Brasil.³⁰² Forças opositoras, enquanto isso, retratavam na imprensa os expedicionários como *soldados da democracia*, destacando a contradição da existência no Brasil de um governo ditatorial, ao mesmo tempo em que suas tropas lutavam pelos princípios democráticos na Europa.³⁰³

A participação do Brasil na guerra, encarada como uma luta pela liberdade ou pela defesa da soberania nacional, atendendo aos clamores, em geral, entremeia livros escritos por oficiais da FEB, independentemente da data de publicação. Pouca distinção é feita entre as causas da declaração de guerra contra a Alemanha e a Itália e a decisão pela participação militar no confronto, sendo esta última tida como desdobramento natural da primeira. Relatam registros feitos durante a guerra pelo Tenente-Coronel Antonio Henrique Almeida de Moraes, na época capitão da FEB:

16 de julho [de 1944]

[...] Não tenho palavras para expressar a satisfação de ver o desembarque, em solo europeu, do primeiro contingente de fôrças brasileiras. A presença de meus patrícios neste Teatro de Operações constitui motivo de justo orgulho para a Nação brasileira tão rudemente agredida pelas potências do Eixo [...] (MORAES, 1953, p. 150).

Relatou o General Francisco de Paula Cidade, pouco após o término do confronto:

[...] sempre declarei que a única maneira digna de revidar afrontas da espécie das que nos tinham sido feitas era tomar parte na luta, que já se anunciava, contra os soldados do eixo: atravessar o oceano e levar ao território inimigo a mesma guerra que impiedosamente nos batia às portas [...] (CIDADE, 1946, p. 7).

O mesmo é ressaltado pelo comandante do contingente expedicionário General João Baptista Mascarenhas de Moraes (1947, p. 20-21), que – considerando as manifestações populares que ocuparam as ruas após os torpedeamentos de navios brasileiros – tece os

³⁰¹ Cf. Tota (2000).

³⁰² O líder do PCB, Luis Carlos Prestes, que havia sido libertado depois de ter passado anos na prisão, desde o fracassado levante de 1935, tornava-se aliado de Vargas, incorporando [...] *a glória das vitórias febianas contra o nazi-fascismo em seus pronunciamentos; no mês do golpe [contra o regime vigente], apoiava o movimento “Constituinte com Getúlio”* (FERRAZ, 2002, p. 138).

³⁰³ Um anúncio publicado na época em que chegavam os ex-combatentes – que tinham defendido o Brasil com armas – os comparava aos eleitores – que deveriam defendê-lo com o exercício do voto. *O Estado de São Paulo*, 21 de agosto de 1945, p. 7. Apud Ferraz (2005, p. 128).

seguintes comentários sobre a FEB: [...] *Tratava-se, sem dúvida, da criação de um instrumento militar nacional, destinado a desagravar a ofensa e a cooperar com as Nações Unidas na missão de destruir o inimigo comum.* O Tenente-Coronel Nelson Rodrigues de Carvalho, que foi capitão da FEB, menciona a luta pela liberdade quando trata da participação de um dos regimentos da FEB na campanha:

Pela primeira vez na História do Brasil Militar, um Regimento de Infantaria [Regimento Sampaio] integrando uma força expedicionária, cruzou os mares para pelejar numa Guerra Européia e por um ideal tão alevantado como o da liberdade dos povos (CARVALHO, 1953, p. 163).

Nas palavras do Tenente-Coronel Manoel Thomaz Castello Branco (1960, p. 560), que foi capitão da FEB: [...] *fomos arrastados pela palavra empenhada, pela honra ultrajada e pelo amor à liberdade, para orgulho das gerações presentes e exemplo para as que as sucederam no futuro.* O Major Raul Mattos Almeida Simões (1967, p. 195), que na FEB era aspirante a oficial, avalia a atuação das tropas brasileiras destacando a [...] *inestimável colaboração à vitória da liberdade sobre a tirania, elevando bem alto, no conceito dos outros povos, o nome do Brasil.* Uma obra do Tenente Gentil Palhares (1957) contém a seguinte afirmação: *Já não era a primeira vez que o Brasil se levantava para revidar uma afronta recebida. [...].*³⁰⁴ No mesmo sentido, considerou – décadas depois – o General Carlos de Meira Mattos, que foi capitão da FEB:

A FEB foi uma resposta ativa de um povo soberano a tão insólitas agressões. A FEB foi a nossa participação como força combatente ao lado das nações que quiseram preservar no mundo os ideais de democracia e liberdade. [...] (MATTOS, 2001, p. 11).

Quase todos os entrevistados concebem o posicionamento e a participação brasileira na guerra como reação ao torpedeamento de navios brasileiros. O mesmo se verifica em vários livros de ex-combatentes. José Gonçalves, tenente da FEB desligado do Exército após a guerra, menciona a vingança aos ataques feitos por submarinos alemães, acrescentando:

O Brasil aliara-se às nações democráticas para combater o totalitarismo nazifascista. Mesmo então, muitos membros da Força Expedicionária Brasileira perguntavam-se sobre o sentido de defender a democracia além-mar uma vez que, em seu próprio país, não existia liberdade política (GONÇALVES e MAXIMIANO, 2005, p. 26)

Para Antonio Batista de Miranda (1998), que pertenceu à FEB por breve período, pois sua unidade foi dissolvida antes do embarque para a Itália, a participação na guerra consistia

³⁰⁴ Cf. PALHARES, Gentil. *De São João del Rei ao Vale do Pó*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. p. 49-55. Apud Simões (SIMÕES, 1967, p. 15).

numa reação às agressões sofridas e numa luta pela democracia contra os inimigos da liberdade. A defesa da *honra* nacional é preocupação explicitada no depoimento do livro de José Alves da Silva, que foi sargento da FEB, ao enfatizar a indignação da população brasileira diante dos torpedeamentos de navios brasileiros:

Foi uma afronta grande demais e, o ordeiro povo brasileiro como um só homem, de norte a sul e de leste a oeste mostrou sua ira com veemência, exigindo que nosso governo declarasse guerra aos países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. O povo praticamente não dormia, fazendo passeatas noite e dia e com profundo clamor pedia vingança. Getúlio Vargas, atendendo aos clamores do povo comungava com este, declarando guerra aos inimigos. A sorte estava lançada: era viver de cócoras ou morrer com honra. [...] Teríamos que aceitar nosso destino e lutar sem esmorecimento até a vitória final (SILVA, 2001, p. 23).³⁰⁵

É preciso considerar, entretanto, que enquanto a FEB era organizada no Brasil, a população em geral estava alheia aos acontecimentos relativos à guerra em questão, sobretudo os habitantes de regiões distantes das áreas metropolitanas – ou seja, de grande parte do território nacional – onde predominava a economia agrícola e o acesso a meios de comunicação de massa era bastante restrito. As manifestações populares clamando pela participação efetiva na guerra – ou comícios, como contam os ex-combatentes – que invadiram as ruas, apesar das proibições desse tipo de atividade, restringiam-se às grandes cidades.³⁰⁶

Da seguinte forma descreve Francisco César Ferraz (2002, p. 88) os sentimentos do primeiro contingente da Força Expedicionária Brasileira a ser transportado para a Itália: *Derrotismo, pessimismo, indiferença. Mais que uma simples divisão de exército expedicionária, estava embarcando para a Itália um pouco da ansiedade e identidade nacionais [...]*. Em obra posterior, destaca novamente o autor: *[...] sua compreensão do que era aquela guerra e das razões por que lutar nela era, em geral, mínima* (FERRAZ, 2005, p. 49). Concorda com essa interpretação, a percepção expressa no livro do veterano da FEB Joaquim Xavier da Silveira:

Na época em que a FEB foi organizada, a eletrificação rural era praticamente inexistente, o rádio de pilha ainda não tinha sido inventado, as notícias do mundo chegavam como um eco distante. Havia assim uma enorme faixa da população que, dos acontecimentos que originaram a guerra e do envolvimento do Brasil e dos motivos que levaram o País a intervir no

³⁰⁵ O mesmo é ressaltado no livro de Alcides Conejeiro Peres (s/d, p. 121-122), soldado da FEB: *[...] A comoção popular em torno do assunto tomou vulto. Estudantes se reuniam em diversas partes do País e pediam guerra [...]*.

³⁰⁶ Os brasileiros em geral estavam *[...] Preocupados mais com a batalha da sobrevivência diária [...]* (FERRAZ, 2004, p. 88).

conflito, tinha total e completo desconhecimento. Por isso, uma parcela expressiva dos soldados da FEB foi para a Itália sem saber o motivo da guerra, ignorando assim por que lutava (SILVEIRA, 2001, p. 136-137).

Fragmento do depoimento de Manuil Goethel Piegas – descendente de alemães que não vivia em localidade de colonização predominantemente teuta – reproduzido no capítulo anterior, sugere que discussões sobre nazismo e democracia estavam distantes de sua preocupação na juventude. De modo análogo, o ex-combatente da FEB Manoel Antonio Linhares relata em seu livro de memórias que, como ele, outros expedicionários não tinham noção do que era a guerra na qual lutariam, até aquela viagem para a Europa, que fez com o segundo escalão:

[...] perguntávamos: e nós para onde vamos? por quê esta guerra? De repente, alguém falava: é o que “eles” querem, “eles” nos provocaram, “eles” afundaram nossos navios indefesos ao longo da cota do Brasil, e aqui estamos nós para vingar nossos mortos metralhados em suas jangadas quando não tinham nada a ver com a guerra. E estes “eles” muitas vezes não tinham nacionalidade, nem rostos mas, eram aqueles que atacaram nossa pátria, que mataram nossos homens, assim sendo, aqui estávamos nós indo ao encontro “deles”, em defesa de nossa honra ultrajada. (p. 43)

O depoente A. C. A. P. também afirma que não estava bem inteirado sobre a guerra até que foi incorporado ao Exército, acrescentando: *Depois que a gente foi servir que a gente teve uma noção do que a gente estava servindo a pátria. Quer dizer que tinha que defender a pátria. [...]*.³⁰⁷ Em outra parte da entrevista, todavia, conta que sua família acompanhava as notícias da guerra por meio de um jornal que seu pai recebia. O que provavelmente adquiriu no Exército, portanto, foi uma *nova noção*, relacionada à missão de defender a pátria.

Ferdinando Piske mencionou que a seguinte opinião foi formada durante sua experiência no Exército: *[...] Fui defender a soberania e a integridade da nação brasileira. Esse é o juramento que o soldado presta. E nós nos sentimos imbuídos da responsabilidade desse juramento prestado [...]*.³⁰⁸ Gerd Emil Brunckhorst também relatou, referindo-se ao período em que serviu anteriormente à segunda convocação para o Exército: *[...] eu acreditava que eu tinha jurado à bandeira [...]*.³⁰⁹ Deve-se destacar que quartéis – e escolas – vinham sendo utilizados, desde o século XIX, pelos diferentes países que procuravam se firmar como Estados-nação, difundindo símbolos, valores e *tradições inventadas*, nos termos de Eric Hobsbawm (2006). O próprio Clausewitz foi oriundo de um regimento que é considerado por John Keegan (1996, p. 31) um dos precursores dessas *escolas de nação*.

³⁰⁷ A. C. A. P., depoimento citado.

³⁰⁸ Ferdinando Piske, depoimento citado.

³⁰⁹ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

Mas se é possível que convicções em torno da defesa da honra ultrajada fossem mantidas por uma parte dos integrantes da FEB, lembra o ex-combatente Boris Schnaiderman, atualmente professor aposentado da Universidade de São Paulo, que os expedicionários em geral achavam que a participação militar associava-se à pressão feita pelos Estados Unidos, com o apoio do Ministro de Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha e a *interesses financeiros*.³¹⁰ Versão semelhante é mantida até hoje por Edgar Kielwagen: [...] *Isso tudo era interesse financeiro para tirar vantagens [...]*.³¹¹

No diário de Walter Hertel, os torpedeamentos de navios brasileiros não são sequer mencionados, tampouco qualquer preocupação com a honra ou soberania nacional. Quando menciona atividades de instrução – que têm o claro propósito de cultuar símbolos nacionais – tampouco demonstra sentimentos patrióticos:

14 de Agosto de 1944. Domingo.

[...] Após o rancho houve formatura. O General cortou um 12 pois a turma não quis cantar. Cantaram o Hino Nacional e Salve a América. [...] (p. 33)

17 de Agosto de 1944. Quarta-feira

Chatearam-nos novamente desde às 5 horas com formatura e canto. [...] (p. 35)

A respeito dos ideais democráticos, poucos depoentes se manifestaram. Quase uma exceção foi o caso de Ferdinando Piske, que se posicionou enfaticamente contra a ditadura, especificando que adquiriu essas idéias depois de sua incorporação no Exército:

Getúlio era uma ditadura. Infelizmente, era a ditadura mais sanguinária que já existiu nesse país. Era tudo só a vontade dele. Inclusive, me lembro de uma vez que eu li no jornal que ele governava por decreto-lei. Em vez de ter Congresso, ele baixava decreto-lei. Então, às vezes ele tomava umas atitudes, umas decisões, e os ministros diziam “Mas, Senhor Presidente, o senhor não pode fazer isso, isso é contra a lei”. E ele disse “A lei? Ora, a lei!”, e fazia. Essa era a filosofia dele. A lei era decretada por ele mesmo, e ele desrespeitava. Foi um período difícil no país.³¹²

Um diálogo lembrado por Gerd Emil Brunckhorst, durante o qual assumiu uma postura contra a ditadura, também diz respeito à época em que já estava no Exército, antes do embarque para a Itália:

[...] Outra experiência, anterior também do embarque, que marcou tempo para mim foi quando uma vez quando um subcomandante do batalhão informalmente interrogou sobre as minhas idéias do porquê da nossa

³¹⁰ Palestra proferida em 15 de junho de 2009 no Rio de Janeiro, durante o *Primeiro Seminário de Pesquisadores da Força Expedicionária Brasileira*.

³¹¹ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

³¹² Ferdinando Piske, depoimento citado.

participação na guerra contra as forças do Eixo. Ele me perguntou “por que é que você acha que nós vamos participar dessa guerra?” Aí eu fui um pouco imprudente porque o Brasil naquele tempo era regido por uma ditadura. Eu respondi: “para conseguirmos um governo mais democrático”. O capitão que exercia o cargo de subcomandante interinamente: “você acha que nós não temos uma democracia?”. Eu disse: “não. Democracia presume eleições livres, um congresso eleito pelo povo e liberdade de imprensa”. Quando recebi a resposta taxativa: “Não, você está enganado. Nós temos uma democracia. Uma democracia dirigida”. [...] ³¹³

De acordo com o que relata Joaquim Xavier da Silveira, essa percepção foi partilhada pelos expedicionários, em geral, na Itália:

[...] Na Itália, o soldado brasileiro conheceu aliados como os norte-americanos, que lutavam pela democracia, pela sua maneira de viver, tendo no seu país a razão para a luta. Lutavam para preservar a liberdade. [...] O pracinha tomou conhecimento de que lutava pela sobrevivência do sistema democrático, sistema esse que não tinha em seu país. Esse aparente conflito entre o que representava o sistema político brasileiro não abateu o ânimo, nem o moral da tropa, nem modificou seu comportamento, pois se tratava de uma tropa calejada pela vida dura de campanha e com a coesão aprendida na refrega. [...] (SILVEIRA, 2001, p. 143)

Por outro lado, houve declarações de ex-combatentes que manifestaram simpatia pelos regimes ditatoriais, o que não significa necessariamente que já se preocupavam com o assunto à época da guerra mas que – ao menos – e provavelmente, não mantinham uma posição contrária. Arnaldo Müller, por exemplo, afirmou que o regime liderado por Getúlio Vargas era uma ditadura, mas seus comentários sobre o regime relacionam-se a seu líder, e não à forma de governo: [...] *era uma pessoa boa, viu... Meu Deus! Como ele fez leis maravilhosas pra nós!* ³¹⁴ Já Edgar Kielwagen relatou que achava na época da guerra que o nazismo, uma ditadura, era um bom regime. E Manuil Goethel Piegas, que considera que era bom o regime liderado por Vargas justamente por ser uma ditadura:

[...] era um só a mandar e o resto a obedecer. Na atualidade é muitos a mandar e ninguém a obedecer. Não é verdade? E além disso o que nós temos nesse Congresso Nacional, não é? Então eu digo que eu não sei se o povo brasileiro estaria mesmo já apto para receber a verdadeira democracia. Porque democracia é coisa séria, não é esse abuso que tem por aí. Essa é a verdade. [...] ³¹⁵

Opinião semelhante à expressa por Demócrito Cavalcanti de Arruda muito raramente apareceu nas entrevistas com ex-combatentes:

³¹³ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

³¹⁴ Arnaldo Müller, depoimento citado.

³¹⁵ Nesse caso, conforme o relato do próprio depoente, trata-se de uma avaliação posterior, pois afirma que quando era jovem não se preocupava com política.

Como os soldados imperiais, os soldados da FEB, em contacto com os exércitos anglo-americanos da Itália, se sentiam vexados, humilhados pela situação interna do nosso país e os nossos sentimentos só começam a desabafar na jornada de 29 de outubro de 1945, que depôs a ditadura, e na jornada de 18 de setembro de 1946, que devolveu à Nação o regime constitucional. (ARRUDA, 1949, p. 52)

Nesse sentido, relatou Ferdinando Piske:

[...] em outubro de [19]45, as forças armadas entenderam que seria incoerente o Brasil ter mandado uma Força Expedicionária para a Itália para combater o nazismo, uma idéia profundamente totalitária, e tolerar um governo totalitário, mais sanguinário do que o de Hitler. Então, eles tiraram ele do governo.³¹⁶

Problematiza-se a interferência de versões difundidas pela mídia, na medida em que as forças que depuseram Getúlio Vargas do poder utilizaram-se amplamente da FEB e de seus “soldados da democracia”. Conforme Alistair Thomson, Michael Frisch e Paula Hamilton:

[...] Tem havido muita preocupação com a penetração da cultura popular no processo de rememoração, com a possibilidade de as pessoas passarem a relatar as experiências que viram na televisão, por exemplo, como se fossem suas, substituïrem suas experiências de testemunhas oculares ou participantes. [...] Teme-se que a cultura de massa empobreça “nossas memórias originais” e que uma versão mais homogeneizada tome seu lugar [...] (THOMSON, FRISCH e HAMILTON, 2005, p. 90).

O ex-combatente Nilson Vasco Gondin, por exemplo, reproduz um trecho de um artigo feito por Joel Silveira na época da guerra para comprovar o papel da FEB para o fim da ditadura no Brasil:

A FEB está aqui contra a vontade de Vargas. E, se nossos soldados tiverem sucesso nos Apeninos, podem estar certos de que, no Brasil, a ditadura getulista chega ao fim. Pois a verdade é que a FEB está lutando em duas guerras: a propriamente dita, contra os soldados alemães, e uma outra, interna, que, se vitoriosa, fatalmente levará à redemocratização do Brasil.³¹⁷

Democracia, ditadura: nenhum desses conceitos aparece no longo diário de anotações registradas durante a guerra pelo expedicionário descendente de alemães Walter Hertel. Relata sobre tentativas do comando para convencer os soldados a desejarem o combate em linha de frente:

10 de Agosto de 1944. Quarta-feira.
[...] À tarde o sub-comand[andante] e depois o capitão da Cia. falaram para a Cia. si devemos ou não entrar em combate, por que devemos combater, por que devemos esforçar-nos a conhecer o armamento novo que está sendo

³¹⁶ Ferdinando Piske, depoimento citado.

³¹⁷ Apud Gondin (2000, p. 71).

desenca[i]xotado como também 6.000 carros pertencentes à Divisão. Qual a forma de lidar com prisioneiros, tratá-los com humanidade etc. O capitão perguntou a um soldado que fora rebaixado de cabo a soldado devido discussão no Rio com um capitão, si ele queria entrar em combate ou si faria gosto que a guerra acabasse antes de nós poder combater. O soldado resp[ondeu] que era melhor que a guerra acabasse antes p[ara] o capitão. Não esperam tal resposta, pois minutos antes convencem a todos que todos nós temos que querer entrar em combate. Mencionam também a nossa possível regresso para o Brasil e a nossa conduta perante o povo que em vez de receber tropas experimentadas no real vêem os mesmos homens e dina, que neste caso o Brasil não teria direito nas conferencia de paz. O rapaz com a conversa do capitão ficou meio confuso e disse na próxima pergunta que queria entrar em combate. [...] ³¹⁸

O autor do diário compreende os sentimentos de seu colega expedicionário:

[...] Isto achei bastante ridículo, pois o i[n]stinto de cada homem prevê o perigo e homens normais procuram desviar este perigo que neste caso é o combate real e só espíritos aventureiros terão prazer em tomar parte numa operação destas. [...]

Em seguida, apresenta sua opinião sobre o assunto:

[...] Estou agora num certo ponto de acordo com o querer entrar em combate pois alem do intento de conservação e amor próprio e outros sentimentos temos um que é maior do que qualquer outro embora que em tempo de paz nunca o percebi e somente sendo a desgraça na qual se acha presentemente a Itália e pondo o Brasil no lugar deste desgraçado país preferia em mil vezes o combate e morte do que ver nossas famílias sofrer tanto, que para poder manter-se as nossas mães e irmãs tomar a prostituição por ofício e único recurso de vida. Mais tarde nada mais houve a não ser a revista e uma boa rodada de chimarrão (p. 27-29).

Quando trata das motivações para o combate assim que chegou à Itália, portanto, o pensamento de Walter Carlos Hertel volta-se para sua família, preocupação bem presente no diário de outro ex-combatente da FEB, Sebastião Boanerges Ribeiro. E José Murilo de Carvalho (2002, p. 10) atribui à ausência de valores tão difundidos pelo governo brasileiro e pelo comando da FEB no diário desse expedicionário – que é seu tio – principalmente ao [...] *fato de que essas palavras eram abstrações muito distantes do cotidiano dos pracinhas no próprio Brasil e, sobretudo, no seu cotidiano no campo de batalha [...]*. Uma única – e vaga – menção do extenso diário de Walter Carlos Hertel talvez possa ser identificada com os valores

³¹⁸ Poucos dias depois do registro acima, relata o expedicionário descendente de alemães sobre expedicionários brasileiros que se feriram durante os treinamentos, ao pisar acidentalmente em minas: [...] *Estes são as primeiras vítimas da nossa longa jornada e segundo o capitão [...] devemos agora mais do que nunca alimentar o desejo de entrar em combate afim de ser os primeiros a matar e a vingar [...]* (p. 32).

democráticos, libertários ou anti-nazistas, de sete de setembro de 1944, que se refere a uma luta [...] *pela causa comum dos povos* [...].³¹⁹

Ainda que considerando a opinião pública como fenômeno de curta duração, alerta Jean-Jacques Becker (2003, p. 192) que a propaganda *só tem chance de ser bem-sucedida quando acompanha as tendências profundas da opinião pública*, inseridas em um meio mental de duração mais longa. Sabe-se que o Brasil estava longe de ser um país com tradições democráticas e que o golpe liderado por Getúlio Vargas em 1930 reuniu, dentre outros grupos, justamente forças que estavam descontentes com as fraudes eleitorais, citando um dos muitos problemas. A maioria dos praças, conforme Francisco César Ferraz (2002, p. 138), simpatizava com o governo personalista liderado por Getúlio Vargas – como a população brasileira em geral – e em seu retorno ao Brasil eles estavam mais preocupados com o reencontro com suas famílias do que com questões políticas do país.³²⁰

Verificam-se muito poucas menções também ao conceito de liberdade nos depoimentos de ex-combatentes.³²¹ Quando se refere à interação com a população italiana, contudo, o diário de Walter Carlos Hertel relata com frequência que os expedicionários brasileiros eram chamados de libertadores. Seguem anotações de 21 de setembro de 1944:

[...] Chegamos em Pommezano às 8 horas e a alegria do povo foi enorme. Fizemos um verdadeiro comício na praça, estávamos rodeados do povo que nos chamava de libertadores e trouxeram [...] flores, vinho e frutas.³²²

Talvez nessas situações vividas, Ervino Riffel tenha adquirido a convicção a seguir: [...] *Como libertadores nós queríamos libertar a Itália do nazi-fascismo, isso era a nossa missão...* [...].³²³ Do mesmo modo, afirmou João Carturano, quando indagado sobre os motivos que levaram a FEB a combater a Alemanha:

Para libertar o mundo... Porque a Alemanha estava tomando conta de tudo. E aí nós fomos libertar o pessoal italiano que estava sofrendo com os alemães. E fomos libertar, porque Hitler era um carrasco... Fomos libertar o mundo... Liberdade, levar liberdade para o mundo.³²⁴

³¹⁹ *Quinta Feira, 7 de Setembro de 1944. Dia de grandes festividades no Brasil. Deve haver paradas e desfiles em todo país, e, com certeza, todo Brasileiro está hoje com o pensamento para o filho, irmão ou conterrâneo que longe do Brasil está lutando pela causa comum dos povos* (p. 44).

³²⁰ Cf. Ferraz (2002, p. 138). Conforme o autor, por outro lado, [...] *a maioria dos oficiais era contra o Estado Novo, contra a permanência no poder do seu presidente*,

³²¹ Exceção é encontrada, por exemplo, no livro de Antonio Batista de Miranda, que se refere aos alemães nazistas como *os inimigos da liberdade* (MIRANDA, 1998, p. 23).

³²² Walter Carlos Herte, depoimento citado.

³²³ Ervino Riffel, depoimento citado.

³²⁴ João Carturano, depoimento citado.

Convergindo com o mencionado comentário de José Murilo de Carvalho sobre o diário de seu tio, as anotações de Walter Carlos Hertel parecem indicar que seus sentimentos formavam-se muito mais nas experiências cotidianas, às vezes aparentemente alinhando-se a valores difundidos pelo Comando da FEB e pela imprensa brasileira, mas não necessariamente com mesmo significado. O mesmo sugere a quase ausência de conceitos como liberdade, democracia e ditadura em praticamente todos os depoimentos de ex-combatentes consultados – descendentes de alemães ou não.

4.2 NA FEB CONTRA OS “TEDESCOS”

Ao contrário do que ocorria com a população em geral, entre os habitantes de localidades onde predominava a população de imigrantes alemães e descendentes, a Segunda Guerra recebia expressiva atenção desde quando foi deflagrada, em 1939. Laços relacionados à Alemanha eventualmente se manifestavam, inclusive com a torcida pela sua vitória na guerra. Tais sentimentos somente se tornariam conflituosos com o posicionamento do Brasil na guerra – em agosto de 1942 – e em especial, para os expedicionários da FEB provenientes de locais de colonização alemã.

Ex-combatentes que relatam ter se apresentado como voluntários à FEB – descendentes de alemães ou não – ressaltam seus sentimentos patrióticos em relação ao Brasil. Antonio Batista de Miranda (1998, p. 23), enquanto tentava ser aceito no quartel, aos 18 anos, diz que era motivado pelo [...] *desejo nacionalista de defender o Brasil* [...]. B. A. S., que viveu boa parte da infância e juventude na Argentina, contou que quando chegou a idade de servir retornou ao Brasil, com o seguinte pensamento: [...] *“Eu sou brasileiro e quero servir a minha pátria”* [...].³²⁵

Entre os relatos de ex-combatentes descendentes de alemães convocados, da mesma forma, ao contrário do que é observado em trechos de livros escritos por oficiais da FEB, não se verifica preocupação com a soberania nacional ou a recuperação da honra ultrajada quando tratam de seus sentimentos diante das convocações. Relatou Arnaldo Müller:

[...] É, isso aconteceu em 1943, quando de repente apareceu um colega meu, eu até estava no serviço trabalhando, ele me chamou e disse: *“Olha você está convocado a ir para os militares, você foi convocado”*. Naquela vez era convocado. Era tempo de guerra. Aí então eu fiquei muito espantado, meu Deus, de repente, assim, né... Deixar tudo e ir para o serviço militar...³²⁶

³²⁵ B. A. S., depoimento citado.

³²⁶ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

Também Ervino Riffel:

[...] tinha um alemão que morava bem pertinho da fábrica [onde trabalhava]. Só tinha uma cerca, tinha um portão onde ele passava. E eu trabalhei ali perto. [...]. Uma noite a polícia chegou, e prendeu o alemão. Aí a mulher dele veio chorando para mim, no portão: chorando... “Buscaram meu marido, levaram para a cadeia!”. Chorava... E eu disse para ela: “*Ah, isso não é nada! Daqui a alguns dias ele está em casa. Pior é eu!*” – eu disse assim – “*agora ele vão me chamar para ir para o Exército de novo*”. Eu tinha chegado um ano antes, “*Agora eu tenho que voltar, por causa da guerra vão me chamar de volta!*”. Eu não gostava muito. Eu gostava mais da vida civil, aqui fora...³²⁷

E Fridolino Kretzer:

[...] Bom, aí eu trabalhava na *Teka, Toalhas Teka*,... Então, eu já era reservista, de segunda categoria, e um dia apareceu uma cartinha do 32 Batalhão de Caçador de Blumenau. Me entregaram a cartinha, dizendo que eu deveria embarcar no trem da estrada de ferro de Santa Catarina em Blumenau e me apresentar no quartel 32 BC. Foi o que eu fiz. [...] Achei muito triste. A gente já era reservista, já estava no trabalho, tinha um trabalho fixo, na *Teka*, deixei muitas amigas, muitas chorando, disse: “Tenho que me apresentar agora, a guerra está aí”. E estava cada vez mais feio o negócio lá. Na minha família, então, foi pior ainda.³²⁸

A incorporação à Força Expedicionária Brasileira é vinculada por alguns à satisfação por terem sido incluídos em um contingente formado somente “pelos melhores”. Contou Ervino Riffel: *E eu até... eu fiquei contente, porque... não porque eu ia para a guerra, mas é porque fiquei contente, assim, porque eu fui escolhido para uma Força Expedicionária Brasileira [...]*.³²⁹ E Arnoldo Müller:

Mas depois, aí veio uma comissão de militares, vieram escolher gente boa assim, os melhores, tinha que ficar tudo em fileira, lá em Curitiba, no Batalhão. Aí via um por um assim... “Você! Você! Você!”, aí você estava escolhido para ingressar na Força Expedicionária Brasileira. Mas aquilo foi uma graça de Deus...³³⁰

Esse depoente relata ter visto a participação na guerra como oportunidade para conhecer outros lugares:

[...] Fiquei até contente. Eu vou e, se Deus quiser... Se é pra morrer, a gente vai morrer, e se é pra voltar, a gente vai voltar muito contente e vai conhecer muita coisa, né... Naqueles tempos pra conhecer a Europa não era sopa! [risos]³³¹

³²⁷ Ervino Riffel, depoimento citado.

³²⁸ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

³²⁹ Ervino Riffel, depoimento citado.

³³⁰ Arnoldo Müller, depoimento citado. 2009.

³³¹ Id.

Sentimento semelhante foi mencionado por Adolfo José Klock:

Ah, quando eu fui sorteado, eu disse pro meu amigo lá, os que se criaram comigo, no domingo nós nos juntávamos para jogar *Bocha*. Então eu disse “olha, eu vou servir o Exército”. “Ah, mas é perigoso, agora nós estamos em guerra!”. Eu digo “e daí? Eu quero é ir pra bem longe, que mato eu já vi que chega!”. [...] Eu sempre tinha essa opinião: ninguém morre antes da hora. E a pessoa pode estar onde for, mais protegido que for, chegou a hora, não tem remédio.³³²

Outro fragmento da entrevista com esse ex-combatente, contudo, demonstra que – como Arnaldo Müller, conforme trecho exposto anteriormente – preferiria ter continuado na vida civil:

[...] O meu irmão serviu junto... antes de mim. Quando eu fui servir, veio um decreto dizendo que se tinha dois [irmãos] servindo o Exército, um podia requerer a baixa. Eu requeri a baixa, quem ganhou a baixa foi ele [...]³³³

Alcides Conejeiro Peres, descendente de espanhóis que já era dos quadros do Exército e apresentou-se como voluntário para a FEB, também destacou sua vontade por aventuras, ao mencionar um diálogo que teve com um capitão, que lhe disse:

- [...] você é um rapaz de futuro. Você pode estudar, pode ser ainda um oficial. você é ainda uma criança. Na guerra não se sabe o que vai acontecer. Desista, menino.
- Não senhor capitão. Eu sinto o desejo de ir. Quero arriscar, sair desse marasmo. Não tenho nenhuma expectativa de futuro a não ser a promoção por antiguidade. Desculpe-me senhor capitão. [...](PERES, s/d, p. 141)

Em outros depoimentos, a ida para terras longínquas é relacionada – com pesar – ao distanciamento da família. Segue o que é relatado pelo livro de memórias de Manoel Antonio Linhares (2004, p. 30), quando fala da despedida, em Camboriú-SC, em maio de 1944: *Tudo em mim era tristeza, tudo parecia anunciar o meu fim, como se aqueles fossem o meu último olhar e a última oportunidade que me era dada*. O. N. contou, aos prantos, a reação de seus pais diante de sua convocação: *Acharam que não podia ser. A falecida minha mãe chorou muito. Chorou, como chorou.*³³⁴ Relatou Fridolino Kretzer, sobre a viagem de trem da Vila Militar ao porto do Rio, onde embarcaria:

[...] Eu tinha um amigo de Brusque, o Ronaldo [...] então, na estação tinha muitas senhoras chorando, por causa dos filhos indo embora. [...] Aí eu disse assim para o Ronaldo “Vamos cantar, vamos cantar para ver as mães chorar! Quando o trem parar, nós dois vamos na janela”. E nós tínhamos ensaiado aquele “*O maquinista apitou na saída da estação... [ruído de apito]*”. Eu

³³² Adolfo José Klock, depoimento citado.

³³³ Id.

³³⁴ O. N., depoimento citado.

disse “Te prepara, te prepara”. Quando parava, eu dizia “É agora”. Aí a gente cantava, elas choravam. E nós dizíamos: “Vamos preparar a garganta, para a próxima”, e assim nós fomos levando nossa alegria. Alegria, de um lado, e tristeza, do outro, já que a família ficou.³³⁵

De modo geral, assim, o atendimento à convocação é encarado pela maior parte dos depoentes descendentes de alemães como uma obrigação. Destacou Gerd Emil Brunckhorst:

Torcia [pela Alemanha]. Torcia. É lógico, né, uma simpatia. Mas quando eu fui pra lá, já quando eu fui convocado, eu digo “*bom, eu tenho que ir, né? Eu não tenho muita dúvida, sou brasileiro*”. [...] Olha, eu ia cumprir a minha obrigação [...].

Relatou Arnaldo Müller: [...] *Eu nunca recusei nada* [...].³³⁶ E Ervino Riffel: [...] *Hoje também é obrigado a gente ir, se tiver uma guerra, quem está servindo e os reservistas que são pessoas novas vão para a guerra* [...].³³⁷ Afirmou Walter Carlos Hertel: [...] *[Me] Senti cumprindo uma obrigação. [...] Não sei se gostei ou não gostei. Nessa idade a gente não tem que gostar ou não gostar*.³³⁸ Edgar Kielwagen, que afirmou que na infância sentia-se alemão por utilizar a língua alemã, falou sobre os sentimentos de seu pai, imigrante alemão: [...] *Eu acho que... achou certo... porque eu sou brasileiro*.³³⁹ De modo mais amplo, incluindo as experiências vividas na guerra, afirmou A. C. A. P.:

Sobre a guerra, o que falar? Também que eu fiz o que pude fazer. Quer dizer que eu era mandado. E eu sempre cumpri o que me mandavam. Nunca me recusei a nada. Naquela época eu enfrentava qualquer coisa.³⁴⁰

José Edgar Eckert, lembrou, além disso, que – depois de incorporado ao Exército – acidentalmente se apresentou para a FEB, demonstrando a falta de conhecimento que tinha sobre a mobilização para a guerra:

[...] eu nunca pensei de ir para a guerra. [...] consegui uma transferência no Exército para o Rio de Janeiro. Regimento Sampaio, o 1º RI. Mas eu não sabia que esse regimento já estava escalado para ir para a guerra! [risos] Eu não sabia! [...] [No Rio:] Aí, de repente, eles avisam que nós temos que ir para a guerra. Foi todo o regimento... Aí eu embarquei, né? O que eu ia dizer, né? [...] a gente tem que obedecer. Nós embarcamos no navio para a Itália.³⁴¹

Contou ainda Ferdinando Piske, que já era militar:

³³⁵ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

³³⁶ Arnaldo Müller, depoimento citado.

³³⁷ Ervino Riffel, depoimento citado.

³³⁸ Walter Carlos Hertel, depoimento citado.

³³⁹ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

³⁴⁰ A. C. A. P., depoimento citado.

³⁴¹ José Edgar Eckert, depoimento citado.

Bom, a gente tinha consciência de que o soldado, durante todo o tempo que ele está no quartel, é preparado para a guerra. E quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, em agosto de 1942, nós tínhamos consciência de que podia acontecer de sermos chamados, como de fato aconteceu.³⁴²

Diante disso, as deserções e tentativas de isenção forjando incapacidade nos exames físicos são em geral condenadas pelos depoentes que mencionam o assunto. De modo especialmente enfático, relatou Fridolino Kretzer sobre o que pensavam os militares: [...] *Um desertor não vale nada!* [...].³⁴³ Também José Alves da Silva opinou a respeito, referindo-se ao período que antecedeu o embarque para a Itália, no Rio de Janeiro:

Foi justamente nessa fase, que muita gente deu no pé. O desertor saía de fininho e lá fora despia o uniforme, trocando-o por um traje civil, em seguida adquiria uma passagem na Estação Pedro II e ia para outro Estado. Houve uma epidemia terrível de todas as “doenças” possíveis e imagináveis. A Junta Médica Militar mesclada com médicos americanos decidiu examinar os pretensos “doentes” e acabou sendo derrotada por nocaute, muito embora[,] e para a nossa vergonha, essa Junta mista houvesse ficado a par dos atos mais condenados e deprimentes. Havia sujeito que, na ânsia de escapar ao embarque ingeria de uma só vez 10 comprimidos de Melhoral, ficando com o coração aos pulos querendo saltar fora do peito. Outros introduziam dentes de alho no ânus e nos sovacos para simular febre alta e ainda outros sabendo que os americanos tinham verdadeiro horror às doenças venéreas, introduziam na uretra uma mistura de leite condensado com dentifrício Kolynos e, quando o médico americano olhava para o malandro, fazia a maior cara de espanto, ficava completamente paralisado e sem ação, balbuciando como se houvesse avistado um fantasma: no, no, no, tapava os olhos com as mãos virando o rosto para o outro lado, com cara de nojo, berrando para o falso doente sair dali imediatamente, incapacitando-o. O sem vergonha, verdadeiro rebotalho da espécie humana, saía todo lépido, explodindo alegria por todos os poros e pulando numa perna só por haver feito gato e sapato com a Junta. Existia indivíduos de tanta coragem para o mal que no desprezo para com seu corpo, procuravam mulheres sabidamente doentes, para dormir com elas e se contaminarem. (SILVA, 2001, p. 46-47)

Adolfo José Klock ressalta a situação posterior dos desertores:

[...] E aqui de Gaspar tem um que desertou do Rio de Janeiro. Antes de embarcar, ele desertou. Até hoje ele tá lutando pra ganhar a pensão militar, não ganha. E ele não sabe por quê. Mas ele lá foi excluído. Ele era desertor. No Rio de Janeiro, quando ele soube que era para embarcar, ele “perna-praque-te-querer”, e agora tá aí. [...]³⁴⁴

E também A. C. A. P.:

[...] Cinco desertaram lá para não servir. Depois que nós voltamos, aí esses sentiram que não tinham ido também. Porque assim como eles ficaram,

³⁴² Ferdinando Piske, depoimento citado.

³⁴³ Fridolino Kretzer, depoimento citado

³⁴⁴ Adolfo José Klock, depoimento citado.

podiam ter voltado também. Então eles ficaram sentidos de não ter ido junto. Mas eles foram presos, porque eram desertores. Tinham que prender eles.³⁴⁵

Frente aos estigmas atribuídos aos desertores, afirma A. C. A. P., ainda sobre seus sentimentos diante da convocação: [...] *Eu não queria ser desertor, nem nada disso não [...]*.³⁴⁶ Sentimento semelhante expressou Manoel Antonio Linhares:

[...] estávamos todos em forma, prontos para partir [de Camboriú], menos os que tinham fugido, ou seja, desertado durante à noite. Em algumas delas também fui convidado a fazê-lo, porém, jamais pensei em bater na porta da casa dos meus pais como desertor (p. 40)

E ainda Gerd Emil Brunckhorst, sobre a possibilidade que lhe foi oferecida de forjar incapacidade numa inspeção de saúde:

[...] antes de embarcar, eu já tinha ficado no Rio de Janeiro, com uma nova inspeção médica, e ficou um médico militar que era cunhado de um grande amigo meu. “Olha”, ele me chamou de lado aqui, “você quer ser julgado incapaz?”. Eu disse “olha, se uma junta médica chegar a essa conclusão, eu aceito, eu tenho que aceitar. Mas armado eu não quero”. [...]³⁴⁷

Evidencia-se nesses fragmentos a consciência de um dos papéis, socialmente construído, que constituem o indivíduo – como ensina George Herbert Mead, sob o ponto de vista da psicologia:³⁴⁸ o dever de atender às convocações para o Exército, caso o Brasil entrasse em guerra.³⁴⁹ Tal consciência, para uns assume caráter sentimental, para outros, sentido prático: deve-se ter em mente que quem não se apresentasse ao Exército não teria o Certificado de Reservista, necessário para poder exercer uma série de direitos civis. Portanto, a consciência e o cumprimento desse papel, por si só, não eram necessariamente contraditórios a sentimentos mantidos em relação à Alemanha.

A partir do momento em que os convocados sabem que vão à guerra contra o país de seus antepassados, contudo, aparecem as contradições. Fridolino Kretzer relatou que pessoas de Jaraguá do Sul – inclusive parentes seus – ficaram chateadas porque iria lutar contra alemães:

[...] Eu tinha um tio [...] que disse assim: “Olha, Fridolino, tu não mata alemães lá! Tu não mata alemão lá!”. Eu disse: “Não! Não vou matar ninguém, vou só dar um passeio lá”. Aí a minha tia veio: “Também...

³⁴⁵ A. C. A. P., depoimento citado.

³⁴⁶ Id.

³⁴⁷ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

³⁴⁸ Cf. Souza (2006).

³⁴⁹ Enfatiza Eric Hobsbawm (2004, p. 19-20) que essa obrigação é inerente aos princípios nacionais: [...] *o dever político dos ruritânios à organização política que abrange e representa a nação ruritânia supera todas as outras obrigações públicas e, em casos extremos (como guerras), todas as outras obrigações de qualquer tipo.*

Precisavam te mandar lá para matar alemães, são meus parentes”, ela disse. Aí eu disse: “Bom, foi o que aconteceu. Rompeu relações, e agora... Vamos para tudo ou nada! Vamos participar, vamos fazer do Brasil um país que também participou de praticamente o maior conflito do mundo”³⁵⁰

Alfredo Gaertner contou que sua mãe pediu que não matasse ninguém lá, mas não especificou se a preocupação era oriunda do fato de os inimigos serem alemães – até porque não se tem certeza se a mãe desse depoente é – como seu pai – descendente de alemães. Falou também sobre o seu receio de ser perseguido, mas não fica claro se é pelos inimigos alemães ou dentro do próprio Exército Brasileiro, por sua ascendência teuta:

[...] A minha mãe morava lá em Mafra e... Eu era militar em Curitiba e eles dispensaram a gente três ou quatro dias para visitar a família, né. Os outros de outras cidades também. E eu vim para Mafra. E fiquei três dias lá. E a minha mãe, mulher muito simples naquela época, né. Naquele tempo não tinha televisão. Tinha o rádio, tinha jornal, tinha... Aí antes de voltar me despedi das minhas vizinhas, dos meus amigos ali. Na minha mãe dei um abraço nela e disse para ela assim “pode ficar sossegada, chegando lá na Itália eu escrevo para a senhora como é que estamos sendo tratados, se estamos sendo perseguidos”. Ela [disse] “você está indo para a guerra, é, meu filho? Tá bom, meu filho, você é militar então vá. Mas não mate ninguém lá”.³⁵¹

Se na vida civil os alemães e descendentes eram perseguidos – entre outros grupos – pela população, imprensa e autoridades, a integração de centenas de teuto-brasileiros na FEB aponta que não havia uma preocupação real das autoridades acerca da possível existência de espões nazistas entre a população de localidades de colonização alemã. Expedicionários dessas regiões, paradoxalmente, sabiam que suas famílias continuavam a sofrer repressão das autoridades brasileiras. Lamenta Arnoldo Müller: [...] *Você vê, acha que estava certo isso? Nós estávamos servindo e nossos pais estavam ali, carregando sacos de areia nas costas pra cima e pra baixo... como castigo! [...]*.³⁵²

No Exército, por outro lado, os entrevistados em geral relataram que o tratamento recebido pelos descendentes de alemães no Brasil não era diferente daquele que era dispensado aos demais expedicionários.³⁵³ Frisou o mesmo depoente: [...] *Naquele tempo já estava tudo tranqüilo, né?! Porque a gente era militar, então a gente sempre estava junto.*³⁵⁴ Gerd Emil Brunckhorst explicitou que se sentiu mais seguro no Exército do que na vida civil:

³⁵⁰ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

³⁵¹ Alfredo Gaertner, depoimento citado.

³⁵² Arnoldo Müller, depoimento citado. 2005.

³⁵³ Além disso, Ervino Riffel contou, com satisfação, sobre sua interação com a população, depois de fardado: [...] *Nós éramos respeitados no país todo. Até pelos cariocas, porque nós tínhamos aqui um coração de pano escrito Brasil, aquele era o primeiro distintivo para conhecer quem era escolhido para ir para a Itália. O aviso era aquele, e tudo mundo sabia. Quando nos via: “Esse aí é escolhido para ir embora!” [...]*.

³⁵⁴ Arnoldo Müller, depoimento citado. 2005.

[...] na rua eu não me sentia seguro no Rio. [...] E quando cheguei no Exército, puxa vida, não tinha discriminação. Fui tratado como qualquer outro. Não digo com preferência, mas igual os demais [...].³⁵⁵ Adolfo José Klock, quando indagado se havia discriminação, afirmou: [...] Exército tem ordem, não tem esse negócio.³⁵⁶ Do mesmo modo, disse Fridolino Kretzer: Não, não. Aquilo era bem na linha.³⁵⁷ E José Edgar Eckert: *Aí era tudo igual, no Exército não faz diferença.* Afirmou Milton Fonseca, sobre o período em que esteve, com outros convocados, no 32º Batalhão de Caçadores, em Blumenau: *Ali eles eram tratados como brasileiros. Não tinha nada de alemão. A grande maioria era descendente de alemão [...].*³⁵⁸

Ferdinando Piske, contudo, relatou uma situação sofrida ao entrar na vida militar que lhe trouxe uma série de problemas:

[...] Eu fui registrado como Ferdinand, com “d” mudo. E eu apresentei a certidão de nascimento e o certificado de alistamento, fornecido pelo prefeito, então tinha um sargento desse tamanho, parrudo assim, ele disse “Não, isso aqui é nome de alemão! E alemão não serve no Exército brasileiro! Você, a partir de hoje, vai ser chamar Ferdinand, está certo?”. O que eu ia dizer? Estava com três dias de farda, ia dizer para o sargento que não podia mudar o meu nome? Aí foi para Ferdinand. Inclusive, depois que eu passei para a reserva remunerada, um Sub-Tenente de um batalhão lá em Joinville me advertiu, disse: “Olha, isso aqui pode causar problemas para a sua mulher. Porque você apresentou aqui uma certidão de casamento, e ela é casada com Ferdinand Piske [...] Então, o Capitão Ferdinand é outra pessoa”. [...] Então eu tive que requerer, lá em Timbó, a retificação do nome, e o juiz felizmente concedeu. Mandou o cartório mudar o registro. Inicialmente, o promotor disse: “Não, mas o registro de nascimento é o primeiro documento do cidadão brasileiro, e isso não pode ser mudado”. Mas aí o advogado que eu peguei era muito amigo de outro promotor, que chegou depois, e foi lá e falou “Meu caro colega, você vê, esse cidadão tem conta em banco, ele tem propriedade em Jaraguá, ele tem um automóvel, ele tem telefone. Ele tem seis filhos, todos são registrados como filhos de Ferdinand Piske. Ele não vai viver para endireitar tudo isso através da papelada”. Daí o promotor opinou que deviam mudar.³⁵⁹

Não se pode perder de vista que, como na vida civil, no Exército era proibido falar alemão. Relatou Fridolino Kretzer, sobre o transporte de tropas no Brasil feito por linha férrea:

[...] Nos vagões de trem, estava escrito o que? [...] “É proibido falar em alemão, em italiano e em japonês”. Aí eu disse para os meus amigos: “Se a

³⁵⁵ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

³⁵⁶ Adolfo José Klock, depoimento citado.

³⁵⁷ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

³⁵⁸ José Edgar Eckert, depoimento citado.

³⁵⁹ Ferdinand Piske, depoimento citado. Talvez situação semelhante tenha ocorrido com Ervino Riffel: em seu Certificado de Reservista consta o nome Ervim; em um pequeno livro recebido imediatamente após a guerra, o próprio depoente assinou Ervin.

gente soubesse falar essa danada dessa língua de japonês!” – porque é a coisa mais difícil que tem! E nessa região aqui não tem um que fala japonês... mas então, botavam japonês ali no meio, era assim: “É proibido falar alemão, italiano e japonês”. Isso é verdade: falou, cadeia.³⁶⁰

Alguns dos ex-combatentes entrevistados lembraram que havia convocados que não sabiam falar português. Arnaldo Müller contou dificuldades oriundas desse fato:

É, eles já tinham que aprender, porque a maior parte saiu daqui [de Blumenau] mesmo, como soldado já. É, eles tinham que dar um jeitinho. Mas eles passavam mal, eles nem falavam. Talvez secretamente eles se comunicavam uns com o outro, assim. Eu até muitas vezes falei com eles também um pouco de alemão lá em Curitiba. Eles não sabiam também, eram gente aqui das colônias. É, mas a gente só escondidinho, ah, puxa, naqueles tempos a gente não podia.³⁶¹

Mas os demais entrevistados – descendentes de alemães ou não – que mencionaram o assunto, afirmaram que o Exército foi bastante tolerante com indivíduos que não dominavam o idioma português, e que eles passaram a receber instrução nesse sentido. Contou Fridolino Kretzer, sobre o período em que esteve na 3ª Cia. do 32º Batalhão de Caçadores, em Blumenau:

[...] Tinha um em Blumenau, de sobrenome Hermann, que não sabia uma palavra. [...] Aí nós comentávamos: “Não pode falar em alemão, mas e ele? Que não sabe falar uma palavra em português, e foi convocado?”. O que o capitão fez? [...] ele disse – “Vamos dar uma aula para ele, pegar um que fala alemão e português, e vão num canto ensinar o básico”. Aí colocaram ele a puxar, não tinha burro, esses mueres, colocaram pra puxar carroça, essas coisas assim. Colocaram ele nesses trabalhos de colono, como ele fazia antes. Ah, mas o homem não era desses introvertidos não! Era extrovertido! Ele não tinha vergonha de dizer uma palavra errada ou torta. Ele falava, em um mês já estava falando português. Da maneira com sotaque, mas falou.³⁶²

Milton Fonseca, sobre o mesmo batalhão, relatou:

[...] Tinha uma minoria muito pequena que não sabia falar nada. Botavam eles na escola trancados lá e eles iam começando a falar e eles iam indo, indo e se acostumavam. E conseguiram aprender a falar. [...]³⁶³

Esse tipo de instrução foi mencionado também por Ferdinando Piske, apesar de ter considerado que todos já falavam português:

[...] Todos falavam português. Na época, o Exército mantinha escolas regimentais. Inclusive, admitia analfabetos. Então eles eram alfabetizados no

³⁶⁰ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

³⁶¹ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

³⁶² Fridolino Kretzer, depoimento citado.

³⁶³ Milton Fonseca, depoimento citado.

quartel, durante o serviço. Tinha professores, em Blumenau tinha dois professores civis que iam todas as noites lá dar aula.³⁶⁴

4.2.1 A interação com os demais expedicionários

Quando falam das experiências na Itália, os entrevistados em geral relataram que havia muitos descendentes de alemães na FEB. Ao contrário do que se esperava, a proibição de enviar cartas, em idioma diferente do português, não foi apontada como um problema pelos ex-combatentes descendentes de alemães entrevistados. O tema é tratado por Alcides Conejeiro Peres, filho de espanhóis, em seu livro de memórias:

Aproveitei um momento de folga para escrever para o meu pai. Fí-lo em espanhol. Escrevi também para a Mary. [...] Quanto à carta escrita em espanhol, me foi devolvida pelo comandante da Companhia:
- Sargento [...], é proibido escrever cartas em outras línguas que não seja o português. [...] (PERES, s/d, p. 160)

Os depoentes relataram que os descendentes de alemães eram bem tratados pelos oficiais. Descreveu B. A. S. a interação nas unidades a que pertenceu: *[Com] oficiais nossos? Muito boa! Todo mundo gostava de mim. Tanto lá no Depósito de Pessoal como no 11 RI, todo mundo gostava de mim [...].*³⁶⁵ Relatou também Adolfo José Klock: *Ah, dentro da FEB era tudo igual. Não tinha essa diferença entre italiano, alemão, ou brasileiro. Era tudo igual. [...].*³⁶⁶ Walter Carlos Hertel, que teve constante contato com oficiais, contou, que as relações foram marcadas pela amizade: *[...] a amizade que eu tinha, a confiança que se tinha. Isso marcou. Uma coisa fantástica, não é? [...] a relação era muito boa.*³⁶⁷ Enfatizou também Ervino Riffel: *Os nossos, que eram de origem alemã? Eram tratados bem, igual aos outros, não tinha diferença [...].* Ervino Riffel inclusive compara uma situação vivenciada por um teuto-brasileiro no Exército no Brasil e na FEB, onde não sofreu discriminação:

[...] eu me lembro de um, um cara de Joinville. Ele era muito alemão, de origem alemã. E ele era estudado, era cabo, e tinha curso de sargento. Naquele tempo, eles pegaram ele falando alemão, e nunca foi promovido a sargento. Só que depois, quando ele acompanhou a FEB, ele era da Força Expedicionária Brasileira, lá na Itália, ele foi trabalhar na saúde, mais na retaguarda. Lá ele foi promovido. Ele trabalhava muito bem, era cientista. Aí ele foi promovido, mas se não tivesse ido para lá...³⁶⁸

³⁶⁴ Ferdinando Piske, depoimento citado.

³⁶⁵ B. A. S., depoimento citado.

³⁶⁶ Adolfo José Klock, depoimento citado.

³⁶⁷ Walter Carlos Hertel, depoimento citado.

³⁶⁸ Ervino Riffel, depoimento citado.

Quando se indagou sobre a interação com outros soldados, praticamente todos os entrevistados enfatizaram que não havia discriminação alguma contra descendentes de alemães.³⁶⁹ Por exemplo, contou Edgar Kielwagen: [...] *A gente fazia amizades logo. Eu tinha colegas lá de cima de Pernambuco, do Maranhão, Piauí. Morava praticamente na mesma barraca [...].*³⁷⁰ Também Gerd Brunckhorst:

[...] Nunca houve nenhum problema dentro do nosso batalhão. [...] tinha descendente de árabe, de sírio, de libaneses, inglês, de americano, de judeus, até tinha três... Nos demos muito bem, sabe? [...]³⁷¹

E Lot Eugenio Coser:

[...] sabe como é o brasileiro!! [...] Ao menos nunca vi fazer distinção com branco, com preto, com amarelo... No âmbito da minha Cia. tinha um Cabo, o Katzuo Niazato, era filho de japonês, todo mundo gostava dele, era igual a nós, não é? Não tinha essa distinção. Eu tinha soldados pretos meus, dois soldados bem pretos, que era amigo junto, não tinha nada, não fazia distinção de cores. O brasileiro nesse ponto não é muito racista não, que eu saiba, né? [...]³⁷²

João Carturano ao falar dos descendentes de alemães antes da FEB frisou que [...] *um alemão é fanático, é ruim. É muito ruim. Essa gente loura [...]*, mas quando fala da interação com descendentes de alemães na FEB afirma: *Não se diferenciava. Era tudo igual.*³⁷³ Do mesmo modo, Sebastião Ribeiro Duarte, que antes se referiu aos teuto-brasileiros como uma *raça desgraçada*, afirmou que na FEB todos tinham convivência harmoniosa. Relatou sobre brincadeiras feitas com sua possível ascendência japonesa – ou chinesa, o depoente não tem certeza:

Os pracinhas falavam “tu vai é pro Japão!”. Lá na Itália, quando nós estávamos lá. “Japonês”, “vai pro Japão”... Brincadeira deles... [...] E sempre me chamavam de japonês. Japonês, esse negócio de japonês, [...]... era chinês, japonês...³⁷⁴

Para compreender laços de amizade formados durante a campanha – tão ressaltados por Walter Carlos Hertel – é necessário considerar a especificidade das experiências da guerra. Relatou Adolfo José Klock: [...] *todo mundo estava na mesma situação. Um precisava*

³⁶⁹ Por outro lado, alguns autores mencionam discriminação feita pelos oficiais contra os negros. Segundo Maximiano, o comandante da Infantaria Divisionária Zenóbio da Costa, enquanto considerava os soldados negros indesejáveis, “foi bastante criticado por só incluir descendentes de alemães numa unidade de Polícia do Exército que criou ao retornar da Itália” (MAXIMIANO, 2004, pp. 68-69). Cf. também o depoimento de Demócrito Cavalcanti de Arruda (1949).

³⁷⁰ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

³⁷¹ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

³⁷² Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

³⁷³ João Carturano, depoimento citado.

³⁷⁴ Sebastião Ribeiro Duarte destaca que tem os “olhos puxados”, mas não sabe a origem de seus antepassados.

do outro. Ainda mais quando tava [...] na batalha. Então se um ficava ferido o outro já socorria. Tudo isso.³⁷⁵ E, com emoção, contou Ervino Riffel:

[...] a FEB era uma coisa muito unida, nós éramos 25 mil, mas aquilo era tudo uma coisa só. Éramos muito bem unidos, um ajudava o outro, e fazia pelo outro tudo o que podia fazer. Aquilo aconteceu assim porque nós estávamos muito longe das nossas famílias, e estávamos na guerra, qualquer um podia morrer a qualquer hora. Quando a gente queria falar alguma coisa da família, de casa – nós recebíamos correspondências – então, para não ficar só com a gente, a gente contava para um amigo mais próximo, e ele também contava para a gente que recebeu carta “assim, assim, assim”. Daí é que se formou aquela amizade, aquilo era uma família só. [...]³⁷⁶

Os entrevistados geralmente destacam o contraste da proximidade estabelecida entre subalternos e seus oficiais imediatos, e a realidade anteriormente conhecida no Exército Brasileiro.³⁷⁷ Contou Ferdinando Piske:

Mudou praticamente, como se diz, da noite para o dia. Porque aqui o regimento era rígido, e já desde os primeiros tempos que a gente chegou lá, sentiu que a disciplina era diferente. Ela era mais amena, tinha mais intimidade, e tudo. O relacionamento com os superiores não era aquela *caxiagem*, como nós vivíamos. [...] Já no Rio, e na Itália afrouxou mais ainda a questão da relação com os graduados e oficiais, a gente tinha muito mais liberdade. Porque ali a coisa teve que funcionar na seguinte base: um por todos, todos por um. [...] mas isso nunca implicou em quebra da disciplina. A gente tinha certos soldados que tratavam os sargentos como “você”. Isso, em Blumenau, dava quatro dias de cadeia. Então, lá a gente tolerava isso, porque eram todos amigos. A gente dormia junto, por exemplo em posições onde dava para cavar um abrigo coletivo para três ou quatro, então o tenente também dormia lá, onde dormia o sargento e o soldado. Não tinha problema nenhum!³⁷⁸

Ervino Riffel enfatizou:

[...] a relação dos praças com os oficiais era melhor, melhor camaradagem, que até hoje existe entre nós, pracinhas. Nós pegamos uma amizade assim na guerra, uma camaradagem que nunca mais se apagou, até hoje. [...] Aqui no Brasil, quando nós íamos para o rancho para comer, os oficiais tinham o deles separado, a comida, o rancho separado, entende, servindo melhor comida [...]. Lá na Itália, na guerra, não tinha rancho, não tinha nada, era a céu aberto. Nós tínhamos que receber a comida também em filas, e tudo, então os soldados lá da linha de frente eram os primeiros, e lá atrás, no fim

³⁷⁵ Adolfo José Klock, depoimento citado.

³⁷⁶ Ervino Riffel, depoimento citado.

³⁷⁷ Sobre essa realidade, eis um relato de João Falcão (1999, p. 189), soldado convocado que não integrou a FEB: Tudo servia de pretexto para a prisão dos convocados. Havia um rigor sádico por parte dos superiores hierárquicos. Se o recruta fosse encontrado com qualquer falha no fardamento, era preso. Os estudantes e os jovens mais bem situados, se flagrados nas festas sociais, sem farda, não escapavam da cadeia. Contou também José Alves da Silva: *O tenente e o subcomandante [...] eram cruéis, truculentos, verdadeiros ferrabrazes cujo “hobby” consistia em prender soldados em celas diminutas, para depois de 15 dias de prisão transferi-los [...].*

³⁷⁸ Ferdinando Piske, depoimento citado.

da fila vinham os tenentes... vinha o sargento, o tenente e o comandante da companhia Eram os últimos.³⁷⁹

Relatou Lot Eugenio Coser:

[...] Dentro do âmbito do pelotão, por exemplo, aqui no Brasil, na paz, o oficial já tem uma certa importância [...]. Uma certa superioridade sobre o soldado, sobre o cabo. Na guerra não, o tenente anda junto com o soldado e participa do combate junto com o soldado, ele depende do soldado. Então ele confraterniza mais com o soldado, se une mais com o soldado dele. Porque do soldado dele depende às vezes a vida dele, né? Então é esse o pacto que o cara na guerra [vive], por exemplo, os companheiros a gente não esquece nunca mais. [...] E é assim, as amizades que a gente faz na guerra ficam para sempre.³⁸⁰

Verifica-se no diário de Walter Carlos Hertel que também as impressões dos subalternos sobre seus oficiais transformam-se no contato com a guerra. Em várias anotações, afirmou o expedicionário que não gostava de seu tenente, porque gritava com os praças e tinha *ar de imperador*. Apesar disso, depois da ida para a linha de frente, expressou sua admiração diante da bravura do tenente, como demonstram registros de 22 de setembro de 1944:

[...] Entramos hoje também em conversa sobre o nosso Ten., ninguém de nós simpatiza com ele mas todos admiramos a bravura dele pois em todas patrulhas ou avanços ele vae em frente com a metralha de mão seguido por mim e o restante do pessoal. [...] (p. 66)

Nova menção é feita meses depois:

Monte Cavallero. 19 de Novembro de 1944.
[...] O fogo de fato foi amedrontador, pode se calcular. 30 metralhas da terrível alemã e todas nossas armas atirando com granada, bazuca etc. dá respeito. Si não fosse o sangue frio do Ten. Sobral creio que teríamos retraído, pois o inimigo estava em cima de nós. [...]

Por causa dessas relações, formaram-se entre os expedicionários sentimentos identitários relacionados à FEB, em oposição ao Exército que haviam conhecido no Brasil, mais rígido, chamado por eles de “Exército de Caxias”. Os ex-combatentes em geral também mencionam a influência do Exército Norte-Americano, mais preocupado com a eficiência em combate do que com a distinção hierárquica que era característica tradicional do Exército Brasileiro. De acordo com Francisco César Ferraz:

[...] Desde os navios-transporte norte-americanos, os expedicionários faziam referências, informalmente, a dois tipos de exército, em tudo diferentes entre si. De um lado, o “Exército de Caxias”, aquele que ficara no país,

³⁷⁹ Ervino Riffel, depoimento citado.

³⁸⁰ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

caracterizado pelos seus quartéis pouco higiênicos, pelas exteriorizações excessivas de disciplina, com pouca serventia para a guerra real, pela maior importância que conferia às perdas materiais do que às baixas de combate; de outro, o “Exército da FEB”, baseado no modelo militar norte-americano, mais democrático, no qual as relações humanas entre oficiais e praças visavam a eficiência em combate, e não a exteriorização de uma superioridade social imanente do oficialato. (FERRAZ, 2005, p. 52).

Impressões sobre soldados de outras nacionalidades foram expressas por Manuil Goethel Piegas:

[...] Mas lá houve outras peculiaridades que eu podia falar sobre. Nós convivemos com o VIII Exército Inglês, e uma coisa que me impressionou porque eu não sabia que era naquela época um protetorado a Palestina, e tinha soldados lá palestinos. Algumas lembranças interessantes... O australiano com aquele chapéu diferente dele, né, sabe qual? Nunca viu? Eles usam um chapéu diferente, viu, com a aba reforçada para cá. Já houve muita cópia por aí. Os escoceses de saíote, viu, interessante. Os hindus com aquele negócio na cabeça [...] ³⁸¹

E também por Walter Carlos Hertel, em seu diário:

19 de Agosto de 1944. Sexta-feira.

[...] No caminho encontramos Soldados marroquinos. Estes são feios e cheios de cicatrizes no rosto, usam cabelo dum modo esquisito, a cobertura deles é como os [ilegível] um turbante. Parece mesmo um povo bem selvagem e são todos montados em bonitos cavalos. [...].

Porque as operações eram feitas sobretudo por pequenas subunidades, ³⁸² verifica-se ainda fortes laços mantidos com os companheiros do dia-a-dia, dos grupos de combate e dos pelotões aos quais pertenciam os entrevistados. O historiador César Campiani Maximiano (2010, p. 26) ressalta *a camaradagem que se desenvolvia nos núcleos mais básicos de convívio dos combatentes*, acrescentando:

Tanto o horror quanto a fraternidade entre os combatentes, o orgulho de pertencer a uma unidade eficaz e a admiração pela coragem dos companheiros são elementos essencialmente verdadeiros e ambíguos das histórias de guerra. [...] (MAXIMIANO, 2010, p. 26).

Nesse sentido, Walter Carlos Hertel enalteceu as glórias de seu batalhão, em março de 1945: *O feito do nosso 1º batalhão [do 6º RI] foi o maior feito da FEB até hoje*. Em outro trecho, explicita vínculos mantidos com seu pelotão:

Palácio. Segunda Feira, 5 de Março de 45

[...] o capitão Evangelista falou com o Ten. Edu de me tirar do 3º Pelotão para mensageiro da Cia. Sgto Helvidio, o Ten. e todos se revoltaram e não

³⁸¹ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

³⁸² Cf. Arruda (1949, p. 56).

queriam que eu saísse do Pelotão mas o capitão disse que precisava de mim como intérprete etc. Também eu senti sair do Pelotão, mas na Cia. teria vantagem. Minha função de hoje será estender fio telefônico, atender telefone e radio juntamente com o Moncaio (mensageiro) e mais dois da secção de comandante. [...] ³⁸³

Relatou, por sua vez, A. C. A. P., que não quis ir para a enfermaria após ter sido ferido para ficar lutando com seu pelotão. Situação semelhante foi relatada pelo Padre Joaquim de Jesus Dourado, em crônica escrita durante a guerra:

[...] A granada, que ferira gravemente o subcomandante de sua companhia, lançou-o ao chão desacordado, por longos instantes. Ouvi-o ainda na ambulância, por certo cheio de ódio, gritar ao coronel Nelson de Melo: - Não me mandem para o hospital! Quero morrer com minha companhia! Quero voltar! Meus homens ficaram sós! (DOURADO, 1945, p. 201)

Rubem Braga identificava na época o descontentamento dos soldados quando eram incorporados a outras unidades, após receberem cuidados médicos. Em crônica de abril de 1945, relata:

A coisa é feita assim: se um homem baixa, por ferimento ou doença, e permanece no hospital certo prazo, êle não retorna, quando tem alta, à sua unidade. Vai para o Depósito – um acampamento longe, na retaguarda, e lá fica. Será aproveitado mais tarde para cobrir as novas falhas nas fileiras. O que acontece é que um homem do 1º Pelotão da 3ª Companhia do 1º RI vem integrar, depois dêsse estágio no Hospital e no Depósito, o 2º Pelotão da 7ª Companhia do 11º RI – e em 99 por cento dos casos isso o aborrece profundamente. O soldado faz amigos em sua Companhia, acostuma-se com os camaradas, com o sargento, com o tenente, com o capitão – e com freqüência tem amor ao Regimento. Voltar para a frente em outra unidade o desgosta. [...] (BRAGA, 1964, p. 425).

Valores *tribais* que são compartilhados pelos integrantes de um mesmo regimento dos Exércitos em geral – verificados por John Keegan (1996, p. 153) – fazem-se presentes em anotações de Walter Carlos Hertel, quando expõe seus conceitos a respeito dos outros regimentos: *O pessoal do 11[º RI] tem ainda grande prestígio com nós, ao contrário do Sampaio [1º RI]*.

Rivalidades entre o pessoal da retaguarda e da linha de frente são expressas por Alcides Conejeiro Peres:

Recebemos todo equipamento, até o que se tornaria o famoso saco “A”. A bagagem dos pracinhas, durante a campanha na Itália, era transportada em dois sacos de lona azul, nomeados saco “A” e “B”. No primeiro, o soldado carregava objetos de uso pessoal diário e uma muda de roupa extra. No segundo saco se guardavam todos os pertences que não fossem de uso imediato. [...] Com o tempo, a nomeação da bagagem servia para identificar

³⁸³ Walter Carlos Hertel, depoimento citado.

o tipo de função que o pracinha exercia. Chamávamos o pessoal da retaguarda de saco “B”. Muitos não gostavam do pejorativo, mas havia uma similitude perfeita (PERES, s/d, p. 149).

E também por José Alves da Silva (2001, p. 209): *Com a FEB reduzida de 1/3 de seu efetivo para correr célere atrás dos tedescos como só ela sabia fazer, permaneceram inativos no DP mais de 10.000 homens apenas coçando os sacos.* O diário de Walter Carlos Hertel aponta preconceito em relação ao 1º Regimento de Infantaria: *Monte Cavalloro, 3 de Março de 45. Sábado. [...] o pessoal do 11º RI é muito melhor que o do 1º RI que só quer cartaz [...].*

Ainda sobre a interação entre os expedicionários, cabe acrescentar um aspecto particularmente relacionado aos descendentes de alemães. Ervino Riffel frisou que aqueles que dominavam a língua alemã – bem como o idioma italiano e o inglês – eram especialmente bem tratados na Itália, pois o comando necessitava de intérpretes:

[...] Até aqui em Brusque, a maioria que foi convocada, nessa lista, a maioria foi de origem italiana e de origem alemã. E aí lá na Itália logo foram escolhidos os intérpretes alemães e italianos. Soldados nossos. Então eles eram escolhidos, o motorista do major era um que falava o português [...] e o alemão. [...] O Alberto Maestri foi escolhido para servir cafezinho lá para o general Mascarenhas de Moraes, junto com Castello Branco, essa gente lá. É, para ser intérprete em italiano. Conversar com os italianos, depois traduzir lá para os chefes nossos... E assim era tudo bem repartido, tinha muitos que falavam inglês também, então eles tinham tudo lá, com os americanos, eles se entendiam bem, então eles levavam até para passear...³⁸⁴

No mesmo sentido, falou Fridolino Kretzer:

[...] Feliz aquele que sabia falar alemão lá! Um dia um tenente veio para mim: “Fridolino, olha, vim te buscar porque o meu sargento morreu. O que falava alemão!” – porque faziam prisioneiros – “Eu não sei falar alemão!” – o carioca não fala alemão. [...] “Tu vais comigo, né?”. Eu disse: “[...] Se o senhor conseguir que o coronel me dispense, eu vou”. [...] Aí o tenente desceu lá. [...] Aí ficou, ficou, ficou lá, na barraca do coronel. Daqui a pouco ele voltou. Ele disse: “Não deu nada! Não deu nada! Não deu nada! Ele não te solta! Ele não te solta! Ele disse que tu és muito prestativo aqui! Sem tu, não dá! Tu viajas para esses cantos todos aí, tu sabes de tudo, ele disse! E ele precisa de ti, não te solta, não te solta”. [...] Eu disse: [...] “Fica do meu lado aqui, vamos aprender alemão!”³⁸⁵

No diário de Walter Carlos Hertel, a tentativa de ensinar alemão a um colega também ilustra o fato de que o domínio do idioma era bastante desejável: *Diecimo, Quarta Feira, 18 Outubro de 44. [...] Agora são 1 hora da tarde e o Bacaré quer aprender o alemão mas não dá conta de pronunciar os H.* Várias crônicas escritas por Rubem Braga durante a campanha falam da atuação de intérpretes, sem especificar, contudo, se os indivíduos são descendentes

³⁸⁴ Ervino Riffel, depoimento citado.

³⁸⁵ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

de alemães. Em março de 1945, relata sobre uma patrulha: [...] *Um de nossos soldados sabendo alemão compreendeu o que o tenente disse aos soldados; o jovem oficial nazista tentava fazer com que os homens voltassem atrás* (BRAGA, 1964, p. 336).

4.2.2 Imagens dos inimigos

Se a guerra, fenômeno que entremeia toda a história da humanidade, *é o momento em que cada um dos oponentes se convence que possui mais qualidades morais e motivos justos para lutar do que seu adversário* (JANOTTI, 2000, p. 4), procurou-se identificar nos depoimentos de ex-combatentes teuto-brasileiros imagens atribuídas a seus inimigos – os alemães – antes de verificar imagens de si próprios.

Vários dos ex-combatentes descendentes de alemães entrevistados relataram ter atuado como intérpretes em ocasiões em que soldados alemães eram feitos prisioneiros. B. A. S., por exemplo, relata ter interrogado milhares de prisioneiros, a partir de janeiro de 1945, durante os combates de Monte Castello. Apesar de pertencer à Artilharia, na época foi deslocado do Depósito de Pessoal para servir à Infantaria, que necessitava de um intérprete. Desabafou: [...] *E já começou a aparecer prisioneiro, e aí, olha... Bah, era dia e noite!*³⁸⁶

Em entrevista, o autor do diário declarou que gostava de fazer esse papel. Lembrou Ferdinando Piske: [...] *quando a gente prendia alguém, daí o tenente dizia “Pergunta isso, pergunta aquilo...”*, e eu falava com eles.³⁸⁷ A. C. A. P. também relatou uma ocasião em que atuou como intérprete:

[...] O comandante que era do nosso pelotão estava dentro de uma casa, então ele estava interrogando os alemães, mas os alemães não entendiam brasileiro, e nem ele entendia em alemão. Aí ele perguntou: “Vocês sabem entender um pouco de alemão?” – “É, alguma coisinha”. Aí nós interrogamos os alemães ali. [...] ³⁸⁸

Gerd Emil Brunckhorst, mesmo tendo permanecido internado durante quase todo o tempo em que esteve na Itália, também chegou a fazer esse trabalho. Contou sobre o Hospital norte-americano em Livorno:

[...] E uma noite também fui chamado para atender a um paciente alemão que tinha sido aprisionado, mas tinha sido ferido com um tiro no intestino. E tive que atender para dar instruções de como ele tinha que se comportar diante do ferimento. E no dia seguinte a outra enfermeira me chamou e disse

³⁸⁶ B. A. S., depoimento citado.

³⁸⁷ Ferdinando Piske, depoimento citado.

³⁸⁸ A. C. A. P., depoimento citado.

“olha, você fala a língua deles?”, eu digo “falo sim”. “Então vai lá, conversa com ele, porque ele está lá tão sozinho, né, precisa de um pouco de animação”. Então fui lá conversar com ele. [...] ³⁸⁹

Walter Carlos Hertel registrou em seu diário diversas ocasiões em que atuou como intérprete. Por exemplo:

Camaiore, Sexta Feira 13 de outubro de 1944.

[...] Pelas 5 horas Sgto [Sargento] Elvidio vio me buscar de jipe para interrogar dois prisioneiros alemães. Fomos até o comando do 1º Btl [Batalhão] e aqui interroguéi os prisioneiros. Eles, 6 em todo, fugiram do campo de concentração perto de Livorno e vieram a pé sobre as montanhas até as intermediações de Monte plano em 4 dias, alimentando-se com castanhas.

Camaiore, Sábado, 14 de outubro de 1944.

Hoje de manhã chamaram-me novamente para o com. do Btl [Batalhão] para interrogar o último dos alemães fugitivos de Livorno. [...].

Palácio. Segunda Feira, 5 de Março de [19]45

[...] o capitão Evangelista falou com o Ten. Edu de me tirar do 3º Pelotão para mensageiro da Cia. [...] o capitão disse que precisava de mim como intérprete etc. [...]

Também menciona que foi chamado para traduzir um documento:

Stazzema. Sexta-feira, 29 de setembro de 1944.

[...] o Ten. Chamou-me para traduzir um documento dum italiano que trabalhou com os alemães no correio. Como o documento nada provou, foi resolvido solta-lo. [...] (p. 71)

A. C. A. P.,³⁹⁰ Arnaldo Müller³⁹¹ e Ervino Riffel referem-se artimanhas perigosas dos inimigos alemães, da mesma forma que os ex-combatentes não descendentes de alemães Nilson Vasco Gondin e Manoel Antonio Linhares. O descendente de alemães Ferdinando Piske ressalta as *artimanhas da Alemanha*, armadilhas colocadas sob os cadáveres brasileiros. Relata, acerca da morte de um dos soldados que comandava:

[...] Nós fomos em seguida lá para recolher o corpo, e não achamos mais. Só achamos cinco dias depois, quando houve um ataque na cidade de Castelnuovo. Ele estava em outro local, coberto por uma manta, um cobertor. A gente conhecia as manhas da Alemanha, então o comandante dele pegou um sabre e passou assim, por baixo do corpo dele. Primeiro nas pernas, e ali ele já sentiu uma resistência. E depois aqui embaixo, na altura do coração. Eles tinham enterrado duas minas debaixo dele. E cortaram o

³⁸⁹ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

³⁹⁰ A. C. A. P., depoimento citado. Sobre os combates em Montese: [...] *eles atiravam muito, a artilharia. Morteiro e bombas [em Montese]*.

³⁹¹ Arnaldo Müller, depoimento citado. [...] *Eles eram perigosos... Ixi! Ah, se encontravam nossos brasileiros, era quem mais podia. Eles matavam mesmo... Eles eram perigosos*. Como mencionado no capítulo 2, o depoente destaca também crueldades feitas contra as mulheres italianas. 2005.

uniforme aqui, e amarraram o detonador da granada, da mina, nas pernas e aqui nos braços. Se levantassem ele, ia morrer mais uma meia dúzia. Eles faziam essas coisas...³⁹²

O depoente B. A. S. expôs uma atitude do inimigo considerada condenável sob a ética da guerra:

[...] eu vi um matar uma enfermeira, no *front*. A gente estava alerta, era uma patrulha que eu estava comandando. Estava alerta, e tinha uma enfermeira andando por cima da linha. De repente um tiro, da minha patrulha, um tiro... *Bam!* Na enfermeira... “Quem foi o cachorro?”, um negrinho lá do Rio de Janeiro: “Fui eu”. “Mas como que vai me matar uma enfermeira, da Cruz Vermelha?” – “Vai lá ver que enfermeira é”. Depois que terminou o combate... Era um soldado alemão, andando por cima das linhas inimigas minando o terreno. Com a maleta da Cruz Vermelha, cheia de minas, e enterrava. Fazia o negócio e enterrava as minas.³⁹³

Mencionou ainda a atitude de integrantes da juventude hitlerista durante os interrogatórios:

[...] Aqueles que eram da juventude hitlerista eram uma praga para a gente interrogar! Uma ocasião eu estava em uma casa bombardeada [...] e o Major Comandante do 1º Batalhão do 11 RI, e aí veio um prisioneiro. A pé, trouxe um prisioneiro. [...] Ele entrou, olhou para mim, olhou o major, o major era baixinho. Olhou assim “*Heil Hitler!*”. O major levantou “O que esse desgraçado está pensando? Esse cachorro pensa que está na casa dele?”. E começou a rodear ele. [...] Como um monstro! E aí eu digo para ele se identificar, para apresentar a identidade. Ele: “Perdi – *Ich habe verloren*”. Aí “Diga para ele se identificar para a gente... O nome dele como é?”... “*Ich habe vergessen* – Esqueci”... [...] Disse o major assim: “Entregue esse cachorro para a polícia!”. [...] É duro, duro... E no fim, quando o cara vinha, eu dizia “Pode mandar ele embora porque esse aí é da juventude hitlerista, não fala nada, nem o nome”. [...]³⁹⁴

Outra atitude condenável é descrita por Lot Eugenio Coser:

O que eu mais me lembro de lá? Puxa, eu me lembro de muitos fatos da Itália! O que mais me gravou lá foi... foi... Um dia eu fui fazer o remuniciamento de alimento para o meu pelotão e assisti um grupo de americanos matando um alemão a bordoadas, com coronhada de fuzil. Aí eu fui lá para saber o que que estava se passando daquilo... Aí os americanos, um pouco por senha e um pouco em italiano, me disseram que o alemão era muito cativo. Aquele que era muito cativo, em italiano, é muito ruim. Esse alemão era um franco atirador, ficou para trás na nossa retaguarda e ele se escondeu em um monte de feno, e dali todos os dias ele matava um que ia buscar comida. Quando os americanos conseguiram descobrir ele naquele

³⁹² Ferdinando Piske, depoimento citado. O assunto é mencionado também por José Alves da Silva: (2001, p. 193) *Após a conquista de Monte Castelo, foram encontrados insepultos sob a neve, vários cadáveres de brasileiros sob os quais os alemães colocaram armadilhas que foram desativadas pelo Pelotão de minas, para que seus corpos pudessem ser sepultados condignamente no nosso Cemitério de Pistóia*”.

³⁹³ B. A. S., depoimento citado.

³⁹⁴ Id.

monte de feno, mataram ele a bordoadas, e é o que ele merecia. Porque não era um soldado, era um assassino. E isso foi um fato que me marcou muito na Itália, que eu vi lá. [...] ³⁹⁵

Alcides Conejeiro Peres relatou sobre um episódio envolvendo prisioneiros brasileiros capturados pelos alemães: [...] *me contaram a história – sem confirmação – de que uma patrulha brasileira foi aprisionada, e que os alemães amarraram nossos soldados pendurados, jogaram combustível e os queimaram vivos.* [...]. João Carturano, por sua vez, enfatiza crueldades feitas contra os italianos. E Sebastião Ribeiro Duarte lista várias crueldades atribuídas aos alemães:

Lá na Itália? A gente via o que fizeram na Itália com as moças, lá. [...] Tentavam até queimar criança dentro dos forno quente. Mas eram tudo... Filha da puta... Deixavam preso, assim, com fuzil e coisa em cima pra tu mexer lá, tinha bomba lá. [...] deixava o fuzil encostado, botava relógio em cima [...]... Depois tu mexia ali, estourava a bomba em cima de você, lá perdia o braço. Lá eles tinham cerca de arame farpado pra nós não passar. [...] Deixavam o jipe lá, com bomba, tudo. Se tu fosse entrar num jipe daquele pra tu ver, dentro assim, com um fuzil encostado... Olha, eu vou te dizer! Raça desgraçada que tinha lá! O alemão. ³⁹⁶

Walter Carlos Hertel registrou em seu diário impressões muito negativas sobre certos prisioneiros. Eis um exemplo:

Palácio. Segunda Feira, 5 de Março de 45
[...] Começou o ataque, nossos homens progridem maravilhosamente, passam sem danos o campo minado e chegam até as posições alemãs e jogam granadas nas trincheiras. Não demora, saem 3 alemães [...] e se rendem. Quatro conseguem fugir e mais 4 o tentam mas não o conseguem porque os nossos estão muito perto e seria a morte deles, entre estes 7 prisioneiros tem 1 enfermeiro que usa uma enorme cruz vermelha no peito e costas. Todos eles tremiam como vara verde e chorando quando o capitão mandou abaixar o braço se ajoelharam e deitaram pedindo por amor de Deus não matá-los. Fiquei com nojo destes alemães pois sempre pensei que fossem machos e não como vi agora, peor que mulheres.

O entrevistado B. A. S. menciona de que maneira o sargento Max Wolff Filho, paranaense descendente de alemães, se refere aos inimigos:

[...] Ele foi considerado o leão da FEB. [...] Ele era 2º sargento, foi indicado duas vezes para ser promovido a tenente, por ato de bravura. E uma tarde ele saiu para comandar uma patrulha, dia 12 de abril de 45, e eu digo para ele “Max, a bala não trás o letreiro *sai da frente*. Tu foi indicado duas vezes já para ser promovido a tenente por ato de bravura. Vai para o Brasil. Não

³⁹⁵ Lot Eugênio Coser, depoimento citado.

³⁹⁶ Sebastião Ribeiro Duarte, depoimento citado.

banque o valente”. “Não, essa alemoada! Essa alemoada! Eu pego eles à unha”. No dia seguinte ele estava dividido em dois pedaços. [...] ³⁹⁷

Contrastando com as características atribuídas aos alemães que compunham as tropas inimigas, os brasileiros da FEB são descritos nas entrevistas e livros de memórias consultadas, salvo uma ou outra exceção eventualmente mencionada, como *bonzinhos*, disciplinados, respeitosos com os italianos, valentes, que dispensavam bom tratamento aos prisioneiros etc. Ao mesmo tempo, contudo, os descendentes de alemães entrevistados também destacam dificuldades enfrentadas pelos soldados inimigos e, às vezes, manifestam compreensão. Por sua vez, A. C. A. P. aponta o papel do soldado, dizendo que *eles eram mandados* e fala que alguns se entregavam porque não queriam mais continuar a guerra. No mesmo sentido, contou Arnaldo Müller:

Até depois da guerra eu falei com muitos soldados alemães e eles também falaram que eles também não tinham nada contra nós, eles também não queriam guerrear contra nós. Mas eles também foram obrigados, né? Quem é militar, já viu, tem muita ordem, é obrigado a executar... ³⁹⁸

Ervino Riffel que se sentiu em situação semelhante à dos prisioneiros com quem conversou, terminada a guerra. Relatou o que disse um deles: “*Nós perdemos a guerra, vocês ganharam, mas... vocês têm que trabalhar igual a nós, também...*”. *Aí a gente deu um cigarro para eles, que eles não tinham mais cigarros...* ³⁹⁹ Gerd Emil Brunckhorst descreve o prisioneiro alemão com quem conversou no hospital como um *garoto de uns 18, 19 anos*. O diário de Walter Carlos Hertel, embora em outros momentos destaque a crueldade dos alemães, também menciona dificuldades enfrentadas por seus inimigos. Sobre um prisioneiro que interrogou, relata:

Ele era *nato* [...] em Colonia, 36 anos, pae de 6 filhos e também pretendia passar o front em Massa. Ele tinha sido condenado a 2 anos de prisão pelos alemães porque dormira uma noite com a mulher fora do acampamento na ocasião que ela foi visitá-lo. Tinha também um aviso do governo alemão de 18-7-44 que pedisse à mulher se dedicar mais ao trabalho do que aos filhos, caso contrário o governo seria obrigado a afastar os filhos dela [...]

Se em um momento afirma que *não se vê alemão e a turma está doidinha para dar tiros*, noutro ressalta que seu amigo *Bacaro continua, depois de uma grappa, chorando por ter matado tedescos que provavelmente tem filhos e mulher na Alemanha*. Se o mencionado episódio da descoberta do sepultamento de soldados brasileiros por alemães com as inscrições

³⁹⁷ B. A. S., depoimento citado.

³⁹⁸ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

³⁹⁹ Ervino Riffel, depoimento citado.

de “três heróis brasileiros”, para Manoel Antonio Linhares e para Nilson Vasco Gondin representa uma prova da valentia dos brasileiros, para Ferdinando Piske – ao contrário – demonstra como, nessa ocasião, os alemães foram “decentes”:

[...] quando nós fomos tomar Castelnuovo deles, nós achamos três sepulturas. Tinha uma cruz e estava escrito em alemão “Três heróis brasileiros”. Nós tínhamos sido substituídos, e o décimo pelotão foi lá, mandou uma patrulha, e eles devem ter matado os três e enterrado. Mas eles foram descentes! Achavam que os três eram heróis. Muito bacana, não é?⁴⁰⁰

A mesma percepção demonstrou Fridolino Kretzer:

[...] E também, depois das lutas, quando eles foram avançando – eu não presenciei, mas meus amigos contam, e a história conta – que chegaram num local, e ali tinha uma cruz. Uma cruz. E os alemães sepultaram três, agora em alemão já esqueci como é que era... Morreram ali, e não quiseram deixá-los assim, ao relento, e sepultaram. E os alemães escreveram na cruz “Aqui jaz três heróis brasileiros”. [...] ⁴⁰¹

Ao que parece, por meio do contato mais direto com os prisioneiros durante os interrogatórios, e da própria vivência em campo de batalha, os expedicionários descendentes de alemães tiveram percepções que se distinguem daquelas de quem não esteve envolvido na guerra, de quem somente conheceu as imagens divulgadas pelas propagandas ou ouviram ecos das dificuldades inerentes do confronto com o inimigo: conheceram soldados que, como eles, eram sujeitos a ordens e enfrentavam uma série de dificuldades.

4.2.3 “Nós” e “os outros”

Comentários do belenense Antonio Batista de Miranda, que tanto enfatiza a ação da quinta-coluna quando trata da época anterior à incorporação à FEB, sugerem que suas suspeitas quanto à existência de traidores não eram associadas diretamente a descendentes de alemães radicados no Brasil. Assim descreve colegas pertencentes à sua unidade no Rio:

Dia 21 de janeiro de 1945 estive de serviço o dia todo. Aproveitei para conhecer melhor meus novos companheiros. Eram gaúchos, catarinenses, paranaenses, de fala encrocada, com muitos falando só alemão entre si, como os catarinenses. Eu julgava, a princípio, que fossem mercenários alemães à serviço da FEB. Os gaúchos eram mais alegres e comunicativos. Gostavam de uma briga como poucos. [...] (MIRANDA, 1998, p. 98).

Transferido da FEB para o Batalhão da Guarda Presidencial, no Rio, teve novamente contato com descendentes de alemães:

⁴⁰⁰ Ferdinando Piske, depoimento citado.

⁴⁰¹ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

Apresentei-me à minha nova unidade – a elite do Exército – em São Cristóvão. O Batalhão de Guardas funcionava num prédio de três andares, numa área de 60m x 90m. A maioria dos seus componentes era oriunda de Santa Catarina. De novo um português arrastado para os meus ouvidos, demonstrando a forte influência da colonização alemã: eram todos filhos e netos de alemães (MIRANDA, 1998, p. 101).

Entre os ex-combatentes entrevistados, nenhuma opinião negativa ou preconceituosa foi emitida a respeito dos expedicionários teuto-brasileiros. Comentou Manuil Goethel Piegas, que – embora também descendente de alemães – enfatiza sua ascendência portuguesa e espanhola:

[...] o que eu posso dizer é o seguinte: o alemão esqueceu completamente que era descendente de alemão, viu, e agia como brasileiro. Os que eu conheci, como eu digo, o Sargento... deixa eu ver quem... Max Wolff, por exemplo, era descendente de alemão.⁴⁰²

Tanto João Carturano como Sebastião Ribeiro Duarte, que haviam demonstrado fortes sentimentos contrários à população de comunidades alemãs durante a juventude no Brasil, disseram que os descendentes de alemães dessas localidades que integraram a FEB eram *brasileiros*. Milton Fonseca relatou sobre a atuação de alguns teuto-brasileiros, considerados muito corajosos:

[...] Nós temos muitos companheiros de origem alemã, que falavam bem o alemão que aproveitaram a oportunidade para trazer frutos para nós. [...] eles iam em patrulhas e o que eles faziam? O que nós não tínhamos coragem de fazer e eles faziam. [...] uns dois ou três ficavam reunidos assim e falavam tudo em alemão [...] bem alto. O alemão estava escondido lá para pegar nós e dizia assim “Ah tem gente presa lá nossa lá!” e vinham assim na frente e nós prendíamos eles [...] E assim que nós tivemos o sargento Max Wolff que é aqui do Paraná, foi considerado o maior herói da FEB, teve treze patrulhas. Ele nunca veio sem trazer quatro, cinco, seis! [...] ele chegou, viu uma casa lá assim e disse assim: “Olha pessoal, vocês deixem que eu vou naquela casa lá e eu chego perto e eu dou um jeito se tiver alguém lá”. [...] Quando ele [Max Wolff] falou assim de longe, de fora, ele [o alemão] não respondeu nada, ficou lá só esperando. Aí ele [Max Wolff] meteu o pé na porta [...] e entrou. Quando ele entrou ele levou um tiro – TÁÁ! – um tiro e caiu morto. Os outros companheiros que eram da patrulha dele – soldados, cabos, ... – ouviram o tiro e “Pegaram o Max Wolff!” [...]⁴⁰³

Uma crônica de Rubem Braga, de 17 de abril de 1945, ressalta o mesmo tipo de ação:

Aconteceu ali em Montese um caso de esperteza – que mostra que às vezes tem suas vantagens o exército de um país de imigração como o Brasil. O 3º Pelotão da 2ª Cia. do 9º Batalhão de Engenharia, comandado pelo Tenente Almir Miguez Vinhais, estava em uma casa, quando foram ouvidas vozes alemãs. O sargento Mário Muller prestou atenção: os alemães sussurravam,

⁴⁰² Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

⁴⁰³ Milton Fonseca, depoimento citado.

um perguntando ao outro, se aquele pessoal que estava na casa era brasileiro ou americano. Prontamente Muller falou alto – em alemão – dizendo que não se assustassem, que eram amigos que estavam ali. Fêz naturalmente um sinal aos nossos homens – e quando os 7 alemães que estavam escondidos na casa “deram as caras”, confiantes, foram aprisionados antes que saíssem de sua surpresa para reagir (BRAGA, 1964, p. 414-415).

Se possivelmente, laços de camaradagem estabelecidos em momentos de dificuldades suplantaram sentimentos de desconfiança mantidos no Brasil contra descendentes de alemães, José Alves da Silva, ao contrário de todos os outros depoimentos consultados, aponta que os expedicionários oriundos da Região Sul do Brasil eram vistos por parte dos oficiais como potenciais traidores ou espiões nazistas:

Os sulistas que tiveram a felicidade de ser incluídos nas Cias., cujos comandantes haviam servido em nossa terra, foram recebidos de braços abertos, porque os capitães conheciam sobejamente a competência, o valor e a disciplina á que eles estavam habituados. Entretanto, outros – como eu – que caíram em sub-unidades dirigidas por capitães nordestinos, ou oriundos do oeste e centro-oeste, no início comeram o pão que o diabo amassou, porque esses oficiais estavam com a cabeça feita pela maldita 5ª coluna, pelo pan-germanismo e principalmente pela imprensa escandalosa que divulgava notícias banais do sul, carregando nas tintas. Julgavam erroneamente que todos os sulistas fossem espiões nazistas em potencial, quando na verdade a 5ª coluna agia com vigor intenso no Rio, São Paulo e, especialmente junto aos altos escalões do governo. (SILVA, 2001, p. 42-43)

Noutro trecho, destaca:

Filho de Santa Catarina fui incluído na Cia. comandada por um capitão cearense, daqueles que julgava ser meu pequeno e glorioso Estado, parte da Alemanha Antártica e, em consequência não me via com bons olhos, julgando que fosse um perigoso agente da 5ª coluna. Fiquei na CC-III (Cia. de Comando do III Batalhão) como excedente, até que abrisse vaga para mim em outra Cia. [...] Certa tarde, um sargento estava ministrando instrução de armamento sobre metralhadora leve ponto 30 e eu, desconhecendo a “Browning” entrei na roda para o aprendizado quando o instrutor encarando-me solicitou a minha retirada, alegando que a instrução se destinava apenas aos sargentos “efetivos” [...]. Saí tristonho, cabisbaixo, perguntando-me se o instrutor julgava que aprendendo o funcionamento da arma iria correndo transmiti-lo aos alemães (SILVA, 2001, p. 43).

Embora o depoente não se identifique como descendente de alemães, ressentimentos oriundos dessa situação assemelham-se àqueles presentes em relatos de teuto-brasileiros acerca das perseguições ocorridas anteriormente na vida civil, tratadas no capítulo anterior. Sobre a transferência para outra companhia sob o comando de outro oficial em setembro de 1944, ainda no Brasil, comentou José Alves da Silva (2001, p. 44): [...] *Mesmo satisfeito na 7ª Cia., não conseguia esquecer a humilhação e o mau juízo que o capitão comandante da CC-III fez de mim pelo feio crime de haver nascido no Estado de Santa Catarina [...].* Relatos

do mesmo depoente sobre situações vivenciadas na Itália sugerem seu medo constante em ser apontado como traidor. É o caso de suas lembranças a respeito de quando foi hospitalizado para tratar de ferimentos ocasionados em Montese, no início de dezembro de 1944:

Temendo que o médico pretendesse me incapacitar, enviando-me para a retaguarda e que de lá me evacuassem para o Brasil, ocultei a maioria dos sintomas e nem de leve falei que havia lavado bem o rosto que ficara coberto de lama seca e sangue coagulado, evitando assim exames mais profundos com especialistas. Quanto a minha baixa audição, nem sonhar em falar, e olhem que há anos faço uso de aparelhos de audição. Segui voluntariamente para a FEB e como poderia regressar ao Brasil com o rabo entre as pernas? Isso nunca! Eu teria que enfrentar meus companheiros e também que os colegas do “front” murmurassem: “– *Eu não disse que ele era 5ª coluna, porque no Estado de SC só dá alemão?*” Minha formação não permitiu isso e meu orgulho muito menos. (SILVA, 2001, p. 92)

Enfatizando as injustiças sofridas, José Alves da Silva (2001, p. 205) avalia os descendentes de alemães com quem conviveu – *os louros filhos do sul* – como *tão brasileiros quanto os melhores*, acrescentando:

[...] Posso dizer de boca cheia, que lutei lado a lado com os descendentes de germânicos, vendo muitos deles tombar com as armas nas mãos. Eles deram á pátria o que possuíam de mais precioso, suas próprias vidas [...] (SILVA, 2001, p. 205-206)

Nota-se o grande contraste com o que emite sobre a opinião mantida a respeito dos teuto-brasileiros – entre outros grupos – com quem conviveu no Exército no Brasil:

Fui designado para a fileira, com a difícil e chatíssima missão de transformar polacos e alemães xucros e caboclos analfabetos em bons soldados e cidadãos capazes. Com muito suor, trabalho insano e persistência minha e dos companheiros, nossos esforços foram recompensados, porque depois de 3 ou 4 meses mudou a aparência dos recrutas e os de origem estrangeira que apenas [pouco] entendiam o português, passaram a assimilar melhor a nossa língua. (SILVA, 2001, p. 33)

Analogamente a como José Alves da Silva demonstra sentimentos identitários relacionados ao Sul, em detrimento da imagem que possui da população de outras regiões do Brasil, parte dos ex-combatentes descendentes de alemães expressou opiniões que traduzem imagens que mantêm de si e dos demais evidenciando preconceitos e rivalidades. Quando B. A. S. enfatiza que fala alemão *gramatical*, evidenciam-se sentimentos formados – provavelmente no Brasil – em detrimento daqueles que falavam dialetos, descritos em tom pejorativo:

[Muitos] não tinham qualificação para serem intérpretes, falavam um dialeto danado, e ninguém entendia. Como aqui, em Ivoti, aqui tem gente que fala o

alemão que a gente não entende. É o dialeto *Hunsrück*,⁴⁰⁴ como dizem. Então é muito difícil, a gente não consegue entender. [...]

Manuil Goethel Piegas contou de como falava jocosamente com o companheiro B. A. S. sobre o assunto:

[...] O Benno, por exemplo. O Benno era [...] Intérprete. Eu mexia com ele. [Eu dizia que] Ele falava em alemão com os alemães, e os alemães ficavam olhando para ele, não entendiam o que ele dizia. De brincadeira. Porque ele fala o alemão gramatical, o Benno [...]⁴⁰⁵

Isso talvez ajude a compreender sentimentos de Arnaldo Müller que – como mencionado anteriormente – relatou que falava um dialeto: [...] *eles até queriam que eu ficasse assim intérprete na Itália... Mas eu não fiz, eu não gosto muito da língua alemã, eu não sei, pra mim é muito difícil, viu [...], sabe*. O depoente novamente enfatizou: [...] *Gosto mais do português*.⁴⁰⁶ Com isso, se somaria às hipóteses esboçadas no capítulo anterior, em torno da preocupação constante desse mesmo entrevistado em demonstrar simpatia pelo Brasil, pelo povo brasileiro e pelo idioma português, a possibilidade de que alguns grupos que utilizavam dialetos considerados *inferiores*, tenham sido discriminados por outros grupos, nas localidades de colonização alemã.

Ao falar dos “alemães” da FEB, os ex-combatentes teuto-brasileiros demonstram também outros sentimentos, como laços formados com seu estado de origem, no Brasil. De acordo com Adolfo José Klock, os “alemães” eram respeitados porque – como os demais expedicionários do Sul – eram obedientes, ao contrário dos vindos do Norte:

[...] Sempre foi elogiado o pessoal, os catarinenses. O pessoal do Sul. Porque os alemães eram mais respeitados, eles cumpriam a ordem. E o pessoal do Norte não, eles eram preguiçosos e... não cumpriam ordem. Então os soldados do Sul – do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande, mas especialmente os catarinenses – eram os mais cotados. No Batalhão de Guarda, no Rio de Janeiro, naquele tempo era Rio de Janeiro, era sempre catarinense que estava no Batalhão de Guarda.⁴⁰⁷

Arnaldo Müller se descreve como soldado obediente, contrapondo-se a outros grupos: [...] *Tinha gente muito má, paranaense, carioca... [...]*.⁴⁰⁸ Em entrevista posterior, comenta: [...] *era uma gente danada, os gaúchos [...]*.⁴⁰⁹ E ainda:

⁴⁰⁴ Dialeto falado na região de *Hunsrück*, situada no sudoeste da Alemanha. O depoimento de B. A. S. já foi citado.

⁴⁰⁵ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

⁴⁰⁶ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

⁴⁰⁷ Adolfo José Klock, depoimento citado.

⁴⁰⁸ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

⁴⁰⁹ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

[...] os mais agitados eram os baianos... veio uma comitiva de baianos, até civis ainda, que também foram incorporados conosco para formar o 5º Escalão... Eles eram muito safados, porque muito jogadores, jogavam dia e noite! Até a roupa do corpo eles empatavam no jogo, onde eles podiam estar jogando, eles jogavam, embaixo da terra... [...] Só tinha um rapaz muito bom, um baiano estudante de medicina. Ele era um homem certinho, era um bem branquinho assim, os outros eram tudo moreno assim, mais morenos como são os baianos assim em geral... [...] ⁴¹⁰

Opinião diferente, contudo, foi expressa por Manuil Goethel Piegas, que não vivia em comunidade alemã, e que, tendo comandado alguns expedicionários nordestinos, emite sobre eles uma avaliação positiva:

[...] Eu acho que o soldado nordestino – aquele magricelinho, fininho, e outras coisas mais – foi um bom soldado. Agüentou a intempérie... Pelo menos no meu pelotão, eu estou falando do meu pelotão. Era... muito obediente, muito comunicativo e brincalhão. Porque o nordestino tem como hábito ser descontraído. É o brasileiro mais descontraído que tem. O gaúcho já é mais fechadão. ⁴¹¹

Os entrevistados descendentes de alemães em geral afirmam que se sentiam brasileiros, ou ao menos mais brasileiros do que alemães. Laços em relação ao Brasil são demonstrados mais em menções de situações vivenciadas do que em torno de ideais nacionais abstratos. Por exemplo, Arnaldo Müller relatou, referindo-se à partida do Rio de Janeiro: *A gente pensava “meu Deus, decerto é a última vez que a gente vai ver o nosso querido país” [...]*.⁴¹² O diário de Walter Carlos Alberto Hertel menciona lembranças da *pátria querida* e concebe os expedicionários brasileiros como *nossos patrícios*:

Vada, 25 de Agosto de 1944

[...] Já estava escurecendo e nós nos sentamos em frente da barraca tomando o resto do vinho e da grapa que queríamos dar para o Sgto e cantamos valsas de Vicente Celestino, Carlos Galhardo e outros cantores brasileiros, relembando os bons tempos na pátria querida. [...]

Monte Cavalloro. Sábado, 2 de Dezembro de 1944.

[...] O major Gross que me conhece das traduções que eu fazia no batalhão, quando me viu me deu a mão e sentou ao meu lado para conversar sobre nossos patrícios e chegamos a conclusão que ambos gostamos muito deles mas fora do alcance de qualquer arma. [...]

Gerd Emil Brunckhorst relatou, de forma comovente:

[...] Agora, antes de ser transferido [de Nápoles] eu tive uma experiência que também me tocou muito fundo, quando no segundo dia de nossa permanência nos reunimos num acampamento e a bandinha que acompanhou

⁴¹⁰ Id.

⁴¹¹ Manuil Goethel Piegas, depoimento citado.

⁴¹² Arnaldo Müller, depoimento citado. 2005.

o primeiro escalão começou a tocar a canção de Ari Barroso *Aquarela do Brasil*. Cinco mil homens cantando, numa noite escuríssima, a *Aquarela do Brasil*, que praticamente foi o hino que nós cantamos. Isso foi emocionante!⁴¹³

A descrição de B. A. S. de um episódio enfatiza como eventuais sentimentos de pertença à Alemanha na guerra são suplantados pela identificação ao Brasil:

[...] Eu era intérprete, e foi cair um prisioneiro Coronel Schirmer. Rudolf von Schirmer. Eu interrogando ele, [...] perguntei “*sabes meu nome?*”, diz ele “*Não*”. Apresentei minha identidade, aí ele... Ih, começou a chorar: “*Por que nós, que somos parentes, temos que ficar brigando uns contra os outros*”. Eu digo “*Por dois motivos: você é alemão, defende a sua pátria, eu sou brasileiro, defendo a minha*”. [...] dali ele foi para o campo de concentração, nunca mais tive notícia dele. [...]⁴¹⁴

Houve, contudo, algumas menções que apontam que nem todos se sentiam assim. Adolfo José Klock refere-se a mais de um caso:

Tinha um chamado Lázaro, um loiro, aquele desertou lá e foi pro lado dos alemão. Quando terminou a guerra aí acharam ele lá com os alemão. O sobrenome não sei. Bem loiro ele era. Ele servia junto com nós, ele veio daqui, era da nossa Cia., aqui de Itajaí. [...] Mas não foi só esse Lázaro, teve mais um outro que desertou lá. Depois, quando terminou a guerra, acharam eles lá no outro lado.⁴¹⁵

É interessante notar que o depoente – teuto-brasileiro e habitante de comunidade alemã – identifica no desertor Lázaro características físicas – loiro – freqüentemente destacadas no jornal *Cruzeiro do Sul*, distribuído aos soldados, para descrever, pejorativamente, o inimigo alemão. Fridolino Kretzer conta sobre outro expedicionário da FEB que desertou, cruzando a linha de frente ao encontro de tropas alemãs.

[...] Eu vou contar uma história... Aqui de Corupá tinha um cidadão de nome Larsen. [...] É, Larsen, da família Larsen. Eu estou dizendo isso – eu não vi, mas um amigo meu, que era junto com ele, na linha de frente me contou. Faleceu já, era o Angelo Vicente. Ele disse que esse Larsen dizia assim: “Eu um dia vou passar para o lado de lá. Eu vou com eles lá, eu sou alemão”. O Angelo dizia “Olha, tu não faz isso, rapaz! Deixa de ser bobo! Isso não se faz! Isso é coisa de traidor!”. “Eu vou! Eu vou!”. Um dia o Angelo me disse: “Sumiu, o Larsen! Sumiu! Onde é que está o Larsen?”. Muito bem, passou, não apareceu mais [...].⁴¹⁶

Arnoldo Müller mencionou sentimentos mantidos por um outro ex-combatente entrevistado:

⁴¹³ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

⁴¹⁴ B. A. S., depoimento citado.

⁴¹⁵ Adolfo José Klock, depoimento citado.

⁴¹⁶ Fridolino Kretzer, depoimento citado.

[...] Ah! Tinha um, sabe, você não conhece, ele é o meu Vice-Presidente aqui [da Associação Nacional dos Veteranos da FEB/Seccional Blumenau], ontem ainda esteve comigo aqui... Aquele cara, sabe, só torcia mesmo [pela Alemanha]... Não tinha amizade quase com ninguém... Ele queria ser alemão. Até depois da guerra, veio pra cá, deu baixa, foi direitinho para a Alemanha, não sei por quê,... [...] Ele era um rapaz bem inteligente, mas é que ele torcia muito para... ele era contra nós... [...] Um alemão que tem entre nós é ele. É o Edgar Kielwagen [...].⁴¹⁷

Foi esse comentário que despertou o interesse em entrevistar Edgar Kielwagen, cujo nome não figurava na lista anteriormente feita por Arnaldo Müller indicando, a pedido da autora, nomes para a realização de outras entrevistas. Depois de desencorajar o contato com esse veterano da FEB que supostamente se considerava alemão – [...] *ele está meio surdo já, está meio bobo já, coitado... [...] ele não sabe, não se lembra de nada...* – Arnaldo Müller atenciosamente forneceu seu telefone.

A entrevista com Edgar Kielwagen começou com a uma declaração espontânea: *Lutar contra os meus parentes na Alemanha não era justo [...]*.⁴¹⁸ Contudo, ao longo da conversa, entremeada por muitas pausas, o depoente não tocou mais no assunto, mesmo quando foi incentivado. Enfatizou o bom relacionamento de sua família com “gente de origem portuguesa” e não teceu comentários sobre seus sentimentos na guerra.

⁴¹⁷ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

⁴¹⁸ Edgar Kielwagen, depoimento citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação de questões identitárias relacionadas à participação de teuto-brasileiros na Força Expedicionária Brasileira, tendo entre as fontes fundamentais memórias de ex-combatentes, exigiu considerar não apenas experiências vivenciadas em ação de guerra, mas anteriores e também posteriores, na medida em que a memória se modifica com o passar do tempo. Foi visto que nos anos 30 a propaganda nacionalista adquiriu especial importância nos regimes capitalistas em geral, o que é especialmente relevante quando se trata de sentimentos de identificação fundamentalmente ligados à idéia de *nação*.

Sentimentos em torno de ideais de germanidade, incentivados por propaganda oriunda da Alemanha, eram cultuados nas comunidades teutas principalmente em instituições vinculadas às elites. Se partilhada pela maior parte de seus habitantes, a sensação de pertencimento a um grupo diferente do restante do Brasil favorecia a manutenção de relações de poder estabelecidas localmente. Ex-combatentes entrevistados, oriundos desses locais, como as classes menos abastadas em geral, manifestaram que mantinham – como descendentes de imigrantes de outras procedências – laços de identificação com o país de seus antepassados. Se costumes alemães eram mantidos fora dos setores mais abastados, menos por militância em defesa do germanismo do que por conservadorismo, a ascensão de Adolf Hitler e a entrada da Alemanha na guerra adquiriram especial significação entre os descendentes de alemães radicados no Brasil.

Após o posicionamento do Brasil na guerra, foram apontados pelo Estado – dentre outros grupos – como inimigos. A convocação de número expressivo de jovens descendentes de alemães que viviam em localidades de colonização predominantemente teuta é um entre outros indícios de que as suspeitas em relação a esses indivíduos não existia na proporção em que eram difundidas na propaganda oficial. De qualquer modo, acusados como traidores e espiões em potencial, foram perseguidos pela imprensa, população em geral e autoridades. Rivalidades que já existiam foram intensificadas e novas foram formadas.

A entrada do Brasil na guerra e, mais ainda, a incorporação de teuto-brasileiros na FEB tornou contraditórios sentimentos de identificação que eventualmente mantinham em relação à Alemanha bem como laços associados ao país onde nasceram. Em grande contraste com as lembranças de ex-combatentes descendentes de alemães sobre situações da vida civil, suas memórias de experiências vivenciadas no Exército e na FEB não são marcadas, em geral, por momentos em que se sentiram discriminados. Ao mesmo tempo, o desprezo e

desconfiança em relação aos imigrantes de alemães demonstrados por outros ex-combatentes quando se referem a experiências anteriores à FEB não se verificam nas lembranças de situações vivenciadas na Itália.

Os relatos de veteranos da FEB sugerem que a vivência de circunstâncias de extrema dificuldade e a oposição evidente ao inimigo – intrínseca da situação de guerra – criaram laços de camaradagem entre os companheiros que originaram sentimentos de identificação relacionados à FEB como um todo e, principalmente, a unidades e subunidades específicas. Isso não significa que não existissem outras percepções sobre si e sobre os demais integrantes da FEB, ou mesmo de uma mesma unidade: os ex-combatentes descendentes de alemães eventualmente se descreveram como gaúchos ou catarinenses, por exemplo, em oposição a expedicionários oriundos de outros estados do Brasil.

Às discussões apresentadas no decorrer dos capítulos devem-se somar problematizações a respeito de situações específicas vivenciadas pelos ex-combatentes descendentes de alemães no retorno às localidades de origem, quando interagiriam com outros descendentes de alemães que não participaram da guerra e que possivelmente mantinham vínculos com a Alemanha. Alguns dos depoentes mencionaram lembranças vagas nesse sentido, como Adolfo José Klock: *A guerra terminou, também ninguém [...] tinha coragem de dizer mais alguma coisa*. E também Walter Carlos Hertel: *Olha, nunca falamos nisso. Eu não ouvi crítica nenhuma*. De acordo com Edgar Kielwagen: *Eu acho que a comunidade não achou nada, só algumas pessoas. Eram contra...*

Tais percepções contrastam com a de Arnaldo Müller que, como Adolfo José Klock e Edgar Kielwagen, vivia em Blumenau: *[...] Quando nós voltamos recebemos um pé na bunda aqui, né, desses safados, viu... Eles não queriam saber muito de nós não, sabe, porque nós fomos guerrear contra os alemães. [...]*⁴¹⁹ De acordo com Arnaldo Müller, conseqüentemente, muitos expedicionários tiveram grandes dificuldades para conseguir trabalhar na cidade:

A alta sociedade dos alemães aqui tinha uma raiva muito grande quanto aos expedicionários porque nós fomos lutar contra os alemães, eram alemães de coração mesmo, eles amavam os alemães... Mas, o que vai se fazer, né? Nós não tínhamos culpa... Nós fomos convocados, nós já morávamos aqui, nós também éramos descendentes de alemães, mas fomos obrigados a lutar contra eles... É a ordem... O que vai se fazer? Quando um país declara guerra contra o outro, você é obrigado a lutar. Então, sabe, eles não gostaram da gente... Eles até... não queriam até dar emprego. Assim, muitos expedicionários nossos [...] morreram na cachaça porque não conseguiram um emprego aqui... Porque a maior parte veio assim da lavoura, eles não

⁴¹⁹ Arnaldo Müller, depoimento citado. 2009.

tinham uma profissão especial, eles chegaram a se meter na cachaça e muita gente morreu na sarjeta, companheiros nossos. Nós também não tínhamos ainda essa ajuda militar [...].⁴²⁰

Dois ex-combatentes que não são descendentes de alemães mas também vivem em Blumenau também perceberam tais sentimentos, embora demonstrem menos ressentimentos com a situação. Sebastião Ribeiro Duarte mencionou: [...] *tem alguns que eram meio fascistas, mas a gente não dá bola [risos]*. Para João Carturano, reflexos desse tipo de sentimento fazem-se presentes na não colaboração da prefeitura local com a seccional da associação de veteranos da FEB:

[...] Blumenau aqui, Blumenau é fascista... Então nós estamos aí com uma associação e eles são incapazes de ajudar. Quando Dalto dos Reis era prefeito [entre 1983 e 1988], pegavam a associação e davam a sala. Quando entrou aquele Kleinübing,⁴²¹ cortou tudo. [...].

Descendentes de alemães que viveram em outras cidades demonstraram sentimentos semelhantes aos revelados por Arnaldo Müller. Fridolino Kretzer relatou impressões sobre Indaial-SC, onde viveu imediatamente após o retorno ao Brasil:

[...] Eu tenho certeza que todos esses de origem, todos tinham uma dorzinha. Tinham, tinham. É, tenho certeza. Todos eles, porque a gente percebia quando vinha para essas regiões. Para nós, soldados, eles olhavam assim, esses alemães. E a maioria não sabia falar português, era um monte de alemão, né... E ali se sentiu muito. [...]

Segundo Ferdinando Piske, que morava em Jaraguá do Sul, SC: [...] *Nós sofremos depois aqui. Aqui tem até hoje. Tem gente que vira a cara para nós. [...] Porque nós fomos matar os nossos irmãos de sangue na Itália. [...] imagina, irmãos de sangue*. Prosseguiu, enfatizando seus deveres enquanto cidadão brasileiro: [...] *eles ficaram magoados. Porque eles acharam que nós falávamos alemão e estávamos indo lá matar alemães. Mas não é: eu sou um cidadão brasileiro, fui matar um alemão que agrediu o meu país [...]*. De acordo com o depoente, sua família compreendia sua situação, inclusive sua irmã, que era tão indignada com as proibições de falar alemão.

B. A. S., que vive há anos em Novo Hamburgo-RS, também destacou que se considera brasileiro ao relatar a interação com a população da cidade:

[...] Aqui em Novo Hamburgo, quando eu vim para cá como Tenente de Recrutamento, em 62, muito, muito eu ouvi “Você, de origem alemã, foi lá

⁴²⁰ Id.

⁴²¹ A referência pode ser a Wilson Pedro Kleinübing, que foi prefeito de janeiro de 1989 a abril de 1990, ou a seu filho, João Paulo Kleinübing, que assumiu a prefeitura entre janeiro de 2005 e dezembro de 2008 e foi reeleito para o mandato 2009-2012.

para a Alemanha combater seus patrícios?”. Mas olha, muito eu ouvi isso! E isso me doía muito. Porque, afinal de contas, eu sou brasileiro. E sou brasileiro, muito mais brasileiro do que qualquer um que é brasileiro. Porque meu último ano de serviço aqui em Novo Hamburgo, eu como chefe do Serviço Militar, eu expedi 600 memorandos para a indústria e comércio de Novo Hamburgo, para hastearem bandeira na Semana da Pátria. [...] Era uma coisa linda! [...]

Assim, tratados como traidores em potencial pela imprensa e autoridades brasileiras antes de serem incorporados à FEB, vários ex-combatentes teuto-brasileiros passaram a ser novamente vistos como traidores no retorno, dessa vez por descendentes de alemães das comunidades onde viviam.

Situação parecida e igualmente cruel é relatada por A. C. A. P. sobre o tratamento dispensado aos pracinhas pela população em Pelotas-RS. O depoente contou, demonstrando aborrecimento, que era chamado por civis de ‘quinta-coluna’ enquanto participava dos desfiles de ex-combatentes da FEB:

[...] Diziam quinta-coluna. Porque quando era comemoração assim, festiva assim, [...] aí nós fazíamos desfile em Pelotas à paisana. Porque nós temos o fardamento dos ex-combatentes, o boné e tudo, nós temos. Então nós fazemos desfile assim. [...] Na rua, em Pelotas. Então tinha muitos moleques, e gente assim, de mais idade, que chamavam a gente de quinta-coluna. E até hoje talvez eles ainda tenham aquele ódio, ainda. Muita gente sofreu aquela parte ali, dos quinta-coluna. [...] Mas a gente não tinha nada que ver com quinta-coluna, não é verdade? Nós fomos servir o Brasil, não é? Mas sempre tem aquela gente aqui assim, tem, tem aquele ódio assim. E ainda foi assim, continua assim.

Um trabalho motivador para o aprofundamento dessas discussões poderia ser feito a partir da imagem dos expedicionários em jornais que circulavam em localidades de colonização alemã: se a imprensa impedia que qualquer imagem negativa fosse veiculada, um estudo bastante superficial verificou que ao mesmo tempo em que são saudados como heróis em alguns periódicos, em outros são raramente mencionados. E como foi demonstrado nos comentários a respeito da bibliografia sobre a FEB, assuntos relativos à participação de teuto-brasileiros praticamente não estão sendo abordados.

Além da imprensa das comunidades alemãs, outras fontes foram identificadas para futuros estudos sobre temas correlatos. Como aspectos identitários consistem essencialmente numa história vista “de baixo”, inevitavelmente documentos que traduzem sentimentos dos expedicionários assumem especial relevância. Deve-se destacar, assim, a importância de se coletarem ulteriores depoimentos orais de ex-combatentes e também de considerar que o contato com veteranos da FEB pode propiciar a obtenção de fontes que não poderiam ser acessadas de outra forma, como diários inéditos, documentos e fotografias, por exemplo.

No Arquivo Histórico do Exército (AHEx), sediado no Rio, há extensa documentação sobre a FEB, que descreve desde a alimentação distribuída até operações militares sob o ponto de vista do comando. Quanto a questões identitárias, contudo, a principal dificuldade nesse arquivo é distinguir nas breves descrições do catálogo qual o tipo de documento que pode ter informações relevantes. Apresentou-se também outro tipo de problema: os responsáveis pelo acervo da FEB acusaram a existência de um extenso dossiê sobre Bruno Larsen, mas, infelizmente, a consulta não é permitida sem a procuração da família, o que inviabilizou, até o momento, a coleta de mais informações sobre o caso. É de se relevar ainda que diversos documentos encontram-se espalhados em unidades do Exército pelo Brasil todo; nesse caso, talvez um caminho frutífero seria o de pesquisar os teuto-brasileiros a partir de registros referentes a uma unidade específica da FEB separadamente.

As discussões esboçadas no decorrer dos capítulos da dissertação apontaram, sobretudo, sentimentos ambíguos mantidos pelos ex-combatentes, o que remete à conclusão de Eric Hobsbawm (2004, p. 20) de que o que se denomina “consciência nacional” [...] *se desenvolve desigualmente entre os grupos e regiões sociais de um país*. Descendentes de alemães manifestaram vínculos mantidos – em maior ou menor intensidade – em relação à Alemanha e ao Brasil, tanto em relação ao período anterior à FEB, como durante as operações na Itália. Imagens de outros grupos da população brasileira ou da FEB assumiram um tom pejorativo em alguns casos, e em outros não. Um panorama homogêneo quanto a opiniões sobre as comunidades alemãs também não foi constatado entre os outros ex-combatentes.

Para os teuto-brasileiros, expressões como “os alemães” ou “população alemã” referem-se aos habitantes de localidades onde viviam na infância (“nós”). Durante a guerra, às vezes, referem-se a grupos específicos de *fanáticos* (“os outros”). Diante das perseguições sofridas no Brasil, tais expressões geralmente dizem respeito a indivíduos injustiçados (“nós”). Nas experiências da FEB, referem-se aos integrantes das tropas inimigas (“os outros”), mas às vezes também a expedicionários teuto-brasileiros (“nós”), em oposição a outros grupos de febianos tidos como “os outros”. No retorno ao Brasil, descrevem aqueles que os discriminaram, nas cidades de origem (“os outros”).

Por outro lado, para parte da população brasileira e da imprensa, após a declaração de guerra, esses mesmos ‘alemães’ integram grupos de assim chamados ‘traidores’. Para ao menos parte dos habitantes de suas cidades de origem, são igualmente considerados traidores após o fim da guerra. Além disso, o relato de A. C. A. P. sugere que, paradoxalmente, foram eventualmente tratados como traidores pelos não descendentes de alemães, que mantiveram preconceitos oriundos de rivalidades entre grupos diversos, fortalecidas durante a guerra. Sob

esse aspecto, se consideradas as teorias de Norbert Elias e John Scotson (2000), tornaram-se *outsiders* tanto para parte do grupo de “brasileiros”, quanto para parte do grupo de “alemães”. O pressuposto marxista de que a consciência de classe é forjada no próprio desenrolar das lutas de classes, pode também ser aplicado na compreensão dos diversos sentimentos identitários dos pracinhas, forjados no confronto dos papéis sociais que exerceram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: O iluminismo como mistificação da massa*. In: ADORNO, Theodor, et al. *Teoria da cultura de massa*. Tradução de Julia Elisabeth Levy. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Cap. 5, p. 169-214.

ALBRICKER, Jarbas. *Memórias de um pracinha*. [S.l.]: Imprensa do Estado de Minas Gerais, 1965.

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. *Montese: Marco glorioso de uma trajetória*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

ALVES, Joaquim Victorino Portella Ferreira, Ten. Cel. *Seis séculos de artilharia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.

ALVES, Vagner Camilo. *Dos Apeninos à Coréia: O processo decisório da participação militar brasileira em dois tempos*. Doutorado em Ciência Política. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

_____. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: História de um envolvimento forçado*. 1. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2002.

AMIDEN, Jamil. *Eles não voltaram*. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1960.

AMORIM, Antônio Batistade. *Nazismo em Santa Catarina*. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Delmiro Pereira de, Gal. *O 11º RI na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950.

ANDRADE, Santino. *Os alemães estão chegando: O imigrante alemão em SC (1850-1890)*. Dissertação de Mestrado em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2000.

ANDRÉ, Antônio, Maj. *Resenha O Brasil na Segunda Guerra Mundial: Roteiro da FEB e as comunicações da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2007.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella.; NAXARA, Márcia. (org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.

ARARIPE, Tristão de Alencar. *A coerência de uma vocação*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

_____. *Origens do totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARRUDA, Demócrito Cavalcanti de. et al. *Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB*. 1. ed. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

ARRUDA, Demócrito Cavalcanti de. *Impressões de um infante sobre o comando*. In: _____, et al. *Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949. p. 53-68.

_____. *Nossa participação na I e na II Guerra Mundiais*. In: _____, et al. *Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB*. 1. ed. São Paulo: Instituto Ipê Editorial, 1949a. Cap. II, p. 21-52.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião Pública. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. Cap. 6, p. 185-212.

_____. O handicap a posteriori. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marietade Moraes. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 27-32.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, Theodor, et al. *Teoria da cultura de massa*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. Cap. 6, p. 221-254. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial: Uma abordagem sob o olhar fotográfico*. Mestrado em Enfermagem. UERJ. Rio de Janeiro. 2003.

BIOSCA, Fernando Lavaquiel, Cel. *A intendência no teatro de operações na Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950.

BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2003.

BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 159-182.

BRAGA, Rubem. *Com a FEB na Itália*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946.

_____. *Crônicas de guerra (com a FEB na Itália)*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *O Brasil e a Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 1, 1944.

BRAYNER, Floriano de Lima, Mal. *A verdade sobre a FEB: Memórias de um chefe de Estado-Maior na campanha da Itália - 1943/1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BRESCIANI, Stella. Apresentação. In: CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas*. Unicamp, SP: Editora da Unicamp, 2006.

CABRAL, Francisco Pinto. *Um batalhão em Monte Castelo*. Doutorado em História Econômica. Universidade de São Paulo, FFLCH, Departamento de História. São Paulo. 1982.

CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Tradução de Sérgio Tellaroli. (1ª reimpressão). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: Outras histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de(org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 183-213.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado, 1997.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1977.

_____. *O tenentismo*. São Paulo: Difel, 1975.

CARVALHO, Estevão Leitão. *A serviço do Brasil na Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: A noite, 1952.

CARVALHO, José Murilo de. *Forças armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, Nelson Rodrigues de. *Do Terço Velho ao Sampaio da FEB*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1953.

CARVALHO, Virgínia Mercê Guimarães. *Ex-combatentes do Brasil: entre a história e a memória (1945-2009)*. Universidade Federal de Pernambuco. [S.l.]. 2009.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz, Cap. *As transmissões do Regimento Sampaio*. [S.l.]: A noite, 1946.

_____, Ten. Cel. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

CASTELO BRANCO, Humberto, Cel. *As quatro fases da FEB*. Military Review, Junho 1946. Ano XXVI, n.º 3.

CASTRO, Celso; IZECKSONH, Victor; KRAAY, Hendrik. Introdução: Da história militar à "nova" história militar. In: _____(org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 11-42.

CIDADE, Francisco de Paula, Gal. *Nápoles e...pouco mais*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1946.

CLARK, Toby. *Arte y propaganda en el siglo XX: La imagen política en la era de la cultura de masas*. Tradução de Isabel Balsinde. Madrid: Ediciones Akal, 2000.

COGGIOLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1995.

CORREA NETO, Alípio. *Notas de um expedicionário médico*. São Paulo: Almed, 1983.

COSTA, Marcos Antônio Tavares da. *A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de um conflito*. Mestrado em História. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2009.

COSTA, Márcio Bustamante da. *A memória entre duas guerras: Uma história da memória dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira*. Mestrado em História. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. 2006.

COSTA, Octavio. *Cinquenta anos depois da volta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

_____. *Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977.

CROCE, Benedetto. *A História: Pensamento e ação*. Tradução de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1962.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. O Estado brasileiro (1930-54) na abordagem vilariana da questão nacional. In: COHEN, Aron; CONGOST, Rosa; LUNA, Pablo F. (org.). *Pierre Vilar: Uma história em construção*. 1. ed. Bauru, SP: Edusc, 2007. Cap. 8, p. 163-183.

DEQUECH, João. *Nós estivemos lá*. Curitiba: Legião Paranaense do Expedicionário, 1995.

DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. São Paulo: Humanitas, 2007.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Ibrasa, 1987.

DOURADO, Joaquim de Jesus, Pe. *Estou Ferido*. Rio de Janeiro: A Noite, 1945.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: UNB, 1999.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diversidade cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina*. Tese de doutorado. USP, FFLCH, Departamento de História. São Paulo. 1998.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí; Florianópolis: Ed. Univali; Ed. da UFSC, 2004.

FERNANDES, Florestan. *Apontamentos sobre a "teoria do autoritarismo"*. São Paulo: Hucitec, 1979.

FERRAZ, Francisco Cesar Alves. *A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Tese de Doutorado. História Social. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2002.

_____. Os veteranos da FEB e a sociedade Brasileira. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Victor; KRAAY, Hendrik. (org.). *Nova história militar brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FONSECA, Ruy de Oliveira. *Uma face da glória: Reminiscências e diário de campanha*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

FONTES, Heitor Borges. *A Artilharia Divisionária da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária na campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória e esquecimento: linguagens e narrativas. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (org.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 85-94.

GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, nazismo, integralismo*. 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOFFMAN, Erwing. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, Carlos Paiva, Ten. Cel. *Seleção médica do pessoal da FEB*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951.

GONÇALVES, José; MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Irmãos de armas: Um pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: [s.n.], 2005.

GONDIN, Nilson Vasco. *Liberdade escrita com sangue: Um manezinho na Segunda Guerra Mundial*. Florianópolis: Insular, 2000.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Felix Alcan, 1965.

HENN, Leonardo Guedes. *A imprensa na guerra: propaganda ou notícia? Os correspondentes na Força Expedicionária Brasileira*. Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, RS. 2000.

_____. *Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira*. História Unisinos, São Leopoldo, p. 173-194, Maio/Agosto 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. (35ª reimpressão) 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-15.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. Refletindo sobre história oral: procedimentos e possibilidades. In: MEIHY, João C. Sebe Bom(org.). *(Re)introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 56-62.

_____. O diálogo convergente: Políticos e historiadores no início da república. In: FREITAS, Marcos Cezarde. *Historiografia brasileira em perspectiva*. 119-. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 129-143.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico; SOUZA, Maria Cecília Cortez C. O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo: Anos 50 e 60. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.) *Os desafios contemporâneos da História Oral - 1996*. Campinas: Centro de Memória - Unicamp, 1997. p. 267-290.

JUNQUEIRA, Leonel. *Força Expedicionária Brasileira: Fragmentos de história*. 2. ed. [S.l.]: Edição do autor, 2002.

KLAS, Alfredo Bertoldo. *A verdade sobre Guanella*. Curitiba: Juruá, 2002.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. (1ª reimpressão). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUEHNE, João. Colonização alemã no Brasil. In: SANTA CATARINA. Delegacia de Ordem Política e Social. *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2. ed. [S.l.]: [s.n.], v. 95-115, 1944.

_____. O integralismo nazi-fascista em Santa Catarina. In: SANTA CATARINA. Delegacia de Ordem Política e Social. *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2. ed. [S.l.]: [s.n.], 1944. p. 119-183.

KUHN, Thomas. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. *A crítica do desenvolvimento do conhecimento*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. Extraído das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência (Londres, 1965).

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomas de. *O leopardo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LE GOFF, Jaques. Memória-História. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v. 1, 1984. p. 11-47.

LEFORT, Claude. *As formas da história: Ensaios de Antropologia Política*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1986.

LESSER, Jeffrey. Udihara e os projetos de etnicidade nipo-brasileira. In: UDIHARA, Masaki. *Um médico brasileiro no front: Diário de Massaki Udihara na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Hacker Editores: Narrativa Um: Imprensa Oficial do Estado: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, 2002. p. 19-32.

LIMA FILHO, Sebastião André Alvesde. *Aprendendo o patriotismo: Memória dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira*. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2000.

LIMA JUNIOR, Raul da Cruz, Gal. *Quebra-Canela: Engenharia brasileira na Campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1982.

LINHARES, Manoel Antônio. *A cobra vai fumar: Memórias de um soldado da Força Expedicionária Brasileira*. Florianópolis: Rocha, 2004.

LIRA, Clarice Helena Santiago. *O Piauí em tempos de Segunda Guerra: Mobilização local e as experiências do contingente piauiense na FEB*. Mestrado em História. Universidade Federal do Piauí. [S.l.]. 2008.

LOPES, José Machado. *A Engenharia na FEB*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.

_____. *O 9º Batalhão de Engenharia de Combate no caminho da Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

LOUREIRO, Isabel. *A revolução alemã [1918-1923]*. São Paulo: Unesp, 2005. Col. Revoluções do Século XX.

MAGALHÃES, Marionilde Brephol. *Pangermanismo e nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp: FAPESP, 1998.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: Um movimento fascista no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilla de Almeida Neves(org.). *O Brasil republicano: O tempo do nacional-estatismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007. Cap. 2, p. 39-61.

MANCUSO, Amanda Pinheiro. *Entre terra e mar: História e política na narrativa oficial das forças armadas brasileiras - os casos do Exército e da Marinha*. Doutorado em Ciências Sociais. UFSCAR. São Carlos. 2007.

_____. *O Brasil "vai à guerra": Uma análise de duas experiências de combate e suas repercussões na atualidade*. Mestrado em Ciências Sociais. UFSCAR. São Carlos. 2003.

MANDEL, Ernest. Classes e personalidades na Segunda Guerra Mundial. In: COGIOLLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, 1995. p. 59-83.

_____. *O significado da Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção Obra-Prima de cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista, Mal. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.

_____, Gal. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

_____, Mal. *A FEB pelo seu comandante*. 2. ed. [S.l.]: Estabelecimento General Cordeiro de Farias, 1960. Edição revista e ampliada.

_____, Mal. *Memórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bibliex, v. I e II, 1984.

MATTOS, Carlos de Meira, Gal. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados*. [S.l.]: Grua Livros, 2010.

_____. *Neve, fogo e montanhas: A experiência brasileira de combate na Itália (1944/45)*. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Victor; KRAAY, Hendrik(org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Cap. 13, p. 343-364.

_____. *Onde estão nossos heróis - Uma breve história dos brasileiros na 2ª Guerra*. São Paulo: Edição do autor, 1995.

_____. *Trincheiras da memória: Brasileiros na campanha da Itália*. Tese de Doutorado. História Social. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2004.

MCCANN, Frank D. A Força Expedicionária Brasileira na campanha italiana: 1944-1945. In: SILVEIRA, Joel; MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas*. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 267-287.

MIRANDA, Antônio Batista de. *Guerra: Memórias*. Destino. Belém: A. B. de Miranda, 1998.

MONTEIRO, José Pinto; FRIZANCO, Orlando. *O resgate do tenente Apollo*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Oficiais R/2 (CNOR), 2008.

MOSER, Anita. *A violência do Estado Novo brasileiro contra os colonos descendentes de imigrantes italianos em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial*. Quaderni dell'ADREV: Archivio di Documentazione e Ricerca sull'Emigrazione Veneta, Ravenna, 1998. Ano III, número 4.

MOTTA, Aricildes de, Gal. *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bibliex, v. I-VIII, 2001.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

MOURA, Gerson. *Brazilian foreign relations 1939-1950: The changing nature of Brazil-United States relations during and after the Second World War*. London: University College London, 1982.

_____. *Estados Unidos e América Latina: As relações políticas do século XX. Xerifes e cowboys*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. Col. Repensando a História Geral.

NASS, Sirlei de Fátima. *Legião Paranaense do Expedicionário sobre a reintegração social dos febianos paranaenses*. Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba. 2005.

NEVES, Luciano Bastos Meron. *Memórias do front*. Relatos de guerra de veteranos da FEB. Mestrado em História. UFBA. Salvador. 2009.

NEVES, Luis Felipe da Silva. A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945. In: COGGIOLA, O. (org.). *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. Série Eventos. São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, 1995. p. 295-318.

_____. *Força Expedicionária Brasileira: Uma perspectiva histórica*. Mestrado em História Social. UFRJ. Rio de Janeiro. 1992.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: O processo de inclusão no Serviço Militar Ativo do Exército (1945-1957)*. Doutorado em Enfermagem. Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro. 2010.

_____. *Signos do esquecimento: Os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1943-1945)*. Mestrado em Enfermagem. UFRJ. Rio de Janeiro. 2007.

OLIVEIRA, Dennison. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008.

PAES, Walter de Menezes, Gal. *Lenda Azul: A atuação do 3º Batalhão do Regimento Sampaio na campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v. 1, 1991.

PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: O capelão que não voltou*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bibliex, 1982.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: As incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilla de Almeida Neves(org.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEREIRA, Maria Elisa. *Você sabe de onde eu venho? O Brasil dos cantos de guerra*. Doutorado em História Social. FFLCH/USP. São Paulo. 2009.

PERES, Alcides Conejeiro. *As agruras de um recruta da Usina Miranda*. Rio de Janeiro: Edição do autor, s/d.

PISKE, Ferdinando. *Anotações do "front" italiano*. Florianópolis: FCC, 1984.

_____. *Os pracinhas do Vale do Itapocu*. Jaraguá do Sul: Gráfica e Editora CP, 1997.

POLIAKOV, Leon. *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. Col. Estudos.

POLLAK, Michel. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 103-130.

PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração nazi no Rio Gr. do Sul*. 1. ed. Porto Alegre: Livraria Globo, 1942.

RATTON, Antônio Carlos Mourão. Prefaciando. In: SANTA CATARINA. Delegacia de Ordem Política e Social. *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado - Florianópolis, 1944. p. 4-12.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: A inovação em história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2002.

RIBAS, Antônio de Lara. O nazismo em Santa Catarina. In: SANTA CATARINA. Delegacia de Ordem Política e Social. *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1944a. Cap. 1, p. 12-92.

_____. O que é a quinta coluna? In: SANTA CATARINA. Delegacia de Ordem Política e Social. *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1944b. p. 184-205.

RIBEIRO, Sebastião Boanerges. *Diário de campanha*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2002.

RIGONI, Carmem Lúcia. *Diários de Guerra. Anjos de branco: O serviço de saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945)*. Curitiba: Progressiva, v. I, 2010.

_____. *Diários de guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial*. Doutorado em História. UFSC. Florianópolis. 2009.

_____. *La Forza di spedizione brasiliana (FEB)*. Mestrado em História. UFPR. Curitiba. 2003.

ROCHA, João Evangelista Mendes da. *A serviço do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora do Livro Ltda., 1996.

RODRIGUES, Agostinho José. *Segundo Pelotão, 8ª Companhia*. 2. ed. São Paulo: Editora das Américas, 1968.

ROSENTHAL, Gabrielle. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes(org.). *Usos e abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 193-200.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 93-102.

SALUN, Alfredo Oscar. *"Zé Carioca" vai à guerra: Histórias e memórias sobre a FEB*. São Paulo: Edições Pulsar, 2004.

_____. *Zé Carioca vai à guerra*. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo. 1996.

SANTOS, Luciana Ibarra dos. *Há algo de novo no front: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Porto Alegre. 2006.

SANTOS, Ricardo Luis Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Mestrado em Teoria e História da Literatura. Unicamp. Campinas. 2001.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. São Paulo: Cosac &Naify, 2004.

SCHNEIDER, Jacob Emílio, Pe. *Vivência de um ex-capelão da FEB*. 2. ed. Curitiba: Edições Rosário, 1983.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: O processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

SILVA, Ernani Ayrosa. *Memórias de um soldado*. Bibliex: Rio de Janeiro, 1985.

SILVA, José Alves da. *A saga de um catarina na FEB*. Florianópolis: Edição do autor, 2001.

SILVA, Maristela Freitas. *Resgatando a memória: A história das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Mestrado em Enfermagem. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

SILVEIRA, Antorildo Francisco da, Cap. *O 6º RI Expedicionário*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.: Editora Expressão e Cultura, 2001.

SILVEIRA, Joel; MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas: A FEB 50 anos depois. Uma visão crítica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993. (edição revista e ampliada).

SIMÕES, Raul Mattos A. *A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial: Uma antologia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Tradução de Ismênia Tunes Dantas. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Leonércio. *Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba: Autores paranaenses, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOUZA, José Inácio de Mello. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Anablume: FAPESP, 2003.

THOMPSON, Eduard Palmer. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. Tradução de Denise Bottmann. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. I, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 65-92.

TOMAIM, Cassio dos Santos. *Entrincheirados no tempo: a FEB e os ex-combatentes no cinema documentário*. Doutorado em História. UNESP. Franca. 2008.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

UDIHARA, Massaki. *Um médico brasileiro no front: Diário de Massaki Udihara na II Guerra Mundial*. São Paulo: Hacker Editores: Narrativa Um: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, 2002.

UZÊDA, Olivio Gondim de, Ten. Cel. *Crônicas de guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952.

VIANNA, Marli de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilla de Almeida Neves (org.). *O Brasil republicano: O tempo do nacional-estatismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007. Cap. 3, p. 63-105.

VIGEVANI, Tullo. *Questão Nacional e política exterior*. Um estudo de caso: formulação da política internacional do Brasil e motivações da Força Expedicionária Brasileira. Doutorado em História Social. USP/FFLCH. São Paulo. 1990.

VILAR, Pierre. *Iniciação ao vocabulário da análise histórica*. Tradução de José Pecegueiro. Lisboa: Edições João de Sá da Costa, 1985.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: Relações internacionais do século XX*. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. Col. Síntese Universitária.

WAACK, William. *As duas faces da glória: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade. 1880-1950*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

XIBERRAS, Martines. *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filho Ltda., 1993.

ZARY, Julio Cesar Fidalgo. *A atuação do Batalhão Syzeno no 4º ataque a Monte Castelo*. Mestrado em Operações Militares. Ministério da Defesa/Exército Brasileiro. Rio de Janeiro. 2005.

FONTES DOCUMENTAIS

ENTREVISTAS REALIZADAS

BASSO, Hertha Anni Albicht. Jaraguá do Sul, SC, 12/11/2010.

BESSEN, Bernardino. Antônio Carlos, SC, 16/04/2005.

BRUNCKHORST, Gerd Emil. São Paulo, SP, 30/01/2010.

CARTURANO, João. Blumenau, SC, 12/03/2009.

COSER, Lot Eugenio. Gaspar, SC, 20/04/2009.

DUARTE, Sebastião Ribeiro. Blumenau, SC, 11/03/2009.

ECKERT, José Edgar. Jaraguá do Sul, SC, 12/11/2010.

FONSECA, Milton. Jaraguá do Sul, SC, 12/11/2010.

GAERTNER, Alfredo. Jaraguá do Sul, SC, 12/11/2010.

GUESSER, Samuel. Antônio Carlos, SC, 16/04/2005.

HERTEL, Walter Carlos. Jaraguá do Sul, SC, 12/11/2010.

KIELWAGEN, Edgar. Blumenau, SC, 20/04/2009.

KLOCK, Adolfo José. Blumenau, SC, 11/03/2009.

KRETZER, Fridolino. Jaraguá do Sul, SC, 09/04/2005.

MÜLLER, Arnaldo. Blumenau, SC, 08/04/2005.

MÜLLER, Arnaldo. Blumenau, SC, 11/03/2009.

N., O. Pelotas, RS, 23/04/2009.

P., A. C. A. São Lourenço do Sul, RS, 23/04/2009.

PIEGAS, Manuil Goethel. Porto Alegre, RS, 22/04/2009.

PISKE, Ferdinando. Jaraguá do Sul, SC, 09/04/2005.

RIFFEL, Ervino. Brusque, SC, 08/04/2005.

S., B. A. Novo Hamburgo, RS, 22/04/2009.

ACERVOS PESQUISADOS

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO (AHEx). ACERVO FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Documentos consultados: 642 cópias de certificados de reservista e 61 documentos de isenção definitiva do Exército de ex-combatentes que pertenceram ao Centro de Reacomodamento de Pessoal da FEB (Caixa 7401)

ACERVO PESSOAL DE WALTER CARLOS HERTEL

Documento consultado: diário de campanha (1944-1945).

ANEXO I – QUADRO DE EX-COMBATENTES DA FEB ENTREVISTADOS

Nome do depoente	Ano de nasc.	Cidade onde nasceu	É descendente de alemães?	Língua materna	Educação formal	Estudou em escola pública ou privada?	Religião da família	Cidades onde viveu antes da FEB	Atividades profissionais antes da FEB	Integração à FEB: convocado ou voluntário?	Posto ocupado	Principais tarefas na FEB	Escalão de embarque, RI, Batalhão, Cia	Depois da FEB: militar ou civil?
Adolfo José Klock	1921	Blumenau (SC)	Não sabe	Alemão	Primário	Pública (ensino em português)	Católica	Não mencionado	Lavrador	Convocado (Civil)	Soldado	Cozinheiro, Minas	2º Escalão, 11º RI, Regimento de Engenharia	Civil
Albino Carlos Peter	1920	Pelotas (RS)	Sim (3ª geração)	Pomerano	Primário	Privada (ensino em alemão)	Evangélica	Pelotas (RS)	Agricultor	Convocado (Militar da ativa)	Soldado	Posto de observação	1º Escalão, 6º RI, I Batalhão	Civil
Alfredo Gaertner	1923	São Bento (SC)	Sim (2ª geração)	Português	Primário	Pública (ensino em português)	Católica	Curitiba (PR)	Não mencionado	Convocado	Sargento	Comandante de pelotão. Linha de frente	3º Escalão, 11º RI	Civil
Arnoldo Müller	1919	Gaspar (SC)	Sim (4ª geração)	Alemão	Primário	Pública (ensino em português)	Católica	Blumenau (SC)	Balconista; pedreiro	Convocado (Reservista)	Soldado	Enfermagem, retaguarda	4º Escalão, Depósito de Pessoal	Civil
Benno Armindo Schirmer	1923	Cachoeira do Sul (RS)	Sim (5ª geração)	Alemão e Português	Científico	Não mencionado (ensino em espanhol)	Evangélica (Mórmon desde 1972)	Santo Ângelo (RS)	Comércio; Serviço Militar	Voluntário (Militar da ativa)	3º Sargento	Comando de Patrulhas, intérprete	2º Escalão, 11º RI, Comando Regimental	Militar
Edgar Kielwagen	1921	Blumenau (SC)	Sim (2ª geração)	Alemão	Primário	Pública (ensino em português)	Evangélica Luterana	Blumenau (SC)	Funcionário de Cia. de seguros	Convocado (Reservista)	Soldado de Infantaria	Linha de frente	4º Escalão, Não tinha regimento	Civil
Ervino Riffel	1919	Brusque (SC)	Sim	Alemão	Primário	Pública (ensino em alemão e português)	Não mencionada	Brusque (SC)	Açougue; indústria	Convocado (Reservista)	Soldado	Linha de frente; golpes de mão	11º RI, Petrechos	Militar)
Ferdinando Piske	1923	Timbó (SC)	Sim	Alemão	Primário	Pública e privada (ensino em português)	Protestante	Blumenau (SC)	Mecânico; frentista; Serviço Militar	Convocado (Militar da ativa)	3º Sargento	Retaguarda	Não Mencionado	Não Mencionado
Fridolino Kretzer	1922	Indaial (SC)	Sim	Alemão e Português	3ª série	Privada (ensino em alemão)	Católica	Indaial (SC)	Fábrica da família; indústria de toalhas Teka	Convocado (Reservista)	Soldado	Entrega de cartas, malotes, telegramas	Não mencionado	Não Mencionado
Gerd Emil Brunckhorst	1920	Rio de Janeiro (RJ)	Sim (2ª geração)	Não mencionada	9ª série	Privada (ensino em alemão e português)	Evangélica Luterana	Rio de Janeiro (RJ)	Não mencionado	Convocado	Cabo	Serviços de engenharia (retaguarda)	1º Escalão, 9º Batalhão de Engenharia	Civil
João Carturano	1916	Brusque (SC)	Não	Italiano	Primário	Pública (ensino em português)	Católica	Rio do Sul (SC)	Serraria	Convocado (Militar da ativa)	Soldado	Mensageiro e Telefonista	11º RI, 3ª Cia.	Militar, mais tarde Civil
José Edgar Eckert	1920	Passo Fundo (RS)	Sim (5ª geração)	Alemão e Português	1º ano do Ginásio	Privada (ensino em português)	Católica	Pinhalzinho (SC)	Serraria (com o pai)	Voluntário	2º Sargento	Chefe de transmissões do batalhão	2º Escalão, II/10º RI	Civil
Lot Eugênio Coser	1924	Quaraí (RS)	Sim (2ª geração)	Português	Primário	Privada (ensino em alemão)	Católica	Não mencionado	Mecânico	Voluntário (Militar da ativa)	Cabo	Linha de frente	1º Escalão, 6º RI, 3º Batalhão, Cia. de Petrechos Pesados	Civil
Manuil Goethel Piegas	1922	Uruguaiana (RS)	Sim	Português	Ginásio	Privada (ensino em português)	Católica	Não mencionado	Comerciário; serviço militar	Voluntário (Militar da ativa)	2º Sargento de Infantaria	Linha de frente; retaguarda	5º Escalão, 11º RI, 7ª Cia	Militar
Milton Fonseca	1919	Tubarão (SC)	Não	Português	Não mencionada	Não mencionada	Não mencionada	Tubarão (SC)	Não mencionado	Convocado	3º Sargento	Auxiliar de coordenação. Linha de frente	Seção de Planejamento e Operações do Estado Maior	Não mencionado
Osmar Neutzling	1920	Pelotas (RS)	Sim (3ª geração)	Português	Menos de um ano	Privada (ensino em português)	Católica	Pelotas (RS)	Agricultor	Convocado (Militar da ativa)	Soldado	Linha de frente; patrulhas	1º Escalão, 1º RI, II Batalhão, 1ª Cia	Civil
Sebastião Ribeiro Duarte	1921	Bom Retiro (SC)	Não sabe	Português	Menos de um ano	Privada (ensino em português)	Católica	Canoas do Bom Retiro (SC)	Lavrador	Convocado (Civil)	Soldado	Linha de frente	1º RI, 1ª Cia	Civil
Walter Carlos Hertel	1922	Jaraguá do Sul (SC)	Sim (3ª geração)	Alemão	Primário	Privada (ensino em alemão e português)	Protestante	Curitiba (PR)	Lavrador	Convocado	Soldado	Linha de frente	1ª Cia. do I/1º RI	Civil